

E se você tivesse que decidir sobre a vida
e a morte de quem você ama?

Priscille Sibley

UM
PEDIDO
ÀS
ESTRELAS

Benvirá

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Priscille Sibley

**UM
PEDIDO
ÀS
ESTRELAS**

Tradução
Sulamita Pen

Benvirá

*Para Tim, que me entregou seu coração
e me encorajou a escrever.*

*Para Robert, Cole e Ethan, que
me ensinaram a importância de nunca desistir.*

*Meu destino e o significado de minha vida
serão meu amor total por você, a procura de sua
felicidade, a satisfação de seus desejos.*

Napoleão Bonaparte

1

O chamado da sala de emergência

Bem tarde, naquela que seria nossa última noite, admirávamos, hipnotizados mais uma vez, a chuva de meteoros Perseidas, que transformavam poeira cósmica em luminosidade. Era uma espécie de aniversário de casamento para nós, um evento de verão que Elle e eu amávamos. Adormecemos na varanda, minha bela esposa com a cabeça apoiada em meu braço.

Se ao menos houvesse ficado em casa pela manhã... Se ao menos houvesse olhado para Elle com mais atenção e entendido que nada seria mais importante do que mantê-la em segurança. Se... Jesus...

Já escutara várias vezes o mantra do *se ao menos...* vindo de familiares de meus pacientes. Nos onze anos de exercício da medicina, acostumara-me com a recusa em aceitar uma evidência, bem como com as tentativas de reverter a tragédia. Mas a realidade era fria, dura e, não raro, irreversível. Não ficara em casa, tampouco Elle.

Examinava uma imagem de ressonância magnética no consultório imaginando por quanto tempo seria possível prolongar a vida do paciente se fosse extraído o glioma, um tumor muito agressivo. Nisso, a recepcionista chamou pelo interfone:

- Chamada do hospital na linha três. É urgente.
- Obrigado, Tanya. – Peguei o telefone, sem desviar os olhos das imagens axiais e sagitais do lóbulo temporal. – Doutor Beaulieu –

respondi.

– Olá, Matt. É Carl Archer. – O médico da sala de emergência pigarreou. – Você tem de vir para cá.

– Chame o Phil. Ele está de plantão.

– Ele já veio. Preciso que *você* venha. É... com sua esposa. – A voz de Carl soava estridente, como pneus derrapando na estrada. – Ela sofreu um acidente.

O tom, mais que as palavras, denunciava a gravidade. E as perguntas ficaram entaladas em minha garganta. Se Phil fora até lá, os ferimentos de Elle seriam de natureza neurológica e necessitariam de cirurgia? Ou meu parceiro estaria apenas de passagem pela emergência? Talvez estivesse contando fatos engraçados para Elle no intuito de distraí-la de algo sem importância.

Por favor, Deus, não permita que ela esteja morta, pensei.

– Ele está bem? – foi só o que consegui perguntar.

Carl pigarreou de novo.

– É sério. Venha agora. Eu o verei em alguns minutos. – Carl desligou.

Pulei da cadeira, irrompi pela sala de espera afora, passando por uma mulher em pé ao lado do filho cadeirante, e, sem olhar para ninguém, avisei a recepcionista para onde eu iria. Percorri na velocidade máxima as quatro quadras até o hospital e entrei, suando frio, na emergência. Empurrei as portas duplas e fui direto para o setor de trauma. Meu parceiro Phil Grey estava ao lado de um carrinho hospitalar vermelho equipado com aparelhos para emergências, com as gavetas abertas. Usava luvas esterilizadas, bata comprida e máscara cirúrgica. Das extremidades da paciente saíam fios de todo tipo. Ao soro intravenoso estavam ligados vários saquinhos e bombas. *Não, por favor. Não pode ser Elle.* O respirador automático sibilava de modo cadenciado enquanto bombeava oxigênio para dentro da mangueira ligada ao corpo de minha esposa. A enfermeira afastou-se, e pude ver o rosto extremamente pálido de Elle, além do sangue coagulado nos cabelos loiros. O traçado no monitor cardíaco era a única indicação de que ela ainda estava viva.

O corpo de Elle encontrava-se rígido e arqueado, os dedos dos pés estirados, e as mãos, fechadas. Era o que se chamava de posição descerebrada, um indicativo de que houvera sérios danos cerebrais. Ajoelhei-me, entendendo que o cérebro fora muito afetado.

Não saberia dizer o que houve em seguida. Talvez alguém tenha me ajudado a ficar em pé, ou talvez eu tenha cambaleado e me apoiado em algo. Phil mencionou a queda de uma escada e uma convulsão na ambulância. Carl falou em parada respiratória e coma em grau cinco na escala Glasgow. Algo a respeito de ter ficado prostrada por quatro ou cinco minutos. Algo sobre as pupilas estarem fixas e dilatadas. Algo sobre as imagens da tomografia computadorizada, que indicavam uma cirurgia.

Toquei a mão retorcida de Elle. Pessoas me olhavam com piedade. Pessoas com quem eu trabalhava, mas que, no momento, não me importava. Tirei uma caneta luminosa do bolso e examinei as pupilas dela.

Vamos, Elle, pensei. Reaja. Prove que esse nó no meu estômago não tem razão de ser. Prove para eles. Para todos. Prove que estão errados.

Examinei os olhos verdes de minha esposa que agora encontravam-se escuros. As pupilas se mostravam enormes e vítreas.

Verifiquei os reflexos de Elle. Tudo que encontrei foram evidências de que o cérebro fora comprometido pelo acidente.

– Veja as imagens da tomografia. – Os olhos de Phil estavam marejados de lágrimas. – Acabei de passá-la para o monitor de PIC. A pressão subiu muito. Aplicamos esteroides e manitol. Vou levá-la imediatamente lá para baixo e farei todo o possível para salvá-la. D’Amato me assistirá. A sala de cirurgia está pronta.

Por uma fração de segundo, pensei em ajudá-los. Mas a minha razão falou mais alto. Não teria a menor condição de intervir, tampouco de testemunhar tal cirurgia.

Phil ergueu a imagem da tomografia, que mostrava a compressão sanguínea nos tecidos cerebrais. Apoiei-me na parede. Aquilo *não* poderia ser real.

Há menos de doze horas, Ele e eu havíamos feito amor na varanda acima do telhado. Na certa eu ainda dormia ali, lutando contra um pesadelo, preocupado que Ele estivesse perto demais do parapeito. Era preciso acordar. Olhei ao redor e esquadrinhei a sala de emergência. Vi os traços definidos das feições de Phil, que raciocinava sobre as providências cirúrgicas a serem adotadas. Fitei os eixos nas rodinhas da maca e então renunciei à realidade. Passei a crer em um pesadelo terrível. Mas os golpes da impotência que eu pretendia negar rufavam como um tambor. Voltei a aterrissar na sala de trauma. Uma enfermeira verificou os frascos que alimentavam o soro de Ele e em seguida levantou os olhos.

Não havia como negar os fatos. Minha esposa, a quem eu amava desde os dezessete anos e de quem era amigo há muito mais tempo, caíra e fraturara gravemente o crânio. Nem mesmo Phil, o melhor neurocirurgião que eu conhecia, meu amigo e parceiro, seria capaz de reverter o dano causado.

Por um minuto, fiquei imóvel, lembrando-me de como Ele era contra a ideia de sofrer em uma cama até morrer, como ocorrera com sua mãe. Phil estendeu diante de meu rosto um termo de consentimento.

– Assine, para que possamos levá-la à sala de cirurgia. Não preciso explicar os trâmites para você.

– Deveríamos deixá-la ir em paz. – Virei-me, apressei-me para o banheiro e vomitei o almoço. Sentia como se tudo o que houvesse comido precisasse se esvaír no toalete do hospital. Até as entranhas desejavam sair.

Phil abriu a porta enquanto eu vomitava.

– Matt, preciso levá-la para baixo. Imediatamente. Não temos tempo para besteira. Escute, por mais horrível que possa ser, você sabe tão bem quanto eu que provavelmente ela não sobrevirá. Mas você vai se odiar se não tentarmos salvá-la. – Ergueu de novo, diante do meu rosto, a folha pregada à prancheta.

O que eu prometera a Ele na noite de nosso casamento? Que eu a amaria, honraria e respeitaria. Era preciso respeitar a vontade dela. Com certeza, ela não iria querer isso. Conhecia as probabilidades e as consequências.

Agarrei a prancheta e assinei meu consentimento.

Phil partiu depressa. Fiquei onde estava, lamentando a traição que porventura cometera. Em meu egoísmo, eu a queria viva, mesmo sabendo o sofrimento que teria de suportar, pois seu cérebro jamais se recuperaria por completo de um trauma tão devastador. Esse era o problema de ser um neurocirurgião. Não havia como ter vãs esperanças. Nada poderia salvar Elle. Ninguém poderia fazer milagres. Mas eu precisava de minha esposa. Phil teria de resgatá-la da morte, mesmo que parecesse algo impossível.

Lavei o rosto e voltei à sala de emergência. A enfermeira levantava o ventilador pulmonar portátil para que pudessem levar Elle à sala de cirurgia.

– Posso ficar um minuto a sós com ela? – pedi.

A moça rodeou o equipamento e tocou meu braço com suavidade.

– Precisamos levá-la para a cirurgia.

Segurei a mão de Elle. O soro com os medicamentos seguia o caminho intravenoso. Curvei-me e lhe beijei a face. Não pude beijar-lhe a boca, pois o tubo intratraqueal saía de seus lábios como uma tromba de elefante.

– Eu te amo, Pip. Sempre te amei. Entenda, não posso viver sem você. Por favor, volte para mim.

Uma técnica em respiração e duas enfermeiras entraram na sala. Destravaram as rodinhas da maca e empurraram Elle com o equipamento, um verdadeiro trambolho, que a mantinha viva.

Eu as segui até o elevador e fiquei andando em círculos. Era preciso comunicar a família. Não tinha ideia de como dar a notícia a meu sogro e minha mãe. Tirei o celular do bolso e vi que havia uma mensagem de voz de Elle. Segurei o aparelho junto à orelha.

– Olá, sou eu – sussurrou ela. – O que acha de um programa para hoje à noite? Talvez possamos passear na praia. Embora a gente tenha feito as pazes depois, sinto muito por termos discutido ontem. Seria gostoso passar um tempo juntos, conversando de mãos dadas e... eu te amo muito. – Houve uma pausa que me fez imaginar seu lindo sorriso. – Ligue assim que receber esta mensagem, e faremos planos para mais tarde, certo? Mal posso esperar para te ver. Beijos.

Não conseguia respirar. Elle... Jesus! Ela voltaria a ser o que era. Phil reverteria o quadro, e os danos não seriam tão graves como mostravam as imagens da tomografia. Passei a murmurar sons incoerentes. Elle sempre fora surpreendente. Se alguém tinha capacidade para se reabilitar de um trauma cerebral, esse alguém era ela. Eu a ajudaria. Elle era resiliente. Continuei segurando o celular para ouvir mais uma vez a sua voz doce enquanto seguia as pessoas que retornavam à sala de emergência. Ao me aproximar, notei o olhar grave de Carl. Minha intenção era ver de novo as imagens da tomografia. Talvez a situação não fosse tão séria.

Por favor, diga-me que não é tão grave como imagino, implorei em silêncio.

– Não... não entendi bem o que você disse antes. Creio que estava em estado de choque. Como foi que tudo aconteceu? – perguntei.

Carl esfregou a testa.

– Conforme relato da equipe de resgate, Elle estava na casa do irmão. Por falar nisso, ele está aí na sala de espera. Elle deve ter batido a cabeça em uma pedra depois de cair de uma escada de três metros. Seu cunhado com certeza poderá dar mais detalhes. No caminho, durante uns dez minutos, ela sofreu convulsões e parada respiratória enquanto era trazida para o hospital. Eles a mantiveram aquecida. Tivemos dificuldade para entubá-la. Ela teve uma parada cardíaca que foi revertida com rapidez.

– Há quanto tempo ela estava aqui quando você me avisou?

– Uns vinte minutos. Estávamos muito ocupados tentando salvá-la.

Engoli em seco e procurei ordenar os pensamentos. As palavras de Carl não eram encorajadoras, e a minha miragem de esperança se evaporou.

– Onde está o resultado da tomografia?

– Phil levou para a sala de cirurgia.

Claro. Não conseguia mais raciocinar direito.

– Preciso falar com o irmão de Elle – afirmei.

Virei-me na direção da sala de espera. O chefe executivo do hospital aproximou-se e estendeu a mão.

– Doutor Beaulieu, soube que sua esposa está na sala de cirurgia e espero que dê tudo certo. – Ele hesitou um pouco. – Não sei se o

doutor está em condições, mas a imprensa quer uma declaração.

– Imprensa?

– O acidente está no rádio da polícia – Carl interveio. – É uma notícia e tanto Elle McClure ter sido levada às pressas para o hospital. Ela é uma celebridade por aqui. O Maine é como uma cidade pequena. Eles a associam à Nasa.

Depois de alguns segundos, me dei conta de que Carl se referia ao projeto do ônibus espacial. Elle era astrofísica e agora professora universitária. Mas há quatro anos estivera no espaço em missão da Nasa, o que atraía sobre ela a atenção mundial.

Carl tamborilou os dedos no estetoscópio e anuiu para o chefe executivo.

– Escute, Matt, não podemos dar detalhes, por causa das leis de privacidade, mas, quando estiver em condições de falar...

– Agora não posso. Perdão.

Precisava encontrar o irmão de Elle. Fui até a sala de espera, um quadrado de seis metros de cada lado com bancos de plástico e um quadro de avisos na parede. Christopher estava de costas e parecia examinar os itens de uma máquina automática de vendas. Toquei em seu ombro e ele se virou.

– Matt, até que enfim! – Christopher alternava o olhar entre mim e a porta dupla que dava para a sala de emergência. – Ninguém me diz qual é o estado de Elle...

– Como tudo aconteceu? – respondi com uma pergunta.

– Ela está bem?

– Não, para ser sincero. Mas que droga ela estava fazendo em uma escada?

Christopher ficou em silêncio, boquiaberto por alguns instantes.

– Elle chegou quando eu e Arianne lavávamos as janelas. O bebê começou a chorar de fome, e Arianne entrou para amamentá-lo. Elle se prontificou a ajudar e tomou o lugar de Ari na escada. Eu entrei para lavar o mesmo vidro por dentro, para não ficar manchado. Nisso, Elle desmaiou. Mas ela vai ficar boa, não vai?

Desmaiou? A palavra encontrou registro no recôndito de minha mente. Não podia responder com voz trêmula, por isso fixei o olhar no letreiro *Triagem* pregado sobre a porta. Não podia encarar

Christopher, tampouco olhar a tomografia de novo. Ele sofrera uma parada cardíaca. Dada sua aparência e postura, o cérebro fora muito afetado. Tive de admitir o incomensurável para Chris e para mim mesmo:

– Não creio que Ele vá se recuperar totalmente. – Era como se a temperatura da sala houvesse caído abaixo de zero. – Onde está seu pai?

– O que quer dizer? – indagou Christopher.

– Houve um ferimento grave na cabeça. Muito grave. Onde está seu pai? – repeti. – Ele já sabe que Ele se machucou?

Christopher sacudiu a cabeça negativamente.

– Ele nem caiu tão longe. Sei que houve um corte na cabeça, mas você é neurocirurgião e tem condições de fazê-la ficar boa, não tem? Você a viu? Falou com ela?

– Ele não está consciente. – Procurei não demonstrar meu desespero. – Eu a vi e... Phil a levou para o centro cirúrgico. Ligue para seu pai e peça que venha para cá. – Pisquei algumas vezes. – Chris... é provável que ela não resista ao procedimento.

– O quê?!

– O caso é seriíssimo. – Virei-me e parti.

Talvez não fosse justo deixá-lo sozinho com o prognóstico, mas eu tinha outra missão. Falar com minha mãe. Isso a mataria. Ou a mim.

Minha mãe era enfermeira especializada em obstetrícia e exercia a profissão havia quase quarenta anos. Não sabia se ela estava de plantão naquele dia. Entrei no elevador rumo à maternidade do hospital, acenei para o segurança e depois me dirigi ao posto de enfermagem. Duas moças me reconheceram, cumprimentaram-me sorrindo e uma delas falou:

– Olá, Matt. Linney está no intervalo. Deve estar na sala de descanso.

Virei-me e passei com pressa por uma mulher em trabalho de parto que andava pelo corredor com um suporte para o soro. Ela se deteve, na certa por causa de uma contração.

Abri a porta da sala de descanso das enfermeiras, que riam alto. Minha mãe estava sentada junto a uma mesa, segurando uma caneca de café.

- O que houve? – perguntou assim que me viu.
- Ele sofreu uma queda.

Mal acabei de falar, já me achava soluçando nos braços fortes de minha mãe. Com trinta e sete anos, mais parecia um recém-nascido soltando os primeiros berros de vida. A não ser pelo fato de que, nesse caso, era mais um grito de morte.

2

A cirurgia

Andei pelos corredores do hospital como o Pac-Man dos jogos eletrônicos. Vasculhava todos os caminhos como se fossem cibernéticos, calculava ladrilhos, percorria cantos e então, voltava quando dava com a cara na parede.

Minha mãe, que me acompanhava, fazia perguntas sem sentido:

– Por que Elle desmaiou? Ela estava doente?

Nada importava, a não ser o resultado da queda.

– Duvido que Elle tenha desmaiado. Christopher deveria ter segurado a escada. Em vez disso, foi dar uma descansadinha.

– Matt! Que absurdo!

– A senhora sabe como ele é. Com vinte e oito anos, ainda pede a Elle que lave as janelas dele porque tem medo de subir naquela maldita escada. Além disso, a senhora também não poria a mão no fogo por ele no quesito ajudar a irmã, não é?

Minha mãe agarrou meu braço.

– Você está transtornado e precisa descontar em alguém.

Eu me desvencilhei dela e me dirigi para o corredor seguinte.

– A única vez que Elle desmaiou foi quando nosso Dylan morreu, e ela teve hemorragia. – Até mesmo para um médico como eu, fora estarrecedor comprovar que uma mulher pode perder tanto sangue em um parto quando as coisas dão errado. E deram muito errado. – Elle não desmaiou.

Minha mãe se deteve.

– Há tempos ela também passou mal, na entrada da casa do pai.

Detive-me de súbito e encarei minha mãe.

– Quando foi isso?

– Antes de um dos abortos. Ele estava grávida e me fez jurar que não diria nada. Não queria preocupar você. Ela não estava grávida, estava?

Hesitei antes de responder. – Não. Não estava.

Considerarei como faria para aceitar aquela situação, e por alguns instantes meu coração disparou de novo diante da ideia de ter um filho e constituir uma família. Ora, Ele não estava grávida. Eu não permitiria que se arriscasse depois da última vez. E, justamente na véspera, havíamos discutido sobre o caso.

Afastei a ideia com uma única sílaba.

– Não.

Era brusco nas negativas. Lembrei-me de Ele em pé no terraço superior de casa. Os raios solares refletidos no rio iluminavam sua silhueta como um halo, deixando os cabelos loiros ainda mais claros, fazendo-a parecer uma menina. Com o passar do tempo, os cabelos escureceram, ganhando um tom de mel, porém os olhos verdes continuavam com o mesmo matiz. Cálidos e sensuais, ou paralisantes de raiva. E Ele estava com raiva.

Encostado no batente da porta do sótão, observava minha esposa, as curvas do peito do pé e da panturrilha, a maneira como movimentava os quadris ao se aproximar de mim, a cintura fina. Ele não parecia muito diferente do que fora quando jovem, determinada e certa das próprias convicções.

– Não devemos deixar as oportunidades passarem, senão acabaremos perdendo o ânimo para sempre. – Ela suspirou e tocou meu rosto com os dedos. – Sinto muito. Sei que perder o bebê foi um choque para você, e nos deixou arrasados. Mas deveríamos tentar mais uma vez. Matt, estou com trinta e quatro anos, não posso esperar para sempre. Quero fazer uma última tentativa.

Há menos de vinte e quatro horas, Ele pretendia tentar. E não haveria mais tempo para isso. Tudo estava perdido agora. Ele e eu também.

Trouxeram Elle da sala de cirurgia e, pela expressão de Phil na antessala da UTI, imaginei o que me diria.

– Matt – meu amigo conservava os dedos cruzados como se me pedisse perdão –, não pude fazer muita coisa. Ele estava com sangramento subaracnóideo e com a membrana destrocada. – Phil se deteve e inspirou fundo. – Um caos. Por causa do edema, a base do cérebro poderia ter formado uma hérnia. Por isso abri parte do crânio, estanquei a hemorragia e eliminei os hematomas visíveis, mas toda região entre os lóbulos frontais e parietais foi atingida... – Ele continuou com a descrição dos detalhes.

Não respondi. Não consegui articular as palavras.

– Depois que o efeito da anestesia passar, deveremos investigar a mo... morte ce... cerebral – ele gaguejou antes de continuar. – Ne... nem posso acreditar no que vou lhe perguntar. Você... bem, ela gostaria de doar os órgãos?

Concordei. Ele deixara a permissão escrita junto à carteira de motorista; contudo, ocorreu-me que seus problemas autoimunes poderiam desqualificá-la como doadora.

– Eu me adiantei e entrei em contato com o banco de órgãos – disse ele.

Procurando manter as aparências, abri a porta da antessala com um gesto decidido. Tinha de ver Elle. Apesar de compreender o estado crítico da situação, não se tratava de uma paciente qualquer. Não era possível enxergar os danos traumáticos como mais um caso clínico. Phil descrevera os detalhes macabros, mas foram apenas palavras. E eu, que já dissera a mesma coisa aos familiares de inúmeras vítimas mais vezes do que gostaria de me lembrar...

Sentia-me vazio, como um daqueles buracos negros que Elle passava tanto tempo estudando.

Passara. De maneira pragmática, sua existência cessara. A prova: o relato de Phil sobre a cirurgia, a tomografia e o corpo flácido de minha esposa estendido na cama da UTI diante de mim. Da entrada, observei as enfermeiras, que ajustavam as telas dos monitores, arrumavam os soros intravenosos com a medicação e limpavam o antisséptico da cabeça raspada.

Tomei fôlego e me preparei para o inevitável. Não há teste definitivo para a morte cerebral. São usados a ultrassonografia com Doppler, reflexos córneos, testes de apneia, uma série criteriosa de respostas físicas ou a ausência delas. Fiquei ali, cambaleando um pouco, quase sem respirar. Precisava de tempo antes de aceitar a realidade. Não havia outros traumas significativos. Por que ela não quebrara um braço ou uma perna? A coluna ou o pescoço? Por que tivera de bater a cabeça naquela pedra?

Assustei-me com a mão de Phil em meu ombro.

– Quer que eu fale com sua família?

– Não, obrigado. Falarei com todos em um minuto.

Qual a diferença entre um minuto e um ano? Pelo menos por enquanto, a esperança deles continuava. E terminaria em definitivo assim que ouvissem o relatório de Phil. Aproximei-me da cama e segurei a mão de Elle. Fria. Não haviam tirado a aliança na sala de cirurgia. Pelo menos uma parte de mim a acompanhara enquanto Phil a operava.

– Com licença – pediu uma das enfermeiras. – Tenho de verificar as agulhas.

Recuei para o canto onde havia uma pia. Tirei minha aliança e li a inscrição. *Meu amor, minha vida, Pip*. Recoloquei-a no anular e, a passos trôpegos, segui pelo corredor rumo à sala de espera da UTI.

Hesitei alguns instantes antes de entrar. Nossas famílias estavam lá. Ou melhor, nossa família. O plural convertera-se em singular quando Elle e eu nos casamos. Não havia muita diferença entre os Beaulieu e os McClure. Elle e eu havíamos sido vizinhos de infância e crescido em residências de estilo vitoriano. As duas cozinhas serviam de passagem de uma casa para outra. Em qualquer uma, sentíamos no próprio lar.

E naquele momento nossa família estava sentada na sala de espera da UTI. Hank, pai de Elle. O irmão, Christopher, e a esposa dele, Arianne. E minha mãe. Teria de dizer a todos que a havíamos perdido. Os rostos convergiram para mim, parado à entrada. Hank levou o punho à boca. Christopher deu um salto. Minha mãe não completou o suspiro hesitante; curvou-se para a frente, abraçou os joelhos e chorou em silêncio. Ela sempre amara Elle. Sentei-me ao

lado dela e lhe afaguei as costas. Emocionalmente, encontrava-me em uma câmara de perda sensorial ou em um túnel escuro, onde certamente não haveria mais luz.

As palavras saíram aos poucos, devagar a princípio, mecânicas, ensaiadas, como se Elle fosse uma estranha.

– Elle sofreu um trauma cerebral grave e irreparável. O centro de consciência foi afetado e Elle não vai acordar. E... tempos atrás, ela autorizou a doação dos órgãos. – Observei as expressões que lutavam contra a realidade da notícia. – Depois que passar o efeito da anestesia, dois médicos determinarão se Elle preenche os critérios de morte cerebral. Se os problemas autoimunes não a desqualificarem como doadora, sua vontade poderá ser feita. A equipe de doação deve chegar nas próximas vinte e quatro horas.

– Não pode ser. Tem de haver algum engano. – Christopher sacudiu a cabeça e soltou um gemido.

Meu sogro me encarou com descrédito.

– Você não vai fazer nada para salvá-la?

– Ninguém pode fazer nada. – Estremeci em meu íntimo diante de minha própria impotência.

– Pessoas costumam sair do coma – assegurou Hank, tão enfático que a frase quase soou como verdadeira.

– O dela não é exatamente um coma. Comas geralmente se originam de ferimentos mais localizados. Não que os outros não sejam sérios, mas Elle teve ferimentos cerebrais generalizados. – Tive de segurar a mão de minha mãe para continuar. – Há traumas profundos em quase toda a massa encefálica, e ela jamais aceitaria uma vida vegetativa.

– Está pensando em desistir? – Hank socou o braço da poltrona. – Essa é boa! Eu não permito!

Fixei o olhar num dos cantos do teto.

– Não se trata de desistir. E também não é algo que possamos ou não permitir. Gostaria que pudéssemos. Vou voltar para o lado dela. Se alguém quiser vir... para se despedir... Bem, esperem meia hora para as enfermeiras terminarem de arrumá-la.

– Oh, meu Deus... – Christopher tremia como se estivesse a ponto de ter um colapso, e a esposa o abraçou.

Hank se levantou de supetão e bloqueou a saída por onde eu pretendia passar.

– Você não vai deixar minha filha morrer! Vou conseguir uma ordem judicial para impedi-lo!

Tentei passar, mas Hank me empurrou contra a parede. Seu hálito recendia a uísque. Como ele conseguira bebida no hospital? E mais: quando voltara a beber? Pelo que me constava, Hank se mantivera sóbrio durante os últimos vinte anos. Ah, já não importava. Não sabia quando o vício recomeçara, e o fato não me interessava nem um pouco.

Segurei-lhe os pulsos e os afastei dos meus ombros.

– Não estou deixando nada. Se puder fazer qualquer coisa, eu farei. Eu a amo, mas, no segundo em que ela caiu, já era tarde. Elle não gostaria de morrer como a mãe dela, e o senhor sabe muito bem disso.

Minha mãe interpôs-se entre nós como um juiz em uma luta de boxe.

– Sente-se, Hank. Matt está certo. Depois da morte de Alice, Elle, quando completou dezoito anos, deixou ordens expressas por escrito em testamento vital.

Minha mãe tinha raciocínio rápido e aquilo soava lógico, mas ela mentia. Elle dizia para todos que o pai não se dedicara à esposa durante a doença que a levou, mas teria me informado se houvesse deixado por escrito um último desejo. No entanto, não pude deixar de agradecer à pronta intervenção de minha mãe.

– Você bebeu? – Minha mãe franziu o nariz, sem esconder a frustração.

Hank sacudiu a cabeça.

– Só um pouco.

Difícil dizer se a expressão de minha mãe era de pena ou ódio. Ela se afastou.

– Pai! – Christopher assustou-se. – O que está fazendo? Telefone para o seu padrinho. Vamos marcar uma reunião com ele.

Por um segundo, vi o olhar de Elle no rosto de Christopher, a maneira como ela sempre tentava manter o pai sob controle. A ilusão se desfez logo. Hank pegou o paletó com um movimento

brusco, passou pelo filho e foi embora. Christopher recuou e tornou-se de novo um homem-criança sentado próximo à esposa. Imaginei como ele sobreviveria sem a proteção de Elle. Ou como eu faria para continuar vivendo sem ela.

Mesmo sem estar ao lado de Elle, a equipe de enfermagem podia observá-la, pois a divisória entre a paciente e o posto das enfermeiras era de vidro. Antes, sob a perspectiva imparcial de um médico, pensava nos quartos de UTI como aquários, mas no momento a metáfora me parecia muito mais trágica do que a considerava. Tive a impressão de ver Elle flutuando até o alto, perdida, a barriga para cima. Ou talvez fosse eu, fora de meu corpo, deslocado. Nada fazia sentido. Fui tomado por uma dissonância cognitiva. Continuei sussurrando no ouvido de minha esposa, implorando para que acordasse. Embora ciente da irreversibilidade do estado dela, não aceitava o fato. Ao mesmo tempo que eu perscrutava o monitor de pressão intracraniana, minha mente se perdia em fantasias... como a do aquário.

Alguns acreditam que, antes de morrer, vemos um desfile de fatos marcantes da nossa vida. Imaginei se Elle estaria pensando na melhor maneira de limpar os vidros para não deixar manchas. Seria melhor borrifar limpa-vidros direto na janela ou no papel toalha? Vidro sem manchas seria o legado de Elle.

Ou estaria pensando a nosso respeito?

As pessoas passam por cinco estágios ao lidar com a perda, o luto e a tragédia, segundo a visão de Kübler-Ross: negação, negociação, depressão, raiva e aceitação. Para mim, as quatro primeiras estavam sobrepostas, mas eu não me encontrava próximo de aceitar nada. Àquela altura, a raiva já tomara conta de mim. Raiva contra Elle e o irmão. E não podia sequer começar a expressar o rancor que sentia por Hank. Era uma fúria cega, capaz de me fazer arrebentar a parede de vidro, mas aos poucos dei ouvidos à razão que ainda possuía. Todos tentariam me afastar da UTI... pediriam que deixasse minha esposa. E, para que eu fizesse isso, teriam de me matar, o que não deixava de ter seu lado positivo. Morreria com Elle.

Na outra parede, a janela de vidro duplo da UTI dava para a parada da ambulância de resgate e não se abria, o que era bom, pois estava considerando a melhor maneira de me suicidar. *Esqueça, Matt. De qualquer modo, a janela não é alta o suficiente para alguém morrer.*

O Sol desaparecera e a Lua estava no alto. *Concentre-se, Matt, e encontre uma saída. Uma cirurgia milagrosa ou um tratamento que não ocorreu a ninguém. Uma inovação estupenda capaz de salvar Elle.* Eu encarara vinte anos de educação e mais sete de servidão forçada à comunidade médica. Por isso, precisava de uma restituição. Desesperava-me para encontrar uma inspiração genial que trouxesse Elle de volta para mim.

Um vazio profundo começava a substituir a raiva, e, sem perspectivas, andei pela UTI, olhando de relance através dos vidros para o posto das enfermeiras. Sentia-me incerto quanto ao que esperava ver. Talvez Elle. O corpo estendido na cama não era o de minha brilhante esposa, com sua inteligência e seu coração bondoso. Segurei-lhe a mão e sentei-me a seu lado na cadeira de couro falso cor de laranja.

Por favor, acorde.

Depois de alguns momentos, liguei a pequena TV na CNN. Após a notícia de tremores no Peru, mais uma informação a respeito do fiasco no Iraque. No instante em que me preparava para desligar o aparelho, a imagem de Elle em uma celebração da Nasa apareceu na tela. Em traje de noite, usava um vestido listrado cor de pêssego que lhe caía como uma luva. Na ocasião, os cabelos eram mais compridos e chegavam ao meio das costas. Elle parecia mais uma estrela de Hollywood do que a cientista importante que fora.

Fora?

Aumentei o volume.

– A ex-astronauta Elle McClure deu entrada esta tarde em um hospital do Maine, após sofrer um acidente. O porta-voz da família fez a seguinte declaração: *Elle McClure Beaulieu está na terapia intensiva, à espera de resultados dos testes. A família pede preces por sua recuperação.*

Eu não pedira nada. Não fizera nenhuma declaração, nem autorizara ninguém a fazê-lo. Apareceu um vídeo de sua atividade extraveicular ou, em termos leigos, seu passeio espacial.

– Os senhores devem se recordar de que a doutora McClure resgatou Andre Jabert, seu colega astronauta, na missão de 2004, que consistia em realizar uma atualização no telescópio Hubble. Um micrometeorito penetrou na roupa de Jabert, e McClure puxou-o para dentro do ônibus espacial antes que o traje fosse despressurizado. Os ferimentos dele forçaram o *Atlantis* a fazer um pouso de emergência, mas Jabert sobreviveu e tornou a ir para o espaço em outra missão da Nasa. McClure deixou a Nasa quatro meses depois, retornou à cidade natal e casou-se com o neurocirurgião Matthew Beaulieu. Atualmente leciona na Faculdade Bowdoin e presta consultoria ao MIT e também à Nasa.

A imprensa mantinha obituários preparados para todas as pessoas importantes.

– Ela *lecionou*. Agora é tudo no passado – murmurei, e desliguei a TV.

Notei a ginecologista e obstetra de Elle conversando com Phil ao lado do posto de enfermagem. Anuí com um gesto de cabeça em agradecimento.

Não podia me concentrar; comecei a devanear, pensando em overdose de Vicodin ou em estourar os miolos. Escolheria uma das opções após enterrar Elle. Também considerei o fato de fazer meu suicídio parecer um acidente. Seria mais fácil para nossa família.

Quase podia escutar Elle rir de mim. *É sempre consolador pensar em suicídio. Dessa maneira, é possível terminar pelo menos com uma noite repleta de pesadelos.* Elle gostava de citar Nietzsche. Pelo menos citava as frases menos misóginas do autor; as que escolhia. Curiosamente, Elle não aprovava o ateísmo de Nietzsche. As citações relativas a isso era eu quem fazia, nas raras ocasiões em que ela se levantava cedo nas manhãs de domingo para ir à igreja e eu preferia dormir.

Onde estaria Deus naquele momento?

Ouvi o som de mais equipamentos sendo trazidos para a UTI, mas não levantei o olhar até ouvir meu nome.

– Olá, Matt, posso entrar? – Blythe Clarke, a obstetra de Elle, especializada em gestações de alto risco, estava postada diante de mim, trêmula sob o avental. Como de costume, tinha os cabelos brancos presos com uma fita rosa.

Teria preferido enfrentar a tortura a conversar. Receava estar prestes a dar um soco no rosto do próximo, ou próxima, que me dissesse *eu sinto muito*. Em vez disso, contudo, respondi:

– Claro.

Para minha surpresa, Blythe empurrou um aparelho de ultrassom portátil para perto da cama de Elle.

Estreitei os olhos, conjecturando o que a médica faria. Elle não tivera mais nenhum ferimento grave. Phil parou à entrada, e Blythe deixou o prontuário médico de Elle sobre o equipamento antes de puxar um banco próximo de minha cadeira.

– Você sabe que fazemos testes de gravidez em mulheres que sofreram traumas, não sabe?

– Ela não está... – Belisquei a ponta do nariz. Fora os poucos momentos com minha mãe, vinha me controlando satisfatoriamente. Era preciso não chorar naquelas últimas horas ao lado de Elle. Haveria tempo para isso.

– Na verdade, o teste de gravidez na sala de emergência deu positivo – afirmou Blythe. – E os níveis de beta hCG indicam que ela está próxima de oito semanas de gestação.

Phil pigarreou.

– Não sei como isso aconteceu. Não consideramos o fato antes de levá-la para o centro cirúrgico.

– Não, ela não pode estar grávida. – Lembrei-me do teste de gravidez sob a pia do banheiro que Elle comprara no mês anterior mas não usara porque a menstruação descera no trajeto da farmácia para casa. Aquilo acontecera há cerca de duas semanas. Além disso, sempre tomávamos cuidado.

– Elle estava tomando aspirina infantil? – perguntou Blythe.

– Sim. – Depois do terceiro aborto, Blythe considerara a hipótese de Elle ter perdido os bebês por causa de algum transtorno autoimune. A aspirina na realidade era um medicamento milagroso;

servia até para tratar a síndrome antifosfolipídica autoimune, a APS, de Elle.

Blythe me entregou o impresso do laboratório.

Agarrei o papel. Elle *estava* grávida.

– Impossível. – Elle menstruara havia duas semanas. – Não pode ter havido um engano?

– Talvez fosse um sangramento de outra natureza. Farei um ultrassom para ver se há batimentos cardíacos fetais. Depois do que houve hoje, é bem provável que ela tenha abortado.

Passei a mãos pelos cabelos, aturdido.

Blythe chamou uma enfermeira, que fechou as cortinas, deixando o ambiente na penumbra. Ele pegou o transdutor, encapou-o com um protetor esterilizado e envolveu-o em um gel apropriado para ultrassom.

– Matt, tenho de fazer um exame interno. Quer sair?

– Não. Phil, você se importa de nos deixar a sós?

Phil se afastou.

A enfermeira recém-formada ergueu a coxa direita de Elle, dobrando-lhe o períneo. Blythe introduziu o transdutor na vagina de Elle.

A ansiedade aumentou meu ritmo cardíaco. Quantos raios-X tinham sido feitos naquele dia? Quantos medicamentos teratogênicos haviam sido injetados em Elle? Quais as consequências desses procedimentos em um feto? Nisso me recordei de um artigo publicado em uma revista científica a respeito de uma mulher com morte cerebral que dera à luz uma criança normal, e imaginei se algo assim seria possível no caso de Elle.

– Veja – Blythe apontou o monitor –, os batimentos cardíacos.

Estreitei os olhos e me aproximei do aparelho de ultrassom. A oscilação branda no monitor confirmava.

– Ela está mesmo grávida.

– Eu diria que é de oito semanas mesmo. – apontou Blythe, marcando e salvando os resultados no disco rígido. Inspirou fundo e voltou-se para mim. – Preciso dar alguns telefonemas para me inteirar das orientações para um caso como este. Nunca tratei pessoalmente desse tipo de situação, mas já ouvi um relato

científico em um congresso. A família não sabia da gravidez até ocorrer um acidente de motocicleta. A mulher ficou em estado vegetativo durante o período de gestação e ainda assim deu à luz um bebê saudável.

Lembrei-me de respirar só depois de perceber estrelas girando no canto dos meus olhos.

– Acha que isso é possível, dado o histórico de Elle?

– Quem sabe? – inquiriu Blythe. – Phil disse que a glândula pituitária e o hipotálamo não foram afetados. Então, se a primeira está intacta, o organismo será capaz de regular os níveis hormonais e manter a temperatura do corpo. Mas é difícil afirmar qualquer coisa, Matt.

– Elle teve quatro gestações, todas interrompidas.

– A última esteve muito próxima do final. A causa da morte do bebê não teve nada a ver com o que esperávamos.

Ao me recordar do pequeno Dylan em meus braços, tive a impressão de que o sangue desaparecia de meu cérebro.

Blythe pôs uma das mãos em meu ombro.

– Não vou lhe dar conselhos sobre o que fazer, Matt. Mas acho que você precisa ter todas as informações em mãos antes de decidir desligar os aparelhos que mantêm Elle viva.

3

Após a cirurgia

Minha mãe trouxe para o quarto de Elle duas canecas de café e um pacote com sanduíches de uma loja em frente ao hospital. Recusei. Por algum motivo desconhecido, as pessoas procuram entupir de comida quem está imerso em sofrimento. Não precisava de nutrição, mas de uma razão para continuar vivendo.

– Matthew, você precisa comer.

Dei de ombros e continuei olhando pela janela, amargurado por não saber o que Elle desejaria que eu fizesse.

Minha mãe depositou um sanduíche no meu colo e fitou Elle.

– Acha que ela está sofrendo?

– Não. Ela está... – Ela estava morta, não sentia nada. Minha solidão era tão imensa que não havia coisa alguma capaz de preencher o vazio que ela deixara.

Minha mãe se curvou para a frente e beijou o rosto da nora.

– Acha que ela ainda pode nos ouvir?

– Não. – Os lóbulos temporais, as partes do cérebro que escutam, estavam saturados de sangue. Pensei no Mar Vermelho. Ela não podia ouvir, nem ver, nem agir. Mesmo assim, eu sussurrara durante uma hora em seus ouvidos, perguntando o que ela desejava que eu fizesse.

Minha mãe tocou meu ombro com ternura.

– Já é tarde. Eu o levarei para casa.

– Não posso.

Ela puxou uma cadeira e sentou-se a meu lado no pequeno espaço entre a cama e a parede.

– Quando seu pai faleceu, demorei muito tempo para ir embora. Ele não se encontra mais aqui, se estiver mesmo com morte cerebral. Você não precisa ficar mais ao lado dela.

Não queria chorar. Nem por Elle nem por meu pai. No entanto, a simples menção a ele quase me fez perder o controle. Minha realidade futura era a longevidade de um sofrimento interminável. Além do mais, esperava que o espírito de Elle estivesse por perto, mesmo sem acreditar em nada disso.

– Pode ir, mãe. Estou bem. – Procurei manter a voz firme.

Ela suspirou fundo. Como qualquer mãe, queria me afastar de tanta tristeza.

– Eu me lembro de quando Alice e Hank trouxeram a recém-nascida Elle do hospital.

Recordar tempos mais alegres era uma tentativa de me tirar daquele estado. Concordei com um gesto de cabeça, sem prestar muita atenção. Provavelmente Elle abortaria, mas quase tudo o que sempre dissera sobre gravidez e bebês deixava transparecer um grande desejo para que eu tentasse mais uma vez.

Quase tudo. Elle não gostaria de viver em um estado vegetativo, porém arriscava a vida em coisas perigosíssimas, como o ônibus espacial.

– Alice pôs Elle em meus braços – minha mãe continuou a recordar –; na verdade, nos seus, Matt, porque você estava sentado no meu colo. Não lembra, não é?

– Como poderia? – Embora tivessem me contado inúmeras vezes que eu segurara um bebê de três dias no colo. – Tinha só dois anos e meio.

– Pensamos que você fosse surdo, sabia? – Ela falava mais para si mesma do que comigo. Também queria se distrair, afastar-se daquela tragédia.

– Vocês pensavam que eu fosse autista. – O pediatra dissera que havia algo de muito errado comigo, pois não havia dito uma só palavra até o dia em que os McClure trouxeram o bebê para casa. Meus pais tinham me levado a uma dezena de especialistas. Nenhum encontrou nada de errado, exceto o fato de eu não falar.

Minha mãe limpou uma lágrima que lhe escorria pela face.

– Não acreditei em nada daquilo. Sabia que você era perfeito, e, quando Elle começou a balbuciar, você disse *Pip*. Você a chamou de Pip por muito tempo. Até começarem a namorar.

Acenei em concordância. Algumas vezes eu ainda a chamava de Pip, um apelido carinhoso, mas nunca diante dos outros. Girei a aliança no dedo. *Meu amor, minha vida, Pip*.

– Seu pai dizia que você não suportou a ideia de ser ofuscado por uma menina pequena.

– Talvez fosse porque eu estava à espera de ela aparecer. Não consigo imaginar este mundo sem ela. – Estremeci, quase a ponto de chorar.

– Eu também – afirmou minha mãe. – Matt, parece impossível, mas você vai seguir com sua vida. Eu consegui, depois que seu pai morreu. Você vai conseguir também.

– Elle está grávida.

Minha mãe arregalou os olhos.

– Grávida?

Assenti com a cabeça.

– Parece que de oito semanas. Não entendo. Ela não deixou de ficar menstruada.

– Oh, meu Deus. Então foi por *isso* que Elle desmaiou.

– Pode ser. – Meneei a cabeça, considerando que era bem possível ela ter sofrido o acidente por causa da gestação. E, por tê-la deixado grávida de novo, *eu* era o culpado. – Soube há algumas horas pela equipe médica que a examinou.

– Sinto muito, querido. – Minha mãe segurou minha mão. – Muitas perdas de uma só vez.

– Blythe Clarke acha que é possível salvar o bebê. Ela está em contato com os maiores especialistas em perinatalidade do país. Algumas situações semelhantes a esta tiveram um final feliz.

– Matt... Matt, não pode estar falando sério. Em hipótese nenhuma, Elle iria querer ser mantida viva nessas condições.

– Ainda não decidi, mas acho que Elle gostaria que eu tentasse.

Minha mãe piscou algumas vezes.

– Ela assinou um testamento vital.

Inclinei-me para a frente.

– Pensei que tivesse inventado aquela história.

– Nada disso. É verdade. Por acaso não se lembra de como ela detestava o prolongamento inútil da vida da mãe?

– Eu sei, mas Alice tinha câncer e estava sofrendo. Elle não sente nada. Você não acha que ia querer que o filho sobrevivesse?

Minha mãe fechou os olhos e levou as mãos ao rosto.

– Isso significa prolongar a vida artificialmente durante meses? Não concordo. Não posso deixar que se repita com Elle o que houve com Alice. Oh, Deus, não é minimamente racional pensar que essa gravidez possa ter um final feliz. Ela abortou várias vezes, Matt.

– Mas foi por causa da APS, que é tratável.

Minha mãe pressionou um lábio contra o outro e inspirou fundo.

– Querido, você cuidou disso da última vez e mesmo assim Elle perdeu o bebê.

– Não por causa da APS.

– Ainda assim, o bebê morreu. – Ela segurou minha mão. – Sinto muito, mas ele se foi, e isso quase acabou com Elle e... com você. Não quero que você crie expectativas apenas para se decepcionar de novo. Deixe Elle descansar em paz.

– Elle iria querer que eu salvasse o bebê.

Minha mãe se levantou, o olhar perdido através da janela.

– Ainda é muito cedo... Tem certeza de que não é *você* quem quer salvar um pedaço de Elle?

– Claro que sim, mas tenho absoluta certeza de que ela gostaria que eu pensasse primeiro na criança.

Minha mãe meneou a cabeça.

– A essa altura, mal podemos considerá-la como uma criança. Matt, pelo amor de Deus, não se pode nem chamar de feto com apenas oito semanas.

Fixei um olhar severo para ela. Não precisava de uma aula de embriologia.

– Meu coração está partido – ela continuou. – Faria qualquer coisa para trazer Elle de volta. Sei que está arrasado, mas tente raciocinar como médico. Qual é a possibilidade de Elle, em estado vegetativo, levar uma gravidez até o fim, sendo que antes foi impossível? Uma chance em cem, em mil? Eu a amo; você sabe que Elle sempre foi

uma filha para mim. Queria que ela se levantasse e... – A voz de minha mãe falhou. – Mas isso não vai acontecer. Abrir mão é difícil. Mas ela me fez prometer que eu jamais deixaria alguém fazê-la passar por isso.

– Elle é minha esposa.

– Eu sei, mas você está sofrendo e não está raciocinando direito. – A expressão de minha mãe era de pesar, mas também de determinação.

Entrei em pânico, não por temer minha mãe, mas porque ela é a pessoa mais teimosa que eu já conheci.

– Quando Elle assinou esses papéis? Onde está o documento? Lá diz alguma coisa sobre gravidez?

– Foi há muito tempo. Não me lembro especificamente das palavras, mas vou lê-lo de novo.

Blythe Clarke voltou e se deteve ao ver a expressão grave de minha mãe.

– Olá, Linney. Matt, tenho informações, quando quiser saber...

Fiquei em pé e me aproximei da cadeira de minha mãe.

– Pode falar, Blythe. Já contei para minha mãe que Elle está grávida.

Blythe tirou um smartphone do bolso do avental.

– Essa gravidez parece viável. O desfecho vai depender da estabilidade em que conseguirão manter Elle com vida.

– Ela está apenas de oito semanas? – perguntou minha mãe.

– Sim – confirmou Blythe.

Minha mãe estreitou os olhos.

– Não posso permitir que faça isso com Elle por meses a fio. – Pegou a bolsa. – Volto logo. – E deixou a UTI com rapidez impressionante.

– O que ela quis dizer? – perguntou Blythe, me olhando com espanto.

– Diga primeiro o que você conseguiu.

A médica hesitou antes de responder.

– Consegui informações de uma dezena de casos, alguns menos expressivos. Não posso prometer nada. Estamos em agosto. Se

conseguirmos mantê-la viva até o Natal, o bebê estará com vinte e seis semanas.

– Terrivelmente prematuro.

– Sei disso, e gostaria de vê-la chegar até fevereiro. No Natal, o bebê ainda estará pequeno, mas poderá sobreviver. Teremos uma chance.

Visualizei a Unidade de Terapia Intensiva Neonatal com aqueles seres minúsculos, doentes e de pele fina esperneando.

– Minha mãe disse que Elle assinou um documento em que especifica o que fazer em caso de doença terminal. É uma diretiva antecipada sobre a qual ela nunca me falou.

– Hum... – Blythe franziu o cenho, intrigada. – Estarei de plantão à noite. Pode me ligar a qualquer hora. Só vou embora amanhã cedo.

– Está bem – respondi, e ela saiu do quarto.

Perdido em pensamentos, não notei que Mike, meu irmão, se aproximava pelo corredor.

– Como Elle está? Vim assim que soube.

– Entre, se quiser.

Ele olhou brevemente para as próprias roupas, sujas de graxa.

– É tão ruim assim?

Estremeci, incapaz de responder. Mike me abraçou como se eu fosse um bebê e começou a chorar.

– Vamos sair daqui. – Eu o segurei pelo cotovelo. Mesmo que Elle não pudesse nos ouvir, não podia falar *morte cerebral* na frente dela. Enquanto andávamos pelo longo corredor do hospital, contei-lhe sobre a gravidez.

Mike expeliu ar como se tivesse levado um soco no estômago.

– Durante meses? Tem certeza de que deseja fazer uma coisa dessas durante meses?

– Existe uma possibilidade; então, creio que sim. Aliás, tenho certeza de que deveríamos tentar. – Na verdade, não tinha certeza de nada, exceto de que estava devastado.

4

Dia 2

Na manhã seguinte, Phil veio direto para a UTI. Eu me espreguicei e esfreguei um ponto dolorido na nuca devido à tensão, enquanto meu colega fazia um exame neurológico em Elle. Durante a noite, eu mesmo verificara periodicamente as pupilas e os reflexos. Elle não melhorara e, como médico, eu não esperava nenhum milagre. Como marido, a queria de volta e ficava atento ao menor vislumbre de esperança.

– Melanie está lá fora – explicou Phil. – Ela gostaria de dar uma olhada em Elle.

Concordei. Ainda que a UTI do Longfellow Memorial possuísse um programa de visitas unicamente familiar, algo me dizia que as enfermeiras não se oporiam se a esposa do neurocirurgião quebrasse as regras.

– Diga a ela para entrar.

Phil foi até a porta e acenou com a mão. Mel entrou, e pensei que ela fosse chorar. Em vez disso, engoliu em seco e estendeu os braços.

– Sinto muito. – Ela me abraçou com força, procurando me consolar. Mel perguntou se eu estava com fome, se queria alguma coisa de minha casa e se ofereceu para trazer roupas limpas. Depois, sentou-se ao lado de Elle e segurou a mão de Phil, como se precisasse da energia dele.

– Phil disse que você não me ouve, mas... Oh, Deus. – O lábio inferior tremeu e ela fitou o marido. – Não há nada que você possa fazer?

Phil sacudiu a cabeça em um gesto negativo.

Por alguns instantes, Melaine pressionou a boca no dorso da mão.

– Elle, escute, nós a amamos. Não queremos que se preocupe com Matt ou com qualquer um de nós. Cuidaremos dele. Prometo. – Levantou-se de repente e abraçou o marido.

Uma hora mais tarde, Christopher entrou na UTI. Abalado, não quisera ver a irmã na véspera.

– Olá – disse em tom casual, antes de seu maxilar se enrijecer. – Raspavam a cabeça dela.

– Para fazer a cirurgia – comentei.

– Não é justo. – O olhar de Chris se perdeu no chão.

Justo? A afirmação era típica de Christopher, mas não estávamos em um parque infantil com monitores.

– Nunca imaginei que ela fosse desmaiar – afirmou ele.

– Quer que o perdoe e diga: “Christopher, essas coisas acontecem”? Tudo bem. Acidentes acontecem. Mas esse não teria acontecido se você tivesse subido naquela maldita escada.

Ele se agarrou ao pé da cama.

– Elle nunca se incomodou com altura. Nunca teve medo de nada.

Meneei a cabeça e o conduzi para fora do quarto. Elle não podia me ouvir, nem ao irmão nem a ninguém, mas eu estava prestes a explodir com Christopher por ter sido idiota a ponto de pedir à irmã que subisse na escada, e não queria ofender seu precioso irmão na presença dela, mesmo estando inconsciente.

Elle.

Parei no corredor e olhei para trás, através da parede de vidro. Uma criatura imóvel de olhos fechados, intumescidos pela queda e pela cirurgia. Mesmo que Elle pudesse abri-los, não me veria.

Não era de admirar que os familiares de meus pacientes sempre relutassem em aceitar a verdade. Eu compreendia a fisiologia dos ferimentos de Elle e, mesmo assim, para mim nada fazia sentido. Não conseguia mais achar o rumo da minha vida.

– Matt? Está me ouvindo?

Virei-me para Christopher e balancei a cabeça.

– O quê?

– Por que me trouxe para cá?

Durante um segundo meu sofrimento sobrepujou minha raiva, mas, em seguida e como um demônio, ela ressurgiu:

– Não é verdade que Elle não tinha medo de nada. Ela apenas escondia seus medos melhor que a maioria.

– Do que mais ela tinha medo, além de terminar a vida como minha mãe?

Encarei-o por um momento. Elle temia morrer lentamente. Como eu podia considerar mantê-la viva por meios artificiais? Porque, respondia a mim mesmo, com certeza ela iria querer arriscar a vida para ter um bebê.

– De não poder realizar os próprios sonhos.

– Não é a mesma coisa. – Ele estreitou os lábios e evitou o meu olhar. – A única coisa que a deixava apavorada era sofrer como minha mãe sofreu. Quando vão desligar os aparelhos? Eu... eu tenho obrigação de testemunhar.

– Ninguém vai desligar nada. Mudei de ideia.

– Por quê? Phil pensou em algo que pode salvá-la? – Christopher arregalou os olhos, e o brilho da esperança iluminou seu semblante sombrio.

Ah, Deus, como eu desejava poder me apropriar de um punhado daquela abençoada ignorância. Balancei a cabeça, negando.

– Não há mais nada a fazer.

Christopher estreitou os lábios. Perscrutou o corredor; depois seu olhar foi para o meu rosto e a palma da própria mão, que em seguida ele levou aos olhos.

– Ontem meu pai não sabia o que estava dizendo. É uma situação comum quando ele bebe demais.

Mexi os pés, inquieto, recordando da época em que Hank se consumia em álcool. Christopher mal havia completado oito anos, a mãe deles estava morrendo, e Elle temia que a responsabilidade da família recaísse sobre seus jovens ombros.

– Fico surpreso de saber que você ainda se lembra das bebedeiras do seu pai. – Hank se conservara sóbrio por muito tempo, pelo menos até a véspera.

– Não era nenhum bebê; você ficaria ainda mais espantado se soubesse do quanto me recordo. Não pode fazer Elle passar pelo

mesmo que minha mãe.

Espiei Elle mais uma vez através do vidro, aterrorizado perante a decisão de mantê-la viva artificialmente.

– Não é a mesma coisa. Elle não sofre e... está grávida. Se conseguirmos mantê-la estável, poderemos salvar o bebê.

Christopher me fitou, chocado.

– O quê? De novo? Não! Essa foi a quarta ou a quinta tentativa? – Ele apertava as mãos como se quisesse estrangular alguém. Provavelmente a mim. – Droga. Da última vez em que Elle quase morreu, eu falei que era melhor não engravidá-la novamente. – Ele se virou para o quarto da irmã, o corpo tremendo de ódio, ou talvez pelo grande sofrimento.

Eu não tinha nada a dizer, nem poderia ter. Afinal, se Elle desmaiara por estar grávida, sofrera morte cerebral por minha culpa.

Era raro Christopher agir de maneira protetora em relação a Elle, por ser sete anos mais novo. No entanto, depois da última gravidez, ele me repreendera com severidade. Naquela ocasião, eu havia concordado com Chris. Seria muito arriscado tentar uma nova gestação.

– Elle não me contou que estava grávida – afirmou Chris.

– Nós não sabíamos. Era uma situação recente demais.

– Está me dizendo que temos de mantê-la viva durante nove meses por meio de aparelhos? Não acho isso certo. Elle não desejaria algo assim. E eu também não. Vi minha mãe morrer dessa maneira.

Ele partiu rumo ao *hall*, blasfemando contra as portas duplas da UTI, e eu o segui. A meio caminho para o elevador, agarrei-o pelo braço.

– Chris, não se trata do que você quer, mas sim da família que Elle desejava.

– Espere um pouco. Você pretende me fazer sentir culpado pela queda de Elle, sendo que foi você quem a engravidou novamente? Imbecil!

As portas do elevador se abriram e minha mãe saiu, um tanto descomposta. Fios de cabelos brancos caíam-lhe pelo rosto.

– Christopher, querido. – Ela beijou o rosto dele e se voltou para mim. – Encontrei o documento, Matt. Levei quase a noite inteira procurando, mas está aqui. – Entregou-me um formulário com perguntas, cada uma com duas alternativas: sim ou não. Era uma espécie de declaração prévia de vontade de Elle, embora sem o título formal.

Quer um respirador para ajudá-lo a respirar, se for incapaz de fazê-lo?

Sim

Não x

Quer que se use uma sonda, se não for capaz de se alimentar?

Sim

Não x

Nenhuma cláusula a respeito de gravidez. *Droga!*

A letra da jovem Elle respondia não a todas as perguntas, inclusive as mais simples, e ela acrescentara: “Não desejo ser mantida viva por métodos artificiais, a menos que possa me recuperar”.

Elle assinara embaixo, floreando os *eles* e os *es*. Para piorar, registrara o documento em cartório.

Esfreguei os olhos e procurei refrescar a memória. Depois da morte de Dylan, ainda na sala de emergência, um funcionário do hospital indagou se Elle possuía alguma diretiva antecipada. Era uma norma do hospital fazer a pergunta. Por que não havia prestado atenção na resposta? Com certeza, estava atordoado pela morte de nosso filho. Teria de consultar os arquivos médicos.

– Não importa – retruquei. – Isto é muito antigo. O *status* legal dela mudou quando nos casamos. Sou o marido dela, o parente mais próximo.

– Matthew, você sabe muito bem que o testamento vital independe de parente mais próximo ou estado civil. O importante é quem ela designou para tomar decisões no caso de estar incapacitada. E esse alguém sou eu – garantiu minha mãe.

– O que está tentando me dizer?

Minha mãe virou o documento e, no verso, Elle dava a ela o direito de tomar qualquer decisão específica em relação a uma doença, se ela mesma não pudesse opinar. Era uma autorização de poder decisório e duradouro para agir em casos extremos de saúde.

Ergui a mão em uma tentativa de convencê-la.

– Mas Elle está grávida! E você sabe muito bem o quanto ela queria um filho.

– Estou com Linney nessa – interveio Christopher.

– Não estamos fazendo uma votação. – Amassei a declaração.

– Dê-me o documento – ordenou minha mãe.

Eu o segurei com a mão fechada e imaginei onde aquela situação terminaria. Minha mãe discutindo comigo, como se eu tivesse dois anos? E eu batendo o pé? Em algum momento, alguém poderia pensar que ela me daria uma olhada e eu me dobraria à vontade materna.

– Não vamos mantê-la viva artificialmente. Já estou em contato com a supervisora da enfermagem – minha mãe falou.

– E por que entrou em contato com a supervisora? – Por Deus, o que eu menos desejava era que o assunto se tornasse motivo de falatórios no hospital.

– Porque Elle me escolheu para fazer valer sua vontade, e você está fazendo o oposto do que ela desejava. É errado mantê-la nesse estado, como se fosse uma incubadora, para gerar quem ainda nem é um bebê. Mulheres são mais que receptáculos para a prole.

Meu coração batia tão forte que cheguei a enxergar manchas.

– Ela não é uma incubadora. É a mãe do bebê.

– Querido, seja realista – minha mãe disse em tom um pouco mais brando. – O feto apenas começou a se formar, e, mesmo que a gestação fosse levada adiante, só Deus sabe os malefícios a que ele foi submetido ontem. A tomografia, os raios-X, os medicamentos. Você está arrasado e não está raciocinando direito. – Ela me

estendeu a mão, a palma para cima, aguardando a devolução do documento.

Continuei a segurá-lo. Estava convicto de que Elle jamais previra uma situação como aquela.

– Sei de tudo isso, e estou preocupado com os efeitos dos raios-X, dos medicamentos, mas...

– Mas nada – interveio Christopher novamente. – Pare com isso, Matt. Você não vai mantê-la viva. – Ele se virou e saiu.

Minha mãe tocou meu braço, mas eu me desvencilhei.

A enfermeira de Elle nos olhava com espanto, pois, sem perceber, havíamos chegado ao posto de enfermagem.

– Chame a supervisora – pedi. – Quero falar com ela, com o diretor executivo e o advogado do hospital. Preciso de uma reunião com o comitê de ética. Quero falar com o chefe do Departamento de Prontuários Médicos. Agora!

A enfermeira empalideceu.

– Não se preocupe, eu mesmo telefonarei para todos eles.

Em cinco minutos de reunião, o comitê de ética, o diretor, o advogado e o conselheiro pastoral se envolveram em um debate acalorado. Minha mãe jogou o papel amassado em cima da mesa.

– O propósito do testamento vital é evitar que isso aconteça.

– No Maine – iniciou o advogado, corpulento e com orelhas de abano –, o que um paciente determina quando é capaz, em outras palavras, quando pode falar, sobrepõe-se a *qualquer* outra coisa.

Peguei o prontuário médico de Elle feito por ocasião do nascimento de nosso filho.

– Vejam aqui. Perguntaram a Elle se ela havia feito algum testamento vital, e ela negou.

– Ora, mas o documento está aqui! – Minha mãe bateu no papel amassado.

– Elle assinou isso há meio século – exagerei. – Ela jamais teria considerado esta circunstância em particular.

– Como é que você sabe? Ela nunca conversou com você sobre isso – afirmou minha mãe.

Isso era verdade. Durante alguns anos, enquanto Elle e eu estávamos na universidade, quase não tivemos contato.

– Ela mudou de ideia sobre mim, e sobre várias outras coisas. O documento foi feito há dezessete anos! – gritei.

O diretor executivo ficou em pé.

– Parem. O hospital não vai assumir a responsabilidade por essa decisão, ainda mais sendo ela objeto de tanta controvérsia.

– Realmente não importa o que a família deseja ou não – o advogado sentenciou –, e sim o que a paciente desejava. Esse é o ponto principal. O que me preocupa é termos dois documentos conflitantes.

O diretor soltou um longo suspiro.

– Um juiz deverá decidir. Será preciso uma ordem judicial.

5

Dia 2

Reli o cartão de visitas. *Jake Sutter, advogado*. No verão passado, Elle e eu o havíamos encontrado na sala de espera de um cinema. Ele me dera o cartão e disse para combinarmos de tomar um drinque. Até a véspera, quando tive de procurar por informações do seguro, esquecera que o havia guardado na carteira.

Expliquei à secretária dele que fora seu colega de quarto na universidade, o que resultou em uma hora marcada para dali a uma semana. Mas mencionar que era marido de Elle reverteu a espera para um minuto.

– Matt? Santo Deus! Ouvi as notícias. Como ela está?

– Não muito bem. – Falei sem parar por minutos, narrando-lhe a história, e inspirei fundo. – Não sei direito como proceder para não transgredir a lei.

Um momento de silêncio precedeu as palavras de Jake:

– Posso ajudá-lo, mas antes tenho de dizer que lastimo muitíssimo o que aconteceu com Elle. Yvette queria que eu o procurasse ontem à noite, quando soubemos da notícia, mas imaginei que estivesse no hospital ao lado dela.

– Estive, exceto durante a reunião da comissão de ética.

– Matt, de certa maneira, o advogado do hospital tem razão. O juiz vai avaliar qual seria a vontade de Elle nessa circunstância. O que pode resultar numa armadilha, mas sei exatamente o que devemos fazer. Quando pode vir aqui no meu escritório? Vou adiar meus compromissos. – Como sempre, Jake imaginava ser o dono da verdade, e, daquela vez, eu esperava que ele estivesse certo.

– Jake, não queria sair de perto de Elle. Você não poderia vir até aqui?

– Ah! – Ele engoliu em seco. – Não creio que seja adequado tratarmos do assunto em um quarto de... UTI.

Droga, tinha esquecido que ele odiava hospitais. Mas não havia tempo de lidar com as fobias do meu amigo.

Jake e eu ocupávamos o mesmo quarto no alojamento da universidade, pois alguém determinara naquele ano que os calouros ficassem juntos. E, exceto a proximidade geográfica e a grande dose de ambição, não tínhamos mais nada em comum. Jake era filho de um ex-governador do Maine, e eu, filho de um operário de uma cidade próxima. Jake, ao contrário de mim, frequentava a alta-roda. No entanto, mesmo não sendo amigos, fomos bons companheiros de quarto. Nós nos víamos quase sempre, mas, quando avancei no curso de medicina, o contato foi se tornando esporádico, pois ele não podia sequer ouvir falar em sangue que já ficava esverdeado de medo. Jake mantinha a premissa de que, se Deus pretendesse que víssemos sangue, não nos teria dotado de pele.

– Jake, isso envolve assuntos médicos – comentei. – Se não puder assumir o caso, talvez possa me indicar um colega seu.

– Ora, Matt, você sabe que meu trabalho não se faz à beira da cama de um cliente. Estarei no tribunal. Mas hospitais me deixam aterrorizado. Cheiros estranhos, pessoas se lastimando e... Quando minha mulher estava em trabalho de parto da nossa Janey... não pude ficar ao lado dela, vendo-a sofrer. Talvez eu seja muito sensível. Não gosto mesmo desses lugares; não sei como você aguenta. Mas lido muito bem com a parte verbal e escrita.

Em circunstâncias diferentes, eu teria dado risada pela maneira como Jake se descreveu. Ele se achava um indivíduo justo, mas, quando as pessoas me diziam que eram *muito sensíveis* para cuidar de um enfermo ou alguém ferido, a hipocrisia me deixava maluco. Eu era pragmático em relação a tomar uma atitude e ajudar as pessoas em vez de virar o rosto. No entanto, na presente situação, não me importava se Jake era sensível ou não. Precisava de alguém com experiência para enfrentar minha mãe na corte.

– Jake...

– Não diga mais nada, você é meu amigo. Imagino o que está passando. Vou ao seu encontro, sim? Só peço que nos encontremos em um local onde possamos conversar à vontade... talvez uma sala de espera. Não, um escritório seria melhor. Eu o informarei dos detalhes necessários para seguir adiante. Mas sinta-se à vontade para consultar outro advogado. Posso instruí-lo quanto às perguntas que devem ser feitas. Mas, você sabe, ninguém mais em Portland tem a minha experiência.

Embora a falsa modéstia não fosse uma característica de Jake, nisso ele estava certo. Eu duvidava que outro advogado em Portland, no Maine, houvesse enfrentado a Suprema Corte dos Estados Unidos.

– Está bem – respondi.

Consegui uma sala de reunião fora da UTI. Às sete horas e dez minutos, Jake apareceu sem o espalhafato costumeiro, vestido com um terno feito à mão, sapatos italianos e gotas de suor no lábio superior.

– Sente-se. – Pus diante dele uma cópia do documento preenchido por Elle e que fora deixado com minha mãe. – E esta é a cópia do prontuário médico do inverno passado.

Jake sentou-se à cabeceira da mesa de madeira laminada e suspirou.

– Inverno passado?

– Perdemos um filho em fevereiro. Nasceu morto.

Jake me encarou por alguns instantes, antes de fazer o que eu diria ser uma sutil tentativa de ser simpático.

– Matt, você tem enfrentado...

Eu o interrompi, sem levantar os olhos.

– Elle assinalou que não possuía uma diretiva antecipada. Está vendo aqui? – Apontei para as letras rabiscadas no formulário do hospital. Pela primeira vez reparei na caligrafia. Apesar de não ser um entendido no assunto, pude avaliar a fraqueza de Elle pelos garranchos feitos na folha. Ela estava tão debilitada que talvez nem soubesse o que respondia.

Jake se ajeitou na cadeira e me avaliou.

– Você está bem?

Fitei-o de relance, anuí e desviei o olhar. Não suportaria a angústia de mais um desabafo de dor, mesmo que ele estivesse disposto a escutar.

Respeitosamente, Jake consultou o outro documento.

– Embora esteja escrito no cabeçalho que se trata de um testamento vital, ou de uma declaração prévia de vontade, não é exatamente isso. Uma declaração prévia é um conjunto isolado de instruções que se encaixa na categoria de diretivas antecipadas, mas seu alcance é restrito, ou seja, é um conjunto de instruções que o paciente escreve sem margem para circunstâncias imprevisíveis. Ele expressou a própria vontade, mas também deu à sua mãe o poder duradouro de representação para decidir sobre os cuidados com sua saúde. Nesse caso, o chamado testamento vital faz parte de uma categoria mais ampla de diretivas antecipadas. Ele fez certas escolhas por si mesma, mas também designou alguém para tomar decisões que não fossem abrangidas pelo formulário. Isso fará a corte reconhecer que algumas circunstâncias não podem ser previstas, e que ela confiou em sua mãe para agir em benefício dela. Agora vou dizer algumas coisas que você não vai gostar de ouvir.

Puxei uma cadeira e me sentei.

– Você quer dizer que não tenho argumentos para uma causa.

– Pelo contrário; você tem, e muitos. O problema é que não é um homem público, e isso vai se tornar público. Os repórteres já estão do lado de fora do hospital, e seu caso terá ainda maior repercussão se trazer à tona o controverso caso *Roe vs. Wade*.

– Como assim? Não estamos tratando de um aborto.

– Não para você, que considera sua esposa e seu embrião em uma esfera altamente pessoal. Contudo, em termos legais, trata-se dos direitos de um nascituro contra os direitos da mãe, algo que terá inúmeras implicações. Direito à vida. Direito à morte. Direitos do feto. *Roe vs. Wade*. Mas, por ora, deixemos as inferências de lado.

Jake recostou-se no assento da cadeira e mastigou a parte interna do lábio.

– Em nosso estado – continuou – o Tribunal de Sucessões se encarrega de tais assuntos. Não há júri, somente um juiz. É o que se chama de julgamento de bancada. Se não estivesse grávida, o que

Elle expressou nestas diretivas antecipadas seria indiscutível. – Jake tamborilou no papel. – Não importa que o documento seja tão antigo quanto uma fita cassete ou se Elle era solteira na ocasião. Ela deixou bem claro que não desejava viver se tivesse uma doença terminal ou qualquer outra coisa que a deixasse em estado vegetativo. – Ele avaliou os documentos à frente e passou os dedos com unhas cuidadas no indício de barba que já aparecia ao final do dia. – Você afirma que não sabia dessas diretivas antecipadas?

– Não até esta manhã. Mas eu conhecia o ponto de vista de Elle. Antes de saber que ela estava grávida, tinha concordado em desligar os aparelhos... – Minha voz falhou, e escondi o rosto nas mãos.

– Está bem. – Jake apertou meu ombro, esperou que eu me recompusesse e perguntou então se podíamos continuar.

– Isso, em muitos estados, não seria um problema, porque a gravidez automaticamente revoga as diretivas antecipadas de uma mulher. Mas, no Maine, isso não é assim. Havendo uma diretiva antecipada, ela prevalece.

Quis perguntar quais eram os tais estados, pensando talvez em remover Elle para outro hospital, mas não adiantaria. As condições dela eram muito frágeis, e minha mãe me confrontaria em relação a essa decisão.

– O filho é seu mesmo? – indagou Jake. – Quer dizer, se resolvessem fazer o teste de DNA?

– Claro que é meu. Elle não...

– Não foi a isso que me referi. Preciso saber se o filho é seu *geneticamente*. Não foi esperma doado ou algo do gênero?

– Por que diabos está me perguntando isso?

– Responda à pergunta, Matt. Geneticamente é seu?

– Sim.

– Isso é bom, caso um exame se torne necessário. Terei de fazer alguns requerimentos à corte para deferir a incompetência de Elle. Aqui no Maine usamos *incapacidade*, termo menos pesado. A conotação é mais sutil, mas significa que Elle não tem competência para agir por conta própria. Vou precisar de declarações voluntárias e juramentadas dos médicos, explicando as condições dela.

Concordei, e Jake esclareceu que pediria à corte para me nomear guardião de Elle, embora não pudesse tomar decisões médicas a respeito de minha esposa. Ele apontou o documento que minha mãe apresentara como declaração prévia de vontade de Elle.

– O juiz pode validar esse documento.

– Minha mãe teria o direito de desligar os aparelhos que mantêm Elle viva?

Jake balançou a cabeça de um lado para o outro, como se avaliasse o assunto.

– Temos o formulário de internação do hospital para confrontar a validade do documento mais antigo, mas existe a possibilidade de o juiz permitir que sua mãe tome decisões médicas por Elle. – Jake inspirou fundo. – Por isso quero ter certeza de que o bebê é seu. Se for preciso, podemos apelar de um ângulo completamente diferente. Se o juiz se decidir em favor de sua mãe, pedirei à corte para dar a você responsabilidade legal do filho que ainda não nasceu.

– Está bem. É razoável. O que isso envolve? – Endireitei-me na cadeira.

– É complicado. Você sabe que tenho trabalhado nos casos do Pro-Life, entidade contra o aborto e a favor da vida?

Fiz um movimento positivo com a cabeça.

– Minha mãe com certeza vai reivindicar o direito de Elle de morrer. Juro que a deixarei partir depois que a criança nascer...

– E eu prometo – interrompeu-me Jake – que usarei todas as estratégias legais para que seu filho tenha a oportunidade de viver. Deixá-la descansar em paz depois é outro assunto. O mais urgente agora é mantê-la viva até o nascimento do bebê, certo?

– Certo – respondi à pergunta retórica.

– Deixe-me explicar. A corte não reconhece os direitos humanos de bebês antes de eles nascerem, ou, pelo menos, tem sido assim até agora. A corte dá responsabilidade legal apenas a quem reconheça *possuir* direitos humanos. O feto não tem voz ativa. Temos esse problema, mas tenho um plano. Vou convencer o juiz, que legislará a nosso favor. A lei vai estabelecer um precedente...

Pigarreei.

– Esqueça os precedentes, Matt. Estamos falando de Elle e do bebê.

Seu bebê. Jake enfatizou, quase como se questionasse a paternidade da criança novamente.

– Isso.

– Acredite, Matt, salvar essa criança é importante para mim também. Abrir um precedente e conseguir que o juiz lhe dê a responsabilidade legal será valioso para o movimento Pro-Life. Agora você pode entender por que esse caso é muito maior que algo apenas pessoal. Seu interesse recai sobre sua esposa e seu filho, mas o Pro-Life inteiro lhe dará apoio. Advogados simpáticos à causa oferecerão toda ajuda que puderem: escreverão um *amicus curiae*, pesquisarão, tudo que for preciso.

– Escrever o quê? Esqueça, não importa. Por que o movimento Pro-Life iria se incomodar? Elle não está em situação de aborto.

Jake tocou o lábio superior com um dedo e esboçou um daqueles sorrisos condescendentes que eu vira muitas vezes. Ele tentava exibir uma expressão de sinceridade, e teria me enganado se não o conhecesse há tanto tempo e não soubesse o tamanho de sua ambição.

– Não, mas você não enxerga o paralelo da situação. Ao retirar os aparelhos de Elle, você também interromperia a gravidez. Vamos ver se encontro uma explicação melhor. A 14ª Emenda da Constituição norte-americana garante o direito das pessoas. Todos os direitos. Se a corte lhe garantir a responsabilidade legal sobre a criança ainda em formação, ela passaria a ser considerada uma pessoa *legalmente*, portanto, alguém com direitos. Esses direitos prevaleceriam sobre *Roe vs. Wade* e a privacidade. Se *Roe vs. Wade* for vencido de outra maneira, os estados voltarão a ter o direito de decidir isoladamente sobre o aborto.

– Não estou nem aí, Jake!

Ele me fitou com olhar penetrante e prosseguiu:

– Muito bem. Mas, se a corte lhe der curatela, isso terá implicações maiores. E, mesmo que o juiz decida contra nós, ainda poderemos apelar. O que levará tempo. Se a apelação falhar, ainda assim

podemos recorrer à todas as instâncias superiores. Podemos pedir um *writ of certiorari* ou...

– Um o quê?

– Um recurso extraordinário. Abreviando, uma petição *cert.* Significa entrar na Suprema Corte com uma petição e exigir revisão judicial do caso julgado em uma instância inferior. Se a corte lhe der responsabilidade legal, o governo dos Estados Unidos poderia, em essência, conceder personalização ao feto. Em consequência, todos os fetos teriam o direito de uma pessoa. E, como efeito, qualquer ato que destruísse um feto seria considerado um assassinato. O aborto seria considerado ilegal *em toda parte*.

– Seria uma consequência enorme. Mas tudo o que quero é dar uma chance a esse ser indefeso.

– Está lembrado do caso de Scott Peterson?

– O que ele tem a ver com Elle?

– Calma. Você se lembra do caso?

Reclinei-me na cadeira e encarei Jake. Esse era ele. Quando cismava com alguma coisa nos tempos em que éramos estudantes, eu simplesmente saía do dormitório. Agora, porém, não podia me dar esse luxo.

– Peterson? O bastardo que matou a esposa grávida? Claro que sim.

– Ele estava convicto de que deveria matar a esposa e o filho deles. Depois disso, o Congresso aprovou como crime a violência contra fetos. A proteção dos inocentes ainda não nascidos foi um grande avanço. Os autores do projeto de lei eram do Pro-Life. Informalmente, deram-lhe o nome de Lei Laci e Connor.

– Pelo amor de Deus, Jake! Deixe as minúcias de lado e vamos ao que interessa.

– É o que estou fazendo. A lei protege o nascituro e nos concede amparo legal.

Grunhi um som ininteligível. Estava muito irritado com a comparação feita por Jake do caso Scott Peterson com o que acontecera a Elle. Queria parar com esse circo antes que ele fosse montado.

– Se pedirmos a responsabilidade legal do bebê, teremos o respaldo do Pro-Life...

– Se tentar fazer disso um problema como o aborto, vai conseguir apenas a oposição da Organização Nacional de Mulheres, que provavelmente é tão radical quanto os que lutam pelo direito à vida. Vai transformar o caso em um circo.

Minha mãe era membro da ONM e, como pessoa, alguém bastante razoável. Sempre se interessava em promover pacificamente o direito das mulheres, mas havia as mais agressivas em seu grupo que poderiam, dada a oportunidade, jogar óleo quente naqueles que protestavam contra clínicas de aborto.

Com arrogância, Jake foi sarcástico ante à menção da ONM:

– O movimento Pro-Life é um esforço humanitário – afirmou. – Mas deixemos essa discussão para depois. Mais uma coisa: pedir a responsabilidade legal é um passo arriscado. Houve apenas dois casos que chegaram ao tribunal. O primeiro foi na Flórida e envolveu dois agravantes: uma mulher mentalmente frágil e um estupro. O estado tentou conseguir a responsabilidade legal do bebê que estava por nascer. O tribunal de apelação negou e apontou dois aspectos negativos. Primeiro, o estado não era um personagem que cuidaria do bebê pessoalmente. Segundo, o tribunal da Flórida não tinha estatutos nem leis para designar um responsável legal para o nascituro.

– A mulher abortou? – indaguei.

– Não. O caso se prolongou por muito tempo e a criança nasceu. Pretendo usar a mesma tática. Sou um homem de princípios, que vai à igreja aos domingos, que tem a fé como prioridade, mas também sou realista. O estado não venceu a batalha, Matt, mas venceu a guerra. A criança não morreu... – Jake ergueu o indicador. – Um bebê nasceu, e eu salvarei o seu também. Se lhe derem a responsabilidade legal, a maior conquista será salvar um milhão de crianças por ano. Sinto muito pelo acontecido com Elle, mas...

Cerrei os punhos.

– Não se atreva a fazer dela uma mártir!

Jake ficou em silêncio por tempo suficiente para eu pensar que não argumentaria contra mim. Ou talvez ele soubesse que, se tentasse,

eu o dispensaria.

– Certo – respondeu, passando então a divagar sobre um caso da Pensilvânia. – O juiz decidiu a favor da responsabilidade legal, mas não acredito que o caso houvesse resistido a um apelo.

Levantei-me e comecei a andar de um lado para outro na pequena sala de reunião.

– Então a estratégia de pedir a responsabilidade legal e ser bem-sucedido é de cinquenta por cento, na melhor das hipóteses?

Jake me lançou uma piscadela.

– Teremos mais chances porque, como você mesmo disse, não se trata de um caso de aborto. Você está tentando preservar a vida do seu filho, o que resta de sua família. Como pai, você tem direitos, ou pelo menos terá depois que o bebê nascer. Essa é uma situação interessante.

Inclinei-me sobre a mesa, as palmas pressionando a superfície.

– Mas meus direitos de nada valerão até meu filho nascer, a menos que você faça o mundo mudar e me delegar a responsabilidade legal.

– Exatamente – confirmou Jake.

Fitei brevemente a letra tremida de Elle na cópia do prontuário médico por ocasião do nascimento de nosso menino sem vida.

– E quanto ao fato de ela ter dito que não tinha nenhuma diretiva antecipada?

– Usarei isso em primeiro lugar. Mas não podemos esquecer que o irmão de Elle provavelmente vai testemunhar, e o juiz pode ser influenciado pelo depoimento dele.

– Christopher? Como sabe o que Christopher pensa a respeito disso?

– Ele apareceu no noticiário da noite.

– Ele o quê? – Senti minhas têmporas tremerem com o susto.

– Sente-se.

Obedeci, admirado com a audácia de Chris em falar à imprensa.

– Os repórteres locais o procuraram, depois a entrevista passou na TV. Ele revelou que os traumas da irmã são fatais, mas que você a vem mantendo ligada a aparelhos por achar, equivocadamente, que pode salvá-la. Também afirmou que Elle havia registrado em cartório

o desejo de morrer em casos extremos como este. Comentou ainda que ela era a pessoa mais corajosa que conhecia, mas tinha receio de uma vida vegetativa, que lhe causasse sofrimento.

– Merda!

Jake fez uma careta de desgosto.

– Faça um favor a si mesmo: vigie essa sua língua... pelo menos em frente às câmeras. A imprensa vai estar por toda parte, e o seu comportamento será decisivo.

– Acha que aquele paspalho vai tentar me convencer do contrário?

Jake negou com um gesto de cabeça.

– Acredito quando me diz que, nessa situação, Ele aceitaria viver artificialmente. Usaremos todos os argumentos, inclusive que há estados que proíbem o desligamento dos aparelhos quando a mulher está grávida. Entenda uma coisa: tudo o que quero é protegê-lo. Algumas pessoas o criticarão por não agir de acordo com os desejos de Ele. Pode parecer que você não se importa com o sofrimento dela. O fato é que está indo contra os desejos que Ele expressou em sua diretiva antecipada.

Engoli em seco; o significado daquelas palavras me queimavam por dentro.

– Vai precisar se mostrar um marido em genuíno sofrimento. – Jake pôs uma pasta diante de mim. – Está aí o valor de meus honorários e do adiantamento.

Fiquei espantado com a abundância de zeros e assoviei. Tinha feito um empréstimo para pagar os oito anos da prestigiosa universidade da Ivy League e ainda não conseguira juntar dinheiro para liquidar aquela dívida, quanto mais para pagar uma quantia daquelas.

– Matt, posso ganhar a causa se o juiz nos der metade de uma oportunidade e não fizer valer de imediato a vontade de Ele. Pode ter certeza de que sou sua melhor aposta.

– Jake, não tenho tanto dinheiro e, ainda que tivesse, estou sem o talão de cheques.

– Eu abro mão do adiantamento. Afinal, somos amigos. Quero defender esse caso porque acredito nele. Podemos até conversar sobre uma taxa de honorários mais reduzida, dependendo de quanto

tempo o caso vai demorar. Apenas assine aqui. – Ele folheou algumas páginas e apontou para a linha em branco.

Respirei fundo e peguei a caneta.

– Antes que eu assine, há uma coisa que você precisa entender, Jake. Não estou interessado na sua agenda política nem quero que Elle seja garota-propaganda de ninguém.

– Você mudará de ideia antes de o caso terminar.

Como sempre, Jake não entendeu. Pessoas não eram coisas a serem usadas em prol de um bem maior.

– Não – respondi. – Se você me representar, o caso será sobre *esta* situação em particular, e não sobre sua causa do Pro-Life ou o desejo de entrar no palácio do governo, como seu pai.

– Não estou mais interessado em ser governador. Yvette não quer ser esposa de político, e há anos desisti de tentar convencê-la. Meu único interesse é salvar seu filho. – Jake bateu o indicador ao lado da linha de assinatura em branco. – Tenho talento para isso. Sou um especialista em leis constitucionais. Pelo amor de Deus, dou aulas na Harvard sobre a Primeira Emenda, sou membro da Sociedade Legal Cristã, sou chamado regularmente para assessorar o Pro-Life.

Uma lembrança estranha me ocorreu, algo ligado à entrevista dos calouros quando submetidos a três perguntas clássicas. Qual é o seu nome? De onde você é? Qual é o seu curso? Jake invariavelmente respondia de maneira esquisita. Jake Leahy Sutter, vim da ala direita e estou fazendo um curso que me levará à Suprema Corte, de preferência à cadeira do presidente do tribunal.

– Você sempre quis ser juiz, Jake. Acredita que este caso o levará à corte?

Ele estreitou os olhos e se recostou na cadeira.

– Ora, não há outro objetivo a não ser perseguir a toga. Defendo o Pro-Life, e este é um teste decisivo. Recuso-me a adotar uma postura de indiferença política.

– Tudo bem. Jake, você me dá sua palavra de que manterá o foco em Elle e no bebê? Sim ou não?

Ele empurrou o interior da bochecha com a língua e anuiu.

6

Dia 3

Os advogados do Pro-Life estavam a postos no tribunal onde o juiz decidiria o destino de minha esposa. Nada disso. Eu tinha que parar com esse pensamento irracional. O destino de Elle fora decidido na queda de uma escada. Eu lutava pela vida do bebê – nosso bebê. Era estranho que Elle sequer parecesse uma mulher grávida. Eu não havia sentido os chutes do nosso filho. Ele era um apito em um ultrassom. Ainda assim, sabia que Elle, se pudesse, já estaria lendo uma história infantil para a barriga.

Endireitei a gravata e empurrei a multidão de repórteres que encostavam os microfones no meu rosto.

– Doutor Beaulieu, como está sua esposa?

– Christopher, irmão dela, disse que ela não vai sobreviver. Tem algum comentário a respeito?

– Matt, apenas uma pergunta sobre Elle – pediu um camarada que eu conhecera no secundário.

– Nenhum comentário – sentenciei. Já ouviram a versão de Christopher. Eu não colocaria mais lenha na fogueira de um assunto familiar.

Os adeptos do movimento Pro-Life seguravam cartazes nos dois lados da porta: dar vida, não destruí-la. Salvem Elle.

Embora tecnicamente apoiado por eles, evitei encará-los. Aquelas pessoas não agiam a meu favor nem a favor de Elle. Estavam ali com interesses próprios, e nossa tragédia era apenas uma maneira de promovê-los.

Passei pelas portas do fórum e nutri a esperança de que repórteres e ativistas fossem impedidos de entrar. Ledo engano.

A porta do tribunal federal da cidade vizinha tinha detectores de metais, mas a Corte Distrital do Condado de Cumberland devia ser o único fórum do país que não contava com eles. Os repórteres me seguiram pela rotunda, berrando perguntas, ávidos por informações.

Jake me encontrou a caminho da sala de audiências e se voltou para os repórteres:

– Estou certo de que os senhores reconhecem ser este um momento difícil para o doutor Beaulieu e sua família. Por hora não temos comentários a fazer, mas, no momento certo, convocarei a imprensa e todos poderão fazer perguntas.

Eles recuaram, para minha surpresa, embora continuassem me olhando como se eu guardasse o segredo mais hediondo do mundo.

No final do corredor, minha mãe, ao lado de Christopher, aparentava ter chorado. Caminhei ao lado de Jake e quase me comovi. Quase. Ela sofria, mas travávamos uma guerra. O amor pode unir, mas também afastar.

Os repórteres foram ao encontro de Chris, que se dispôs a conversar com eles.

– Como foi que os ativistas do Pro-Life descobriram tudo isso? – cochichei para Jake.

– Vamos – respondeu.

– Você os encorajou a virem para cá?

– Não precisei fazer isso. Desde que Christopher passou a dar entrevistas, os repórteres têm acompanhado o caso avidamente, e o pessoal do Pro-Life resolveu se manifestar por conta própria.

– Mas como souberam que o caso viria para o tribunal?

– Tenho certeza de que eles pesquisam sem parar a lista de sentenças, assim como fazem os repórteres. Eu faria o mesmo. Estão tentando impedir mulheres de serem brutalizadas, e crianças, de serem assassinadas – alegou Jake.

– Jake... – Rangi os dentes.

– Já sei. Esta não é minha causa. – Ele alisou a lapela. – Você está com uma aparência horrível. Quando foi que dormiu pela última vez?

– Dormirei quando você convencer o juiz a manter os aparelhos de Elle ligados.

– É o que viemos fazer aqui. – Jake se deteve diante da porta de entrada do recinto principal e sussurrou: – Isso pode demorar, portanto é melhor se acalmar. Ou seja: durma. Francamente, já ficarei feliz se a justiça for tão ágil quanto minha avó, que tem mal de Parkinson. Quanto mais durar o processo, mais a gravidez de Elle se prolongará, e melhor será para nós. Reze para que o juiz tenha um coração e uma mãe *católica*. – Jake arqueou as sobrancelhas. – Havia me esquecido; você é católico. Diga a seu padre que preciso dele como testemunha.

– Meu padre?

– Não há como fugir de suas crenças religiosas. – Jake se aproximou de mim mais um pouco. – Os católicos têm a simpatia dos ativistas do Pro-Life. Quero que você pareça devoto, mesmo que seja ateu.

Embora batizado e crismado na Igreja Católica e de ter recebido os sacramentos matrimoniais diante de um padre durante uma missa, eu não frequentava a igreja, tampouco estava seguro de qual era minha crença. Ele parecia ter uma, e ocasionalmente ia à missa. Eu aceitava a ética da reciprocidade da doutrina cristã e gostava de imaginar um Deus benevolente. Em termos filosóficos, comprara a ideia. Espiritualmente, no entanto, permanecia cético. Se Deus não existia, se o céu e o inferno eram mitos, eu havia perdido Elle para sempre. Diante das circunstâncias, preferiria confiar em Deus da mesma maneira que uma criança acredita em Papai Noel.

Jake olhou de relance para seu smartphone, que tocava, e o desligou. Fiz o mesmo com o meu, notando mais um correio de voz de Melanie.

– Nunca entendi – comentou Jake – por que os católicos rezam para os santos e idolatram Maria, mas pelo menos sua igreja acredita que a vida começa na concepção. – Ele fez uma careta. – Já estava na hora de você extrair alguma coisa deles além de comer peixe na Sexta-Feira Santa.

Não estava com paciência nem com disposição suficientes para esclarecer a doutrina católica.

– Então pretende *usar a religião*?

– Com certeza. Por acaso não ouviu falar que a liberdade religiosa está na Constituição?

Christopher e minha mãe empurraram as portas da sala de audiências e sumiram. Minha mãe também era católica, mas só de fachada, pois na verdade acreditava no direito de escolha da mulher.

Jake deu um tapinha em meu ombro e entramos também.

– Inspire fundo – recomendou. – Felizmente, o juiz não vai considerar válido o documento assinado por Elle antes de nos dar a oportunidade de apresentar nosso caso.

Perscrutei a galeria à procura do pai de Elle. Ninguém vira Hank nos últimos dias. Em um desses desvios incongruentes pelos quais a mente envereda antes de aceitar a morte de alguém, pensei: *Elle deve estar desesperada para localizar o pai.*

As paredes do tribunal eram revestidas com painéis de carvalho do chão ao teto. Minha mãe sentou-se sozinha no local designado aos réu, por não ter contratado nenhum advogado. Atrás dela, Christopher murmurava – instruções na certa – em seu ouvido.

Jake e eu nos acomodamos à mesa com a placa requerente. Ele folheou o processo que havia tirado da pasta, eu evitei o olhar de minha mãe. Ela, que não aparentava os seus sessenta e três anos, parecia bem mais velha sob a luz da manhã que atravessava as vidraças. Seu aspecto era desolador, e duvidei que o meu estivesse melhor. Ocorreu-me que tudo aquilo poderia não dar certo – caso o bebê acompanhasse o destino de Elle –, e que eu morreria de exaustão, o que me salvaria da responsabilidade de me suicidar.

Um oficial de justiça entrou no recinto.

– Todos em pé. Vossa Excelência Martin Wheeler presidirá a sessão.

O juiz entrou e ocupou seu lugar. Como uma onda, nós, que havíamos nos levantado, voltamos a nos sentar. A autoridade pôs sobre a mesa uma pequena pilha de papéis, tirou um par de óculos de dentro do estojo de couro e os limpou com um lenço enquanto falava:

– O primeiro caso em questão é a responsabilidade legal de Elle Lenore Beaulieu. O marido, doutor Matthew Beaulieu, entrou com uma petição para pedir a tutela, e Elinor Beaulieu, que também

pretende a guarda, fez um requerimento contra as intenções do doutor Beaulieu. O tribunal deve saber que Elinor Beaulieu é sogra de Elle Lenore Beaulieu. Os nomes são muito semelhantes.

Minha mãe ergueu a mão.

– Posso explicar. Alice, mãe de Elle, deu-lhe esse nome em minha homenagem. Todos me chamam de Linney e, se desejar, pode me chamar assim também.

O juiz estreitou os lábios e esperei uma reprimenda sobre as regras que deveriam ser seguidas no tribunal. No entanto, ele pareceu tão paciente quanto uma professora de jardim de infância.

– Sim. – Repetiu pausadamente os nomes e decidi que minha mãe seria a senhora Linney Beaulieu. – Senhora Linney, por acaso tem um representante legal?

Minha mãe negou com um gesto de cabeça.

– Não, apenas preenchi os formulários conforme instruções do tribunal. Elle deixou assinada uma declaração prévia de vontade; ela não desejava continuar a viver dessa maneira.

– Tecnicamente, é uma diretiva antecipada, a despeito do que está impresso no formulário. Mas logo chegaremos a isso e a seu depoimento – disse o juiz Wheeler. – O primeiro ato oficial é estabelecer se Elle Beaulieu é portadora de incapacidade permanente. – Ele se ajeitou na cadeira e resumiu as declarações médicas que descreviam com detalhes os traumas de Elle e os respectivos prognósticos. O juiz levantou o olhar e perguntou se Jake concordava com o quesito de incapacidade permanente de Elle. Depois perguntou o mesmo para minha mãe.

– Sim, Meritíssimo – respondeu minha mãe.

– Viu como é fácil entrar em acordo? – falou o juiz. – Seria muito bom se fizéssemos isso no futuro. Elle Beaulieu é dita incapaz e poderá ser chamada de “tutelada”.

Engoli em seco e reprimi a vontade de gritar. “Tutelada” era outro passo na desumanização de Elle, assim como “cadáver” ou “corpo”.

O juiz Wheeler separou um dos documentos.

– No quesito responsabilidade legal, temos uma disputa. Embora os formulários da tutela tenham sido preenchidos, o assunto primordial aqui é o que Elle Beaulieu desejaria sob essas

circunstâncias. O doutor Beaulieu declara que, se sua esposa não estivesse grávida, teria desligado os aparelhos. Contudo, ele acredita que, na atual conjuntura, Elle teria se decidido pela continuação da gravidez. Também concorda em desligar os aparelhos assim que o bebê nascer.

O juiz olhou por cima dos óculos de leitura.

– A petição da senhora Linney nos leva a crer que sua opinião é diferente. Na argumentação, declara que ela e Alice McClure, mãe de Elle, eram amigas de longa data. A senhora Linney esteve envolvida no nascimento de Elle e era sua madrinha. Depois da morte de Alice McClure, a senhora Beaulieu continuou dedicando a Elle um amor maternal. Alice McClure, em sua batalha final contra o câncer, ficou três meses em coma. Enfermeiras especializadas cuidaram de Alice em domicílio. Como resultado, a adolescente Elle passou a ter uma certeza: pessoas com doenças terminais não deveriam ter a vida prolongada desnecessariamente. Ao completar a maioridade, Elle assinou o assim chamado testamento vital e designou a senhora Linney Beaulieu para representá-la caso se tornasse incapaz. Se conseguir a tutela da nora, a senhora Beaulieu pedirá o desligamento dos aparelhos, para que a nora possa morrer em paz.

O juiz fez uma pausa, deixou os documentos sobre a mesa e cruzou as mãos.

– Senhora Beaulieu, quando ajuizou a petição, a senhora estava ciente da gravidez de Elle?

– Sim, mas Elle está no início da gestação. Para o feto ter uma chance verdadeira, ela deverá continuar em vida vegetativa durante meses e meses...

Uma mulher da galeria ficou em pé e gritou:

– Trata-se de um bebê, e não de um feto. *Um bebê.*

Minha mãe virou a cabeça para ver quem falara. A mulher fez ares de pouco-caso e tornou a gritar:

– Ela está com um *bebê* no ventre!

– Ordem. – Wheeler baixou a voz a um timbre ressonante, e todos se voltaram para ele. O juiz pegou o martelo, mas não o usou. –

Estamos em um tribunal, e, se mais alguém comprometer a ordem da sessão, ordenarei que deixe a sala.

Jake segurou a caneta, como se estivesse prestes a escrever no bloco de anotações. Fixei o olhar no juiz e tentei adivinhar o que se passava atrás das rugas daquele rosto inescrutável. Não havia como dizer se a mulher o irritara ou se ele resolvera apenas demonstrar poder. O cenho franzido desfez-se em cinco segundos, e o juiz voltou a aparentar gentileza.

Sempre tivera uma ideia preconcebida a respeito da aparência de um juiz. Ereto como um soldado, bem penteado, de meia-idade ou mais velho. No entanto, os cabelos de Wheeler eram longos, cacheados e rebeldes. Os ombros eram volumosos e a curva do queixo, suave. Mas, quando a mulher gritou, ele conseguiu impor sua autoridade.

O juiz folheou o processo e pegou o documento que Elle registrara – o papel que eu amassara.

– Este documento de 1991 é uma diretiva antecipada assinada por Elle McClure Beaulieu. Na época, ela estava com dezoito anos, legalmente uma adulta. E aqui – ele pegou outro formulário – está a admissão hospitalar assinada por Elle em fevereiro passado. Sua rubrica indica que ela não teria diretiva antecipada para cuidados com a saúde. Essa discrepância poderia significar a anulação do documento de 1991. Mesmo assim, Christopher McClure, seu irmão, escreveu um certificado de apoio, afirmando que ele e a irmã haviam discutido várias vezes o assunto de direito à morte. Alega ainda que a irmã sempre se manifestou contra o prolongamento da vida à custa de máquinas.

Wheeler lançou um olhar para os presentes.

– Não estamos falando da guarda legal, mas sim de como Elle Beaulieu teria reagido diante de circunstâncias tão trágicas. Entregarei temporariamente a responsabilidade legal de Elle a Matthew Beaulieu, enquanto ele tenta resolver a pendência em futuras cortes de juízo. Sr. Sutter, quantos dias estima que precisará para apresentar seu caso e quantas testemunhas pretende trazer?

Jake coçou o queixo e examinou o calendário.

– Digamos... uns cinco dias. Falarei com o doutor Beaulieu, o marido, com os especialistas, inclusive o doutor Philip Grey, com amigos pessoais, o clero...

Sacudi a cabeça de modo imperceptível para ele não arrolar Phil, mas Jake não percebeu.

O juiz tomou nota dos nomes e levantou o olhar.

– Tenho outro julgamento agendado para a próxima semana, mas podemos começar este no dia 1º de setembro... mas... não vai dar. É feriado. Continuaremos no dia 3 de setembro. – Voltou a atenção para minha mãe. – E quanto à senhora? Quanto tempo precisará para apresentar sua causa?

– Não entendo como tudo isso funciona, Meritíssimo, mas não é possível tratar do assunto mais rápido? Ele não gostaria de continuar vegetando por tanto tempo.

Wheeler negou com um gesto de cabeça e falou em tom casual:

– Senhora Beaulieu, compreendo sua pressa. Contudo, minha lista de sentenças está lotada com casos em que as partes também têm urgência. Sugiro que a senhora procure um advogado e se prepare para a audiência.

– Meritíssimo, a maioria dos estados revoga diretivas antecipadas de cuidados com a saúde quando a mulher está grávida. Ir para...

– Senhor Sutter, Maine não é um deles. A sessão está encerrada. – O juiz pegou os documentos e se retirou do recinto sem olhar para trás.

Droga. Fitei Jake, que se mantinha em silêncio. Por que ele não pedira ao juiz para me conceder a tutela do bebê?

Jake fechou a pasta com um estalo.

– Consiga novamente aquela sala de reunião e a reserve pelo maior tempo possível. Preciso de todos os registros médicos de Elle. Quero falar com seus colegas e também com você.

– Não quero que Phil testemunhe – murmurei.

– Discutiremos isso depois. Em *particular*. – Jake parecia irritado.

– Matt – minha mãe chamou.

Meus ombros se retesaram. Dei-lhe as costas e parti.

7

Dia 3

As paredes de vidro da UTI não permitiam a Elle a devida privacidade, mas as cortinas ao redor de sua cama haviam sido puxadas. Ao voltar do tribunal e não vê-la, tive a sensação de que morreria sem que eu estivesse a seu lado.

Afastei um pouco mais a cortina e assustei uma enfermeira jovem, que segurava toalhas e uma bacia com água.

– Ah, doutor Beaulieu. Ia dar um banho nela.

Respirar havia se tornado um ato deliberado. No caso de Elle, a ventilação mecânica abria seus pulmões dezoito vezes por minuto. E no meu? Ao deparar com um banho de leito, esquecera de inspirar, como se houvesse perdido o eixo fundamental de sustentação da minha vida. *Apenas um banho de leito.*

– Ah, sim, sim. A propósito, me chame de Matt. Eu mesmo darei banho nela.

– O senhor não precisa fazer isso.

– Por favor. Quero cuidar de minha esposa.

Havia tão pouco que eu podia fazer por Elle... e tanto que eu gostaria de poder lhe dar. Uma vida na qual envelhecêssemos juntos, com filhos, netos e refeições em família. E tudo o que eu podia oferecer agora era um banho de leito.

– Está bem – concordou a enfermeira. Ela deixou sobre a mesinha a bacia com água, verificou o fluxo do soro intravenoso e saiu.

Ao ver Elle na sala de emergência, eu havia compreendido como a situação era desesperadora. Dois dias após a tragédia, sua aparência ainda era assustadora. A morte não é uma figura envolta em uma mortalha. É uma devastação. Não sentia mais minha mulher naquela

cama. Abaixei a cabeça e limpei as lágrimas de meu rosto atrás da frágil privacidade das cortinas cerradas.

– Olá, Pip. – Beijei a face direita de Elle. O olho esquerdo ainda estava inchado. – Está com saudade de mim? Santo Deus, tenho tanta saudade de você. Tente resistir, por favor – sussurrei, e meu olhar pousou em seu ventre. Ali crescia um bebê que era meu e dela; um filho que eu queria amar, mas que, na vigília de meu sofrimento, parecia um estranho. Nas gestações anteriores, Elle sempre colocava a minha mão na sua barriga.

Ei, quase podia ouvi-la me chamar. Diga alô para o bebê.

Com muita ternura, apoiei a palma da mão no abdome de Elle.

– Você também, criança – falei baixinho. – Resista o quanto puder.

Torci o pano para tirar o excesso de água e continuei a falar com Elle como se estivesse sendo ouvido:

– Imaginei que o juiz fosse algum palhaço de cabelos brancos. Mas ele se parece com Tom Hanks no filme *Quero ser grande*. Sem o senso de humor, claro. Bem, também nada disso é engraçado. Não consegui descobrir o que ele pensa. Ele pediu a minha mãe que contratasse um advogado. Contudo, vai ser melhor para nós se ela não o fizer.

Limpei o rosto de Elle com delicadeza, evitando mover o tubo intratraqueal que lhe saía da boca e o de alimentação, no nariz, uma violação contra aquele rosto lindo. Sabia que, em um dia ou dois, seria feita uma traqueostomia e, mesmo sem os condutos que a mantinham viva, ela nunca mais se pareceria com o que fora. Elle não estava mais atrás daqueles olhos.

Phil retirara uma pequena área do osso parietal esquerdo do crânio para aliviar a pressão do edema cerebral, o que deixara a cabeça disforme. Numa craniotomia eletiva, a enfermagem cuidava para tirar o mínimo possível de fios de cabelo, mas em uma emergência não havia tempo para concessões. A cabeça de Elle fora toda raspada. Após apenas dois dias, uma penugem loira começava a despontar.

No passado, Elle clareava bastante os cabelos. Depois de nosso casamento, deixara-os ao natural, um tom de loiro um pouco mais

escuro. Sua preocupação era não usar nada tóxico em uma provável gravidez.

– Nenhum corante na comida nem nos cabelos. – Elle queria filhos saudáveis, e tinha obsessão por não fazer nada que representasse risco.

Depois do acidente, no entanto, em vez de alimentos saudáveis, haviam injetado nela esteroides e diuréticos poderosos para reduzir o inchaço cerebral. E mais: os raios-X tinham espalhado radiações por todo o seu corpo.

Embebi a pequena toalha na água morna e a torci. Removi a camisola hospitalar com cuidado para não tirar do lugar as agulhas que injetavam soro e medicamentos nas veias. Elle era uma atleta que participava de maratonas, e mantinha-se sempre em forma. Ensaboei o pano e o passei sobre o corpo inerte, que já perdia o tônus.

Phil Grey contornou a cortina e, por instinto, protegi o corpo de Elle com uma toalha.

– Ah, perdão. – Phil parou e piscou, pouco à vontade na roupa da sala de cirurgia.

– Como foi a cirurgia, Phil?

– Bem corriqueira. Falei com o doutor Amato e ele disse que o assistente dele pode ajudar enquanto você não estiver em condições. Mandou o melhor.

– Agradeça a ele por mim. Se o doutor Amaro precisar, eu o ajudarei mais tarde.

– Ele sabe disso. – Phil coçou o queixo e desviou o olhar. – Como foi a sessão com o juiz?

– Tudo bem. – Larguei a toalhinha na bacia, levantei-me e pus no bolso as mãos molhadas. – Ele marcou uma data para o início dos trabalhos. Meu advogado precisa dos documentos da UTI e de Blythe para testemunhar. Talvez necessite de você.

– Tem certeza de que pretende continuar com o processo? – Phil franziu o cenho.

Não tinha certeza, mas receava expressar dúvida... até mesmo para alguém tão próximo, que poderia ser obrigado a reproduzir minhas palavras caso fosse testemunhar.

– Sim, tenho. É o mais correto. – Fui até a janela. – Se fosse com Melanie, você a deixaria morrer?

Phil soltou um profundo suspiro.

– Creio que sim. Código de Ética Médica. Não causar dano. Elle não ia querer viver dessa maneira. E, de qualquer forma, você a perderá no fim.

– Eu já a perdi. – Desviei o olhar. – Sei que a situação chegou a um ponto terrível, mas acredito que Elle iria preferir que eu salvasse o bebê. Se for convocado para testemunhar, o que você dirá?

Phil pensou por um momento e estremeceu.

– A verdade. Sob o ponto de vista médico, a situação de Elle é estável. Se sobreviver, poderá ficar anos em condição vegetativa. Está preparado para isso?

Eu sentia pontadas na cabeça, como se estivesse em estado febril.

– Depois de Elle dar à luz, eu a deixarei descansar.

– Lembra-se de quanto tempo o tribunal levou para permitir a morte de Terri Schiavo? – indagou Phil. – Quando a história foi divulgada pela imprensa, Elle ficou muito aborrecida. Ela não concordou com os ativistas do Pro-Life.

– São duas coisas bem diversas. No caso Schiavo, os pais contestavam o genro. Eles achavam que a filha tinha um mínimo de compreensão. Conheço a história.

– E o pai de Elle? Você disse que ele foi contrário a desligar os aparelhos.

Pensei em meu sogro e em sua sobriedade posta à prova. Sua oposição ou aceitação poderia tornar-se um problema caso Elle sobrevivesse por muito tempo ou se tivesse um aborto.

– Entrarei em contato com Hank quando for necessário, se ele tornar a aparecer. – Estava preocupado com Hank. Teria bebido demais, até morrer, ou, quem sabe, deixado a cidade?

– De uma forma ou de outra, Matt, você terá de se despedir dela. Nesse momento, só vai se lembrar do estado atual de Elle, e não de como ela era.

– É claro, mas ela está grávida. Essa é a diferença. Ela queria um bebê.

– Só Elle queria? E você?

Eu o encarei. Claro que eu queria ter um filho com Elle. Nós dois desejávamos uma família. Mas sozinho? Eu gostaria de criar um filho sozinho? Sentia-me tão desamparado... Fiz um gesto positivo de cabeça.

– Certo. – As narinas de Phil se abriram ao soltar a respiração. Passou alguns minutos reportando o estado clínico de Elle. – Melanie quer que você vá jantar lá em casa.

– Agradeço, mas não posso.

Por um instante, achei que ele fosse tentar me persuadir, e comecei a pensar em respostas para recusar. Fiquei feliz por ele não insistir.

– Está bem. – Phil saiu sem mais comentários.

Troquei a água que esfriara por outra morna e continuei a banhar o corpo de Elle. O ventre continuava achatado. Talvez os seios estivessem um pouco mais cheios. Encantei-me, como sempre acontecia, com os pés pequenos. Por um segundo, apareceu diante de meus olhos a imagem fugaz de Elle segurando um bebê.

Sequei as mãos, peguei meu celular e ouvi mais uma vez a última mensagem de Elle.

– Olá, sou eu.

8

Dia 3

Quase sempre, poucas horas após a constatação de morte cerebral de um paciente, desligávamos os aparelhos que sustentavam a vida. O tempo mais longo que eu já mantivera alguém “vivo” fora no Natal passado. Uma adolescente, que enfrentava a primeira tempestade como motorista, saiu da estrada e bateu em uma árvore. O pai, reservista do exército designado para o Iraque, voltou para casa em caráter emergencial. Mantivemos a jovem em sobrevida artificial até o pai chegar para se despedir. O tempo decorrido entre a derrapagem dos pneus até a chamada hora do óbito fora de quatro dias, sete horas e trinta minutos.

Ele precisaria de cinco a seis meses para salvar o bebê.

Jake ocupou a sala de reunião da UTI para ouvir os médicos de Elle, e Phil foi o primeiro a falar. Ele não confiava em uma sobrevida tão longa. O corpo de Elle começaria a definhando a qualquer momento. Encostado à janela, eu observava as nuvens cinzentas que se formavam no horizonte, enquanto escutava o discurso de Phil.

Conhecia Phil desde o tempo da residência em neurocirurgia. Ele era um ano mais velho que eu, brilhante, compassivo, mas intransigente. Acreditava em salvar as pessoas – sempre que possível. Também acreditava na dignidade da vida e, sobretudo, na autodeterminação. Na dele. Na de seus pacientes. Na de Elle.

Mais que isso. Phil conhecia Elle pessoalmente. Médicos não trocavam informações particulares sobre pacientes, mas Phil e eu éramos amigos. Algumas vezes falávamos do trabalho em casa, na presença de Elle e Melanie, que também opinavam. Quando se é um

neurocirurgião, as questões sobre qualidade de vida vêm à tona e o destroem. Acontecia isso comigo e com Phil. Enquanto explicava a Jake as condições de Elle, Phil deixava claro seu pessimismo. Na opinião dele, o bebê não sobreviveria no útero de Elle.

Talvez fosse irracional apegar-se à ideia de que uma parte de Elle pudesse viver, mas, na noite anterior ao acidente, ela insistira que era preciso não deixar escaparem as oportunidades. Era evidente que se referia a uma nova gravidez. Eu fora contrário, porque uma nova gestação representava um risco *extremamente* alto. Jamais cogitaria arriscar a vida de Elle, mas isso fora antes da morte cerebral. E, por mais improvável que pudesse ser, o bebê estava vivo.

Eu ainda podia ouvir – literalmente – o eco das palavras que Elle, em desespero, dissera na noite em que nosso Dylan morreu. Ela implorara para que o salvassem, mesmo que fosse à custa da própria vida.

E Elle, de fato, quase morrera naquela noite. A partir daquele momento, eu descartei novas tentativas. E, também por isso, Elle passou a usar um diafragma. Mas que *droga*, éramos tão cuidadosos! Ela não teria desmaiado nem caído se eu não a houvesse engravidado mais uma vez. *Se*, em vez de confiar naquele diafragma traiçoeiro, eu tivesse feito uma vasectomia após a morte de Dylan...

Naquela época, ela queria um filho, e provavelmente o desejaria agora também. Havia uma única coisa que eu poderia fazer por Elle: dar o filho que todos queriam que eu abandonasse. Minha atitude estava correta. Pouco me importava o fato de a família pensar que conhecia Elle melhor do que eu; ou que eu era um idiota lamurioso que não podia encarar a realidade; ou ainda que eu não podia deixá-la morrer em paz. Não queria que Elle nos deixasse, mas tinha consciência de que era muito tarde para salvá-la.

Apaguei a luz da sala de reunião. Fui para o único banheiro privativo do andar e fechei a porta, procurando refúgio no silêncio. Sentei-me no escuro e me entreguei ao sofrimento. Se eu sucumbisse, eles me despediriam. Se perdesse minha credibilidade, ficariam do lado de minha mãe. Se me transformasse em um viúvo

queixoso, ninguém se convenceria de que eu era capaz de ter um raciocínio lógico. E se eu estivesse errado? Comecei a bater a cabeça nos azulejos, uma vez para cada pensamento que me ocorria. Não sabia por quanto tempo seria possível manter aquela farsa. Preferia morrer ou matar alguém.

Com o dorso da mão, limpei a secreção que escorria de meu nariz. Chutei a parede sob a pia, e bati a cabeça de novo. E de novo. Mais uma vez. Outra.

Meu pé atravessou a parede. Porcaria. Soltei o pé, levantei-me e acendi a luz.

Tentei recolocar a placa de reboco, mas ela se despedaçou. Saí do banheiro e fui falar com Jillian Waters, chefe da enfermagem, que me olhou com espanto.

– Eu... fiz um buraco na parede.

Ela espiou pela porta aberta e virou-se para mim.

– Um belo rombo. O doutor está bem?

Esforcei-me para encontrar minha própria voz, que saiu em um fio:

– Sim.

– Escute, vá dar uma volta. Avisarei a manutenção. Não que foi o doutor... Quer que eu chame alguém?

– Não, obrigado.

Passei por dois longos corredores, subi a escada, contornei a curva da ortopedia, subi novo lance de escada, fui parar na telemetria e repeti trajeto semelhante até a pediatria. Pretendia continuar caminhando, quando avistei o garoto de doze anos que eu havia operado na noite anterior ao acidente de Elle. O menino, sentado em uma cadeira de rodas, era empurrado pelos pais em minha direção.

Parei e me obriguei a dar um sorriso profissional.

– Olá. Você provavelmente não se lembra de mim. Sou o doutor Beaulieu e fiz sua cirurgia.

O garoto ergueu a mão em um aceno leve.

A senhora Nguyen agachou-se, e seus olhos ficaram no mesmo nível que os do filho.

– O doutor Beaulieu disse que você é um garoto forte.

O menino fez um gesto de cabeça em concordância e murmurou algo. Não entendi. O pai estendeu a mão para me cumprimentar.

– O doutor Grey está muito contente com o progresso de Mark. O fonoaudiólogo afirmou que ele pode iniciar a terapia na segunda-feira.

– Muito bom – concordei.

– Lamentamos muito o acidente com sua esposa. Nós o vimos na UTI, no quarto vizinho ao de Mark, mas o senhor parecia ocupado – disse o sr. Nguyen.

– Nem tenho visitado os pacientes por causa do ocorrido, mas fico feliz que tenha melhorado, Mark. – E era verdade, embora minha necessidade na hora fosse me afastar deles.

Mark acenou de novo. Desta vez, retribuí o cumprimento.

– Rapaz, você está de parabéns. Irei vê-lo mais tarde – falei, mesmo sem ter planos imediatos de retomar minha vida normal nem de fazer visitas.

– Doutor, Mark disse que está com visão dupla – disse o pai.

Essa agora... Só estava passando pela pediatria; queria dar o fora dali logo.

– Em cinco minutos voltarei com o oftalmoscópio. Irei ao seu quarto.

Os cartões decorados à mão que se destacavam na parede do quarto de Mark tinham sido desenhados por uma irmã mais nova e eram repletos de faces sorridentes, raios de sol e margaridas roxas. Ou seriam as equináceas que Elle adorava?

A mãe de Mark ligou na tomada da parede a bomba intravenosa dele, enquanto eu o examinava. Engraçado como as mães sempre se apressam em aprender a fazer o melhor para o cuidado de seus filhos.

Nesse momento, compreendi que o nosso bebê – meu e de Elle – jamais teria uma mãe para fazer essas coisas por ele. Eu teria de ser pai e mãe.

O exame neurológico de Mark foi bom. Foi difícil avaliar a cognição, porque ele tinha dificuldade em falar. Segundo meu parecer, era portador de afasia, uma deficiência neurológica que afeta a linguagem, tanto de recepção como de expressão. Pedi para apontar

a mãe e ele falhou. A mãe ficou com os olhos marejados, mas Mark provavelmente não sabia o significado das palavras *apontar* e *mãe*, embora soubesse quem ela era. Abaixei-me e encarei o garoto.

– Sabemos que você tem enfrentado problemas para nos entender, mas acredito que está melhor. – Sorri com a esperança de que um tom amável e um sorriso o tranquilizariam. Troquei um olhar com o pai. – Como é que o senhor sabe que Mark está com visão dupla?

– Hoje cedo ele disse dois, dois, *hai bà me hai cha*, e tentou alcançar minha mão, mas não a tocou.

– O senhor fala em vietnamita com ele em casa?

A senhora Nguyen inclinou-se para mim.

– Mas também falamos em inglês.

– Quando nos encontramos no corredor, ele falou algo em vietnamita?

– Ele disse *olá*.

– Sim. E agora ele está respondendo misturando os dois idiomas. Pergunte em vietnamita se consegue apontar o pai – pedi.

Ela o fez, e Mark apontou corretamente. A resposta do filho a comoveu.

– Muito bem, ele entende – afirmei. – Ainda há um edema cerebral, mas eu diria que o inchaço deve diminuir com o tempo e com a terapia. Falarei com o doutor Grey sobre o assunto.

Retornei à UTI e encontrei Phil examinando Elle.

– Aconteceu alguma coisa? – indaguei.

– Não. – Ele tirou as luvas. – A enfermeira queria que eu examinasse a incisão. Troquei um dos pontos por uma sutura adesiva. Nada de especial.

Observei a incisão occipital e concordei. Tratava-se de um eritema inofensivo. Procurei me focar no trabalho.

– Mark Nguyen vem tendo visão dupla, além da afasia. O exame dele está de acordo com sua constatação de melhora.

– Pedirei uma ressonância magnética.

– Já pedi uma com urgência. Quando saí já o estavam levando.

– Ótimo. Verei os resultados. Quanto a Elle, você não gostou do que eu disse na sala de reunião para o seu advogado, não é?

– Na verdade, não muito. – Esfreguei os olhos. – Clinicamente, entendo por que você falou aquilo. As probabilidades estão contra mim, contra Elle e contra salvar um bebê nessas condições. E daí? Tenho de tentar. – Sacudi a cabeça. – Vá dar uma olhada em Mark.

Phil saiu arrastando as pernas, não sem antes me lançar um olhar de esquelha.

Droga.

– Olá, Pip. Lembra do menino que operei um dia antes do acidente... em vez de passar aquelas horas a seu lado? Ele está se recuperando bem. Mas quero que saiba que eu não teria te deixado nem por um instante se soubesse que seria nosso último momento juntos.

Minha fantasia foi flagelada pelo silvo do ventilador e pelos bipes do hospital.

– Ah, Elle, como sinto sua falta.

Voltei à sala de reunião. Clint Everest, médico responsável pela UTI, ainda respondia às questões de Jake. Clint era um homem magro que não escondia a calvície espalhando os fios restantes pelo couro cabeludo; ele raspava a cabeça. Embora fôssemos quase da mesma idade, Clint dava a impressão de que já fizera e vira tudo nesta vida. Formado em medicina, especializado em imunologia e em cuidados de terapia intensiva, sempre se ocupava de casos com doenças autoimunes, lúpus, síndrome de Guillain-Barré e doença de Addison. Ele explicava a Jake o beabá dos problemas autoimunes de Elle, o que seria de menor importância, exceto se estivesse grávida, como era o caso.

Eu já conhecia os pormenores e não tinha paciência suficiente para escutar a nova versão.

– Se precisar falar comigo, estarei com Elle – avisei Jake.

– Já é tarde – respondeu ele. – Virei amanhã cedo para falar com você.

Voltei para o quarto de Elle e sentei-me ao lado da cama. Percebi que os dedos começavam a se retorcer em contração. Em outras ocasiões, pediria aos fisioterapeutas que se encarregassem das sequelas neurológicas. Mas não agora. Eu não poderia desviar o olhar. O cérebro de Elle suportara traumas excessivos e irreversíveis,

mas eu ainda podia tentar manter seu físico saudável. Abri a gaveta do criado-mudo, peguei a loção fornecida pelo hospital e comecei a massagear os seus músculos.

Em um dos cochilos mais profundos que tivera, escutei uma voz.

– Doutor Beaulieu? – Deb era uma das enfermeiras de plantão naquela noite, além de uma das mais sagazes que eu conhecia.

Sacudi a cabeça para acordar. Ele ainda estava a meu lado.

– Pois não. Você sabe que meu nome é Matt.

– Claro. Uma mulher está ao telefone. Acho que se chama Keisha. Diz que está na Nova Zelândia e contou que não conseguiu falar com você pelo celular, mas que o senhor vai querer falar com ela.

Já me encaminhava para o posto de enfermagem quando Deb terminou a história, afirmando rezear que a mulher fosse uma repórter.

– Tudo bem – respondi.

Ergui o fone e apertei a linha indicada pela secretária da unidade.

– Keisha?

Houve uma hesitação antes de Keisha falar com seu leve sotaque das Bahamas.

– Matthew, diga que as últimas notícias não são verdadeiras.

Afundi na cadeira e fitei o quarto pouco iluminado de Elle.

– Elle caiu – respondi. – Não sei o que dizer. Não sei o que você sabe.

Um gemido do outro lado do mundo pode soar como um cataclismo tão grande quanto o choque entre dois planetas.

– Diga que Elle não está morta.

Respirei fundo e contei à melhor amiga de Elle sobre o bebê.

9

Dia 4

Encontrei Hank ao lado da cama de Elle, acariciando o braço da filha. Ele se parecia com a mãe. As duas tinham cabelos claros e traços delicados. O pai era um tipo robusto e moreno. Ou melhor, até os cabelos rarearem e se tornarem grisalhos, algo que só serviu para deixar sua aparência ainda mais distinta. Hank sempre se comportara com segurança, disposição, exigência e confiança. Pelo menos, era o que vinha aparentando nos últimos vinte anos. Ao contrário do que era antes de parar de beber, quando se mostrava enfurecido e violento.

Os olhos de Hank se moviam para cima e para baixo, ao longo do corpo de Elle, e as roupas estavam amarfanhadas. Ele não me encarou, o olhar dirigia-se a sua filha; tampouco mostrou firmeza na voz ao me contar que tivera uma recaída e, de tanto beber, fora parar em um hospital de Brunswick, de onde saíra sóbrio e arrependido. Virou-se para mim com o olhar abatido.

– Não sei o que dizer, exceto que sinto muito. Sei que Elle ficaria desapontada comigo.

– Elle diria que o ama. Por favor, não repita o mesmo erro. – Fiz o possível para não demonstrar irritação.

– Fracassei de novo.

Sim, de novo. Mais uma vez. Por vários anos, Hank fora dependente do álcool... quando a mãe de Elle estivera doente e também depois disso. Enquanto perdiam Alice, Elle, aos quinze anos, tentava enfrentar o próprio sofrimento, tomar conta de Christopher e lidar com o pai alcoólatra. Era possível perdoar aqueles tempos, mas

não podíamos esquecer. Hank tornara as coisas piores para todos os envolvidos.

Ele largara o vício e, de muitas maneiras, transformara-se em alguém que eu admirava. Hank lutava contra os próprios demônios ajudando pessoas que recorriam ao AA. Depois se tornara meu sogro e, de coração, um pai para mim.

Hank umedeceu os lábios.

– O que os jornais dizem é verdade? Elle está grávida?

Anuí.

– E agora você está lutando pela vida dela nos tribunais? – Ele estreitou os olhos e esperou por minha resposta como se rezasse.

– Hank – avaliei bem o que iria dizer –, estou lutando pela vida do *bebê*.

Por um segundo, pude imaginar Dylan, que então estaria com seis meses, balbuciando e sugando o polegar. Lutara por ele e falhara. Mas, por causa de Elle, desta vez seria diferente.

– Eu o ajudarei – declarou Hank. – Você tem um bom advogado?

– Sim, Jake Sutter. Ele é excelente. Frequentamos juntos a faculdade.

Hank fez uma careta.

– É aquele que esteve em seu casamento? Um homem de pouca altura e voz grave? Aquele que não parava de falar em política?

– Deve ser. Ele defendeu uma causa do Pro-Life diante da Suprema Corte com poucos anos de formado.

– E venceu?

– Não, mas foi por uma votação de cinco a quatro, o que significa que convenceu alguns dos jurados.

– Os honorários dele são altos? Tem como pagá-lo?

– Sim para as duas coisas. Não importa muito; tenho de fazer isso de qualquer jeito. – Expliquei brevemente que poderia negociar o valor, e que dinheiro não importava naquele momento.

– Tenho reservas, Matt.

– Não pretendi sugerir...

– Posso pagar o advogado. Quem sabe? Quando o bebê nascer, é possível que Elle acorde. – Hank apontou para a filha. – Assim poderemos nos entender. Estou lutando pela vida do *meu bebê*.

– Aprecio de verdade sua ajuda, Hank, pode acreditar. E gostaria muito de tê-lo a meu lado, mas... – Lutei para escolher as palavras. Precisava ser sincero, mas também não queria que ele fosse direto para o bar mais próximo. – Faria tudo para Elle acordar, mas não é o que vai acontecer. – Abaixei a cabeça, visualizando o tamanho do trauma cerebral que Phil descrevera. Não aconteceria com nenhum paciente. Nem com minha esposa.

Elle jamais acordaria, não importava o quanto eu desejasse ou o quanto Hank negasse a realidade. Mas também não era o momento de dissuadir meu sogro de sua ilusão. A casa estava no nome de Elle, herança direta do avô. Eu pretendia perguntar a Jake se seria possível vender o imóvel, caso tivesse apenas guarda temporária. Na verdade, eu era um neurocirurgião bem-sucedido, mas ainda não terminara de pagar o crédito educativo. Nesse caso, sob um ponto de vista objetivo, a ajuda de Hank significava poder de luta. Mais que isso, eu precisava de alguém a meu lado.

– É possível que eu precise de sua ajuda, dependendo de quanto tempo o processo durar. As despesas médicas, os honorários de Jake... Odeio ter de pedir isso. Jamais faria algo assim, se pudesse bancar tudo com meus próprios meios. É bem provável que eu obtenha um empréstimo e abatimentos na conta hospitalar.

– Elle é minha filha – argumentou Hank –, e posso me permitir tomar conta dela. Para mim, o dinheiro tem um único significado: prover minha família.

– Era o que eu deveria ter feito: tomado conta de Elle – disse. Elle e eu sempre havíamos tomado conta um do outro.

– Ainda bem que tenho posses. Então, pare de choramingar. Somos uma família. As contas serão pagas.

Soou o alarme de um dos monitores de Elle. O oxímetro de pulsação caiu para oitenta e depois para setenta e cinco, e a tez dela ficou acinzentada. Aumentei a quantidade de oxigênio do ventilador pulmonar, peguei o estetoscópio e auscultei seus pulmões.

Uma das enfermeiras entrou correndo.

– Ela precisa de aspiração – afirmei, raciocinando depressa. A cacofonia constante e os cuidados intensivos que sucediam as crises eram familiares para mim. Também era comum os tubos

endotraqueais entupirem e necessitarem de limpeza. Mas Elle não era minha paciente. Era minha esposa. Observei o rosto da enfermeira à procura de pistas. Teria de intervir e recolocar o tubo? Talvez fosse melhor chamar o médico responsável pela UTI.

O ponteiro dos segundos fez uma rotação lenta e completa no relógio antes do nível de oxigênio subir até um patamar aceitável, e enfim me permiti voltar a respirar.

A enfermeira levantou o olhar e sorriu.

– Ela está bem.

– Certo – confirmei e notei que Hank havia recuado, se agarrado à beira do balcão, pálido e parecendo mais velho que há pouco. – Esse tipo de ocorrência é comum. – Tive esperança de que ele não notasse minha preocupação.

– Matt, você não imagina como desejo um drinque. – Hank não me deu tempo para protestar. – Em vez disso, vou telefonar para o meu padrinho no AA. De novo. Mas, talvez, ainda assim, precise de um gole.

Cravei nele um olhar severo.

– Não faça isso. É crucial que se mantenha sóbrio. Preciso de sua ajuda para suportar essa tragédia. E não se trata apenas de dinheiro.

Hank esfregou os olhos para disfarçar as lágrimas.

– Elle vai morrer, não é?

– Talvez o bebê sobreviva. – Toquei o ombro dele, e Hank chorou da mesma maneira que fizera nos braços de Elle quando Alice morreu.

Não chorei com ele. Não podia fraquejar diante de meus colegas. Por dentro, mais uma camada de negação da realidade se esvaiu ao pensar nas palavras de Hank: *Elle vai morrer, não é?*

Não, Hank, pensei. Elle já se foi. Nós já a perdemos.

Phil chegou para as visitas matinais e entregou-me uma pequena sacola térmica mandada por Melanie. Fatias de maçã, além de um sanduíche com pasta de amendoim e geleia, sem a casca do pão.

– Pelo lanche, dá para perceber que temos crianças de pré-escola em casa, não dá? Veja isto. – Phil entregou-me o jornal que trouxera sob o braço.

A chamada do *Portland Press Herald* dizia:

ASTRONAUTA GRÁVIDA COM MORTE CEREBRAL
Família trava batalha judicial

Phil encostou-se na parede enquanto eu corria os olhos pelo artigo. Meu cérebro cansado recebeu as palavras da jornalista com leve surpresa. Ela relatava os acontecimentos do tribunal com razoável veracidade, e não pude deixar de ficar agradecido pela narrativa simples. Mesmo assim, a transcrição da vida de Elle em preto e branco nas páginas de um jornal abria um debate concreto, pesado, sólido e sujeito a discussão popular.

– Mas que droga – eu disse.

– Também está no *Boston Globe*. E provavelmente nos jornais de maior circulação. As redes nacionais enveredaram por uma versão mais sensacionalista.

– Qual?

– Que tudo está sendo feito contra a vontade de Elle, explorando as alegações de Christopher. Os militantes do Pro-Life vêm espalhando veneno com a mesma intensidade. É só ver o noticiário.

Esfreguei o ponto de tensão na nuca e olhei de esguelha para a TV apagada do corredor.

– Já era esperado.

Phil inspirou fundo.

– Você deveria ir para casa dormir, pelo menos hoje. A culpa é minha. Se eu não houvesse insistido em fazer a cirurgia...

– O que é isso? Pare e raciocine, Phil. Se não houvesse feito a cirurgia, o bebê também estaria morto. E esse bebê é a única razão de eu estar fazendo tudo isso.

Phil desviou o olhar.

– Sinto muito por tudo o que está acontecendo. De início você não queria que eu operasse. Eu me sinto responsável por você estar nessa situação. E a mídia... – Phil folheou o jornal.

– Mas que droga, Phil. Pare de falar besteiras. O envolvimento da imprensa é uma ocorrência infeliz. Jake me avisou que o caso poderia tomar maiores proporções.

A exposição provocava um estrago colateral. Cada vez mais eu imaginava uma analogia do caso com uma guerra. Estava em combate com um único objetivo: salvar o que fora deixado por Elle, nosso bebê. Nesse ponto, compreendi que era um homem desesperado e, como tal, perigoso, além de imprudente. Não me importava se minha reputação ou minha existência desmoronassem. Não me importava se isso me matasse ou destruísse o relacionamento com minha mãe e meu cunhado. Se a criança não sobrevivesse, não haveria nada para resgatar. Estava atado a ela como a uma tábua de salvação.

Phil oscilou o peso do corpo entre um pé e outro, inquieto.

– Está bem, não tentarei fazê-lo mudar de opinião, mas você me parece exausto. A situação de Elle é estável. A oxigenação sanguínea é boa. Por que não vai para casa descansar um pouco? Você não dormiu desde o acidente. Talvez o descanso possa ajudá-lo.

A ideia de dormir era convidativa, embora eu me ressentisse com a insinuação de que não estaria raciocinando com clareza. Mesmo concordando com Phil, tinha pavor de deixar Elle exposta à sanha dos que queriam desligar os aparelhos que a mantinham viva. Com certeza Phil me achava um ser irracional. Para ser bem honesto comigo mesmo, em geral eu acreditava tanto na importância da qualidade de vida quanto na longevidade. E não era o que vinha demonstrando.

Acreditar que Elle desejaria que eu salvasse nosso filho não mudava o fato de saber que ela se sentia apavorada ao se imaginar presa a uma vida vegetativa. A maneira como estava morrendo não era bela nem digna. E não tinha a menor importância eu acreditar que ela se jogaria da base de lançamento do ônibus espacial se isso

significasse salvar o filho. Eu havia arrumado a cama em que ela se deitara. Agora, meu dever era ficar a seu lado.

– Dormirei quando der – respondi.

– Não vai resolver. Você está com uma aparência péssima. Escute, Matt, é necessário fazer uma traqueostomia e uma gastrostomia endoscópica percutânea. Clint fará isso. Quer que ele explique os riscos e benefícios ou vai assinar assim mesmo? – Phil deixou na minha frente o formulário para o consentimento da traqueostomia e da gastrostomia, colocação de um tubo cirúrgico para alimentação. Rabisquei minha assinatura no documento.

– Tome um banho e faça a barba. Quando voltar, o procedimento terá acabado. Será melhor você não estar presente.

– Está bem.

– Ah, aumentei a dose de dexametasona de Mark Nguyen. O edema cerebral estava piorando. Obrigado por ter mandado fazer a ressonância.

–Tudo bem. – Fiquei em pé e, por um instante, o recinto girou.

– Você precisa dormir. Use a sala de plantão. Quer um relatório do que acontecerá nesse intervalo?

– Não. – Precisava apenas manter a cabeça fria.

Voltei uma hora mais tarde, e o quarto pareceu ainda mais silencioso. O tubo endotraqueal fora retirado da boca de Elle. Já haviam feito a incisão no pescoço para a traqueostomia. O pescoço tão lindo, que eu beijava com tanta ternura, agora hospedava um tubo.

Tirei da carteira uma foto de Elle. Como de costume, os olhos brilhavam enquanto sorriam para mim. Era cativante aquele ar misterioso de quem sabia algo que eu ignorava.

O que não acontecia agora. Elle não reagia, e seus olhos eram... vazios. Limpei seus lábios rachados e passei vaselina neles.

– Está tudo bem, Pip. – Essas palavras falsas foram ditas para mim mesmo, e não para Elle.

10

Dia 4

Saí do hospital por uma das portas de serviço, com intenção de evitar o assédio da imprensa e dos militantes do Pro-Life. Caminhei depressa, sem notar o parque adjacente. O hospital situava-se em uma ladeira, de onde era possível ver o lado oeste de Portland. Em dias claros, as White Mountains ficavam bem visíveis. Naquele dia, porém, a atmosfera pesada era prenúncio de uma tarde chuvosa. Ainda assim, o ar da rua me fez bem. Após alguns minutos diminuí a velocidade, respirei fundo e olhei ao redor.

Embora estivéssemos em meados de agosto, alguns bordos já apresentavam cores outonais. Abaixei-me e peguei uma folha caída prematuramente. Com estrias amarelas e vermelhas, era linda e triste, como Elle. Meu Deus, eu a via em toda parte. Minha exaustão me impedia de focar outra coisa.

Marcara um encontro com Jake para tratarmos do caso. Ele e a esposa moravam nas proximidades. Quando cheguei ao final do Promenade, vi o casal de braços dados, apreciando a paisagem. Ambos vestiam trajes de linho em cores neutras. Yvette quase desaparecia perto dele. Em Columbia, achara que Jake se encantara com aquele tipo miúdo pois o fazia parecer mais alto – um homem baixo e sua namorada ainda menor. Yvette era bonita, mas era tão calada que às vezes me constrangia.

Em certa ocasião, Elle se referira a Yvette como diminuta. Na época, eu estranhara e arqueara uma das sobrancelhas. Qualquer pessoa teria dito pequena ou *mignon*. Mas Elle sempre encontrava um adjetivo incomum.

– Pense bem – dissera ela. – Yvette é uma boneca perfeita. Até sua voz é fina.

– Você nunca me pareceu o tipo de mulher que fala mal das outras.

– E não sou. – Ele alongou as costas ao terminarmos a corrida matinal. – Eles são um exemplo perfeito de como os opostos se atraem. Ela é tímida. Ele não. Ela é doce, ele... ah, não importa. Não vou mesmo ganhar essa. Devo estar parecendo uma fofoqueira.

Eu a abracei e levantei o seu rosto pelo queixo.

– Por acaso temos naturezas distintas?

Ele inclinou a cabeça para o lado, avaliou minha pergunta e me abraçou.

– Não, apesar de a atração entre nós ser forte. Somos espíritos semelhantes, e precisamos um do outro para sermos inteiros.

Observei Yvette aninhada nos braços de Jake e experimentei um golpe violento de inveja. Quer se amassem como Ele e eu havíamos nos amado, ou de maneira diversa, ainda tinham um ao outro. E eu amargava uma solidão tão opressiva que me perguntei se teria forças para voltar ao hospital e para Elle.

Hesitei, sem saber se os interromperia, mas Jake me viu e acenou. Yvette passou o braço no do marido, e ambos se aproximaram. Ele estendeu a mão para me cumprimentar, e ela mal levantou o olhar.

– Convide Matt para jantar – disse Yvette ao marido.

Neguei com um gesto de cabeça. Não tinha a menor disposição para eventos sociais.

– Obrigado, mas tenho outro compromisso.

Yvette sorriu com uma expressão de piedade e tocou meu cotovelo. Foi o gesto mais carinhoso que recebi desde quando nos conhecemos.

– Eu os deixarei à vontade. – O casal se beijou, e ela se afastou.

Jake aguardou alguns minutos antes de compartilhar as últimas reflexões. Depois de falar com Phil, decidira que o médico não seria uma boa testemunha para o nosso lado.

– Elle não teria uma amiga que soubesse de sua imensa vontade de ter filhos?

Lembrei-me de Keisha, que estava em férias sabáticas na Nova Zelândia, mas voltaria em poucos dias.

– Preciso falar com ela antes de sexta-feira. Tenho um encontro com o padre amanhã à tarde, depois de um batizado. A igreja não foi muito útil no caso Schiavo, mas a mulher não estava grávida.

– Você já deve ter percebido que não somos católicos devotos. – Mesmo Elle frequentava pouco a igreja.

– Matt, você precisa começar a aparecer nos cultos dominicais, nem que seja para manter as aparências. Quando foi pela última vez?

Fazia seis meses que eu não entrava em uma igreja.

– No enterro de Dylan – expliquei. – Mandamos rezar uma missa para a família por sua pequena alma.

– Tempo demais – declarou Jake. – Você já pediu ao padre que desse a ela a extrema-unção?

Jake procurava qualquer possibilidade. Até mesmo os ritos finais eram ardis para ele.

– Não; e ela se chama *Elle*. Nem cogitei isso. Além do mais, atualmente não fala mais extrema-unção, e sim unção dos enfermos.

– Ótimo. – Jake demonstrou um pouco mais de respeito. – Temos de mostrar que você e Elle eram católicos praticantes. Por isso a presença do padre é importante. Sei que não eram religiosos, mas se casaram diante de um sacerdote católico.

– Elle queria um casamento na igreja. – Ela gostaria de ser ungida. Pelo bem dela, e não de Jake, eu chamaria o pároco. – Ocasionalmente, ela ia à missa, mas sem mim.

– Elle voltou à igreja depois do funeral? – Jake apontou um assento no parque.

Larguei-me no banco corroído pelo tempo e procurei observar a vista. Impossível. A névoa cobria a represa.

– Na Sexta-feira Santa. Ela cumpria o ritual da Via-Crucis desde pequena, com a mãe. – Alice fazia questão de prestigiar essa cerimônia. Mesmo depois de tantos anos após a morte dela, Elle ainda comparecia à procissão e levava flores ao seu túmulo.

– Meu sócio comentou que os padres são muito rigorosos. Não aceitam que uma pessoa se passe por membro da congregação quando não é. Será imprescindível que eu leve o religioso à bancada. – Jake sentou-se a meu lado, tirou o elástico que envolvia um pacote de fichas e os folheou.

Ele falava de catolicismo sem ter muito conhecimento. Jamais ouvira a palavra *congregação* ser mencionada por um católico. O certo era paróquia. Tínhamos missa, e não culto. Admiti, com relutância, que os termos do catolicismo estavam entranhados em minha identidade. Eram ligados às manhãs de domingo, à eucaristia e à cabeça curvada durante o Credo Niceno: *pelo poder do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria*, independentemente de minha vontade.

– Quando for sua vez de testemunhar – continuou Jake –, por conveniência, eu farei as perguntas que faria a Phil a respeito do estado neurológico de Elle. Você é tão capacitado quanto ele e dirá a todos que uma pessoa nessas condições não sente dor nem tem consciência.

Concordei. Elle não sofria, não sentia medo. Era o que eu tentava assegurar a mim mesmo.

– Se fizerem alguma objeção a seu testemunho por ser marido de Elle, convocarei outro neurologista ou neurocirurgião para dar cobertura. Em seguida, você fará um resumo do relacionamento com Elle, dos repetidos esforços para ter um filho e de como ela desejava ser mãe, apesar dos sucessivos abortos. Eles podem perguntar alguma coisa sobre o que Elle desejaria que se fizesse nessas circunstâncias. – Jake consultou mais algumas fichas. – Como o juiz indeferiu bruscamente o fato de outros estados revogarem a validade das diretivas antecipadas durante a gravidez, não usaremos essa carta por enquanto.

Embora acreditasse que Elle concordaria em ser mantida viva artificialmente por causa da gravidez, não tinha certeza de como me sentia acerca da revogação em outros estados. Teria de pensar sobre isso, e não pude deixar de imaginar como muitas mulheres teriam se sentido.

– Jake, você poderia pedir ao juiz para tirar a imprensa da sessão de julgamento? Não gostaria de ver as particularidades de minha vida com Elle estampadas nas primeiras páginas dos jornais.

Jake inclinou-se em minha direção.

– Matt, sei que você não é um homem público, mas a presença da imprensa é importante para o caso. Quanto mais pessoas ficarem sabendo o que está acontecendo, mais difícil será ignorar a situação do bebê. Políticos poderão se mobilizar para elaborar uma lei que relacione diretivas antecipadas a mulheres grávidas. É claro que o juiz não decidirá a causa de acordo com a opinião pública, mas ele não vai abrir mão de dar uma sentença sensata, nem vai desejar ser confrontado por uma apelação. Isso pode ser favorável ou desfavorável para nós, porque pretendo que ele adote uma postura de ativismo judicial se pedirmos a tutela do feto. Sei, de fonte segura, que o juiz Wheeler vem fazendo *lobby* para a própria nomeação na corte de apelações. As melhores notícias são de que ele tem procurado pessoas que se inclinam para a direita, o que, infelizmente, quer dizer que são políticos conservadores. Nossa esperança é que o Pro-Life espalhe isso.

Jake pegou um cartão que trazia um calendário impresso.

– Daqui a três semanas, Elle estará no segundo trimestre. Sei que abortos são mais frequentes nos primeiros três meses.

– Não com o distúrbio autoimune. Com APS, os abortos tendem a ser mais tardios. – Engoli em seco. Um fora com doze semanas, um com catorze e outro aconteceu na décima nona semana. Depois disso, Dylan nasceu morto. – Você já ouviu a obstetra de Elle?

– Não. A doutora Clarke irá ao meu escritório na segunda-feira pela manhã.

– Estou mais preocupado com o estado geral de Elle em função dos aparelhos. Quanto mais tempo ela ficar conectada a eles, maior a probabilidade de haver complicações – argumentei.

Duas mulheres se aproximavam pelo passeio, segurando balões com inscrições de *Melhoras*. Jake levantou-se e as cumprimentou.

– Matt, quero que as conheça. Esta é Sherry O'Reilly, e esta, Patricia Kent, do grupo Elas São Crianças desde a Concepção. Já ouvir falar dessa entidade?

Inspirei fundo ao me levantar.

– Eu já disse, Jake. Isso não tem nada a ver com o nosso caso.

– Doutor Beaulieu, queremos apenas alguns minutos de sua atenção. – A mulher que falou tinha as bochechas redondas, como uma professora aposentada de creche. – Se o doutor me escutar, verá que podemos ajudar sua esposa e o nascituro.

Eu me afastei delas, em uma tentativa de dominar meu descontrole. Antes de completar o décimo passo, porém, virei.

– Durante trinta ou quarenta anos o movimento antiaborto tem dado mostras de sua total incapacidade em modificar as leis. Que droga! Como a senhora pensa em me ajudar?

– É sempre mais fácil avaliar uma situação isolada e se identificar com ela – respondeu a mulher de bochechas redondas. – As pessoas falam em direitos da mulher, mas me parece que, nesse caso, uma mulher perdeu seus direitos. Se sua esposa não houvesse caído, não teria tido um aborto, não é?

– Ela não teve aborto nenhum, e não é desse assunto que estamos tratando – retruquei.

– Claro que é. Tem havido vários comentários nas reuniões do Pro-Life sobre sua situação. Estamos apenas interessados em organizar um plano que inclua desde legisladores até grupos de oração.

– Podemos mobilizar os juristas mais conceituados para encontrar uma brecha – a outra mulher interveio.

Lancei um olhar enfurecido para Jake.

– O problema é que todos vocês estão fugindo da questão. Não se trata do que Elle desejaria que fosse feito se estivesse saudável. O caso é o que ela desejaria que fosse feito se houvesse morte cerebral. – *Não se; é a realidade*, pensei. – Isso mesmo. Acredito que ela desejaria salvar o bebê. Portanto, podem rezar. Mas fiquem a quilômetros de distância do tribunal. Vocês só iriam deixar o juiz irritado, como aconteceu com a mulher que se manifestou na sessão. – Em seguida minha atenção – ou seria ódio? – se voltou para Jake. – Você viu o rosto de Wheeler. E, como você mesmo comentou, é ele quem vai decidir. E mais: não quero que esse caso se torne um circo. É um julgamento que envolve minha mulher e meu filho.

Duas quadras adiante, com Jake atrás de mim, detive-me e o encarei, encolerizado.

– Se me preparar mais uma dessas armadilhas, não vou precisar mais dos seus serviços. Dane-se. Talvez eu devesse dispensá-lo agora.

– Matt, não cometa um erro grave. Você quer salvar uma vida, e podemos fazer isso. Mas é provável que tenhamos de entrar em choque com a legalização do aborto.

– Este é o último aviso! – gritei, sem me incomodar que pudessem me ouvir. – Não deixarei que você use Elle para os seus interesses. Se não quiser assim, é melhor desistir.

– Matt, Matt, Matt – disse Jake como se eu fosse uma criança ingênua e sacudiu a cabeça. – Acha mesmo que pode encontrar alguém mais experiente que eu? Ou talvez você creia que pode entrar na sala do tribunal e pedir ao juiz que mantenha Elle em vida artificial só porque quer?

– Não foi o que eu disse. – Ainda que esse pensamento fugaz houvesse me ocorrido.

– Raciocine, Matt. A lei trabalha com precedentes, com estatutos, com regulamentos obscuros e jurisprudências. Precisamos dar ao juiz um motivo para manter Elle ligada nos aparelhos, apesar de ela ter deixado claro que não era essa a sua vontade. Estou agindo de acordo com os *seus* interesses. Tenho de tirar proveito de todas as oportunidades legais. Será que você é tão cego que não pode enxergar o que estou fazendo?

Estudei a figura de Jake. Apesar de toda a superioridade arrogante e autoestima em grau máximo, ele bem que podia estar certo e eu ser um ingênuo. Salvar o bebê de Elle – o nosso bebê – demandaria um verdadeiro milagre da medicina. Estava sendo realista? Provavelmente não. Mesmo assim, estava disposto a fazer a única coisa que assombrava minha esposa. Preocupava-me com nossa privacidade? Seria certo não querer que o fato se transformasse em um espetáculo? Quem de nós, Jake ou eu, estava se equilibrando na corda bamba? Não dava a mínima para o caso *Roe vs. Wade*; não me agradava a ideia de forçar mulheres a gerar filhos que não desejassem.

– Vamos lá – insistiu Jake. – Vamos até seu consultório e discutiremos como fazer para salvar seu filho. – Ele ergueu as mãos, como se pretendesse me afastar. – Tenho prioridades: este caso. E você? O que pretende fazer?

Tentei umedecer a garganta seca.

Jake bateu em meu ombro, apontou meu consultório, e recomeçamos a caminhar.

Jake segurou o porta-retratos com a imagem de Elle que estava sobre minha escrivaninha.

– Nesta foto Elle parece tão angelical...

Era uma descrição muito simplista para uma mulher que sabia me provocar com inteligência ímpar e me deixava louco na cama. A compaixão e a profundidade de sentimentos dela cintilavam com um caleidoscópio de outros atributos e poucos defeitos: era excelente copiloto, nunca jogava fora um objeto quebrado e tinha tendência a rir das próprias piadas. Além de ser perita em trapacear no jogo de cartas: ganhava sempre no vinte e um. Eu a amava e a amaria para sempre. Nosso relacionamento era problema nosso. Não precisava justificar nada para Jake, nem para o juiz, nem para aquelas bem-intencionadas do parque. Tampouco perante uma sala de tribunal lotada de jornalistas. Jake, porém, estava certo num detalhe: para ganhar a causa, eu teria de suportar as armadilhas.

– Elle podia ser ao mesmo tempo anjo e demônio – foi minha resposta, trilhando o caminho de um berbere recém-chegado. Sempre fora uma líder, e estar em outro local que não fosse ao lado da cama hospitalar de Elle me deixava nervoso e me fazia sentir encurralado.

Jake me fitou com curiosidade. Desde quando ocupávamos o mesmo alojamento em Columbia, minha impaciência o irritava. Naqueles quatro anos, eu aprendera a quase adivinhar o que ele pensava.

– Está bem. – Larguei-me em uma cadeira.

Jake pegou de novo a pilha de fichas.

– Matt, você está com uma aparência péssima.

– Você disse isso ontem.

– Bem, continua péssimo. – O comentário foi feito para enfatizar que ele se preocupava com o cliente e, a partir dali, era seu dever agir. Jake se remexeu na poltrona. – Quero tirar alguns problemas do caminho. Ele deixou um testamento?

– Sim.

– Traga-me uma cópia e também um resumo dos bens dela.

– Fizemos testamentos mais para designar um guardião na última vez em que Elle esteve grávida. Os responsáveis legais pela criança seriam meu irmão Mike e a esposa.

Jake anotou.

– E os bens?

– A família de Elle tem a posse da fazenda há mais de cem anos, por isso a propriedade está no nome dela. Com sua morte, passaria para mim e depois para nossos filhos, se nós dois morrêssemos. No caso de nossa morte e de ausência de filhos, a posse voltará para o irmão. Nós temos apólices de seguro, algumas economias, ações, CDBs, mas nenhuma fortuna. Exerço medicina privada há apenas quatro anos. Ainda não quitei o empréstimo que fiz para pagar a universidade. Phil e eu tivemos de investir na montagem do consultório, na aquisição de equipamentos e materiais. Também decidimos comprar o prédio.

Jake levantou o olhar das fichas.

– E quanto aos rendimentos de Elle?

– Alguns creem que um astronauta ganha muito dinheiro. Besteira. A Nasa paga mal. Quem trabalha lá é porque tem sonhos a respeito de quasares e da descoberta de microrganismos em Marte. Elle não tem emprego vitalício em Bowdoin. Quero dizer, *não tinha*. Não ganhamos muito dinheiro, mas, como sempre levamos uma vida simples, pudemos fazer uma pequena poupança.

– Tenho de fazer uma pergunta desagradável – disse Jake, um tanto constrangido. – Você teria algum ganho financeiro se Elle sobrevivesse mais alguns meses? Talvez um acordo pré-nupcial de que você não herdaria nada antes de um número determinado de meses de casamento?

– Claro que não! Acha mesmo que eu faria tudo isso por dinheiro?

– Eu não. Mas sempre pode haver alguém que levante essa suspeita.

– Não fizemos nenhum acordo pré-nupcial.

– Muito bem. Então preciso de uma cópia do testamento de Elle. Nessa ocasião, vocês aventaram a hipótese de alguma diretiva antecipada? – Jake esmiuçava os detalhes.

– Estava com Elle, e ambos fizemos o testamento em meu nome. Não me lembro de ter falado sobre mais nada. – Procurei recordar...

– Pensando bem, o hospital me chamou naquela hora para uma emergência. Só no dia seguinte voltei ao escritório do advogado.

– Vá falar com esse advogado e pergunte se os dois discutiram esse assunto. Antes de você começar a namorar Elle, quais eram as crenças pessoais dela? Você já me contou que ela acreditava em Deus. Qual seria a opinião dela sobre o aborto?

– Não vamos recomeçar. – Fitei Jake com um olhar furioso.

Ele sacudiu a cabeça e mantivemos silêncio por alguns minutos, escutando o tique-taque do relógio de parede.

– Não vou armar pra você de novo, mas isso não quer dizer que dispensarei o apoio dos ativistas do Pro-Life. Não quero enganá-lo, mesmo achando que poderíamos alcançar um resultado significativo.

– Você é um imbecil.

– Sou um advogado, Matt, e você tem de me escutar. Temos de convencer o juiz a respeito das decisões que Elle tomaria por conta própria. Os pontos de vista dela são muito importantes. Como Elle se sentiria a respeito do próprio filho que está em seu ventre? Esse é um fato *relevante*.

Fiquei em pé e me dirigi à janela. A neblina ficara mais espessa, e eu mal podia ver o outro lado da rua. Nublados assim estavam também meu futuro e minha habilidade em reconhecer quais eram as pessoas confiáveis. Minha única certeza era de que eu precisava da ajuda de Jake. Não tinha a menor ideia de como faria para encontrar outro advogado que tivesse uma chance de ganhar a causa.

– O que Elle pensava a respeito do aborto? – perguntou Jake novamente.

– Ela não era *favorável* ao aborto. – Revelei uma meia verdade.

- Você tem alguma declaração por escrito?
- Por escrito? E por que eu teria uma coisa dessas?

Jake soltou o ar ruidosamente.

- Elle poderia pertencer a algum grupo religioso, por exemplo.
 - Não. Elle não se envolvia com nada disso.
 - Ela contribuía para alguma organização do Pro-Life?
 - Não.
 - Fazia caridade?
 - Colaborava com a Associação de Câncer de Mama, doença que matou a mãe dela. Nós apadrinhamos quatro crianças na Guatemala na campanha Salvem as Crianças. – Toda vez que perdíamos um bebê, apadrinhávamos uma criança.
 - Está certo. Mas precisamos de algo para demonstrar seu apoio ao Pro-Life, algo que demonstre sua crença de que a vida começa na concepção, de que o feto seria real para Elle. É possível que nos tempos de faculdade ela tenha frequentado algum curso de ética e haja algum documento comprobatório.
 - Elle se formou em física e astronomia. Sua tese de doutorado foi a respeito do comportamento de ondas hidrodinâmicas em campos magnéticos.
 - O quê?
 - Acho que tem algo a ver com plasmas... nêutrons... estrelas...
- Jake sacudiu a cabeça.
- Elle deve ter frequentado os cursos em Bowdoin que são voltados para esses campos.
 - Não saberia dizer. Não éramos muito amigos na época.
- Jake coçou o queixo.
- Está bem. Vocês se separaram na época de calouros. Eu não esqueço como você ficou melancólico depois de escutar aquela canção do U2. Como era mesmo? *I'm Losing You*?
 - Não. Era *The Sweetest Thing* – respondi. E, como a letra da música dizia, eu a estava perdendo. E, desta vez, era muito pior.
 - Está bem. Escute, Matt, quero que vasculhe as coisas de Elle, se é que existe algo dos tempos de faculdade. É preciso que seja algo por escrito, *qualquer coisa* que indique que ela priorizaria o bebê.

À minha mente, vieram imagens de Elle sentada no cais do riacho que corria em nossa propriedade, o diário nas mãos e os pés balançando na água. Eu a vi encolhida à beira da janela nas noites de inverno, olhando a neve cair e escrevendo no diário. Recordei dela poucas noites atrás, pernas cruzadas, escrevendo sob a luz da lâmpada, perto das portas francesas da varanda superior.

– O que houve? – perguntou Jake.

– Não sei. – Esfreguei os olhos com as palmas das mãos.

Imaginei o que Elle teria escrito no diário ao longo de todos esses anos. Certa vez, ela me contou que começara as anotações quando fazia um curso de intercâmbio na escola secundária. Elle iniciara o diário com cartas para mim, folhas que nunca foram enviadas. Disse também que escrevia “Querido Matt”, e não “Querido diário”. Mas jamais me mostrara uma linha sequer. E eu nunca quis folheá-lo. No entanto, uma vez perguntei sobre o que ela escrevia.

– Assuntos para meditação. – Elle me respondera. – É assim que passo as horas livres. É como falar com meu melhor amigo. Você é meu melhor amigo e, pense bem, assim poupo você de minhas lamúrias.

Talvez eu não desejasse saber se as lamúrias tinham a ver comigo. Deus, como sentia falta dela. Daria qualquer coisa para ouvir sua voz, mesmo que fosse para reclamar ou me dizer que eu era um ser desprezível.

– Tudo bem com você? – Jake me trouxe de volta ao presente.

Olhei de esquelha para meu amigo.

– Claro. Vamos ver o que posso encontrar, mas não garanto nada. Na verdade, Elle era politicamente a favor do livre-arbítrio.

Jake deixou a cabeça pender para trás e tampou os olhos.

– Não quero ouvir isso.

– Eu disse *politicamente*. Ela não gostava de forçar alguém a ter as mesmas crenças dela. Também não lhe agradava ouvir falar sobre os bebês mortos em Dumpsters nem sobre mulheres sangrando até morrer por culpa de alguém de mãos sujas ou por algum tipo de controle de natalidade. Mas ela jamais teria praticado um aborto, não importa a dificuldade da situação. – Não queria confessar a Jake, mas, se aquilo viesse à tona durante o processo, e talvez

viesse, porque minha mãe sabia, não queria surpreendê-lo. –
Quando Elle tinha quinze anos e eu, dezessete, eu a engravidei.

Jake arqueou as sobrancelhas e se inclinou para a frente.

– O que aconteceu à criança?

Soltei um suspiro profundo e contei a Jake o que acontecera à filha que Elle e eu havíamos perdido há tanto tempo.

11

Vinte anos antes do acidente de Elle

Voltei para casa em fins de maio de 1988, após passar o primeiro ano do secundário em um curso de intercâmbio no País de Gales. Vim com a sensação de haver me tornado homem feito, pois lá eu tivera minha primeira relação sexual. Mais tarde entenderia que perder a virgindade não transformara meu espírito no de um adulto. Continuava sendo o mesmo rapaz de dezessete anos, o mais novo de quatro irmãos, que ainda estourava bolas de goma de mascar. Pelo fato de ter estudado fora por dez meses, dizia a mim mesmo que havia amadurecido e que não seria mais considerado o pirralho da família.

Nossa residência mudara muito pouco. Mike conseguira sua própria casa, e mamãe redecorara seu antigo quarto com um papel de parede floral de gosto duvidoso. Quanto ao restante, nem uma colher ou xícara fora movida.

A grande mudança se dera na casa de Alice McClure, nossa vizinha e melhor amiga de minha mãe, que estava morrendo, deixando para a filha, Elle, um encargo penoso. Elle cuidava do irmão de sete anos e vigiava o pai, que agora bebia em excesso.

Antes de eu ir para o País de Gales, Elle me seguia para todo canto, irradiando alegria naqueles imensos olhos cor de musgo. Seria o primeiro da classe se ela não houvesse se adiantado em dois anos e aterrissado em minha sala. Elle era uma criança-prodígio, e eu, apenas um aluno brilhante. Ela representava concorrência, mas

eu a tolerava. Era minha vizinha, uma amiga de proximidade forçada.

O curioso era que, no exterior, sentira muito a falta dela, principalmente após as cartas diárias terem parado de chegar sem a menor explicação. Logo em seguida ao meu retorno, fui procurá-la. Não porque já soubesse a verdade: eu a amava profundamente, acima de qualquer pessoa. Mas, naquele momento, ainda não descobrira meus reais sentimentos nem emergira do meu narcisismo infantil.

Claro, eu batera à porta dos fundos de sua casa porque Elle não fora ao aeroporto com a família. Ofereci a ela uma segunda chance para me dar as boas-vindas e a convidei para uma festa que um amigo da escola fez para comemorar meu retorno.

Relutante, Elle compareceu porque eu pedi, embora não gostasse muito da turma. Enquanto eu bebia cerveja e era cumprimentado pelos amigos, percebi que Elle se retirara.

Antes de sair de casa, Hank, pai de Elle, pedira que eu cuidasse da filha. Contrariado, achei-a vinte minutos mais tarde, deitada no gramado, apreciando o céu noturno. Devia ter imaginado que ela estaria ali olhando as estrelas, com ou sem telescópio.

– Tinha muita gente para o meu gosto. – Elle desculpou-se, dizendo o que eu já sabia.

Deitei-me a seu lado, os braços sob a cabeça.

– Onde está Órion?

Elle riu.

– Não dá para ver Órion em noite de verão. Olhe – ela apontou –, ali está Vega, Altair e Deneb, o triângulo do verão, cada uma é a mais brilhante de sua constelação.

Meu olhar pousou em Elle. Deduzi que ela provavelmente tivesse uma enciclopédia de informações na cabeça, além de todos os cálculos a respeito da massa solar e da luminosidade de cada estrela.

– Vi duas estrelas cadentes – ela disse.

– E o que você pediu?

Elle fez uma careta e meneou a cabeça.

– Seria preciso um milagre para eu conseguir o que desejo.

– O que é?

– Não posso contar, caso contrário, o desejo não se realiza. – Com a voz embargada, Ele se sentou e virou a cabeça. – Quero voltar para casa.

Segurei-a pelo ombro e a atraí para mim. Sua face estava quente e úmida. Fiquei surpreso por não haver percebido antes que Ele estivera chorando.

– O que foi?

Ele não respondeu, mas se agarrou a mim. Devia ser por causa da mãe.

– Câncer de mama é curável, não é? – perguntei.

– Sim, ser for descoberto a tempo.

– E foi o que houve, não foi? – indaguei com esperança.

– A doença já se alastrou para os ossos.

De repente, entendi o motivo da peruca loira usada por Alice. Em janeiro, mamãe escrevera contando a respeito do câncer da amiga. Dissera que ela faria radio e quimioterapia, mas eu não tinha compreendido o que isso talvez implicasse. Deus! Alice poderia morrer.

– É tão grave assim?

– É terrível. Por favor, não conte para ninguém. Minha mãe está tentando ser corajosa.

Ele era como a mãe. Intrépida, até mesmo na adolescência.

Beijei-lhe a testa. Nada além de um gesto de carinho.

– Vamos ver se encontramos outra estrela cadente – disse, com a intenção de distraí-la.

Deitamos novamente de costas na grama, um perto do outro. Segurei-lhe a mão para confortá-la, enquanto esquadriávamos o céu. De certa maneira, aquilo me fez bem, apesar de aquela noite ter sido planejada para ser de muita diversão... e farra. Era uma festa. Eu e meus amigos, nada relacionado a contar estrelas.

Ele e eu nos encontrávamos próximos de uma das tochas de citronela. Depois de minha vista ajustar-se à escuridão, estudei seu rosto. Durante minha ausência, ela tirara o aparelho dos dentes. Estava linda.

De vez em quando, um dos garotos vinha perambular pelo gramado e voltava. Ficamos em silêncio. Depois de um tempo, a respiração de Elle tornou-se suave. Da casa, vinha o som alto e pesado da guitarra de Billy Idol. Concentrados em procurar estrelas, adormecemos. Cheguei a sonhar com alguma coisa. E, como ocorre com os sonhos, a lembrança dele acabou sumindo.

Despertei com o rosto a milímetros da face de Elle. Consultei o relógio. Já passava das dez e meia.

– Acorde – sussurrei.

Elle não se afastou, e sua respiração ficou mais profunda. Roci-lhe os lábios com os meus, mais por curiosidade que por desejo. Nisso, ela abriu os olhos. A ternura do beijo me fez pensar se eu ainda era o mesmo rapaz que estivera no País de Gales tendo apenas sexo como objetivo.

Deus, como eram suaves os lábios de Elle... Esperei a qualquer momento uma risada juvenil e parecida com a de Christopher, seu irmão caçula, quando Elle o provocava com cócegas.

Pela primeira vez, no entanto, Elle não me pareceu uma criança. Passei os dedos por seu rosto e me perguntei por que eu nunca pensara em beijá-la.

Com os lábios colados aos dela, senti sua respiração acelerada. Tive vontade de inserir minha língua em sua boca, mas seria muita ousadia. Elle se afastou de mim, passou as pontas dos dedos nos lábios dela, depois nos meus, como se me devolvesse o beijo.

Não sabia o que fazer. Eu a desejava, mas se tratava de Elle...

Ela se levantou, tímida.

– Deve ser tarde, é melhor eu ir embora.

Levantei-me e ajeitei uma mecha de cabelos atrás de sua orelha. Pensei em beijá-la de novo, desta vez com ardor, mas Elle recuou.

– Elle. – O que deveria dizer? Para ela não ir embora? Havia passado da hora de ela estar em casa. – Vou acompanhá-la até sua casa.

Não falamos sobre o beijo nem sobre qualquer outro assunto durante alguns minutos.

Andamos pela rua, e as árvores, carvalhos altos, bordos e pinheiros, ocultavam a visão do céu. Tropecei em um buraco e tentei

rir para disfarçar o embaraço.

– Devia ter trazido uma lanterna – concluí.

Meu braço tocou no de Elle, em parte por eu não enxergar direito e um pouco de propósito. Gostaria de segurar a mão dela, mas ela havia se afastado depois do beijo. E mudar uma amizade enraizada e com regras preestabelecidas me pareceu a situação mais perigosa que eu já enfrentara.

Percorremos mais um quarteirão, e Elle se deteve.

Voltei-me para ela, querendo tocá-la de novo.

– Matt! – Elle falou em um fio de voz. – Aquilo foi um beijo?

– O quê? Aquilo? É, acho que sim. Por que a pergunta?

– Nunca beijei ninguém. Aquilo foi um beijo? – repetiu ela. – Você queria me beijar?

– Sim. Quer dizer, no começo eu não sabia. Mas quis beijar você, sim. Parece estranho?

Elle segurou minha mão.

– Não, foi ótimo.

– O que acha de um segundo beijo? – Eu me aproximei e me inclinei sobre Elle.

Um carro passou na rua e, como dois criminosos, soltamos as mãos e percorremos de maneira desajeitada os dois quarteirões restantes.

A TV ligada iluminava em matizes de azul a sala de estar da casa de Elle.

– Passa das onze, e você está atrasada – afirmei. – É melhor entrar e se explicar.

Elle abriu a porta da sala. O pai estava acomodado no sofá.

– Acho que não vou precisar. Ele já dormiu – murmurou Elle. – Boa noite, Matt.

Tentei puxá-la de volta até a varanda para trocarmos mais um beijo, mas ela se desvencilhou.

– Não posso. Boa noite!

A porta se fechou devagar contra meu rosto.

Pela janela, pude ver Elle recolhendo garrafas de cerveja da mesa. Em seguida, foi para a cozinha e sumiu.

No País de Gales, havia feito sexo com uma garota que nada representava para mim e que dava valor excessivo às conquistas. Bem diferente da fascinação que eu descobrira ter por Elle. Seria preciso cautela, ou aconteceria um desastre. Embora eu tivesse dezessete anos, entendi que a amava. O que poderia se tornar um perigo. Creio que eu já a amasse antes, embora sem o erotismo, que veio depois.

Durante dias, tentei me convencer de que se tratava de um amor estúpido. Além do mais, Elle era apenas uma criança. Por outro lado, ela fazia quinze anos dentro de doze dias. Mas isso também não importava muito. A mãe de Elle fora internada às pressas no hospital com uma septicemia, e o avô morrera de derrame. E, como se não bastasse, fui atropelado.

Na verdade, Hank me derrubara, embora não tivesse sido um ato proposital. Ele havia bebido, e eu estava na rua à noite. Começara um temporal, e Hank me atropelara com o carro, quebrando minha tíbia da perna esquerda. Hank nem percebeu. Meus pais descobriram o culpado no dia seguinte. O carro dele fora apreendido logo após o acidente, e meu pai encontrou pedaços de tecido do meu calção de corrida enganchados no para-choque do veículo de Hank.

Para minha mãe e meu pai, meus ferimentos representavam um dilema moral. Se Hank não parasse de beber, acabaria matando alguém, e esse alguém poderia ser eu. Meu pai cogitou se a prisão não serviria para Hank encarar a realidade: ele se tornara um alcoólatra. Minha mãe, contudo, preocupava-se com a doença de Alice e com o que aconteceria com Elle e Christopher se o pai fosse preso. Com a mãe às portas da morte e o pai encarcerado, os dois fatalmente seriam encaminhados para adoção.

Embora não fossem parentes dos pais de Elle, eles resolveram abraçar a situação. Falaram com Hank, que se mostrara arrependido, mas também feliz porque minha perna iria ficar boa. Hank fizera a primeira visita à reunião dos Alcoólicos Anônimos e se oferecera para pagar a matrícula do meu colégio, além de prometer ficar sóbrio.

Os adultos, preocupados com problemas mais graves, nem perceberam que Elle e eu saíamos às escondidas, muito menos que

estávamos cada vez mais apaixonados. Todos simplesmente achavam que nossa amizade continuava a mesma de antes.

Não posso dizer se amor à primeira vista é um mito ou um fenômeno legítimo, mas eu me apaixonei por Elle de maneira inesperada. Gostaria de poder dizer que se tratava de um amor casto e puro, e que teria esperado a vida inteira para possuí-la. No entanto, tinha dezessete anos e já sentira a pressão e a curva de uma pélvis feminina. Estava consciente de que Elle era nova demais, mas a atração que eu sentia por ela era incontrolável. E só observando os fatos em retrospectiva é que pude compreender o erro que cometera ao induzi-la a dormir comigo.

Trabalhava no turno da noite, nas vendas por correspondência da L. L. Bean, dormia pela manhã e passava as tardes com Elle, quando ela não precisava tomar conta de Christopher. Nessas ocasiões, eu tentava apalpar os lugares aos quais ela não me permitia acesso.

Elle fora a favorita do avô e recebera a casa dele como herança, e aproveitávamos o imóvel vazio para nossos encontros. Minha perna engessada era um fator que potencializava minha falta de jeito nos movimentos. Assim mesmo, rolávamos no sofá, e uma vez a levei a um quarto onde ela não permitiu intimidades maiores. Nossos pais não demonstravam ter conhecimento do que se passava. Hank continuava frequentando as reuniões do AA. Alice, embora hospitalizada, havia melhorado. Meus pais, além de cuidar de Christopher, tinham as próprias ocupações.

Em meados de agosto, Elle ficou atenta às previsões do tempo, porque a chuva de meteoros Perseidas estava próxima, e um céu limpo era crucial para ver as estrelas cadentes. Por esse motivo, levou o telescópio para a varanda superior da casa do avô. Alice recebera alta do hospital e nossas famílias fizeram um piquenique agradável à beira do rio. Alice, Hank e meus pais estavam no gazebo, e Christopher perambulava pelo local agitando os braços. O único lugar onde Elle e eu estávamos a salvo de Christopher era na varanda superior, pois o garoto podia correr agitando as asas, mas não podia voar. Ele tinha pavor de altura. A casa do avô de Elle situava-se em uma área de mais de quatrocentos mil metros quadrados que se estendia acima do rio Harraseeket. A maior parte

era região florestal, exceto o gramado próximo à margem do rio. A quinta, como a chamávamos, era uma autêntica casa vitoriana octogonal, a febre arquitetônica da época. A varanda inferior rodeava a casa, e a superior era onde Elle gostava de ficar para apreciar o céu noturno.

– Você não precisa de telescópio para observar as estrelas cadentes – comentei, esfregando a canela. O gesso fora retirado e eu coçava a pele a todo instante.

– Fale baixo, e não diga a meus pais que não preciso do telescópio do meu avô. Eles vão me fazer ficar em casa e observar tudo pelo quintal.

– Eles não podem nos escutar daqui. – Eu a puxei para trás, onde poderia beijá-la sem sermos vistos. Encostei-a na parede, levei a mão para debaixo da saia e com a outra soltei o sutiã.

– Não, Matt, não faça isso.

Ignorei seu pedido. Beijei-lhe o pescoço, as orelhas e todos os locais que lhe davam prazer.

– Matt, meus pais podem vir me procurar.

Acariciei-lhe os seios.

– Matt, amanhã à noite. Agora não.

– Amanhã? – Fiquei tão ereto quanto outra coisa.

Elle estremeceu e me encarou com olhar incerto.

– Se você conseguir um preservativo... estarei aqui amanhã à noite para ver a chuva de meteoros Perseidas. Sozinha. Você pode vir? É sua folga, não é?

Pensei ter perdido o fôlego.

– Sério?

Elle anuiu.

– Quero me entregar a você, Matt.

– Deus, eu te amo, Pip.

– Eu também, Matt. Mas temos de ser cuidadosos.

E fomos. Mas não o suficiente.

12

Vinte anos antes do acidente com Elle

Em setembro de 1988, iniciei o último ano do secundário, e Elle logo me ultrapassou. O Bowdoin College permitiu-lhe frequentar aulas, pois o Freeport High School não sabia mais o que fazer com uma garota tão inteligente. O decano das admissões analisou-a por idade e graduação, além dos resultados perfeitos no SAT, e a faculdade a admitiu para o semestre de outono. Como ela era muito nova para dirigir, ofereci-me para buscá-la todas as tardes. Na verdade, era outra desculpa para ficar a sós com ela na casa vazia do avô.

Ao mesmo tempo em que a temperatura esfriava, o prognóstico para Alice piorava. Ciente do que estava por vir, ela decidiu parar o tratamento contra o câncer, contrariando a vontade do marido.

As lágrimas de Elle eram uma constante. Na ânsia de aproveitar os momentos restantes para ficar com a mãe, perdia aulas, estudava em casa à noite e pouco ligava para si mesma. Ainda assim, encontrávamos intervalos para ficar juntos. Apesar de esse tempo ser escasso, a intimidade entre nós aumentava. Eu compartilhava de sua dor e gostaria de poder carregar seu sofrimento. Éramos crianças, mas formávamos uma família. Havia apenas um futuro à nossa espera: casamento.

Em uma tarde de meados de novembro, na casa de seu avô, acendemos o fogo na lareira e nos aconchegamos no sofá. Elle não andava bem, e todo mundo percebeu.

– Essa menina trabalha demais. Elle faz todo o serviço doméstico para a mãe e ainda estuda. Por que Hank não contrata uma

governanta? Ele tem meios para isso – mamãe sempre dizia.

Eu acariciava os cabelos de Elle, quando ela se levantou e correu para o banheiro. Escutei-a vomitar. Uma ideia irracional perpassou minha mente. Mesmo sabendo que o câncer não era contagioso, havia uma tendência genética a contrair a doença. Depois me dei conta de que era a quimioterapia que fazia alguém vomitar, e não o câncer por si só.

– Pip?

– Vá embora!

– Posso entrar?

– Não!

– Elle, você está doente. Quer ir ao médico?

Ela abriu a porta e, muito pálida, largou-se no sofá com o rosto entre as mãos.

– O que foi? – Esfreguei-lhe as costas.

Elle arregalou os olhos.

– Eu não dei bola no começo... – Seu queixo tremeu. – Mas acho que estou grávida.

Ele não me deixou entrar no consultório do médico. Fiquei sentado na sala de espera do escritório de Planejamento Familiar, lendo artigos sobre doenças sexualmente transmissíveis. Não dava para entender. Eu usava preservativo toda vez que tínhamos relações. Procurei uma matéria sobre contraceptivos. No item *preservativos*, encontrei a maneira adequada de uso. Era o que eu já sabia. Mas a burrice fora nunca ter lido as instruções da embalagem. Aprendera como todos os rapazes: escutando os mais experientes. Colocava-se o preservativo no membro endurecido. Depois da ejaculação, era preciso jogá-lo fora com cuidado para os pais não o encontrarem. Exceto por um pormenor: o membro ainda deveria estar rígido quando o preservativo fosse retirado.

Com a garota do País de Gales, nenhum problema. Mas, com Elle, era um prazer continuar dentro dela. E, em uma das retiradas, o preservativo viera pela metade. Como não saíra completamente do

membro, acreditei que estivéssemos seguros. Por Deus, quanta ingenuidade.

A porta foi aberta, e uma mulher de avental branco convidou-me a entrar.

Ele, com uma camisola hospitalar, encontrava-se sentada em uma maca com estribos. Pelo menos não estava com os pés neles. Não me encarou, a cabeça baixa.

– Você quer contar ao Matt, ou quer que eu conte? – perguntou o médico.

Ele mordeu os lábios e olhou para as mãos, que estavam brancas de tanto apertar os dedos.

– A gestação está por volta de dez semanas – declarou o médico. – Vocês têm de decidir logo se querem interromper a gravidez. Temos uma vaga para o procedimento em duas semanas. Ou também podem ficar com o bebê. Ou ainda encaminhá-lo para adoção. De qualquer maneira, é preciso comunicar a seus pais.

Ele ficou em pé e fechou com força a parte de trás da camisola.

– Não. Meus pais não podem saber disso. Nunca. Jamais. – Ela correu para o banheiro e bateu a porta.

Não falei nada, mas senti o olhar do médico sobre mim.

– A mãe dela está muito doente – respondi, tentando dar uma explicação, e logo me dei conta da situação desesperadora.

– Quero que você fale com um de nossos orientadores.

– Claro – concordei.

O médico foi embora. Ele saiu do banheiro, vestida com as próprias roupas e assustada. Largou os sapatos no chão e enfiou os pés neles.

– Vamos embora – ordenou ela.

– O médico quer que conversemos com...

– Não posso. Não agora. Preciso pensar. Por favor, Matt, me leve para casa.

Não a levei para casa. Assim que subimos no carro, tive outra ideia. Virei para a rodovia interestadual.

Eu dirigia e recriminava a mim mesmo. Em silêncio. Prometera tomar conta de Elle, fazer sexo com segurança e, no entanto, fora um tolo arrogante. E Elle havia confiado em mim.

Uma hora mais tarde, paramos em uma praia. O dia nublado era característico de novembro. Cinzento e sem folhagens. Estacionamos próximo a um motel de praia fechado com ripas de madeira e começamos a andar na areia de mãos dadas. Um vento frio, mas não gelado, soprava do Atlântico.

– Faremos o que você quiser, Elle – afirmei.

– Não queria ficar grávida. Pareço estar?

Neguei com um gesto de cabeça, embora seus seios e o ventre tivessem se avolumado. Talvez fossem as curvas de seu amadurecimento como mulher.

– Como posso fazer isso? – Elle me fitou. – Minha mãe está morrendo. Rezo a Deus para salvá-la, e você quer que eu mate um bebê?

– Não, Pip. Não disse isso. – Não sabia o que pensar. Nem o que dizer. Muito menos expressar meu desejo. Mas não queria que ela tivesse engravidado. – Meus pais nos ajudarão. Quero dizer, depois de me matarem.

– Tenho quinze anos. Não posso ter um bebê. Prometi para minha mãe que tomaria conta de Christopher.

Ele começou a soluçar. Abracei-a e sentamos na areia, agarrados um ao outro.

Nossos sonhos caíam por terra. Medicina para mim. MIT e Nasa para ela. Antes disso, havia um problema imediato. Alice teria de saber. Meus pais ficariam imensamente desapontados comigo. Hank provavelmente iria desejar ter me matado antes, e não apenas quebrado minha perna. A encrenca era maior do que eu supunha. Apesar disso, uma pequena parte de meu ser se admirava pelo fato de termos gerado um bebê, mesmo sem desejar.

– Por quanto tempo você acha que poderei esconder?

– Não muito. Logo ficará evidente.

Ele puxou a frente do suéter grosso, próprio para a estação.

– Eu sei. Mas, se eu pudesse esconder por um tempo, só para minha mãe não ficar sabendo... Claro, não quero que ela morra, mas os médicos dizem que é questão de dois ou três meses. Se eu pudesse esconder durante esse tempo, ela não teria mais esse

aborrecimento. Como pude fazer isso com ela? – Elle recomeçou a chorar, desta vez segurando a barriga.

– O que faremos?

– Não estou pronta. Eu gostaria muito, mas não agora. Quero ir para o MIT e para... – Ela começou a tremer de pavor. – E se o dermos para adoção?

– Renunciar a um bebê? Não sei. – Levantei-me e a ajudei a fazer o mesmo. Caminhamos até o final da praia, onde o rio cortava a areia em seu trajeto para o oceano. – E se nos casássemos?

Elle cobriu a boca com a mão. Resolvi me ajoelhar. Supus que era assim que se devia agir. Dobrei uma das pernas, sentindo-me mais estúpido do que culpado.

– Será para sempre, não é? Então, vamos nos casar.

Elle se ajoelhou a meu lado, escondeu o rosto em meu peito e ficou assim por alguns minutos. Comecei a imaginar o tamanho da loucura que estávamos prestes a cometer. Seria um casamento para brincar de casinha.

– Eu te amo – ela sussurrou. – Você sabe, não é?

Fiz que sim com a cabeça.

– Ninguém nos casará, por sermos menores de idade. Não me sinto pronta para casar nem para ter um filho. Quero tudo isso, mas não agora.

Não respondi, pois não havia resposta plausível.

– Você quer mesmo se casar e ter um filho agora? – Elle quis saber.

Nós nos entreolhamos e eu sacudi a cabeça.

– Nem eu. O que vamos fazer? – ela murmurou.

As luzes vermelhas de uma ambulância iluminava nossa rua. Elle abriu a porta do carro antes de eu parar.

– O que está fazendo? – gritei e pisei no freio.

Elle saltou e saiu correndo em direção a sua casa. Eu a segui.

Os socorristas imobilizavam Alice sobre uma maca dobrável. A mãe de Elle estava fraca e muito pálida. A movimentação era observada por meus pais.

– Mamãe? O que houve? – Ele agarrou a mão de Alice, enquanto ela era carregada para dentro da ambulância. Ele tentou acompanhá-la, mas minha mãe a segurou pelo ombro. A palavra *convulsões* ecoou na escuridão. Ele se desvencilhou, saltando para o lado da mãe. Beijou-lhe a testa. – Mamãe, eu te amo.

– Precisamos levar sua mãe para o hospital. Você tem de descer – avisou o motorista.

– Venha, filha. – Com Christopher no colo, Hank se virou e se afastou. Deu a impressão de que nem por um segundo duvidou da obediência da filha, e que só Christopher precisava de consolo.

Fungando, Ele desceu e veio para os meus braços.

– Isso não pode estar acontecendo. Não tudo de uma vez só.

– Vai dar tudo certo – sussurrei, sem soltá-la. – Eu te amo, Elle, e juro que cuidarei de você. – Sem pensar, nós nos beijamos e, quando nos afastamos, percebi o olhar surpreso de minha mãe.

Em pé na varanda, meu pai me chamou.

– Onde vocês estavam? Deviam ter voltado há horas! Estávamos preocupados.

– Saímos para passear – respondi. – O que aconteceu?

Ele se desvencilhou e correu atrás do pai; minha mãe foi em seu encalço.

– Alice teve uma convulsão na cozinha – contou meu pai. – O que está havendo entre você e Elle?

– Eu a amo – respondi, sem que me perguntassem.

– Ama? Desde quando?

Dei de ombros.

– Desde o último verão.

Meu pai suspirou fundo.

– Filho, ela tem catorze anos; é muito nova para você.

– Elle fez quinze em julho. Pai, você não entende. Eu a amo *de verdade*.

Pelo olhar de meu pai, percebi que revelara mais do que desejava ao dizer aquelas palavras. Ele esfregou a testa.

– Matt, nem pense nisso. Vocês dois são muito jovens. Estou falando sério. Nem pense em uma coisa dessas.

Eu o fitei com intensidade, mas em alguns meses se tornaria evidente que o aviso chegara tarde demais. Nossos sonhos não teriam um final feliz.

No dia seguinte, levei Elle de volta ao consultório de Planejamento Familiar. Após uma conversa afluente com a assistente social, conseguimos o nome da agência de adoção e da clínica para os cuidados pré-natais de Elle. Havíamos concordado em solucionar a questão assim, mas nem por isso a vida ficou mais fácil.

Alice teve alta do hospital, com prescrição de anticonvulsivos e novos analgésicos. Elle e eu não éramos os únicos a ter um segredo. Em silêncio, Alice sofria o aumento galopante da dor.

Tivemos a impressão de que ela juntara forças apenas para passar com a família o feriado de Ação de Graças, pois ninguém conseguiu acordá-la na manhã seguinte. Chamamos a ambulância e, daquela vez, Elle, o irmão no colo, mostrou-se mais resignada. Hank, nervoso, relatou aos paramédicos da ambulância equipada com UTI móvel os últimos medicamentos prescritos.

Tentei segurar Christopher, mas ele não tirou as mãos do pescoço da irmã. Não achava adequado que Elle, no terceiro mês de gravidez, carregasse um menino de cerca de quarenta quilos. Enfim, consegui fazê-la sentar nos degraus com ele no colo.

– Pronto, Christopher. Tudo bem – Elle o acalmou. – Os médicos do hospital a acordarão.

– Eu quero a mamãe.

– Não se preocupe. Tomarei conta de você. Vamos preparar o café da manhã. – Elle levou-o para dentro.

No final de semana, Hank implorou ao oncologista para recomeçar a quimioterapia de Alice, mas os médicos se recusaram a fazê-lo. Disseram a Hank que Alice poderia esperar a morte no hospital ou ser levada para casa, onde poderiam lhe oferecer cuidados paliativos.

Foi então que a casa dos McClure tornou-se uma central de agonia.

Alice entrara em um estado que os médicos chamavam de coma leve, mas essas palavras não traduziam a realidade. Em uma cama

de hospital alugada no meio da sala de estar, ela se debatia a maior parte do tempo. Sem estado de consciência que lhe permitisse comer ou beber, era mantida viva por uma sonda nasogástrica. Além disso, o odor forte de urina e fezes espalhava-se pela casa.

Nos intervalos em que a enfermeira não estava cuidando das suas necessidades físicas, tais como virá-la de posição, trocar as roupas ou providenciar o alimento pela sonda, Alice balbuciava sem cessar, o tom de voz monótono.

Em geral, eu me mantinha sentado a um canto, em uma poltrona estofada, como se não estivesse presente. Tentava me fundir ao papel de parede, o nariz enterrado em um livro, as orelhas tampadas por fones de ouvido que algumas vezes estavam ligados, outras não.

Ao contrário, a enfermeira rechonchuda e de traseiro grande procurava integrar-se à família, esforçando-se para substituir a figura materna.

– Quando você pretende armar a árvore de Natal?

Ele levantou o olhar do livro que lia para a mãe.

– O quê?

– Sua mãe gosta de Natal, Ele?

Ele cerrou os lábios, sem encontrar palavras para responder.

– Talvez a agradasse ter uma árvore bonita. Por falar nisso, o que você quer de presente de Natal? Meninas de sua idade em geral preferem roupas – assegurou a enfermeira.

– Pode ser. – Ele se levantou. – A senhora acha mesmo que devemos enfeitar a sala?

– Você deveria preparar biscoitos decorados, cidra quente, tudo o que sempre costumava fazer.

Ele olhou para Christopher, que montava um forte com as peças do Lego.

– Christopher! – ela o chamou. – Quer me ajudar a fazer biscoitos?

– Quero! Quero! – O menino correu para a cozinha.

Alice gemeu do modo costumeiro, e a enfermeira levantou-se depressa.

– Será que não poderia dar mais analgésico para minha mãe?

A mulher consultou o relógio.

– Só daqui a uma hora.

- Não é justo – Elle lamentou-se.
- Sofrer nunca é justo. Nem para sua mãe, nem para os outros doentes, nem para crianças como vocês.

Eu procurava fazer minhas tarefas à tarde na casa dos McClure, para Elle não ficar sozinha, mas conversávamos cada vez menos. Não tínhamos privacidade, e conversar sobre festas escolares, novos casais de namorados ou a última formação do time de basquete não atraía a sua atenção. Na maior parte do tempo, tinha a impressão de que ela não me escutava.

Hank voltara a beber. Com frequência falava enrolado e tropeçava em obstáculos inexistentes. Tocar no assunto com Elle era receber como resposta um dar de ombros.

Uma noite, escutei meus pais discutindo.

- Fale com ele! – gritou minha mãe.
- Já falei. – Meu pai se largou na poltrona. – Já o levei para os encontros do AA e cheguei a ameaçar que o entregaria à polícia pelo que fez com Matt. O que posso fazer se Hank pretende beber até morrer?

Mamãe sibilou, saiu de casa a passos largos e foi para a casa dos McClure.

Alguns minutos depois, ouvi batidas à nossa porta.

- Matt! – berrou papai. – Elle está aqui. Por que vocês não saem um pouco e vão ao cinema? Pode levar o carro. – Ele pegou as chaves e me entregou. – Comportem-se.

Sáímos abraçados para aproveitar um pouco de liberdade. Elle e eu continuávamos a fazer amor, mas não apenas pela vontade de nos tocar. Era como assegurar que sobreviveríamos juntos. Eu precisava de Elle e, nessas ocasiões, ela demonstrava que também precisava de mim.

Aquele Natal foi uma imitação fajuta de uma festa. Minha mãe teve de trabalhar. Meu pai, meus irmãos e eu planejamos jantar na casa

de tia Beth. Mike e eu fomos chamar os McClure para virem conosco.

Ele nos chamou até a cozinha e pediu que sentássemos à mesa. Ofereceu chocolate quente e um pão doce típico da Dinamarca: macio e enrolado, com recheio de frutas.

– Não vai dar tempo de comermos – desculpou-se Mike. – Viemos convidar você e Christopher para jantar na casa de tia Beth.

– Não podemos – explicou Elle. – Hoje é folga da enfermeira. Tenho de tomar conta de mamãe.

Hank estava na sala de estar, largado no sofá. Mesmo no Natal!
Que droga de homem.

Ele me abraçou e, quando ela recuou, os cabelos também foram para trás, deixando-me ver uma marca roxa na face.

– Vamos, Matt! – Mike chamou da porta.

– O que houve? – Levantei os cabelos de Elle para observar melhor.

– Nada. – Elle afastou minha mão e cobriu o rosto novamente.

– Hematomas não surgem do nada – afirmei.

Ele engoliu em seco.

– Papai nos levou à Missa do Galo – murmurou ela. – Ele estava bêbado.

– Espere um pouco. Vocês entraram no carro com ele embriagado?

– Olhei para a entrada, pensando que veria o carro amassado.

Ele puxou minha manga.

– Não imaginei que ele estivesse tão mal. Ele fez um escândalo na igreja, e o diácono pediu que nos retirássemos. Enfim, papai tentou dar um soco em um sujeito e me acertou sem querer. Ele não pretendia...

Voltei correndo para a sala, pronto para arrancar Hank do sofá, sem raciocinar direito, mas Mike agarrou meu braço.

– Ei! – gritou meu irmão.

Meu pai entrou na casa e percebeu a confusão.

– O que está acontecendo aqui?

– Hank bateu em Elle! – gritei, enquanto tentava me desvencilhar de Mike.

– Foi um acidente! – Elle o defendeu. – Ele não fez de propósito!

– Mike, leve Matt para o carro. Deixem que eu resolvo isso – meu pai falou com severidade.

Meu irmão teve literalmente de me carregar para o carro. Eu já não era mais o *irmãozinho*, embora Mike fosse o mais alto e mais forte de nossa tropa. Ele me empurrou de encontro à porta.

– Esfrie a cabeça, Matt. Papai vai resolver isso.

Meu pai saiu da casa de Elle e disse que Hank estava embriagado demais para ouvi-lo.

– Pai, ele dirigiu bêbado – expliquei –, e com Elle no carro. Hank bateu nela.

– Eu resolvo isso, Matt. Entendeu? Eu resolvo isso – meu pai falou repetiu com voz firme.

Voltamos da casa de tia Beth quatro horas mais tarde, e eu fui correndo procurar Elle.

– Vá para casa, Matt – disse meu pai, detendo-me. – Falarei com Hank, se ele estiver acordado.

Desvencilhei-me e entrei pela porta dos fundos da casa dos McClure. Hank estava na cozinha, a cabeça entre as mãos. Sentei-me na cadeira a sua frente e lhe aponte o indicador.

– Se você machucar Elle de novo, eu vou denunciá-lo à polícia por ter me atropelado. Você é um bêbado desprezível e um pai ainda pior. Não ouse tocar nela!

Hank ergueu-se, muito pálido.

– O quê?

– Tudo bem. – Elle esfregou meu braço. – Ele não lembra.

– Lembrar do quê? – perguntou Hank, com a fala arrastada.

– Você bebeu demais, papai, e, sem querer, acertou meu rosto.

– Hank – meu pai, que viera atrás de mim, se inclinou sobre a mesa –, ou você toma jeito, ou Linney e eu teremos de notificar as autoridades. Você vai perder seus filhos também, além da esposa.

Elle rompeu em prantos e subiu a escada correndo, comigo em seu encalço e meu pai atrás de mim.

– Você não pode fazer isso, senhor Dennis! – ela gritou. – Papai não tem culpa. Ele está triste por causa da minha mãe e não sabe o que faz. – A voz de Elle foi diminuindo. – Preciso dele.

Papai me afastou e ergueu o queixo de Elle para ver melhor o machucado.

– Sei que você precisa dele, minha filha, mas isto não pode continuar. Alguém vai acabar seriamente ferido. – Meu pai a abraçou e, de repente, afastou-a, olhando para seu ventre. Depois me fulminou com o olhar. – Não! – Cerrou os olhos com força e meneou a cabeça. – Não! – tornou a dizer. – Não quero ouvir isso. Não hoje.

13

Dezenove anos antes do acidente

Ele não voltou a Bowdoin na primavera. Explicou aos demais que precisava cuidar da mãe e, para mim, que o bebê chegaria antes do previsto, no fim da primavera. No fim de tudo.

Eu tinha apenas dezessete anos e estava em pânico. Precisava conversar com meu pai. Pela reação que ele tivera ao sentir a barriga de Elle, sabia da situação. E na certa estava me odiando, pois passara a me evitar. Eu o desapontara. O que era pior? O ódio ou a desilusão?

Antes da gravidez de Elle, eu planejava estudar em uma das instituições da Ivy League. Na verdade, o fato de ir para uma faculdade já teria grande significado. Meu pai fora aceito em Dartmouth, mas não frequentara o curso. Meu irmão mais velho nascera seis meses após meus pais completarem o ensino médio e meus três irmãos haviam cursado escolas técnicas. Keith era empreiteiro, Doug, encanador, e Mike, mecânico. Todos tinham trilhado o caminho do bem. Mas não era exatamente o que *eu desejava*. Queria provar que poderia fazer mais.

No entanto, eu apenas provara ser um idiota que engravidara uma garota.

Peguei uma caixa de cereal e me sentei em uma das cadeiras da cozinha.

– Nevou a noite passada – anunciou meu pai em tom monocórdio. Há dias, ou melhor, há semanas, ele fingia não notar minha presença. Serviu-se de uma colherada de mingau de aveia.

Na declaração estava implícito que eu teria de limpar a entrada de carros. Há três anos, meu pai tivera um ataque cardíaco enquanto tirava a neve com a pá. Levantei-me, fui até o vestibulo e vesti a jaqueta.

– A situação está muito ruim com nossos vizinhos. – Depois de afirmar o óbvio, papai suspirou. Não era preciso responder. – Se Hank não parar de beber, Linney acha que acabaremos como responsáveis legais de Elle e Christopher... Sua mãe ainda não percebeu a gravidez de Elle.

Tive a impressão de que o nó da minha garganta devia ser do tamanho do bebê que crescia no ventre de Elle. Senti o olhar de meu pai queimar em minhas costas. Virei-me, desafiador, para o caso de ser preciso agir.

Meu pai demonstrou apenas tristeza, nenhuma raiva.

– As coisas devem piorar ainda mais. Não creio que Alice vá resistir por muito tempo. – Meu pai soltou um profundo suspiro. – O que planejaram quanto ao bebê?

Comecei a gaguejar, sem encontrar as palavras adequadas.

Meu pai se levantou e pôs a mão em meu ombro.

– Não sou tão hipócrita a ponto de condená-lo, filho. Mas Elle é tão jovem... Vocês dois são tão jovens.

Eu não saberia dizer se ele me perdoava, mas sua atitude me confortou.

– Elle quer dar o bebê para adoção – expliquei.

Meu pai ficou pensativo.

– Para quando vocês o esperam?

– Final de abril.

Ele caminhou até a pia.

– Entregar uma criança para adoção é mais difícil do que parece – lamentou com voz terna. – Pensamos nisso em relação a seu irmão mais velho, mas, assim que sua mãe o sentiu se mexer...

– Elle não quer que ninguém saiba por enquanto. Hank ficará furioso, não acha?

– Sim. Não sei. É provável.

– Elle quer contar depois que Alice... o senhor sabe. Um problema de cada vez.

– Ah, Jesus. Está bem. – Papai fitou a casa dos McClure através das cortinas. – Mal posso acreditar que ela ainda esteja viva. O médico disse que Alice não chegaria até o Natal. E já estamos em meados de janeiro.

Alguns dias depois, Ele segurou minha mão e a levou ao abdome.

– Está sentindo? É o bebê. Venho percebendo isso há uma semana, mas só agora tive certeza do que é.

Não notei nada, e já me preparava para uma mentira piedosa, quando notei uma leve vibração sob a pele retesada.

– Nossa! Não é possível!

Ele sorriu, feliz.

– Você não forçou nada?

– Não. Ela está fazendo tudo sozinha. É tão estranho pensar que há uma pessoa dentro de mim.

– Ela?

Ele deu de ombros.

– Não se preocupe. Sei que não podemos ficar com ela... ou com ele. Isso não impede que eu ame este bebê. Sonhei que a segurava e sentia aquele cheirinho que só os bebês têm.

O odor que me ocorreu foi aquele do balde cheio de fraldas na casa do meu irmão. Enjoativo, azedo, de coisa podre. Meu coração palpitou forte. Ele não conseguiria entregar aquela criança, tal como ocorrera com minha mãe e Doug. Em um ano, estaríamos trilhando um caminho árduo com uma criança e sem nenhuma perspectiva de futuro. Tudo o que eu podia sentir era um contagiante cheiro de azedo.

– Matt, você sabe o que eu penso do aroma deste bebê, não é?

Quis sorrir, mas não pude.

– Imagino.

– Não importa. Os bebês cheiram a vida, e minha casa está com o cheiro da morte.

Na escola, Donna, uma antiga namorada, recomeçou a flertar comigo. Não sei por que ela acreditava que eu tinha algum interesse, mas, toda vez que eu me aproximava do armário, ela estava por perto, mexendo nos cabelos ou tocando minha mão.

– O baile de inverno será na sexta-feira. Se pedir com gentileza, deixo que me leve.

– *Ainda* estou saindo com a Elle. – Ocorreu-me que a afirmação poderia ter interpretação ambígua, como se fosse algo temporário que, no dia seguinte, pudesse mudar. Não pretendia terminar o relacionamento com Elle nem durante a gravidez, nem depois. Senti certo alívio com a decisão de entregar o bebê para adoção, pois minha escolha era ficar com Elle. Eu a amava, embora estivesse apavorado.

Donna deu uma fungada de desprezo.

– Elle está muito gorda. Outro dia eu a vi no L. L. Bean. Você merece coisa melhor. Por favor, me leve ao baile...

– Eu namoro com a Elle. – Fui embora, pensando em como minha mãe ou Hank não haviam notado que Elle estava *gorda*.

Como de costume, antes de deixar a mochila em minha casa, parei na de Elle. O pesadelo continuava no meio da sala de visitas dos McClure, que eu batizara mentalmente de sala da morte. Uma vez, quase deixara escapar o nome funesto, mas logo me corriji com uma frase sobre “sorte”.

Alice gemia sem parar, o que tornava ainda mais tenebrosa a atmosfera do lar da Chamberlain Street, 43. A enfermeira se ocupava em virar Alice, para evitar escaras.

– Olá, Matt! – ela me cumprimentou.

– Onde está Elle?

– Lá em cima. Ela não estava se sentindo bem. Eu a convenci a tirar uma soneca.

– Ah. – Seriam os enjoos que ainda a incomodavam? Fui até a escada.– Vou subir.

– Posso te dizer uma coisa?

Eu me virei e encarei a mulher.

– Hank não está, e Christopher ainda não voltou da escola. Por isso tomo a liberdade de dizer que está ficando evidente demais.

Meu coração disparou.

– O quê?

Ela estreitou os olhos como se me chamasse de idiota por tentar esconder o óbvio.

– Eu a ouvi conversando com a mãe.

Como Elle podia conversar com Alice?

– O que está querendo dizer?

– Nos meus intervalos, enquanto vou para fora fumar, Elle costuma sentar ao lado da mãe. Algumas vezes, eu a ouço falando com Alice. Escute, Matt, Elle está apavorada. Ela dá a impressão de que a situação está sob controle, mas não está. Ela não passa de uma criança.

– O que ela falou para Alice?

– Ela prometeu que daria o nome da mãe para a criança.

Meu pai dissera que minha mãe não teve coragem de entregar meu irmão depois de sentir seus movimentos. Meu Deus, Elle já pensara até em um nome!

– É muito difícil ficar grávida com quinze anos – a enfermeira falou.

– Talvez até mais difícil do que testemunhar a morte lenta da mãe, isso sem falar no estado quase constante de embriaguez do pai. Sei que você também não passa de um garoto, mas aconselho que fique ao lado dela durante essa fase difícil, ou ela não suportará.

Não pude imaginar o motivo de a mulher achar que eu abandonaria Elle. Resmunguei qualquer coisa e continuei a subir os degraus. Era verdade. Nós dois estávamos apavorados. Eu fora aceito em todas as universidades em que tentara entrar. Ainda preferia a Columbia, mas, dadas as circunstâncias, me contentaria em estudar em uma universidade no sul do Maine ou até mesmo em cursar uma boa escola profissionalizante. Experimentava o amargor da culpa e estava abalado. Talvez a enfermeira estivesse certa.

Abri a porta do quarto de Elle devagar. Ela se mexeu com o rangido e tornou a se acomodar nos travesseiros. A camisa subiu e mostrou o ventre já volumoso. Era espantoso que minha mãe ainda não houvesse notado a gravidez. Para Hank, havia a desculpa de estar sempre embriagado.

De repente, Elle ergueu as pernas como se estivesse com dor. Em seguida sentou-se e abriu os olhos.

– Ah, Deus – ela gemeu.

– O que foi, Pip? – Sentei-me a seu lado. – Está com enjoo?

– Matt, estou com cólicas!

– Não é o bebê que está se mexendo?

Elle segurou o ventre.

– Claro que não. Sei distinguir cólicas dos movimentos dele.

Aceitei a explicação.

– Não seria melhor irmos ao médico?

– Acho que não precisa. Matt, a enfermeira já sabe que estou grávida. Ela me perguntou sem rodeios.

– Eu sei. Temos de contar a seu pai antes que ele descubra.

– Ainda não.

Elle abaixou a cabeça.

Não perguntei se era por medo ou por vergonha. Mas preferi mudar de assunto. Ultimamente a conversa era a mesma: Alice ou o bebê. Nossa vida estava um inferno.

– Sexta-feira haverá um baile. Não quer ir?

– Verdade? – Elle se animou.

– Lógico. Será divertido, não acha? É bom sair um pouco. Nós nunca fomos juntos a um evento da escola.

Elle arqueou uma das sobrancelhas e apontou a barriga.

– Mas como...

– E daí? Em breve todos saberão. Temos de manter a cabeça erguida. – Apoiei a palma da mão em seu ventre. – Como está o garoto hoje?

– Tranquilo.

Com o sofrimento de Alice, que se arrastava por dois meses, eu aprendera a distinguir a tensão e a linguagem corporal da dor, além de testemunhar o aniquilamento gradual de uma pessoa.

O abdome de Elle se tornou rijo, e ela engoliu em seco.

– Mas o que é isso? – Eu conhecia a resposta. Minha mãe comentara que a barriga de uma mulher pode ficar dura como granito durante uma contração. – Será que você já está em trabalho de parto?

– Não. Ainda é muito ce... – Elle agarrou meu braço.
– Eu vou te levar ao hospital. Espere aqui.
– Talvez fosse melhor a clínica.
– Ao hospital – insisti. Desci a escada correndo e parei na sala, ante o olhar da enfermeira. – Há algo errado acontecendo com Elle. Volto logo.

A mulher subiu os degraus de dois em dois.

O carro de minha mãe estava na entrada. Pulei a cerca coberta de neve e irrompi cozinha adentro. Mamãe descascava cenouras, cantando uma canção qualquer em louvor a Deus.

– O que houve, Matt... quer me matar do coração?

– Preciso do carro emprestado. – Peguei as chaves que estavam na prateleira e voei para a porta. Minha mãe se virou.

– Quando se tem um cavalo, sempre aparece alguém para pedir emprestado. Tenho de ir ao...

– É uma emergência. Elle... está doente. Tenho de levá-la ao hospital.

Mamãe agarrou a bolsa que estava em cima da mesa.

– O que houve? Onde ela está?

Tinha de mentir. Aquela verdade não poderia ser dita de supetão.

– Imagino que foi comida estragada. O carro, mãe.

– Se Elle está doente, eu levarei vocês.

Sem encontrar uma desculpa plausível, acompanhei minha mãe, que, em segundos, correu e abriu a porta da frente da casa dos McClure. Alice estava tão quieta que imaginei se Deus não lhe concedera a graça de partir. Mamãe parou por um momento ao lado dela e observou a amiga. Subi a escada a galope, abri a porta do quarto de Elle, que estava vazio, e voltei para o vestíbulo. Minha mãe havia subido quase todos os degraus.

A enfermeira saiu do banheiro.

– Elle precisa ir ao hospital. Acho que ela terá um parto prematuro.

– Elle em trabalho de parto? – perguntou minha mãe.

Engoli o nó que se formara em minha garganta.

– Elle está grávida.

Minha mãe não hesitou, apesar do choque estampado em sua cara. Abriu a porta do banheiro e encontrou Elle encolhida no chão.

– De quantos meses você está? – Minha mãe se ajoelhou ao lado dela.

– Amanhã devo ir à clínica para a consulta de cinco meses. São apenas cólicas.

Mamãe pôs a mão na barriga de Elle para avaliar as contrações e, em dois minutos, estávamos no carro rumo ao hospital. Minha mãe ignorou a surpresa, o desapontamento, a raiva, e se ateve às ações práticas.

– Elle, preciso entrar em contato com seu pai. Você sabe onde ele está?

– Por favor, não diga nada a ele.

A fragilidade incomum de Elle me levou a encarar a verdade. Ela era uma criança. E eu também.

– Precisamos de seu pai para interná-la. – Minha mãe assumira uma postura prática que eu desconhecia.

Mamãe era enfermeira especializada em partos e sempre contava muitas histórias de mulheres que davam à luz, mas nunca a considerei nesse contexto, tomando o controle da situação.

– Estou grávida. Isso me dá o direito... na clínica... eles me... ai...

– O rosto de Elle se contraiu de dor novamente.

– Onde está seu pai? – Minha mãe não desistia.

– Não sei. – Elle cerrou os dentes. – Talvez bebendo por aí.

Isso era um tanto otimista. “Talvez bebendo”? A afirmação sugeria que Hank tinha estado sóbrio em algum momento do dia anterior. Ou da semana passada. Ou do mês anterior.

Chegamos ao hospital e estacionei o carro. Minha mãe ajudou Elle a sair, sentou-a em uma cadeira de rodas e a empurrou pela rampa para uma das salas de parto. Três enfermeiras que trabalhavam com mamãe apareceram, esbaforidas.

– Linney – disse uma delas com voz estridente –, anda catando meninas pela rua?

– Este é meu filho, Matt. E ela é a namorada dele, Elle McClure. Está grávida, talvez na décima nona ou vigésima semana, e está com contrações. Quem é o obstetra de plantão?

– Blythe Clarke está como substituta. Os titulares estão em reunião.

– Graças a Deus! Chame-a, por favor. Elle, troque-se. – Mamãe deu a Elle uma camisola hospitalar e levou-me até o corredor.

– Por que você não me contou? – sussurrou com severidade. – Eu não te ensinei como evitar uma gravidez? Mesmo que não tivesse aprendido nada, ainda assim poderíamos ter feito um aborto. Senhor, Elle tem quinze anos! Matt, você sempre faz tudo errado.

Aquela não era a melhor hora para dizer que eu não prestara muita atenção aos avisos ou que usara um contraceptivo, só que de modo errado. Tampouco era momento para explicar que Elle descartara a ideia de aborto. A raiva que eu sentia de mim mesmo era maior do que a de mamãe por mim. Não me importava se ela não me perdoasse. Detestei tê-la magoado e deixado envergonhada diante das colegas, mas àquela altura eu só me importava com Elle.

– Vai ficar tudo bem com Elle, não é?

Frustrada, mamãe atirou as mãos para o ar e voltou para a sala. Eu a segui.

Outra enfermeira colocou Elle na maca.

– Tenho de verificar o batimento cardíaco do bebê. – Ela passou um dispositivo circular sobre o abdome de Elle. Para cima, para baixo. De um lado a outro. O alto-falante emitiu apenas um som muito leve. A moça olhou para minha mãe.

– Algum sangramento? – perguntou mamãe, e assumiu o exame. Ela continuou a mover o dispositivo, que fez um ruído estranho.

– Não, apenas cólicas – Elle inspirou fundo –, como agora.

– Isso é uma contração, meu bem – explicou mamãe.

– Mas ainda é muito cedo – retrucou Elle.

Fiquei chocado. Era incrível como Elle ainda não conseguia encarar a realidade. Pela profissão de minha mãe e por seus comentários, eu sabia que partos prematuros podiam ser contidos apenas em determinadas circunstâncias. Em outras, os bebês nasciam tão cedo que passavam meses na UTI neonatal.

Mamãe continuou sua busca por um batimento cardíaco. Elle e eu havíamos ouvido várias vezes na clínica o leve ruído. Por que agora ele não dava sinais?

– Onde o médico da clínica e vocês escutavam a batida do coração do bebê?

Elle apontou para um ponto em seu abdome.

– O bebê está se movendo? – perguntou uma enfermeira.

– Não, desde ontem – afirmou Elle.

Mamãe enrijeceu o maxilar e virou-se para a outra enfermeira.

– Traga um ultrassom portátil.

– O que aconteceu? – indaguei, pensando em milhões de possibilidades.

– Às vezes é difícil escutar as batidas. – Minha mãe preferiu não nos alarmar.

– É por isso que o bebê está tão quieto? – Elle fez a pergunta em um tom mais alto.

Assim como eu, Elle entendera que estava em trabalho de parto, mas havia algo errado com a criança. Dei a volta na cama, indo para a cabeceira, próximo dela, que escondeu o rosto em meu peito; eu escondi o meu em seus cabelos.

A enfermeira conduziu o aparelho para perto de Elle. A dra. Clarke entrou em seguida, os cabelos presos por uma fita rosa. Talvez para ninguém esquecer que ainda fosse jovem. Embora na época seus cabelos não fossem brancos, para mim ela já parecia uma senhora.

– Ora, o que temos aqui? Olá, sou a doutora Clarke. Meu bem, você fez o pré-natal?

– Sim, na clínica de Brunswick – respondeu Elle.

Blythe fez várias perguntas, às quais Elle e eu respondemos com detalhes. Vitaminas próprias para gestação, em dia. Exames de sangue, feitos. Tudo em ordem até o momento. Dezenove semanas.

– Muito bem, vamos dar uma espiada. – A médica passou o ultrassom sobre a barriga de Elle. Uma imagem circular apareceu.

– Esta é a cabeça do bebê. – A dra. Clarke olhava a tela e o rosto de Elle, alternadamente. – Este é o peito. – Ela engoliu em seco. Minha mãe fechou os olhos, e a médica inspirou profundamente.

– Quando foi que você sentiu o último movimento?

– Ontem, na hora de dormir.

A dra. Clarke segurou a mão de Elle e, com a que estava livre, apontou a imagem.

– Esse é o coração de seu bebê. Sinto muito, mas ele não está batendo.

Ele fixou o olhar na tela.

– Mas... ele tem de bater. A senhora está dizendo ... oh, não, Deus, por favor. – O gráfico do monitor mostrou uma elevação. – A senhora quer dizer que ela está morta?! – Ele gritou.

– É o que parece – disse a dra. Clarke com a voz baixa.

Muitas emoções me acometeram ao mesmo tempo: tristeza, preocupação, raiva, desapontamento e, para minha vergonha, alívio. Horrorizei-me em me sentir aliviado. Tentei segurar a mão de Elle, mas fui afastado. Minha mãe também tentou, sem sucesso.

– Essa é uma contração bem rija – sentenciou a médica. – Vamos examinar o colo do útero.

A enfermeira entregou um par de luvas e lubrificante para a médica.

– Saia daqui, Matt. – Minha mãe me empurrou para a porta.

– Linney, você pode ficar comigo? – gemeu Elle. Mais uma vez, parecia uma criança.

– Claro que sim, querida.

– E eu? – perguntei.

– Espere lá fora – minha mãe me expulsou.

Ele fez menção de abrir a boca para falar, mas fechou-a em seguida.

Então, fui dispensado. Senti-me inútil, culpado e triste. Ele não me queria a seu lado. Ela preferia minha mãe, qualquer mãe, por ser uma criança. Eu também queria minha mãe, e pude imaginar o quanto ela me odiava e o quanto eu fizera Elle sofrer. Fiquei quieto junto à porta, escutando.

– A dilatação está completa – comentou a dra. Clarke. – Elle, na próxima contração, quero que empurre.

– Está bem.

– A doutora Clarke pediu por telefone à enfermeira do laboratório que venha colher o sangue de Elle e que entre em contato com a clínica. Ela quer os prontuários médicos.

Depois de um tempo infinito, que não deve ter sido mais que meia hora, minha mãe apareceu no corredor, segurou-me pelo braço e me levou na direção oposta. Eu a fitei, incapaz de perguntar se Elle estava bem.

Minha mãe evitou me olhar até chegarmos a uma janela no final do corredor.

– Mãe...

– Elle vai se recuperar... fisicamente.

– E o bebê?

– Era uma menina. Quero que vá falar com Elle e, mesmo que seja difícil, é importante que você segure a criança. Se não fizer isso, passará o resto da vida se culpando por não tê-lo feito.

Minhas pernas bambearam. Talvez minha mãe quisesse me punir, fazendo que eu encarasse meu erro. Nisso, ela me abraçou.

– Eu te amo, Matt. Vá lá falar com Elle. Vou ligar para casa. Seu pai já deve estar lá. Ele sabe?

Assenti, e percebi em seguida que ele seria severamente repreendido por não ter dito nada à esposa.

Mamãe suspirou.

– Primeiro vou falar com seu pai. Depois encontro vocês. Vá segurar sua filha.

Minha filha?

Ele estava sentada na cama, pálida e abatida. A enfermeira injetava um medicamento no soro intravenoso. Ele não desgrudava o olhar do colo.

– Oi – falei ao entrar.

– Acha que devemos lhe dar um nome? Afinal, ela não vai pertencer a mais ninguém. Pensei em chamá-la de Alice, mas talvez não seja certo, porque... Acha que devemos dar um nome? – insistiu Elle.

Ainda perplexo, concordei. Foi então que vi a criança embrulhada em cobertores no colo de Elle. Céus. A menina era muito pequena. Tinha talvez uns vinte centímetros de comprimento.

– Quais são seus nomes favoritos? – perguntou Elle.

A questão era absurda. Nós não a chamaríamos para jantar nem cantaríamos "*Parabéns a você*".

– Não sei.

– Deve ser um especial, pois será a única coisa que poderemos dar a ela.

Nesse instante, atinei com a realidade. Aquele ser minúsculo poderia ter crescido e se tornado uma pessoa. Engasguei.

– Sim, sim, um nome.

Ele pôs uma das mãos em meu ombro.

– Você pode escolher o que quiser – falei.

– Celina. É um nome bonito, não é? Quer dizer deusa da Lua e...

– Está ótimo. – Eu a interrompi, porque não suportaria lidar com nada mais sentimental que ela pensasse em dizer. Por exemplo, toda vez que admirássemos a Lua, pensaríamos em Celina. Comigo isso aconteceria, com certeza.

– Acho que ela seria bonita. E inteligente, é claro – declarou Elle.

– Brilhante como você. – Aproximei-me para ver o bebê.

– Quer segurá-la?

Aceitei, mesmo sem querer.

Ele pôs o embrulho de manta em meus braços e não senti o peso de um bebê. Era como se a menina não estivesse ali.

– Desculpe, Matt. – Elle esfregou os olhos.

– Por quê?

– A culpa deve ser minha. Tudo ao meu redor está morrendo. Em minha casa, em meu corpo. Em todos os lugares. Perdoe-me, Matt.

Sentei na cama ao lado de Elle e beijei seus cabelos.

– Não, Pip. Você não tem culpa de nada. – Senti-me como um criminoso. Creio que Elle jamais teria entregado a filha para adoção. E eu também não teria sido capaz de me separar de Celina.

Mamãe bateu à porta, entrou e sentou-se numa cadeira a um canto. Seus olhos estavam vermelhos.

– Eles a levarão, quando estiverem prontos. É preciso transferir Elle para um quarto comum.

– Levá-la? O que farão com ela? – Elle tirou Celina de mim e a abraçou.

– Alguns fazem um funeral. A maioria deixa que o hospital se desfaça do feto.

– Um funeral – afirmei.

– Desfazer? Meu Deus! – Elle se horrorizou. – Um funeral? Não posso contar nada a meu pai, ainda mais com a situação lá de casa. O que faremos, Linney? – Elle começou a soluçar.

Por alguns minutos, no silêncio que permeou o quarto, abracei Elle, que segurava Celina com força.

– Tenho de discordar de você, Elle. Acho que Hank deve saber, mas você tem razão, talvez não agora – admitiu minha mãe. – Verei o que o hospital pode fazer. Pedirei que mandem a conta para nossa casa, e não para a sua. Matt, em vez do funeral, podemos cremá-la. Eu e seu pai pagaremos as despesas. Depois vocês darão às cinzas o destino que quiserem. Elas são entregues em uma urna e podem ser guardadas, enterradas, espalhadas na água, o que preferirem.

– Cremar? – Celina seria queimada. Senti como se houvesse levado um soco. – De jeito nenhum.

Elle limpou o rosto.

– Está certo, Matt. – Elle recomeçou a chorar. Limpou as lágrimas com uma das mãos e com a outra apertou Celina de encontro ao peito. – Você conhece a canção “*Woodstock*”? A letra diz que “somos poeira estelar”. E é verdade. Nós viemos da poeira estelar. Tudo na terra não passa de cinzas...

Uma enfermeira entrou na sala.

– Elle, preciso levar você para um quarto, querida. Está pronta?

Elle beijou a cabeça minúscula de Celina e me devolveu a criança.

Celina seria queimada, independente dos eufemismos de que Elle lançasse mão.

– Perdoe-me – sussurrei perto da orelha de Celina, e tive a sensação de flutuar.

Mamãe tirou o bebê dos meus braços e piscou para não chorar.

– Vamos, meu anjinho. Eu gostaria de tê-la conhecido.

Desde então, venho observando a chuva de meteoros Perseidas. Há muito tempo, Elle e eu a vimos na casa do avô dela, que depois se tornou nossa casa. Concebemos Celina não muito depois de passarmos juntos a primeira noite. Nos anos seguintes, dirigia durante horas a fio para encontrar um local aberto e escuro o

suficiente. Depois subia no capô do carro e observava o show de luzes. De alguma maneira, acreditava que assim Celina ficaria sabendo que eu pensava nela. Mais tarde, sem alternativa, esquadrihava o céu de cima de um telhado em Nova York, fingindo que podia ver as finas estrias de fogo.

Celina, nossa pequena centelha de poeira estelar.

14

Depois do acidente

Dia 4

– Então vocês perderam Celina... – Jake sacudiu a cabeça em negativa. – Foi por causa da doença autoimune de Elle?

– Provavelmente. – Apanhei um livro da estante do consultório, encontrei o capítulo que tratava da síndrome antifosfolipídica e deixei aberto na mesa diante dele. – Se estiver interessado, é uma leitura leve. – Abri uma gaveta com arquivos, tirei uma pasta com artigos de periódicos sobre essa doença na gestação e também deixei diante dele. – Ou você pode se basear no que Clint lhe contou sobre ela quando você o interrogou.

– Você fez um estudo completo sobre a síndrome – afirmou Jake, enquanto folheava as páginas.

– Antes do diagnóstico de Elle, não dei maior atenção à síndrome, pois esse não é um problema neurológico. Mas, nos últimos quatro anos, o caso ganhou o meu interesse.

– Algum fato que queira acrescentar?

– Não foi essa síndrome que matou o último bebê.

– Então o que foi?

– Estávamos em casa e a bolsa rompeu. Tudo saiu às avessas e foi muito rápido. Chamei uma ambulância, mas... – Minha voz falhou e recomecei a andar. – Não chegamos ao hospital a tempo... para o bebê.

Jake e eu passamos uma hora exaustiva discutindo o que acontecera e o motivo pelo qual me tornara tão relutante em fazer uma nova tentativa.

Contei-lhe histórias de nossa vida, embora ele já soubesse muito a meu respeito. Falei sobre Elle no tempo em que estivemos separados. O que incluiu a Nasa e Adam, ainda que não o tenha mencionado pelo nome, citando apenas que Elle morara com ele. Enfim, às sete horas, Jake e eu nos separamos.

15

Dia 4

Entrei em nossa cozinha vazia e acendi a luz. O par de tênis de corrida de Elle estava sob uma cadeira afastada da mesa. A samambaia que ficava em cima da pia havia murchado por falta de água. Nosso labrador, Hubble, não estava para me receber. Meu irmão Mike viera buscá-lo.

A quietude da solidão.

A lembrança de Elle se fazia presente por toda parte. Nas paredes com as cores que ela escolhera, nos livros nas estantes, nas nossas fotografias, a sós ou com amigos, além daquelas da época da Nasa. Ele não era exatamente bagunceira, mas não podia ser acusada de maníaca por arrumação. Os objetos ficavam onde caíam.

– Gravidade – dizia ela. – Depois eu arrumo.

Nem sempre ela se ocupava com os detalhes menos importantes da vida. Eu costumava encontrar contas guardadas nos lugares mais estranhos.

– Você é como uma professora distraída – afirmei em uma ocasião.

– Sei onde ponho tudo. Tudo. Martha Stewart se contorceria diante de minha falta de organização externa. – Elle bateu na testa. – Mas, aqui, tenho um algoritmo bem detalhado.

– Claro que sim – respondi, e, na época, tratei de juntar as contas para pagá-las.

Entrei no quarto, com a esperança de sentir a fragrância que Elle deixava nos lençóis, mas, na manhã do acidente, ela tirara a roupa de cama para lavar e jogara o edredom no banco aos pés da cama.

Entrei no banheiro à procura de lençóis. No balcão, uma sacola da farmácia com aspirina infantil e fotos da viagem que havíamos feito

no mês anterior para a ilha do Príncipe Eduardo. Eu me encontrava sozinho na maioria das fotos. Ela adorava clicar sem que eu percebesse. Dizia que dessa maneira se retratavam o espírito e a verdade de uma pessoa.

Assim era Elle, repleta de misticismos, superstições e contradições. Isto era o que eu mais amava nela. O mundo a via como uma cientista compulsiva, e era mesmo. Quantas pessoas defendiam uma tese de doutorado aos vinte e dois anos de idade? Mas minha brilhante esposa temia gatos pretos que cruzassem seu caminho. Fazia pedidos às estrelas, embora soubesse calcular matematicamente a trajetória de um satélite em decaimento orbital, além de explicar as reações químicas e os fenômenos físicos que aconteciam na fissão.

Elle também nunca deixava uma cadeira de balanço vazia em movimento. Era algo que relacionava à morte de crianças. Tudo em vão. Havíamos perdido nossos bebês antes mesmo de nascerem.

Por que acreditar que desta vez seria diferente? Que esta criança nasceria com boas perspectivas... e que Elle poderia ser mantida viva por tempo suficiente para permitir que o bebê sobrevivesse? Porque desta vez *tinha de ser diferente*. Porque eu precisava dar a Elle o filho que ela tanto desejava. Porque ainda podia vê-la segurando Celina e chorando. Porque havia carregado nosso primeiro filho e também os outros. Porque...

O feto dentro do ventre de Elle era apenas uma sombra no ultrassom. Um lampejo. Ainda assim, eu tentaria transformá-lo em realidade.

Dylan atingira quase dois quilos e cem gramas. No hospital, depois de pesá-lo, informaram-nos de sua estatística vital, como se isso fosse capaz de fazê-lo reviver. Os números talvez fossem necessários para termos algo concreto para lamentar. Havia segurado meu filho nos braços. Tentara soprar nele o fôlego da vida. E falhara.

Talvez fosse algo que eu precisasse tentar de novo: inflar a vida nessa criança... e fazer uma parte de Elle renascer. O bebê não a traria de volta, mas Elle havia sonhado com um filho. Eu tinha, por obrigação, de manter vivos sua esperança e seus sonhos.

Revirei algumas fotos. Encontrei Elle sorrindo em uma delas. Um sorriso largo. Que eu nunca mais veria.

– Pip, o que quer que eu faça?

Há alguns dias, Elle dissera que valeria o risco de tentar novamente.

Seria digno mantê-la viva artificialmente por isso? Ela responderia sim ou eu estava apegado a uma ilusão?

Guardei no bolso uma foto em que Elle caminhava na praia de areia avermelhada, acondicionei as restantes na sacola e paralisei.

Havia um teste de gravidez embaixo da pia do banheiro. Abri a porta do armário e tateei. Não estava ali. Vasculhei em torno. Nada. Ela fizera o teste? Ela sabia? Ou teria apenas jogado o teste fora para não discutirmos mais?

Elle não sabia. Não poderia saber. Se soubesse, não teria subido naquela escada.

Nosso quarto era pequeno e simples, pintado em cinza-claro.

– Cinza é relaxante – dizia ela.

Cabia uma cama de casal pequena – pequena demais para meu tamanho. Mas isso resultava em benefícios: significava que Elle e eu sempre tínhamos de encostar um no outro à noite.

Eu não conseguiria dormir ali sem ela. Peguei o edredom e um travesseiro, com a pretensão de descer e dormir no sofá da sala. Ao chegar à porta do sótão, parei, perdido na amplitude dos acontecimentos dos últimos dias.

Arrastei-me para cima. Há apenas cinco noites, eu viera tarde para casa, depois de fazer uma cirurgia de emergência em meu dia de folga. Elle me esperava no sótão, sentada de pernas cruzadas sob a luz de um abajur, lendo os diários antigos da mãe e escrevendo o próprio.

Elle poderia ainda estar ali, escondendo as cartas sob o alçapão, para evitar que o mundo as visse. Teria escrito alguma coisa sobre sua crença de que a vida se iniciava no momento da concepção?

Isso importava mesmo? Não teria coragem de mexer em suas coisas. Aquele era o local em que eu a vira e abraçara pela última vez. O primeiro local em que havíamos feito amor. E o último.

E agora Elle não estava mais ali. No silêncio da casa, podia escutar minha respiração.

Acendi o abajur, abri a porta e fui para o terraço. Enquanto esperava um meteorito passar, estendi o edredom no piso e sentei-me para perscrutar o céu escuro. O pico da chuva de meteoros Perseidas já terminara, mas a Terra ainda passava por aquela região do espaço. O que eu pediria? Para voltar no tempo. Diria a Elle que não subisse naquela escada. Ou para que o bebê sobrevivesse, mesmo contra todas as perspectivas em contrário. Ou para morrer durante o sono e assim poder encontrar Elle no meio do nada. O vácuo por pouco não me engoliu.

Virei-me de lado e chorei. Como nunca havia chorado.

Acordei com as primeiras luzes que tingiram o céu. Estava com o corpo dolorido devido ao chão duro, ao desabafo emocional e a uma visão mais clara do que o futuro me reservava.

16

Dia 5

Era de esperar que aparecesse a letra de Elle no espelho, que ficara embaçado pelo vapor do banheiro. *the sweetest thing!* Invariavelmente, ela deixava algumas palavras escritas na superfície lisa e eu respondia. Muitas vezes era uma frase de poema. Elle gostava de Dickinson, Thomas e Rossetti. Em outras, ela escrevia algum tipo de mensagem: “Salve alguém hoje” ou “Eu te amo”.

Eu sorria e limpava o espelho antes de me barbear. Naquele momento, limitei-me a apagar as palavras com a toalha, encostei-me na parede e esperei o vapor secar. A mensagem carinhosa de Elle desapareceu.

Abri de novo o chuveiro, deixei mais uma vez o vapor tomar conta do banheiro, e as letras não reapareceram. As partículas gasosas se condensaram e escorreram em gotas grossas. Imaginei por que Elle teria escrito aquelas palavras. Seria uma alusão à música do U2 que eu sempre escutava? Talvez fosse uma das maneiras de dizer o quanto me amava. E nosso amor, de fato, sempre fora muito doce.

Inspirei, intrigado. Era o cheiro de café e broa de milho de minha mãe. Escutei o som de água corrente e o tilintar de pratos. Minha mãe estava em casa. Desci a escada e me preparei para expulsá-la. E o teria feito, não fosse a visão de seus olhos, encovados e tristes. Se não estivéssemos em lados opostos da disputa, poderíamos dividir a angústia. Ela poderia me confidenciar como encontrara forças para sobreviver após a morte do meu pai.

Eu lidava com mais uma perda. A de minha mãe. Antes do acidente, ela e eu éramos muito unidos. E, no tribunal, minha mãe

demonstrara que Elle representava muito mais que uma nora para ela. Muitas vezes, mais do que um de seus próprios filhos.

Ela se afastou para o outro lado quando entrei na cozinha.

– Mike ainda está com Hubble. Fiz seu café e...

– Sei tomar conta de mim.

– Ontem à noite assei um pernil de carneiro e preparei sanduíches para você. Não se preocupe, tirei toda a gordura. Você precisa comer, e sei que gosta de carneiro. – Ela limpou o balcão com uma esponja.

– Sei tomar conta de mim – repeti.

Ela agia como se eu dependesse dela para comer, limpar a casa e me nortear por sua bússola moral. Continuou falando como quem orienta um adolescente, enquanto fazia o serviço.

– Deveríamos entrar num acordo. – Minha mãe queria expor o seu ponto de vista.

– Como eu faria uma coisa dessas, se você pretende matar minha mulher?

Mamãe engasgou e recuou um passo.

– Não pode estar falando sério! Sabe como eu amo Elle.

– Saia! – Por um segundo, esqueci que ela era minha mãe e tive vontade de arrastá-la para fora. Acordo? Ela nos separava. Elle e eu havíamos nos casado. Qual era a retórica do casamento? *O que Deus uniu, nenhum homem poderá separar*. Claro. Minha mãe não aceitava essa premissa. – Saia! – falei novamente.

Minha mãe fingiu não ter escutado. Enxugou as mãos em um pano de prato e, sem tentar esconder, enxugou os olhos. Pôs café em dois copos, que levou à mesa.

– Eu só peço dez minutos. Sente-se e escute. Coma alguma coisa. Não estou pronta para enterrar você também. Vamos, você adora broa de milho.

– Mas está pronta para enterrar Elle, não é? Ah, Deus. – Mesmo sem querer, eu a encarei enfurecido. Desejando puni-la.

Ela me estendeu o prato.

Droga. Não queria perder tempo tomando café da manhã, mas queria menos ainda parar em uma lanchonete. Peguei o prato e me sentei.

– Não somos inimigos, apenas adversários – ela disse.

Comi e tomei o café sem responder.

– Os repórteres continuam ligando. – Minha mãe me entregou um pedaço de papel por cima da mesa. – Pedi um novo número, que não foi listado.

Espiei a secretária eletrônica, que piscava em cima do balcão.

– Você deveria fazer o mesmo. – Ela fitou o café. Era raro minha mãe não encarar o interlocutor.

Levantei-me e escutei a primeira parte da dezena de mensagens, apagando cada uma assim que a pessoa se identificava.

– Por que não me deixam resolver sozinho meu problema?

– Porque as pessoas sentem afinidade por ela. Elle foi para o espaço e atraiu a atenção dos que precisavam acreditar em heróis. E porque ninguém quer ser mantido vivo contra a vontade.

Fitei minha mãe com um sentimento de desaprovação.

– Meu querido, viver como um vegetal é apavorante para qualquer um. Perdão, mas você deveria saber, já que sua profissão é salvar vidas.

– E você também deveria saber que estado vegetativo não é a mesma coisa que ser um vegetal. Elle teve contusão cerebral irreversível. Mesmo assim, é um ser humano, e não um vegetal. – Estendi minha mão, que ela tocou, mas eu a recolhi. – Quero as chaves da minha casa.

– Matthew, me perdoe. – Minha mãe esfregou a testa. – Pensei que você fosse conseguir enxergar a situação com mais clareza. Sendo assim, terei de contratar um advogado. É o que farei. Estamos em lados opostos, mas, por favor, entenda...

– Entender o quê? Caramba! Que você não aceita a opinião do seu filho?

– Elle ficou traumatizada pela maneira como a mãe morreu.

– As situações são diversas. Alice sofria com dores constantes. Elle não sofre e está grávida. Alice não estava. E, mesmo que Elle estivesse sofrendo, ela se sacrificaria pelo filho.

– Como você sabe que ela não está sofrendo? Na doença de Alice, os médicos insistiam em que ela não sentia nada por estar em coma. E nós dois sabemos muito bem que isso não foi verdade.

Como é que você pode garantir que Ele não esteja sofrendo nada? Ela não pode dizer. E se ela estiver com dores de cabeça insuportáveis? Em algum nível primitivo, por exemplo.

O bolo que se formou em minha garganta por pouco não me impediu de falar.

– Analisei o eletroencefalograma. Literalmente, não há a menor atividade cerebral, mãe. O artefato... – Ah, como eu odiava aquela palavra. O artefato elétrico era tudo o que restava da essência de Ele. – Ela não está mais conosco.

Minha mãe primeiro estremeceu, depois ficou imóvel, talvez absorvendo o vácuo da ausência de Ele. Devagar, encaminhou-se para a porta e tirou as chaves da minha casa de sua bolsa, que estava pendurada na maçaneta.

– Você está cego e não vê o que está causando a Ele e a você mesmo. – Ela deixou as chaves sobre o balcão. – E isso me apavora.

17

Dia 6

Mesmo sem querer, as pessoas sempre ficam com o olhar fixo em vítimas de tragédias, nos membros quebrados ou na falta deles, perguntando-se como tudo ocorreu. Era como me encaravam na fila da cafeteria. No entanto, eu precisava de cafeína tanto quanto de ar.

Meu celular tocou. Depois de um breve cumprimento, Jake foi direto ao ponto. Perguntou-me se havia pesquisado os papéis que ele me pedira. O que dizia o testamento de Elle?

Exausto e aborrecido com a presença de minha mãe, esquecera de procurar qualquer indício na única noite em que fora para casa.

– Faz dois dias que não conversamos. Precisamos nos preparar para a audiência.

Ao meio-dia, deixei Hank ao lado da filha no hospital e fui ao banco. Os testamentos estavam em um cofre alugado, bem como certidões de nascimento, ações, seguro de vida – o que era uma bobagem, constatei. Nada era seguro, muito menos nossa vida.

Na verdade, jamais pensara em fazer um seguro. Elle me convencera dizendo que ninguém era eterno e que morreríamos algum dia. Eu já vira a morte nas suas manifestações mais terríveis, e entendia que era inevitável. Mas tomar decisões desse tipo requeria uma coragem que nunca fora meu forte.

Elle, ao contrário, era destemida. Eu jamais teria subido em um ônibus espacial cerca de um ano após o desastre com o *Columbia*.

Posteriormente, ela me contou que, enquanto se aprontava no *Atlantis*, chegou a pensar que era amaldiçoada, e torceu para que os companheiros não morressem por culpa dela.

– Não ria – pediu. – É uma estupidez, mas nenhuma mulher da família de minha mãe, em seis gerações, passou dos quarenta.

Havia ido com Elle ao cemitério para ver as lápides e ficara sabendo desse pormenor, mas caçoara dela na ocasião.

– O quê? Então alguma bruxa velha amaldiçoou todas as mulheres da família?

– Eu pedi para você não rir.

O riso era um mecanismo de defesa. Eu vira a mãe dela morrer. Conhecera o avô de Elle e vira as cicatrizes que trazia do acidente que vitimara a esposa.

Elle estava grávida de Dylan quando tivemos aquela conversa. Ela segurou minha mão, para que eu sentisse os chutes do garoto.

– Não vou morrer jovem, Matt. Nós o veremos crescer, mas no *Atlantis* eu fiquei apavorada. Pensei que levaria meus companheiros à morte.

Beijei sua boca e depois a barriga.

– Formaremos uma família e viveremos felizes e juntos por muito tempo.

– Se eu também estivesse destinada a morrer jovem, teria sido naquela missão espacial, não acha? Vamos fazer um testamento, nem que seja para espantar os maus espíritos.

Portanto, em um ato de solidariedade, fui a um advogado e fiz um testamento de acordo com o dela, para apaziguar as superstições de Elle e permitir que ela dormisse sem preocupações. Nada disso adiantara. Perdemos Dylan. Perdi Elle. A única coisa que eu deixara... a única coisa que Elle deixara fora esse feto que crescia em seu ventre.

Voltei para casa e esquadrinhei o escritório à procura de documentos, extratos bancários, contas e prontuários médicos. No meio deles, não encontrei nada que pudesse me ajudar naquela controvérsia. Nem cadernos nem livros dos tempos de universidade. Era provável que estivessem em Bowdoin.

No fim da tarde, foi possível avistar a distância uma tempestade que se aproximava. Momentos depois, o vento sibilava rio acima, em direção à nossa casa. Resolvi inspecionar as janelas e dar uma espiada nos diários de Elle. Nisso escutei um estrondo no sótão. Subi

correndo a escada, direto para a boca do furacão. As portas francesas, batendo por causa do vento, haviam derrubado o abajur do pedestal. Fechei as portas e as tranquei. Abaixei-me para pegar o abajur, cujo bulbo se despedaçara no chão. Perfeito. Melhor impossível. Varri as lascas de vidro e abri o alçapão. Ele guardava os próprios diários e os de sua mãe em um compartimento sob o piso do sótão. Era um dos muitos compartimentos secretos dessa casa antiga, uma reminiscência do avô contrabandista.

Os diários de Alice não eram relevantes. Eu queria os de Elle. Havia centenas, talvez milhares de cartas, muito mais do que eu podia supor. Refleti por onde começar, perguntando-me se ela os guardava em ordem cronológica ou se apenas os empilhava aleatoriamente. A certa altura, Elle começara a escrever em cadernos pautados, e calculei que houvesse mais de setenta deles. Meu Deus, ali deveria ter sido transcrita a vida com Adam em seus pormenores, inclusive sua vida sexual.

Durante os anos em que Elle e eu estivemos separados, tive outros relacionamentos e me encantei por outras mulheres, mas não queria saber nada a respeito da vida dela... com ele.

Afastei a ideia e procurei me lembrar de que eu precisava encontrar apenas uma coisa: evidências que desmentissem a diretiva antecipada que ela preencheria. No íntimo, sabia que era pouco provável achar alguma coisa. Elle odiava com todas as forças a maneira como a mãe morrera.

Tirei os cadernos, mas larguei tudo no chão, pois meu celular começou a tocar no bolso da calça. Peguei-o, pensando que fosse do hospital. Não era. Melanie chamava de novo.

– Olá, Mel.

– Por que você não vem jantar? Faremos grelhados. Apenas espigas de milho e hambúrgueres. Vai ser bom você tomar um pouco de ar puro.

– Agradeço muito, mas preciso achar alguns papéis que meu advogado pediu. Vou aceitar em outra ocasião.

Depois de desligar, avalei o tamanho da pilha de cartas e cadernos. Ficaria a noite inteira ou provavelmente muito mais tempo procurando. Para começar, precisava de café, além da certeza de

que a situação de Elle era estável. Liguei para o hospital. As enfermeiras me disseram que não havia alterações. Hank confirmou a declaração das moças e concordou em passar a noite com a filha.

Deixei de lado os registros mais antigos para me concentrar nas datas subsequentes ao nosso casamento. Era estranho ler *Querido Matt*. Mais estranho ainda era comprovar que ela parecia mesmo se dirigir a mim. Os escritos, em sua maioria, eram ternos e amorosos. Alguns não, como na vez em que eu esquecera de avisar que teria de ficar no hospital, ou quando a acordara por ter me confundido com a papelada do escritório. Outros itens eram bobagens sentimentais que eu saboreei, esquecido de que tinha um propósito, uma passagem para encontrar, algo sobre um testamento vital.

Por volta de meia-noite, levei as cartas para a sala de estar. Adormeci e sonhei com Elle em meus braços lendo as cartas em voz alta.

2 de outubro de 2004

Querido Matt,

Pela manhã, você e eu estaremos diante de nossos amigos e familiares e prometeremos a nós mesmos ficar juntos. Eu deveria estar nervosa. Deveria estar preocupada, sem saber se tomei a decisão correta. Em vez disso, estou em paz.

A decisão de dormirmos separados esta noite foi a escolha mais absurda que já tomei. Eis uma verdade, uma coisa sobre a qual a Igreja Católica tem razão: o matrimônio é um sacramento que o padre não concede. Ele o preside, pois o sacramento em si é dado ao homem pela mulher e à mulher pelo homem. Eu me caso com você. Você se casa comigo. É por essa única razão que eu desejo me casar perante a Igreja. Faço questão que seja assim, embora quase não frequentemos a missa. Acredito que o

casamento é entre nós dois mais do que acredito em qualquer outra coisa.

Eu te amo desde sempre. Nunca duvide disso. Mesmo quando não podia enxergar claramente o fato, eu te amava. Sinto você em minha alma. Portanto, o casamento desta manhã é apenas uma certidão a respeito do que sempre acreditei ser meu destino. Nosso destino. Eu te amo, Matthew. E te amarei enquanto estiver viva. E além da vida também.

*Com amor,
Pip*

Dezenove anos antes do acidente

Decidi estudar medicina aos sete anos, quando testemunhei meu primeiro milagre médico. Minha família fazia um piquenique em Sebago Lake, e Mike, meu irmão de dez anos, escorregara de uma corda e caíra na água. Não emergira. Meu pai mergulhara de imediato e o trouxera de volta, flácido e com a pele azulada. Minha mãe o ressuscitara com respiração boca a boca e tudo mais que pede a reanimação cardiorrespiratória. Dois dias depois, ele voltara do hospital, ostentando um olho roxo e dez pontos.

Nem todos os finais eram felizes, mas eu só entendi isso dez anos depois. Alice agonizava. Tudo dera errado nas últimas semanas. Primeiro, Elle perdera o bebê, e depois as enfermeiras convocaram o Serviço Social.

Recordando agora, é difícil de acreditar que ainda não houvessem denunciado o que ocorria na casa dos McClure. É possível que tenham aceitado a princípio o apoio irrestrito que minha família dedicava a eles, ou soubessem que Christopher e Elle não sofriam agressões físicas. Porém, Hank começou a desaparecer por dias a fio.

E, algumas semanas depois, um órgão do hospital relatou a negligência, citando que, na ocasião em que Elle perdera o bebê, Christopher não tivera quem cuidasse dele na volta da escola. A bem da verdade, não foram citados os motivos da ausência de Elle. A enfermeira que cuidava de Alice, claro, não era responsável pelo garoto de oito anos. Hank não voltara para casa nem telefonara

naquela noite. A enfermeira relatara ainda que ele aparecia embriagado com frequência.

Durante o período entre o aborto e o relatório do Serviço Social, meus pais também discutiram sobre a necessidade de avisar as autoridades.

– Antes de Matt e Elle perderem o juízo – mamãe argumentou –, poderíamos ter trazido as crianças para viver conosco. Mas, agora, é impossível Matt e Elle morarem sob o mesmo teto. Não conseguiremos separá-los.

– Também não poderemos afastá-los enquanto os McClure estiverem morando ao nosso lado – papai contrapôs. – Qual é a diferença?

Já mencionei a grade do aquecimento central do meu quarto, por onde podia escutar todas as conversas na cozinha? As palavras chegavam aos meus ouvidos como um enxame de vespas.

Continuava a passar pela casa de Elle todos os dias após as aulas. Em poucas semanas, ela readquiriu a forma antiga. Eu a desejava, mas ela me repelia. Afirmava estar apavorada com a possibilidade de uma nova gravidez. Havíamos cometido um erro uma vez, e Elle não queria tomar pílula anticoncepcional por receio de adquirir câncer de mama, como a mãe. Aos poucos a intimidade física e emocional entre nós foi diminuindo, enquanto crescia a preocupação de Elle com o estado crítico da mãe.

– Por favor, papai, mande tirar esses tubos de alimentação – implorava Elle. – Veja como ela está sofrendo! Por favor. Será que não poderiam ao menos dar mais analgésicos a ela?

Elle implorava às enfermeiras e ao pai. Mas, quando Hank estava em casa, suponho que a embriaguez não lhe permitisse ver o que nós todos enxergávamos. Acho que esse era o problema.

Certo dia, enquanto a enfermeira fumava no quintal, Elle tentou abrir com uma alavanca a caixa de medicamentos que ficava trancada. A enfermeira a surpreendeu e ameaçou chamar a polícia. Esse fato deve ter apressado a conclusão de que os McClure estavam com sérios problemas.

– O que estava planejando fazer? – interroguei Elle.

– Evitar o sofrimento da minha mãe. Isso é horrível. É tão inaceitável quanto a tortura. Por que não a deixam partir em paz? Por que os médicos não desligam tudo? Meu pai pode se matar de beber para não ver, mas ele está deixando minha mãe sofrer ainda mais.

– O que queria que eles fizessem? Quer que a ajudem a morrer? Quer que cometam um assassinato misericordioso?

Ele aproximou-se de mim na entrada de minha casa.

– Acha mesmo que seria errado? Se fosse comigo, eu preferia morrer.

Eu não a reconhecia naquele estado desesperador. Os olhos chispavam como se estivesse presa em um recinto que se incendiava.

– Tenho de estudar para os exames parciais. – Aproveitei a desculpa para entrar. Não queria escutar o que poderia vir depois.

Outra semana se passou. Hank desapareceu por três dias.

Foi então que o pior aconteceu.

Ele não me contou que o pai estava ausente. Nós não conversávamos mais. Só descobri quando voltei do colégio e vi o bilhete de minha mãe sobre a mesa:

Encontramos Hank. Papai vai levá-lo para fazer desintoxicação alcoólica. A enfermeira chamou o Conselho Tutelar. Vou para Portland, ver se consigo evitar que Elle e Christopher sejam encaminhados para adoção.

Pulei a cerca que separava nossas duas entradas e corri para a casa dos McClure. A enfermeira abriu a porta.

– Não tive escolha. – A enfermeira se defendeu. – Sou legalmente obrigada a relatar abusos e negligência. Sua família está tentando manter as crianças em segurança, mas a situação saiu do controle.

Atrás da mulher, foi possível ver Alice, mais cadavérica que nunca, a respiração difícil.

– Não contei ao Conselho Tutelar que Elle ficou grávida – comentou. – Se seus pais conseguirem a custódia de Elle e Christopher, direi à assistente social que foi a melhor solução. Sei que seus pais amam as crianças, mas escute, Matt, você e Elle não podem aprontar mais nenhuma confusão. Se acontecer uma nova gravidez e alguém descobrir a verdadeira história, os dois com certeza vão para um lar adotivo.

– Está certo, entendo. De qualquer maneira, Elle não quer mais que eu chegue perto dela mesmo.

Depois do ocorrido, Elle e eu havíamos chegado a um impasse. Meu pai ameaçava cortar minha verba para a universidade, e minha mãe me acenava com a castração. Elle se retraía toda vez que eu tentava tocá-la. Alice se consumia, mas continuava viva. Cheguei a pensar que ela nunca morreria.

Mamãe chegou em casa às dez da noite, trazendo Elle e Christopher. Elle estava com o rosto vermelho e os olhos inchados. A cara de Christopher estava suja de muco nasal.

Mamãe, desconsolada, movimentava a cabeça de um lado para o outro. Papai fez sinal para que eu o seguisse e levou Christopher para o meu quarto. Deixou o garoto na cama superior do beliche e virou-se para mim.

– Ele está apavorado. Quero que você fique aqui com ele.

Segui meu pai até o corredor.

– Por favor, deixe-me falar com Elle primeiro.

Papai pôs a mão em meu peito e me empurrou para trás.

– Você precisa dormir, tem de acordar cedo amanhã para ir ao colégio. Sua mãe levará Elle para casa. A enfermeira está lá e a assistente social permitiu que Elle ficasse em casa durante esse período.

Quando abri a boca para argumentar que eu não teria aulas no dia seguinte, pois era noite de sexta-feira, Christopher começou a berrar.

– É muito alto! Quero a Elle!

– Fique com ele – ordenou meu pai. – Sua mãe se arranjará com Elle.

Curvei os ombros e fui para o quarto.

– Olá, garoto, tudo bem. Cheguei.

– Quero a Elle.

– Eu também. – Tirei a camisa e me deitei sob os lençóis de flanela da parte inferior do beliche.

– Aqui em cima é muito alto – reclamou Christopher. – Posso dormir aí com você?

O único McClure com quem eu queria dormir era Elle.

– Não. Aí em cima tem uma grade. Você não vai cair.

– Por favor, não posso dormir com você?

– A cama é muito estreita. – Caramba, o espaço já era pequeno só para mim.

– Se fosse a Elle, você deixaria.

Droga. Elle provavelmente podia ouvi-lo se lamuriando lá da cozinha.

– Está bem. – Era o único jeito de silenciar o garoto.

Ele jogou as pernas para fora e veio para os meus braços. Acabou por se ajeitar junto à parede. Olhei pela janela para ver minha mãe levando Elle para casa. Não a vi voltar.

Na manhã seguinte, mamãe preparou broa de milho e bacon. Sentei-me à mesa.

– O Christopher ronca – lastimei.

Mamãe deixou uma xícara de café na minha frente.

Espantado, senti o aroma da bebida quente. Ela nunca me oferecera café antes, embora eu o tomasse a toda hora.

– É meu?

Ela não respondeu.

– Mãe? Você está bem?

Ela me olhou, como se me visse pela primeira vez.

– Por que você está tomando café? – Não tive tempo de responder.

– É melhor se apressar ou perderá a hora do colégio.

– Hoje é sábado.

Ouvi baterem à porta, e a enfermeira entrou.

– Sinto aborrecê-los. – Ela pigarreou. – Alice McClure faleceu há uma hora. Elle está inconsolável.

Mesmo depois de meses rezando pela paz da mãe, Elle não estava preparada para o impacto.

Nunca estamos.

19

Um ano antes do acidente de Elle

Elle e eu discutíamos a diferença entre os sexos, deitados na cama. Após os comentários anatômicos óbvios e costumeiros que os amantes compartilham, a conversa se encaminhou para o psicossocial, o espiritual, o clichê. Comentei que os homens eram mais agressivos, e as mulheres, mais afetivas.

– As mulheres são mais fortes – prosseguiu Elle –, mais seguras de si.

– Como você chegou a essa conclusão? – Estufei o peito.

– Ora, os homens têm a testosterona, que deixa os músculos maiores; belos, aliás. Mas, apesar de toda a autoafirmação, são inseguros. Não estou me referindo a você em particular, mas aos homens em geral. Eles tendem a controlar tudo o que não entendem. E não entendem as mulheres, por isso as subjagam. O gênero masculino não gosta de ler livros ou ver filmes em que os protagonistas sejam mulheres. São intimidadores. E escondem qualquer tipo de inadequação.

– Ahn?

– Se um homem, e estou falando, repito, no plural – Elle arqueou as sobrancelhas e tocou-me de modo sugestivo –, não consegue levantá-lo, o que não parece ser um problema no seu caso, você acha que ele comentaria o assunto na academia? Acho que não. Ele se fecharia no machismo mais extremo, alardearia a respeito de suas inúmeras conquistas e trataria de deixar a impressão de que é um sedutor.

– Estou sendo difamado.

Ele revirou os olhos.

– Nada disso. Você não tem nenhum problema nesse departamento, é evidente. Vou dar um exemplo que nos envolve. Se uma mulher não consegue levar adiante uma gravidez, o que a faz se sentir frustrada como mulher, tanto quanto a impotência frustra o homem, o que ela faz? O que eu fiz? Encontrei outra mulher que passou por isso e trocamos experiências sobre o assunto. Os homens não fazem isso. Eles não têm a mesma segurança.

– Como eu disse, mulheres são mais afetivas. Por isso, elas encorajam umas às outras. Você já percebeu que concordamos em tudo?

Ele lançou um travesseiro na minha cabeça.

A outra mulher de quem Elle falava era Keisha Sudani. E a incapacidade de ter um filho era uma das poucas coisas que tinham em comum. Keisha não podia conceber, e Elle não levava uma gravidez até o fim. As duas eram professoras em Bowdoin. Elle lecionava física e astronomia, e Keisha, estudos da mulher. Elle passava todos os momentos livres correndo, nadando, revolvendo a terra do jardim. A única maneira de convencer Keisha a sujar as mãos seria se a jardinagem a ajudasse a engravidar. Ela tentara de tudo, desde fertilização *in vitro*, ervas e acupuntura, até remédios tribais do Pacífico Sul. A infertilidade de Keisha não fora diagnosticada. Tudo na vida dela estava perfeito, exceto que Keisha e o marido eram loucos por um filho – assim como Elle e eu.

20

Depois do acidente de Elle

Dia 7

Keisha veio direto do aeroporto para o hospital, após uma viagem de vários meses pela Nova Zelândia. Os olhos negros se encheram de lágrimas quando ela acariciou a cabeça raspada de Elle.

– Minha amiga, minha amiga – murmurou com seu sotaque suave –, veja o que fizeram com você. – Ela me fitou. – Matthew, como está o bebê? E você?

– Estou me aguentando. E tudo vai bem com... – eu quase disse *gravidez*, mas gaguejei – ... o bebê. – Era como eu ainda pensava nisso. Elle estava grávida.

– Diga-me, o que posso fazer para te ajudar? – Keisha perguntou.

– Você compareceria ao tribunal para dizer que Elle teria preferido que o bebê vivesse?

– Ela não apenas teria preferido. – Keisha engoliu em seco. – Elle *já* pensaria em outra opção. Não entendo como sua mãe pôde imaginar que deveriam desligar os aparelhos com um ser vivo se desenvolvendo nesse ventre.

Recordei-me de Elle levando minha mão para tocar sua barriga e sentir os chutes de Celina e depois de Dylan. Eu me conectava com a criança que crescia dentro dela através de Elle. Ela jamais desistiria daquele bebê. O pensamento me levou a outro, de que eu poderia não me sentir tão ligado a esse filho sem Elle, e que teria de criá-lo sozinho. Evitei racionalizar sobre o futuro.

- Matthew, você está bem?
- Sim, não se preocupe. Mas preciso lhe pedir outro favor. Você iria até Bowdoin e recolheria os pertences de Elle da sala dela? E, se por acaso encontrar algum indício que possa nos ajudar nesse caso...
- Ficarei de olhos abertos. – Keisha se voltou para Elle. – Isso me corta o coração. – Ela se inclinou e beijou sua testa. – Amo você, minha doce amiga.

Eu tinha dois aliados: Hank e Keisha. Os opositores estavam em maior número. Christopher e a esposa, Arianne – loira, pequena e tímida –, que tinham aparecido para ver Elle. Ficaram apenas cinco minutos e partiram. Meus três irmãos, cada um isoladamente, ou então, às vezes, em esforço coletivo, que me lembravam de Alice McClure apodrecendo no leito de morte durante meses. Ao terminar o secundário, Doug havia se mudado para Vermont. Ele e eu nunca fomos muito próximos, talvez por ele ser o mais velho, e eu, o mais novo. Na visita, porém, ele agarrou meus ombros.

- Matt, acabou. Deixe-a descansar em paz. Não há perspectiva.
- Não acabou, Doug. Não, enquanto Elle estiver grávida.

Keith tentou outro tipo de enfoque: a culpa que eu deveria sentir por desafiar nossa mãe. Desafiar? Como se eu fosse um adolescente sem noção da realidade, e não um homem feito.

Mike, que se debulhava em lágrimas toda vez que entrava no quarto de Elle, não parou de repetir que a cunhada não deveria estar naquela cama. Eu o aconselhei a não aparecer mais. Era eu quem devia estar chorando. E chorar era exatamente o que evitava; tinha de agir do modo correto.

No entanto, Mike voltou. E fiquei agradecido por isso. Evitávamos o tema crucial por termos opiniões contrárias e conversávamos sobre outros assuntos. Afinal, ainda fazíamos parte da mesma família.

Quando não havia ninguém, só queria ficar sentado no canto do quarto hospitalar de Elle e imaginar sua voz no abrigo de seus diários. Mas os visitantes apareciam em ondas. Minha família, a de Elle, os médicos, minhas testemunhas e as de minha mãe.

Veio também o padre Meehan, todo vestido de preto, que permaneceu parado à porta, em silêncio, por alguns minutos. Devo confessar que ele seria a última pessoa que eu chamaria. Não creio que a alma de Elle tivesse de ser salva ou que uma unção faria diferença para Deus Todo-Poderoso, Pai, Filho ou Espírito Santo. Eu me sentiria um hipócrita em usar o padre Meehan para entrar no tribunal e jurar sobre a Bíblia que Elle estava na graça de Deus e que mantê-la viva artificialmente era uma expressão do direito de praticar o Primeiro Mandamento de sua religião. Contudo, estendi minha mão para o religioso e menti. Ou disse a verdade. Quem sabe? A meu ver, Elle era uma boa mulher e nunca imaginei para ela um local após a morte que não fosse o paraíso. Não mencionei minha dúvida sobre a existência desse lugar.

Ele a abençoou com óleo, proferiu preces e ministrou-lhe a unção dos enfermos. Quando o padre se virou para sair, não sei o que me acometeu. Larguei-me na cadeira e soluzei.

Meehan franziu o cenho, puxou outra cadeira e sentou-se a meu lado. Não falou nada enquanto eu chorava, meu rosto enterrado entre as mãos.

– Perdoe-me – eu disse por fim.

– Não se preocupe. Ainda me lembro do seu casamento – ele comentou –, pois não tive oportunidade de casar outra astronauta. Mas, desde então, vocês quase não compareceram às missas. Elle veio apenas uma vez na primavera.

Puxei um lenço de papel da caixa na mesa de cabeceira e assoei o nariz.

– Foi depois da morte de Dylan.

Ele concordou e hesitou antes de continuar.

– Foi por isso, Matt, que você perdeu a fé?

– Não sei, padre. Talvez eu nunca tenha tido.

Meehan balançou a cabeça em negativa, não sei se com raiva ou pena.

– Seu advogado veio falar comigo – mudou de assunto. – Ele quer que eu diga que vocês eram católicos praticantes. E vim aqui para comprovar a veracidade disso.

– Bem, isso não é totalmente inverídico... – Engoli em seco. – Mas eu garanto que Elle desejaria dar uma chance ao bebê.

O religioso pareceu analisar minhas palavras.

– E você? Gostaria de dar uma oportunidade a essa criança?

– Claro. Nós queríamos ter filhos. – Hesitei. – Se eu pareço confuso, padre, tente entender que minha esposa se foi e estou profundamente... abalado e exausto. Mas nós desejávamos ter filhos – enfatizei. – Sempre desejamos.

– E é sobre este fato que estou refletindo. Entendo que você esteja preocupado com a possibilidade de seu filho nascer ou não. Fora isso – ele deu de ombros –, você acha que nada mais importa. No entanto, Matt, você se afastou da Igreja.

– Não use minha falta de fervor religioso contra a criança – pedi. – Elle pode não ter sido uma frequentadora assídua, mas ela acreditava em Deus. Talvez fosse mais fácil se *eu também O aceitasse*.

– Não duvido da crença de Elle, embora ela não comparecesse à missa com regularidade. Ela veio várias vezes conversar comigo sobre os filhos que perdeu. E estava convencida que a vida se iniciava na concepção. Se eu disser isso no tribunal, não será mentira. Eu testemunharei por ela e pela criança. Mas gostaria de lhe pedir uma coisa.

– O que quiser, padre. – Eu faria um pacto com o diabo se fosse preciso.

– Quando o bebê nascer, quero que volte à Igreja. Venha ainda que, a princípio, não tenha fé. Aceite as propostas de coração aberto. Batize seu filho. Assuma o compromisso de criá-lo dentro da fé cristã. Entenda, eu também quero que você dê ao bebê essa oportunidade.

Em suma, era uma pequena concessão. Quem iria imaginar que a fase de negociação do meu luto seria tão concreta?

– Sim, a Igreja. Posso fazer isso.

O padre Meehan fez o sinal da cruz.

– Você pode começar neste domingo.

21

Dia 8

A mudança de turno não é um espaço de tempo tranquilo. Os enfermeiros esquecem de manter a voz baixa quando se cumprimentam, agindo como se estivessem em um escritório. Há sempre uma ou outra reclamação sobre o trabalho que espera os que entram, antes de cada um começar a exercer sua função.

A enfermeira da noite levou a recém-chegada até a cama de Elle e fez o relato dos acontecimentos enquanto verificava o soro intravenoso, fazendo duplo controle dos tubos, das configurações e das ondas do computador.

Levantei meu corpo enrijecido da poltrona reclinável e fui à sala de plantão. O pessoal da equipe tinha alguns privilégios, como tomar um banho quente e fazer a barba sem ter de sair do hospital.

Na volta, encontrei minha mãe sentada na minha poltrona, os cotovelos nos joelhos, a cabeça entre as mãos. Fixei o olhar no ventilador pulmonar e no monitor. As mesmas configurações e regularidade no ritmo sinusal. Soltei um suspiro e fiquei parado, esperando minha mãe levantar o rosto.

Ela não o fez. Recordei, depois de um minuto, que era como ela costumava chorar. Em silêncio, com movimentos imperceptíveis dos ombros.

– Você está bem? – perguntei apesar da raiva, do ressentimento e do ultraje. A lista poderia continuar.

Ela se espantou, limpou os olhos e concordou com a cabeça. Usava um avental de laboratório sobre o uniforme e prendera os cabelos num coque frouxo.

– Odeio isso. – Minha mãe apontou para Elle. – Não deveria ser assim. Elle... Elle. – A repetição do nome foi em tom monocórdio.

Em parte desejei arrancar de minha mãe esse tom de propriedade. Mas por outro lado tive vontade de abraçá-la e libertar o sofrimento e o horror ocultos por trás de minha formalidade.

– Não, não deveria ser, mas é, porque ainda há uma vida em jogo.

– Não foi isso o que eu quis dizer. Gostaria de poder voltar no tempo pelo menos um mês. Eu queria Elle de volta... inteira.

– Enfim concordamos em algo. – Senti minha severidade fraquejar.
– Está trabalhando hoje?

– Sim, estou tentando... mas...

– Não ouse me dizer que a mandaram até aqui para verificar as batidas cardíacas do feto.

Minha mãe me encarou.

– Eu estava trabalhando – ela explicou. – Minha paciente leu meu nome no crachá e perguntou se eu era parente da *astronauta*. Eu concordei, e ela me expulsou do quarto, dizendo que eu era uma espécie de assassina de criancinhas. Eu? Durante esses anos todos tive pacientes malucas. Lembro de uma adolescente de dezesseis anos que me agarrou pelo pescoço e por pouco não me estrangulou quando eu disse para ela fazer força. Mas nunca ninguém me acusou de algo tão odioso quanto assassina de crianças.

– Então, por que veio até aqui? Para me dizer que é uma santa? Não conte com meu apoio. Você está errada a respeito de Elle.

Mamãe acariciava o braço de Elle, sem me olhar.

– Não estou errada. Elle não queria morrer desta maneira. – Ela se curvou e beijou a testa da nora. – Não fiz nada enquanto Alice agonizava. Não enfrentei Hank. Não fui contra os oncologistas. Não discuti com as enfermeiras da agência de cuidados terminais. Mantive minha boca fechada, como nos velhos tempos em que as enfermeiras não tinham voz ativa nos cuidados do paciente. Sou da velha guarda, como dizem os jovens de hoje. Desde então, tenho lamentado meu silêncio e minha passividade. – Minha mãe continuava a acariciar o braço de Elle. – Deixei minha melhor amiga morrer em meio a muito sofrimento. Não farei isso com Elle. Eu a

defenderei e farei o que é certo. – Ela passou por mim, trêmula. – Matt, não esqueça que te amo. E que também amo Elle.

Hank em geral se apresentava muito bem arrumado, mas agora seu aspecto era de quem dormira com a roupa no corpo. Não exalava odor de nenhuma bebida, apenas de perfume.

– Não bebi nada. – Ele leu a pergunta em meu pensamento.

– Ótimo. – Não consegui disfarçar minha dúvida.

– Não mesmo. Estou deste jeito porque acabei de sair do avião. Fui para Houston ontem à noite.

– Para quê?

– Adam. – Hank sorriu com desdém.

Sabia que Hank nunca morreria de amores por Adam. Talvez pelo fato de o engenheiro ser bem mais velho do que Elle quando foram morar juntos. Na época, Elle tinha vinte anos.

Para ser franco, eu também não gostava de Adam. Durante oito longos anos, ele se apoderara da mulher que eu amava.

– Foi procurar Adam?

– Ele me telefonou e disse que tinha provas de que Elle não aceitaria ficar viva à custa de aparelhos. Vai chegar amanhã para testemunhar.

Senti os músculos de minha nuca enrijecerem.

– Testemunhar? Mas que raios de prova ele tem?

– Ele não disse. Ou não *quis* dizer. Por isso voei para lá. Queria tentar descobrir o que era. Desde o acidente, ele não parou de deixar mensagens na minha secretária eletrônica. Na última, foi taxativo: “se você não convencer aquele asno”, perdão, Matt, “a desligar os aparelhos, eu o farei”. Fui para Houston, mas ele não me disse nada. Só que tinha várias evidências.

Não fazia sentido Adam ressurgir assim depois de tanto tempo.

– Filho da mãe! – vociferei. – Esqueça-o. Se ele tivesse uma prova substancial, teria dito o que era.

Talvez Elle estivesse certa. Como membro do gênero masculino, quando encurralado, eu recorria a uma máscara de falsa segurança.

Deixei Hank ao lado de Elle e fui ao encontro de Jake em meu consultório, aonde cheguei sem nem mesmo perceber a caminhada de quatro quarteirões que separam o hospital do prédio. Minha recepcionista o convidara a entrar e o encontrei falando ao telefone. Sentei-me na poltrona em frente a sua.

– Yvette, Matt acabou de chegar. Sim, sim, direi a ele. Amo você. – Jake desligou. – Yvette pediu que eu lhe desse um abraço por ela. Você não se incomoda que eu transmita o recado apenas com palavras, não é?

– Um abraço? – Talvez ela não fosse tão fria. – Palavras são o suficiente.

– Algum problema na saída do hospital? – Jake se referia à imprensa.

– A chuva deve tê-los espantado. Ou então estão perdendo o interesse. Espero que seja o segundo caso.

– Duvido. – Jake abriu a pasta.

– Keisha foi buscar os pertences de Elle em Bowdoin.

– Gosto da professora Sudani. Gosto muito. Falei com ela por muito tempo. Uma feminista Pro-Life, muito consciente.

Entreguei a ele o testamento de Elle e expliquei que o advogado da época não registrara nenhuma diretriz antecipada. Disse ainda que Elle mantinha um diário atualizado, uma parte em cartas e a outra em cadernos pautados.

– E...? – Jake reclinou-se na poltrona.

– Nada que possa nos ajudar, até onde li.

Ele me perguntou por quanto tempo Elle mantivera o diário e, quando o informei, ofereceu a ajuda de seus assistentes para a pesquisa.

– Não – eu recusei de imediato. – São anotações particulares. De qualquer maneira, temos uma novidade. Adam Cunningham, o camarada que viveu com ela por uns tempos, está alardeando ter provas de que Elle não desejava ser mantida viva artificialmente.

Jake tamborilou os nós dos dedos no queixo.

– Sua mãe contratou um advogado, e esse Adam Cunningham está na lista de testemunhas dele. Diga-me tudo o que sabe a respeito do

camarada. Esse sujeito e Elle mantiveram contato depois da separação?

– Nada além de cartões de Natal. Quanto às credenciais, ele trabalha na Nasa como engenheiro aeroespacial. Pelo que soube, agora está na área de segurança, algo sobre as placas de isolamento térmico do ônibus espacial.

Jake pegou a caneta-tinteiro e a apontou para mim.

– Espere um pouco. Você me levou a uma festa em Princeton onde Elle estava com um camarada alto. Era ele?

– Provavelmente. Adam tem a altura de um jogador de basquete.

Eu contei para Jake o tempo de duração do relacionamento deles, o que a maioria dos casais acaba não revelando. Elle me contara depois que jamais me esquecera, por isso não conseguiu amar Adam.

– Minha assistente está fazendo pesquisas a respeito dele. Ela pode encontrar algo que o desabone?

– Fora ser um canalha dissimulado? Não.

– Qual é a prova que ele pretende apresentar?

– Não tenho a menor ideia. Ele falou com Hank, não comigo. Mas se negou a revelar o que era. Como eu te disse, Adam é falso, e é como gosta de jogar. Acena com uma enorme bandeira branca e esconde a faca.

Dezenove anos antes do acidente de Elle

Elle e eu não ficamos juntos, como era de esperar. Nosso relacionamento desmoronou. Nós desmoronamos. Em grande parte, por culpa minha. No outono, fui para a Universidade de Columbia, e Elle ficou em casa. Oficialmente, Hank havia parado de beber depois da fiscalização do Conselho Tutelar, mas creio que ainda bebesse, embora de modo mais disfarçado. Por esse motivo, Elle desistiu da escola de seus sonhos e continuou na Bowdoin, que tinha seus méritos, mas não era nenhum MIT. Ela achava Chris muito novo para se virar sozinho.

Seis semanas após minha entrada como calouro, bebi demais em uma festa e acabei dormindo com uma garota da república que estava tão embriagada quanto eu. Fui para casa no feriado de Ação de Graças e confessei a Elle o que fizera. Com o coração partido, ela se recusou a conversar comigo daquele dia em diante. Durante cinco anos, não respondeu aos meus telefonemas, às minhas cartas, nem aos meus pedidos de desculpa.

Dois anos depois do rompimento, Elle seguiu seu caminho. Fez doutorado em Princeton, onde Adam Cunningham saltou sobre ela como um gavião em cima de um passarinho desprotegido. Ou, pelo menos, essa foi minha impressão. Não que Elle tenha me dito alguma coisa; foi apenas como interpretei os fatos que minha mãe se encarregou de espalhar. Elle conheceu Adam assim que chegou a Princeton, e ele não desgrudou dela nem por um instante. No começo, Elle dizia que eram só amigos. Claro que ele tinha segundas

intenções. Era um homem de quase trinta anos, enquanto Elle tinha apenas dezoito.

23

Depois do acidente de Elle

Dia 10

Nunca cheguei a entender por que Elle aguentou Adam durante oito anos. Dez meses antes da missão no ônibus espacial, terminaram o relacionamento. Eu pensava que isso havia sido o fim da influência de Adam na vida de Elle, mas, pelo visto, não fora. Não conseguia esconder a minha preocupação com a audiência e com a prova que ele dizia ter.

Eu me encontrava no posto de enfermagem, vestindo meu paletó e conversando com Clint sobre os anticoagulantes prescritos a Elle, quando vi Adam de costas para mim, no quarto dela. Em sua postura característica – com as mãos entrelaçadas atrás da cabeça.

O que viria a seguir? A segurança do hospital deixaria a imprensa tirar fotos de Elle deitada na cama, de cabeça raspada, incapaz de engolir a própria saliva?

Irrompi quarto adentro, com dez dias de luto repletos de ódio e sofrimento acumulados e prontos para serem descarregados. Adam era o alvo. Fazia anos que eu desejava essa oportunidade.

Agarrei-o pelo braço e o puxei.

Após um olhar de surpresa, sobreveio a expressão de desprezo.

– Elle não queria morrer assim. Por que a está submetendo a essa tortura?

– Mas que droga você está fazendo aqui? Os seguranças foram alertados para só permitir a entrada da família.

– Foi o que eu disse a eles. Que também já fiz parte da família dela. – Adam tornou a fixar a sombra do que fora Elle: uma pessoa

brilhante em todos os sentidos.

Estremeci diante da fria realidade.

– Você nunca fez parte da família dela.

– Talvez não tecnicamente, mas no Texas a união informal é reconhecida.

– Pelo amor de Deus! – clamei.

– Sei que “união informal” é um termo em desuso. – Adam completou com seu sotaque arrastado da Virgínia Ocidental. – Elle e eu ficamos juntos por muito tempo, mais que o dobro do que vocês ficaram casados. Por isso sei o que ela teria desejado em circunstâncias tão lamentáveis.

O medo e a raiva, sempre entrelaçados, empurraram-me de encontro a ele. Nunca fora um sujeito violento, mas naquela hora não me importava que ele fosse vinte e cinco centímetros mais alto.

– Saia daqui! – lancei minha última advertência.

Adam estreitou os olhos e esboçou um leve sorriso presunçoso.

– Quando Elle esteve comigo, ela me confiou um mandato em que me nomeou seu representante para cuidados com sua saúde.

O golpe atingiu-me em cheio, embora não fosse físico.

– Eu não teria interferido – garantiu Adam – se você a tivesse deixado morrer em paz. Pelo que li nos jornais, você nem conhecia a existência da diretiva antecipada que está com sua mãe. Portanto, agora, a responsabilidade é minha. Falei com o advogado de sua mãe e ele está preparando a documentação para o juiz ordenar ao hospital a desconexão dos equipamentos que mantém Elle viva.

O chão começou a ondular sob meus pés, e tive de me agarrar à grade da cama.

– Escute, *Matt* – ele pronunciou meu nome com desdém –, pelo que o advogado de sua mãe me falou, a diretiva antecipada que entreguei a ele acaba com a especulação sobre a decisão que Elle aprovaria.

– Você nunca soube o que Elle desejava. Além disso, muita coisa pode acontecer em cinco anos.

Ou em dez dias. Ou no instante em que a cabeça de Elle bateu em uma pedra.

– Sempre soube, sim – continuou Adam. – Tomei conta de Elle quando não havia ninguém para fazê-lo. Ela confiava em mim, mas nunca confiou em você. E, pelo que soube, tinha bons motivos. Não estou discutindo o fato de Elle ter se casado com você. Por mais absurdo que possa me parecer ela ter deixado a Nasa e uma carreira brilhante para voltar ao lar e se casar com o vizinho. Mas certamente ela não queria *isto*. *Isto* a apavorava. Pensar *nisto* a fazia acordar no meio da noite. Elle chorou muito pela mãe em coma e incapaz. Christopher disse que *isto* sempre a fez sofrer. Elle assinou a diretiva antecipada por iniciativa própria e, é óbvio, não confiava em você para tomar decisões por ela. Ser casado com Elle não lhe dá o direito de fazer o que quiser. Isso é um abuso, e vou dar um fim nessa situação. Como representante duradouro de Elle, posso decidir e tomar providências sobre sua saúde. Hoje à tarde os aparelhos serão desligados. – Adam se inclinou e lhe beijou o rosto.

Tive vontade de empurrá-lo contra a parede, mas no último instante meu autocontrole agiu.

– Deixe-me ver o documento.

– Está com o advogado de sua mãe.

A vontade de pulverizar Adam era a única coisa que tinha mais força que as batidas do meu coração. O que me impediu de lhe dar um soco deve ter sido o brilho de satisfação no olhar dele. Se eu perdesse o controle, ele ganharia pontos mantendo a calma.

– Vou chamar a segurança para que o retire daqui imediatamente.

– Não será necessário. – Adam levantou a mão e partiu.

Arranquei o celular do bolso e liguei para Jake. Escutei os toques até soar a mensagem da caixa postal. Esperei o bipe.

– Jake, estamos com problemas. Ligue para mim.

Durante cinco minutos brincamos de gato e rato pelo celular. Enfim conseguimos nos comunicar.

– Não se preocupe com assuntos de jurisprudência. O problema é a nova diretiva antecipada. Temos de estar no tribunal em menos de uma hora para a audiência preliminar. Em vez de perder tempo segurando sua mão, quero descobrir o que posso fazer para anular essa investida.

24

Dia 10

No caminho para o tribunal, Jake e eu fomos seguidos pelos repórteres como se fôssemos uma dupla de flautistas de Hamelin e todos cobissem a história de nossa música. Os jornalistas berravam perguntas e respondíamos com o silêncio, até que uma jovem parou diante de mim, brandindo um microfone.

A repórter loira, de olhos azuis, dentes brancos e brilhantes, simulou um sorriso e não me deixou passar.

– Como está Elle? Houve alguma melhora? Ela falou?

Tive a impressão de que se tratava da jornalista Paige Cartwright, âncora da emissora local e que, na certa, não entendia o significado de morte cerebral. Ou talvez a moça quisesse provocar alguma reação. Abri a boca para responder, mas Jake agarrou meu braço.

– O doutor Beaulieu não tem comentários a fazer, mas pede orações por sua esposa e pelo bebê.

Eu desejava mais do que preces. Queria que todos aqueles idiotas sumissem da minha frente. Precisava de privacidade, de tempo para sofrer e de controle sobre o destino de Elle.

Ah, e de Adam morto.

E tudo o que eu tinha era a audiência com uma previsão desfavorável. Na verdade, mesmo que a tecnologia médica pudesse manter o corpo de Elle vivo tempo suficiente para o bebê sobreviver, o juiz daria ordens para que os aparelhos fossem desligados assim que Adam mostrasse a diretiva antecipada. Com certeza, seria preciso muito mais do que preces.

Não tinha paciência com os repórteres.

Eles exploravam nossa tragédia. Só faltou Paige Cartwright enfiar o microfone dentro da minha boca.

– Doutor Beaulieu, se Elle deixou uma diretiva antecipada, o senhor não estaria usando seu corpo contra a vontade dela? Forçá-la a permanecer ligada àquelas máquinas, durante a gravidez, não seria o mesmo que um estupro?

– O quê?! – gritei. – O que há com você?

– Calma. – Jake apoiou a mão em meu ombro. – Não temos comentários a fazer.

Parei, atônito, sabendo que deveria recuar, e sentindo uma fúria tão grande que me fez desejar espancar a jornalista como se ela fosse um homem. Mas deveria me manter sereno diante de toda aquela evidente manipulação.

Cartwright inclinou a cabeça ao me perguntar:

– O senhor não gostaria de explicar melhor seu ponto de vista? Adoraria entrevistá-lo, doutor Beaulieu.

– Você não pode estar falando sério – respondi. – Venho tentando salvar minha família, e você compara isso a um... – Não pude pronunciar a palavra. – Você não passa de uma oportunista sádica.

O brilho em seu olhar revelou uma reação emocional; talvez fosse desprezo, ou quem sabe satisfação.

– Não sugeri que ela tenha ficado grávida por estupro – a repórter retrucou, serena. – No entanto, forçar Elle a vegetar contra a vontade por causa da gravidez que, por todos os antecedentes, pode não ter um final feliz, pode ser comparado a um estupro.

Jake me empurrou.

– Não diga nada. – Meu amigo e advogado, em um esforço visível para manter a calma, voltou-se para Cartwright: – Você está tentando provocar meu cliente com frases de efeito. Não temos *nenhum comentário* a fazer.

Os repórteres nos cercaram como predadores.

– O *Merriam-Webster* define “estupro” como um ato ou circunstância de roubar ou despojar, ou ainda submeter uma pessoa pela força – afirmou Cartwright. – E também é definido como violação ultrajante. Elle McClure deixou por escrito uma diretiva que informa seu desejo de não querer ser mantida viva artificialmente.

Portanto, o que o senhor está fazendo não é uma “violação ultrajante” à vontade dela? O senhor a está forçando a vegetar. Isso não seria, por definição, um estupro?

Cartwright havia se preparado e recitava de memória o que havia estudado. Ele também tinha memória fotográfica e podia relatar a página e o parágrafo de algo que havia lido. Mas acabava aí a similaridade entre Ele e aquela bruxa. Minha esposa jamais se aproveitaria de um sofredor, de ninguém.

Mas Paige Cartwright lançava mão de ataques subjetivos como meio de vida.

– Saíam do meu caminho – falei, rangendo os dentes.

Um cinegrafista se afastou. Jake e eu seguimos em meio à multidão de jornalistas.

Paige Cartwright não se deu por vencida.

– Mulheres têm sido usadas para produzir filhos, são *forçadas* a procriar para tiranos. Reis. Fascistas.

– Não há termo de comparação entre a circunstância atual e as que você cita. – Jake estava tão indignado quanto eu.

– Na Alemanha nazista, as mulheres eram fertilizadas como gado e forçadas a gerar filhos para a pátria.

– Pelo amor de Deus! – Eu me virei, os punhos cerrados. – Ele não engravidou à força. Concebemos juntos esse filho... *por amor*. Em qualquer situação, Ele teria insistido para salvarmos nosso bebê. Agora saia da minha frente – repeti.

– Vamos, Matt. Não dê confiança a ela. – Jake puxou o meu braço.

Permaneci firme, fitando a repórter com fúria. As câmeras filmavam. O regozijo ao redor era quase palpável. Manchetes. “Questionado, marido de astronauta em coma se descontrola.” Obriguei minha voz a permanecer em um tom impessoal.

– Ele amava crianças. E queria muito ter um filho. – Abri caminho em meio à multidão, sem olhar para trás.

Na entrada do tribunal, Jake me fitou, soltando um profundo suspiro.

– Tentei prepará-lo, mas não adiantou, não é? Matt, vou repetir. Não se altere dentro da sala, por favor. Nem fora dela. O juiz pode tomar ciência do que acontece até nos arredores do tribunal. Admito

que não vi de onde surgiu aquela repórter, e que ela utiliza uma linguagem provocadora. Mas acabou. Esqueça. Temos de entrar, pois está na hora. Não faça comentários.

Assenti, cheio de ódio. Respirei fundo e passei pelas portas pesadas do tribunal.

Jake e eu ocupamos nossos lugares. Notei um senhor de meia-idade e olhos negros sentado ao lado de minha mãe. O camarada tamborilava o lápis sobre um caderno. Adam estava atrás deles, na galeria.

– Aquele é Paul Klein – disse Jake em voz baixa, inclinando-se para mim –, o advogado de sua mãe. Trabalha em uma empresa de médio porte. Em geral se ocupa com casos de custódia, mas também com processos de erro médico.

O oficial de justiça anunciou a entrada do juiz. Ficamos em pé.

O juiz Wheeler sentou-se e folheou documentos que estavam diante dele.

– Em primeiro lugar vamos registrar a presença do doutor Paul Klein como advogado representante da senhora Linney Beaulieu. Em seguida, temos ordem para mostrar a causa, exposição e provas. Foi anexado um documento com significado de uma diretiva antecipada e com a assinatura de Elle McClure. Neste, ela nomeia Adam Cunningham seu representante com poder duradouro para decidir sobre cuidados médicos em caso de doença terminal. Com a palavra, o doutor Sutter.

Jake ficou em pé e abotoou o paletó.

– Meritíssimo. A diretiva antecipada trazida por Adam Cunningham não é a original; trata-se de uma fotocópia. Nos últimos cinco anos, Elle Beaulieu não teve nenhum relacionamento substancial com o senhor Cunningham, a não ser a ligação mútua com a Nasa. Pelo que se pode deduzir, Elle Beaulieu poderia ter rasgado o original quando deixou a casa onde moravam. Além do mais, no Texas, essa diretiva antecipada seria automaticamente revogada durante uma gravidez.

– Mas, se o senhor estiver lembrado, doutor Sutter, não estamos no Texas – o juiz afirmou.

– Então proponho a exclusão do documento – retrucou Jake, rápido.

O juiz Wheeler cruzou as mãos e se inclinou para a frente.

– O que interessa a este tribunal é o que Elle desejaria que fosse feito em seu nome, se fosse capaz de falar. Eu gostaria de escutar o que Elle escreveu nesse documento de 2003. Temos de montar um quebra-cabeça. Doutor Klein, há alguma evidência que comprove que essa diretiva antecipada é válida?

– No momento não temos o original, Meritíssimo. Estamos tentando entrar em contato com o advogado que elaborou a declaração.

– Muito bem – disse Wheeler. – Ouvirei a testemunha concernente a essa diretiva antecipada e também qualquer outra testemunha que as partes desejem apresentar. E, desde que estávamos agendados para nos reunir esta manhã, gostaria de ouvir o discurso de abertura.

Jake escreveu no caderno “Motivos para a apelação”.

– Apenas para lembrar – continuou Wheeler –, em consequência da mudança de foco, de tutela para a remoção dos aparelhos de suporte vital, a senhora Linney Beaulieu agora é a requerente. O doutor Beaulieu é o réu. Doutor Klein, está preparado?

– Sim, Meritíssimo. – Klein deu três passos em direção à galeria e trocou olhares com os repórteres da CNN, FOX, ABC, NBC, CBS, *New York Times* e *Boston Globe*.

Ao lado dos colegas, Paige Cartwright me observava com atenção. Tratava-se de uma jornalista de uma cidade pequena que não deixaria escapar uma grande reportagem. Com certeza ela pensava em se promover nas redes de comunicação. Quando Cartwright me atirara a isca com a sua visão distorcida da situação, eu fora um alvo fácil e saltara dentro da sua maldita armadilha. Soltei um gemido involuntário e voltei minha atenção para a frente, concentrando-me no advogado de minha mãe.

Klein fez um resumo da posição dela, enquanto brincava com um lápis amarelo entre os dedos.

– Sempre que falamos sobre o tema “direito de morrer”, não podemos deixar de afirmar que Elle informou aos mais próximos que

não desejava ser mantida viva caso não houvesse esperança de recuperação. – Ele insistiu no fato de Elle ter chegado a essa determinação pela experiência dolorosa da prolongação da morte da própria mãe.

Eu ainda via, com nitidez, Alice em seu leito de morte. Vê-la morrer abatera o espírito indomável de Elle. Na época eu me preocupava com ela. E só na escola de medicina compreendi como a morte de Alice também me atingira profundamente. Passei a refletir sobre a qualidade de vida e o impacto de uma doença na família.

Minha família. Havia outras semelhanças além da física entre Elle e Alice. Duas mulheres, mãe e filha, ambas tendo perdido o comando e a capacidade de escolher seu destino. E, como Hank, eu lutava contra a probabilidade incomensurável da ocorrência de um milagre. Mesmo reconhecendo a validade da comparação, ela não me agradava.

O advogado de minha mãe prolongou-se por quase dez minutos antes de concluir:

– Elle, adulta e competente, assinou não apenas um, mas dois documentos onde expressa a vontade de não ser submetida a procedimentos que prolonguem sua vida em casos extremos. A lei determina que Elle tenha direito inalienável à autodeterminação, e não é a gravidez que vai mudar isso. A despeito da lei do Texas, Elle deixou claro que, em nenhuma hipótese, queria ser acoplada a instrumentos que a mantivessem viva artificialmente. Por favor, honrem o desejo de Elle McClure. Obrigado, Meritíssimo.

O juiz Wheeler não demonstrou nenhuma emoção.

– Este tribunal quer ouvi-lo, doutor Sutter.

Jake levantou-se e olhou a imprensa de esquelha antes de se dirigir ao juiz:

– Meritíssimo, Elle Beaulieu era uma mulher ponderada, de inteligência brilhante, capaz de múltiplos sentimentos; jamais seria motivada por um único fator. – Jake falou como se entendesse os desejos de Elle, possivelmente porque usava frases que eu havia empregado para descrever a intensidade e o lado terno dela. – No dia anterior ao terrível acidente, Elle e Matt aventaram a hipótese de tentar mais uma vez formar uma família. Tragicamente, ninguém

sabia que Elle já estava grávida. – Jake fez uma pausa e anuiu, o olhar fixo em mim.

Engoli em seco. Se soubéssemos da gravidez, tudo teria sido diferente. Ele não teria subido naquela escada, eu teria ficado em casa naquela manhã e celebraríamos a notícia.

– Estamos aqui para determinar o que Elle Beaulieu gostaria que se fizesse por ela. – Jake esfregou a nuca. – Elle sempre quis ter filhos, apesar do risco que isso representava à própria vida. – Jake delineou o caso com clareza notável. Não citou a petição pela responsabilidade legal do feto, o que me pareceu um gesto calculado.

Ele tornou a me fitar, e o juiz percebeu.

– Meritíssimo, Elle casou-se com Matthew Beaulieu, e eles sonhavam construir uma família. Permita que Elle realize seu sonho.

– Jake voltou à mesa dos réus, desabotoou o paletó e sentou-se.

O oficial de justiça aproximou-se da bancada e entregou um bilhete ao juiz.

– Obrigado, conselheiros. Preciso de vinte minutos de recesso para resolver outro assunto. Depois disso, doutor Klein, o senhor poderá chamar sua primeira testemunha.

Jake passou o intervalo classificando as anotações, e eu li uma parte do que Elle escrevera catorze anos atrás.

25

Catorze anos antes do acidente de Elle

Um fragmento do primeiro caderno.

12 de março de 1994

Querido Matt,

Não pude escrever ontem à noite. Eu me senti exausta, sem forças. Enlutada. A morte de seu pai foi inacreditável, assim como o fato de eu ter sido encarregada de dar a você essa notícia terrível.

Seu irmão me telefonou e falou que não queria que você, estando sozinho, soubesse que Dennis sofreu um ataque cardíaco. Perguntou-me se eu poderia fazer o favor de avisá-lo e levá-lo para casa. Afinal, ele comentou, de Princeton para o Maine seria preciso passar por Nova York. Não era bem assim, e eu nunca tinha ido a Nova York. Mas, pelo jeito, Mike conhecia a cidade, pois me deu instruções de como chegar ao seu apartamento na escola de medicina. Portanto, tive de pronunciar aquelas palavras brutais. Por Deus, Matt. Perdoe-me. Eu preferia não ter sido incumbida de tarefa tão triste.

Tenho de parar de tremer. Não posso escrever desse jeito. Preciso analisar meus sentimentos ou nunca mais serei capaz de dormir.

Nestes cinco anos, sempre que estávamos em casa na mesma época, procurei evitá-lo. Não queria falar com você. Linney disse que tenho um traço de comportamento passivo-agressivo maior que a distância entre a Terra e a Lua. Na verdade, eu me sentia muito humilhada. Acreditara que seu amor fosse tão grande quanto o meu. E você deixou meu coração em frangalhos. Matt, antes de você ir para a universidade, escutei suas promessas de que nunca nos separaríamos. No entanto, você dormiu com aquela garota, voltou para casa e pediu perdão, dizendo que ainda me amava. Como poderia me amar, se havia tido relações com outra? Não importa. Ou não deveria importar. Não agora. Dennis está morto.

Eu amava seu pai, e meu coração chora por sua mãe. Ontem tive de levar você para enfrentar aquela tristeza medonha. Sinto muito porque jamais desejei magoá-lo. Não dessa maneira.

Quando minha mãe estava doente, você me estendeu a mão. Diariamente. Você ficava comigo e com ela todas as tardes. Se minha voz ficava rouca de tanto ler para ela, você tomava meu lugar. Eu precisava de você e sempre o encontrava. Nós nos amávamos. Sei que sim. Ou melhor, pensei que nós nos amássemos.

Eu precisava de você. Acho que sempre tive essa necessidade. E ontem entendi como tenho sido mesquinha esses anos todos. Como pude não perdoá-lo, mesmo tendo crescido e me mudado?

Você chorou quando eu lhe contei sobre seu pai. Chorou em meus braços. Ah, como eu gostaria de ter conseguido afastar seu sofrimento, porque você me ajudou naqueles dias nebulosos quando nós perdemos Celina e minha mãe estava doente. Desejei fazer amor de novo com você. Da maneira como nós nos amávamos, quando não era apenas por sexo. Pensei nisso durante alguns segundos, enquanto você estava em meus braços e eu o amparava. Gostaria de tê-lo beijado. Quis apertá-lo de encontro ao peito, mas muito tempo se passou. Éramos crianças.

Mas você ainda é uma parte de quem eu sou e uma parte de quem me tornei, e essa percepção concretizou-se ontem à noite no caminho para casa.

No rádio tocou I Want to Know What Love Is. Mudei de estação. Tive de fazê-lo. Ouvimos essa música na primeira vez em que dormimos juntos. Naquela noite em que a chuva celestial de meteoros Perseidas caiu sobre nós.

E foi o que Celina representou. Uma centelha de poeira estelar. Deus, preciso me concentrar.

Você disse depois de alguns segundos: "Pip, eu deveria me oferecer para dirigir, mas não durmo há dois dias por causa dos exames. Acabaria por nos matar".

Você me chamou de Pip. Há anos ninguém me chamava dessa maneira. Aliás, só você usava esse apelido. Eu quase chorei. Por causa de seu pai. Por causa de nossa filha. Por causa de cada perda que me arrasou. Mas principalmente porque foi como se alguém reconhecesse de novo a menina que existe dentro de mim. Pela primeira vez em muito tempo, lembrei-me de quem eu era. E de quem você era.

Tenho sentido muito a sua falta. Tenho me escondido da dor de sua ausência.

Então encontrei seu olhar por um segundo enquanto dirigia e meu coração bateu tão forte que achei que você podia escutar minha alma. E isso me apavorou. Assim, como uma covarde, voltei a me concentrar na linha amarela que divide a estrada e disse para você dormir.

Creio que essas ideias devem ser a soma dos dois últimos dias. Eu te amei. E, enfim, acredito que também tenha me amado. Não é trágico que algumas vezes precisemos padecer para entender o que nos é precioso?

Com amor, Pip

Catorze anos antes do acidente

Mesmo depois de tantos anos, lembro-me dessa viagem para casa e dos pesadelos que tive. Sonhei com corpos despedaçados, o que não deveria surpreender, pois eu passara a semana anterior com cadáveres desmembrados nas aulas de anatomia e fisiologia. Exceto que, em meu sonho, uma metade tinha a tatuagem de meu pai, uma árvore com o nome de minha mãe no tronco e cada ramo com o nome de meus irmãos. O meu nome também. As folhas eram um feto nas mãos de Elle, e ela usava um anel de opala, que fora meu presente, na mão esquerda. Nisso as mãos dela derreteram como cera e caíram em gotas sobre Celina, nossa filha minúscula.

– Tudo bem, Matt, tudo bem – disse a voz de Elle, real ou imaginária.

Acordei assustado quando chegamos à rua onde havíamos crescido.

– Chegamos. – Elle segurou minha mão. – Sua mãe não espera que você seja forte por ela. Linney não precisa disso. Ela só precisa de você. Deixe-a chorar e, se você chorar, deixe que ela te abrace.

Elle parecia tão segura, como um pé forte de sálvia.

– Como sabe disso?

– Porque foi o que ela me disse quando minha mãe morreu.

Dentro, o bruxuleio da luz fluorescente sobre a pia lançava sombras frias e funestas sobre um estado de espírito já comprometido. Elle me seguiu até a cozinha, pegou a chaleira de cima do fogão e encheu-a de água.

– Quer uma xícara de chá?

– Sim, obrigado. Minha mãe deve estar dormindo. Não sei se devo acordá-la.

Nesse instante, o ranger dos degraus antecipou a descida de mamãe. Não dissemos uma só palavra. Ela me abraçou, acenou para Elle e envolveu-a num abraço.

Minha mãe fez questão de evitar a morbidez no funeral de meu pai. Sugeri que cada um de nós contasse cinco histórias sobre ele, de preferência engraçadas, mas não melosas. Em dois dias descobri mais coisas sobre meu pai do que em toda a minha vida. Durante seis meses, quando ele estava no primário, comeu apenas sanduíches de pasta de amendoim. No secundário, meu pai e o meu avô ajudaram a construir uma casa para uma família que perdera tudo após a explosão de uma fornalha. Minha mãe amava gatos, mas nunca tivera nenhum porque meu pai tinha pavor de felinos. E todos confirmaram que o fato era verídico. Por que conhecemos tão pouco daqueles que amamos?

Fitei Elle do outro lado da sala do funeral. Não sabia que ela podia ser tão vingativa a ponto de me odiar em silêncio. Nem sabia que eu fora capaz de feri-la tanto a ponto de ela mudar assim. Nisso, ela se aproximou.

– Quer saber o que sempre me lembrarei a respeito do seu pai?

Eu também não imaginava que ela pudesse se transformar de novo na amiga que eu conhecera.

– O quê?

– Naquele verão, quando você tentava ser arremessador do time do terceiro período, ele me chamou num canto e disse – Elle engrossou o timbre da voz para imitar meu pai –: “Observe. Ele não é o mais talentoso do time, mas se esforça três vezes mais que os outros”. Ele estava muito orgulhoso. Então você eliminou os três jogadores seguintes, e ele se levantou para aplaudir com entusiasmo. Depois seu pai se virou para mim outra vez: “Bem, acho que afinal ele até que tem talento”. Oh, Deus, sinto falta dele. – Elle

apertou meu cotovelo. – E também senti sua falta, Matt. – Depois dessas palavras, ela se afastou.

Após o enterro, os parentes lotaram a cozinha de casa, e minha mãe manteve-se ocupada dividindo a comida em porções individuais. Ela não queria ficar sentada agradecendo as condolências. Eu andava de um lado para o outro, pois também não conseguia ficar sentado. Deveria ter ido para o quarto me esconder atrás do livro de farmacologia, mas com certeza não conseguiria estudar. Com o teste que estava por vir, calculei que cairia dos primeiros cinco melhores da classe para os últimos. Um teste. Se ao menos eu pudesse pagar as mensalidades do próximo semestre...

Era incrível como tudo escapava de mim. Elle saiu logo após o funeral, mas eu precisava de uma oportunidade para falar com ela. Fui até a varanda dos fundos. A noite estava fria. Do outro lado da garagem, Elle devia estar arrumando as coisas para voltar a Princeton. Holofotes colidiam contra a neve, suavizando a escuridão. Subi os degraus da frente da casa dos McClure.

Christopher veio até a porta. Ele se tornara um jovem desengonçado, com espinhas e um vestígio de bigode.

– Não quer entrar, Matt?

Entrei e olhei ao redor à procura de Elle.

– Ela está em casa?

– Não. Em geral, ela não fica aqui quando vem da faculdade.

– Não? E onde ela fica?

– Na casa do nosso avô. Assim não se desentende com papai, sabe como é...

– Eles não se dão mais?

– Elle e papai? – A expressão incrédula de Christopher foi mais eloquente do que qualquer explicação. Aparentemente não. O rapaz deu de ombros, como se o assunto fosse irrelevante.

Hank veio da cozinha, sóbrio, com o terno bem passado e uma caneca de café na mão. Arqueou as sobrancelhas.

– Matt, como você está?

– Bem. E você?

– Perdi meu melhor amigo há dois dias. A vida nos prega peças. Imagino que você também não deva estar muito bem.

Meu autocontrole vacilou, e me esforcei para não desabar.

– Não pretendia ir embora sem me despedir – comentou ele. – Só tinha de falar com minha filha antes de ela partir. Quando você volta para Nova York?

– No voo das seis da manhã. Queria te agradecer por tudo, e ainda mais por ter ajudado mamãe a tomar as providências... tristes. Também pelo seu discurso no funeral. Bem, Ele volta esta noite? – Joguei a isca para verificar o que Christopher insinuara, mas Hank não a fisgou.

– Provavelmente não. Precisa de alguma coisa? Tem dinheiro suficiente para terminar o período escolar?

– Sim. – Eu trabalhava à noite como atendente, o que era suficiente para pagar o aluguel. Quanto à mensalidade, esse era outro assunto. Teria de recorrer ao crédito educativo.

– Seu pai deixou um seguro de vida. Sua mãe ficará amparada. Você sabia que seu pai me nomeou como executor do testamento dele?

Fiquei surpreso, principalmente por minha mãe ter de depender de Hank para repassar a pensão e o seguro de meu pai.

– Ainda não há sobre o que conversar. Quer dizer, terei de avaliar todos os bens de seu pai, mas creio que será difícil sobrar um pouco para as mensalidades.

– Darei um jeito. De qualquer modo, tenho recorrido a empréstimos.

– Seu pai o ajudava?

Acenei afirmativamente.

– Ele se orgulhava muito por você estar cursando medicina, ainda mais em uma universidade da Ivy League. Jamais se conformaria se você não terminasse o curso. O que estou tentando dizer é que, se for preciso, eu te ajudarei. – Ele se sentou no braço da poltrona de couro.

– Hank, não posso aceitar seu dinheiro.

– Por que não? Ele já terminou os estudos regulares e não preciso mais ajudá-la. Chris é um bom rapaz, mas não parece ter inclinação

para a vida acadêmica. Provavelmente passará por uma escola pública e acabará fazendo um curso de Administração. Assim poderá administrar os bens dos McClure. Posso me permitir ajudá-lo, Matt. Se é orgulho o que o incomoda, você me devolve o dinheiro quando for um cirurgião rico. Ou, melhor ainda, faça o mesmo por algum garoto que esteja precisando.

Minha cabeça girava. Admitia já ter imaginado vários cenários, mas ainda não considerara nenhum em que eu não terminasse a faculdade de medicina.

Hank aproximou-se e pôs as mãos nos meus ombros.

– Eu darei um jeito; não quero que se preocupe. Dennis e Linney salvaram minha família quando eu bebia. Quero fazer algo pela sua.

Tornei a anuir.

– Muito bem, Matt. Você será um médico. Em homenagem a Alice e a seu pai.

Perguntei a mim mesmo se aquilo chegaria a fazer alguma diferença. Meu pai morrerá. Alice também. A medicina não me parecia tão milagrosa como antes, quando minha mãe salvara Mike depois de ele quase ter se afogado. O que adiantaria ser médico se eu não pudesse salvar as pessoas que amava?

– Tentarei – respondi. – Bem, tenho de voltar.

– Está bem, filho. Cuide-se. Eu mantereí contato.

Voltei para casa e encontrei minha mãe, uma expressão de cansaço estampada no rosto, sentada no sofá enquanto tomava café ao lado de tia Beth.

– Matt, você poderia dar uma volta com o cachorro?

Lucky, nosso *setter* irlandês, estava enrolado ao lado da lareira e levantou a cabeça quando escutou a palavra “cachorro”.

– Quer passear, garoto?

Cinco minutos depois, vestindo agasalho de moletom e tênis, andei pela Bow Street com Lucky a meu lado. A atmosfera gelada, abaixo de zero, penetrava em meus pulmões, mas não me incomodava. Nem me importava com o fato de que deveria estar estudando. Queria ver Elle, e ela se encontrava a poucos quilômetros de distância. Elle dissera que havia sentido minha falta.

No cruzamento, fui pela Wolf Neck Road, lembrando que nos esgueirávamos por ali para ficarmos sozinhos. Da rodovia, peguei a região da campina. Por causa da escuridão e da camada gelada de neve, não tive certeza de estar no caminho certo. Mas estava. Tirei do bolso uma rosa do funeral de meu pai e a deixei no canteiro para Celina.

Seria agora ou nunca. Cortei caminho em direção à casa. O cachorro latiu quando subimos os degraus da varanda. Antes de eu bater, a porta foi aberta, mas não foi Elle quem apareceu. Foi o camarada que estava com ela no Natal anterior e que ela me apresentara: "Matt, este é..." Como era mesmo o nome dele? Acho que era Adam.

– Olá – disse ele. – Em que posso ajudá-lo?

Ele desceu usando uma calça de pijama e envergando uma blusa pela cabeça. O sutiã azul de renda desapareceu.

– Oh, Deus – disse Elle assim que me viu. – Matt, eu não estava te esperando.

Era óbvio que não.

– Adam, lembra-se de Matt? Matt Beaulieu, Adam Cunningham.

– Meus sentimentos, rapaz. – Adam estendeu a mão para mim. O aperto foi forte e sincero. Ele tinha um sotaque sulino da região da Mason-Dixon Line.

Eu o odiei.

– Obrigado. – Não imaginava essa situação, embora, para minha defesa, Elle não houvesse mencionado esse imbecil nem durante a viagem de carro nem durante aqueles dois dias.

Ela mordeu o lábio inferior e abaixou-se para coçar as orelhas de Lucky, sem olhar para mim ou para Adam.

– Voltarei para Nova York amanhã e vim, sabe como é, agradecer por ter me trazido. – Soou como se me desculpasse.

– Claro, não há o que agradecer. – Elle se endireitou.

– Ficaremos aqui mais alguns dias. – Adam abraçou-a, e Elle não se afastou. – Cheguei hoje. Assim poderemos esquiar amanhã. Ah, você aceita um drinque?

– Prefiro água, mas para o Lucky. Em uma tigela. Nós saímos para passear e eu vi a luz acesa. – Era uma desculpa das mais

esfarrapadas, pois a casa sequer era visível da estrada.

Adam entrou. Ele oscilou o peso do corpo entre um pé e outro, mas não me convidou para sentar. Deu a impressão de que ela queria se ver livre de mim o mais rápido possível.

Não me mexi, esperando a água para Lucky.

– Você e ele...? – perguntei.

– Sim, moramos juntos há cerca de um mês. Pretendemos trabalhar na Nasa. Eu te contei que ganhei um estágio de verão?

– Não. Nasa... Que legal. – Tentava recuperar meu fôlego e meu orgulho. Enquanto lutava para demonstrar naturalidade diante das novidades, acabei por balbuciar: – Você é feliz? Quer dizer, você o ama?

– Eu não estaria com ele se não o amasse. Mas isso não é da sua conta. – Ele desviou os olhos e os cerrou. – Faz muitos anos que não conversamos.

A raiva dela foi como um soco. Jamais pretendi fazê-la sofrer. Mesmo assim, Ele me punira deliberadamente e continuava a fazê-lo. Concordo que havia cometido um erro, mas Ele também tinha a sua parcela de culpa.

– Não por *minha* causa. *Tentei* falar com você.

Ele me fulminou com o olhar.

– Não vamos discutir, principalmente depois do enterro do seu pai.
– Ela cerrou os punhos e cobriu o rosto com eles. – Não quero magoá-lo, mas vou acabar fazendo isso se falar sobre o tamanho da minha raiva.

– Ele, pare com isso. Você quer me magoar desde... aquele acontecimento. E já conseguiu. O silêncio é tão dolorido quanto uma briga. Acabe logo com isso. Diga. Fui um idiota.

Ele ergueu o queixo e baixou as pálpebras.

– Você foi – concordou ela em voz baixa.

– E sinto muito por isso. Foi o pior erro que cometi.

Ele soltou um suspiro longo e pesado.

– Éramos muito jovens. Foi uma bobagem. O que houve entre nós não significou nada. Entre a morte de minha mãe, o alcoolismo de meu pai e ter de ficar em casa para tomar conta de Christopher, eu estava apenas tentando encontrar uma escapatória. Por sorte, foi

você o meu bode expiatório. E o bebê me fez entender as consequências de brincar de casinha. – Elle parou de falar, tampou a boca com a mão e virou-se para trás em direção à cozinha.

– Ele não sabe?

– Claro que não. Por que eu contaria? – sussurrou Elle.

– Não sei. Suponho que...

Elle se aproximou tanto que pude sentir o ardor de suas palavras.

– Você conta a todas as garotas com que se relaciona que engravidou sua namorada adolescente?

– Não, mas...

– O que você quer aqui? Veio para saber se ainda estou caída por você? Quer saber se perco meu tempo dizendo para um sujeito bacana como o Adam que me deitei com você na primeira oportunidade que tive? E que você, um garanhão, me engravidou? Conte para ele que nós terminamos brigados. Você encontrou uma garota que caiu na sua e abriu as pernas sem hesitar. Ótimo para você. Menos mal que encontrei alguém para culpar por meus problemas. Usei você para despejar todas as minhas frustrações.

Ela insistia em uma versão completamente diferente dos fatos. Fiquei paralisado por um momento a fim de absorver aquela análise sarcástica, e decidi deixá-la ver as coisas como quisesse. Mas não iria fingir que era assim que eu lembrava de tudo.

– Pip, para mim não foi assim. Eu te amei *profundamente* e não queria terminar. Queria ficar com você. Eu te desejava. Aquilo com aquela garota só aconteceu por causa do excesso de bebida. Ela também estava muito embriagada. Nunca mais a vi. E também nunca planejei enganar você, Pip.

Segurei a guia de Lucky e saí. Eu tremia, não por causa da temperatura, mas pela frieza de Elle. Eu a teria magoado tanto, a ponto de ela se transformar daquela maneira? Ou será que ela sempre fora assim?

– Espere! A água do Lucky! – Elle desceu a escada da frente com os pés descalços. O passeio ainda tinha uma camada de gelo nas extremidades, tal como as gravuras de Jack Frost, frágeis e frias.

Adam a seguiu, tirou o suéter e vestiu Elle pela cabeça. A peça grossa chegou até o meio da coxa dela. O maldito gesto de proteção

me fez desejar outra vez matar o camarada.

– Posso falar um minuto com Matt? – pediu Elle.

Adam beijou-lhe a testa.

– Claro. Ficarei lá dentro, boneca.

Elle esperou-o entrar na casa que ocupavam.

– Matt – Elle começou com ternura. – Não quis dizer que você não representou nada para mim. Só que agora não representa mais. Ou, pelo menos, não deveria. Éramos crianças. Naquela época era um sentimento poderoso, pois eu te via como a única coisa boa que eu tinha para me apegar. *Você* era a coisa boa, e me ajudou a superar os eventos mais difíceis que já enfrentei.

Na semiescuridão – apenas as luzes da varanda estavam acesas –, as pupilas dos olhos de Elle estavam tão grandes como se houvesse pingado beladona. Analisando suas feições, alguém poderia concluir que não era tão atraente. O nariz era um tanto largo; o queixo, pontudo e com uma reentrância. A boca, sim, formava um arco perfeito. Mas foi a intensidade de seu olhar que me atraiu desde sempre. Desde quando éramos crianças e brincávamos na varanda de nos encarar e ver quem ria primeiro. Elle, mesmo não tendo uma beleza perfeita, era tão vibrante que chegava a intoxicar. E foi esse encanto que não permitiu que eu a esquecesse.

– Eu ainda te quero bem. – Elle tocou meu antebraço. – Eu... eu te amei e senti sua falta. Por Deus, Matt, gostaria de esquecer meu rancor. Ficar com raiva só me faz mal. Quem sabe não poderíamos conversar de vez em quando, como amigos? Isto é, se você quiser. Posso te ajudar, quero dizer, você perdeu seu pai.

– Não preciso e nem quero a sua piedade. – Virei-me para me afastar, mas Lucky ainda bebia a água e não pude prosseguir quando alcancei a ponta da guia.

– Você não quer minha amizade? – indagou Elle.

Adam observava a cena da porta. Imaginei se eles se casariam.

– Ele te trata bem? – respondi com outra pergunta.

Ela se virou para a porta e sorriu.

– Sim, ele é muito paciente.

– E velho! Ele parece ter mais de trinta anos.

Elle abaixou o olhar e meneou a cabeça.

– Adam esperou muito e ele quer tomar conta de mim. Nós nos conhecemos bem antes de ficarmos juntos.

– Entendo. – Embora não quisesse entender nada. Tratei de mudar de assunto. – E quanto a seu pai? Christopher me disse que vocês não estão se dando muito bem.

– Papai não implicará mais com Adam quando se acostumar com a ideia de que estamos morando juntos.

Droga. A mudança de assunto falhara.

Ele começou a ranger os dentes. Fazia muito frio, mas eu não queria que ela fosse para dentro. Para *ele*. Ele ficaria com *ele*. Aquela noite. Deus. Talvez tivessem acabado de...

– Se quiser, pode telefonar de vez em quando – disse Elle. – Você e sua namorada poderiam ir até Princeton. É uma região muito bonita. Há milhares de restaurantes.

– Ou talvez vocês pudessem visitar Nova York. – *Talvez Adam pudesse ficar na casa dele enquanto isso.* Ele deu de ombros. – Um dia faremos isso – acrescentei, sem pretender cumprir a promessa. Mas cumpri.

Telefonei um mês depois e continuei ligando toda semana enquanto Elle estava morando em Princeton. Depois ela se mudou para Houston. Logo descobri os horários em que Adam não estava em casa; era quando eu ligava. Ele conversava mais à vontade na ausência dele. Não demorou muito e retornamos à antiga e sólida amizade. Concluí que, enquanto Elle fizesse parte de meu mundo, enquanto eu a tivesse em minha vida, poderia sobreviver.

Depois do acidente de Elle

Dia 10

Uma coisa era certa. O bebê não sobreviveria se minha mãe ganhasse o processo judicial. E meu filho *tinha de viver*, para justificar o que eu estava fazendo com Elle. Por duas horas torturantes para a minha consciência, minha mãe fez relatos conclusivos sobre os quais não havia dúvida: Elle preferiria morrer a vegetar em uma cama de hospital. Mamãe descreveu como Elle se encontrava: inconsciente, enrijecida, magra, incapaz de engolir, ver ou ouvir.

– Se Elle soubesse o que a esperava, ficaria apavorada.

Não pude contestar o argumento de minha mãe. A verdade devora racionalizações.

Mas, continuando a racionalizar, disse a mim mesmo que Elle *não sabia* o que estava acontecendo. Portanto, não tinha medo e, ao contrário de Alice, não sentia dor.

– Doutor Sutter, é sua vez – disse o juiz Wheeler.

Jake ficou em pé, abotoou o paletó e inclinou a cabeça, procurando as palavras certas. Ele conhecia as regras do jogo. Jake deixava as testemunhas pensarem que estavam ganhando, antes de interrogá-las.

– Senhora Beaulieu, pelo que afirmou, sua amizade por Elle era incontestável.

– Sim.

Jake fingiu-se perturbado e bateu a ponta do indicador nos lábios.

– O que me faz pensar que a senhora faria qualquer coisa para ajudar sua nora.

– Sim.

– Em algum momento, Ele deixou transparecer que desejava ter filhos?

Vi no olhar de minha mãe que ela entendeu aonde Jake queria chegar. Por meio de uma série de questões, ele insinuou que, por mamãe ter nove netos, o bebê de Ele nada representava para ela. Não era verdade, tampouco justo, mas não me importei. Jake fez várias perguntas, todas elas para mostrar como Ele desejava um filho, como sofrera com os abortos, como dava nome aos bebês. Jake trouxe a morte de Dylan à sua lembrança, e o peso da ausência de meu filho foi como um canto fúnebre em minha mente. Demorei alguns momentos para me concentrar de novo no tribunal.

– Senhora Beaulieu, após a morte de Dylan... – Jake contou nos dedos –, há cerca de sete meses, Ele confidenciou-lhe sobre o desejo de fazer nova tentativa?

– Sim. – Mamãe se empertigou no banco das testemunhas.

– A senhora a desencorajou de tentar uma nova gravidez?

Mamãe estreitou ligeiramente os olhos, pronta para se defender como se fosse um porco-espinho.

– Nós nos preocupávamos com a saúde dela.

– A senhora a desencorajou?

– Disse-lhe para considerar a adoção. Matt também pensava em fazer isso.

– E o que sua nora pensava a respeito?

– Ele era muito teimoso para admitir que eu tinha razão.

Jake meneou a cabeça, em dúvida.

– Se Ele era teimoso, nunca afirmou que concordava com a senhora, não é?

– Não – respondeu minha mãe, com a cabeça baixa. – Ele queria ter um filho. É isso que o senhor quer que eu diga?

Jake voltou até a mesa e pareceu consultar algumas anotações. Na realidade, apenas dava uma pausa dramática para a resposta de minha mãe. Depois de um minuto, continuou:

– Senhora Beaulieu, em seu testemunho anterior, a senhora declarou que havia conversado com Elle sobre o caso Schiavo.

– Sim.

– Apenas para lembrar, Terri Schiavo foi a mulher da Flórida que ficou em estado vegetativo depois de sofrer um ataque cardíaco em 1990, é isso?

– Sim.

– O marido, Michael Schiavo, depois de alguns anos, pediu ao tribunal da Flórida permissão para desligar os aparelhos que mantinham a esposa viva. Os pais dela discordaram. Estamos falando da mesma ocorrência?

– Sim.

– A senhora afirmou que teve uma conversa em janeiro de 2005 com Elle sobre o caso Schiavo.

– Sim.

– A senhora ainda relatou o fato de Elle ter comentado que o tribunal deveria autorizar o desligamento dos aparelhos que mantinham a vida de Terri Schiavo. Depois de quantos anos de vida vegetativa de Terri ocorreu essa conversa?

– O que o senhor está querendo dizer?

– Se Terri Schiavo esteve em vida vegetativa desde 1990 e a decisão estava sendo discutida no tribunal em 2005, quanto tempo havia se passado?

– Quinze anos, acho.

– E o acidente de Elle ocorreu há quanto tempo?

– Há dez dias. – Minha mãe fitou as próprias mãos. – O senhor não entende. Elle tinha pavor de ser mantida viva artificialmente. Nessas circunstâncias, dez dias é um longo tempo...

Jake pôs água em um copo e o ofereceu à minha mãe.

– A senhora está pronta para continuar? – quis saber.

Ela assentiu.

– Terri Schiavo foi mantida viva por quinze anos – insistiu Jake. – Elle está assim há dez dias. E há também outra diferença, não é? A senhora Schiavo não estava grávida, estava?

Mamãe inspirou fundo, mas não a vi expirar.

– Senhora Beaulieu, entendo o quanto é difícil, mas...

- Não. Terri Schiavo não estava grávida.
- A senhora perguntou a Elle se ela teria apoiado a vida artificial caso Terri estivesse grávida?
- Não. Não havia motivo para discutirmos a respeito.
- Elle alguma vez aventou a hipótese de, em caso de morte cerebral e estando grávida, quais providências deveriam ser tomadas?
- Não especificamente, mas... – Minha mãe tornou a olhar as mãos. – Sei que ela não gostaria de ser mantida viva artificialmente.
- Mas ela nunca discutiu a situação atual, não é?
- Exatamente assim... não.
- Mais uma coisa. A senhora comentou que Elle não desejava que o pai tomasse decisões a respeito da saúde dela, correto?
- Correto.
- E isso se deve ao fato de ele ter insistido para a esposa ser mantida viva com alimentação por sonda, certo?
- Sim, Alice teria morrido em alguns dias se houvessem permitido à natureza seguir seu curso.
- Na época, o pai de Elle era o parente mais próximo. Mas, depois que Elle se casou com Matt, ele passou a ser considerado o parente mais próximo, não é?
- Sim, suponho que sim – respondeu minha mãe, sem esconder o espanto.
- Elle a procurou alguma vez expressando preocupação por achar que Matt não executaria sua vontade?
- Ela hesitou antes de responder.
- Acho que ela pensou que Matt não a manteria viva artificialmente.
- Elle pediu à senhora para representá-la, em caso de incapacidade, *depois* que se casou com Matt?
- Não.
- Obrigado. Não tenho mais perguntas. – Jake voltou a sentar-se ao meu lado.
- Doutor Klein, deseja redirecionar a análise?
- Não agora. Gostaria de chamar minha próxima testemunha, Adam Cunningham.

O juiz Wheeler consultou o relógio.

– Pois não. Nós o ouviremos depois do intervalo, à uma em ponto.

Conversei com Jake por alguns minutos em uma das salas de reunião para advogados e seus clientes. Depois decidi aproveitar o recesso para ir ao hospital.

– Matt, não deixe que os repórteres o provoquem – recomendou Jake. – Não faça comentários de nenhuma espécie.

Ergui minha mão para indicar que me comportaria e me preparei para a enxurrada de câmeras e microfones. Que milagre. Ninguém me esperava nos corredores. Um alívio.

Quando deixei o tribunal, entendi para onde os repórteres tinham ido. No Lincoln Park, do outro lado da rua, os militantes do Pro-Life faziam um protesto. E a curiosidade aglomerava muitos dos melhores cidadãos de Portland àquela hora de almoço no final de agosto. Os repórteres circulavam por entre as pessoas, à procura de uma história, um ângulo ou uma manchete.

Passei pela aglomeração e espiei furtivamente. Tinha cinquenta e cinco minutos para ir ao hospital ver Elle, atualizar-me sobre os dados médicos e voltar antes do testemunho de Adam. Não podia perder tempo.

Nesse instante, vi minha mãe encurralada entre a cerca de ferro e um círculo de pessoas que agitavam bonecas do tamanho de bebês diante de seu rosto, como se ela nada entendesse de bebês ou nunca tivesse ajudado um a nascer.

Santo Deus. Parei, engoli em seco, espiando o tribunal que ficara para trás. Os guardas da segurança poderiam sair para ajudá-la? Teria de me meter naquela confusão?

Dei um passo adiante e parei para chamar a polícia pelo celular. Nesse momento minha mãe foi empurrada e eu me lancei à frente.

– Soltem-na! – gritei. – Saiam daí! Vocês perderam o juízo?

Custou para as pessoas se afastarem, porém, mesmo as mais enfurecidas obedeciam com mais facilidade a um homem de um metro e oitenta e cinco do que a uma senhora de mais de sessenta anos. O curioso era essa gente achar que, ao pretender apoiar

bebês impotentes e desprotegidos, podia também atacar uma mulher que trouxera inúmeras crianças ao mundo, salvando muitas delas.

Minha mãe me fitou, apavorada, e estufou o peito em uma simulação de coragem.

– Estou bem – afirmou.

Abracei-a pelos ombros e começamos a sair da aglomeração.

– Deixem-na em paz! – tornei a gritar.

Minha mãe tremia. Segurei-a pelo braço e tomei sua pulsação. Ela estava com taquicardia, a frequência cardíaca perto de cento e cinquenta.

– O que estavam fazendo? – indaguei.

– Tentando me assustar. E são bons nisso. Fiquei pensando em como os médicos que fazem aborto conseguem trabalhar, e como as clínicas ainda existem, apesar dos ataques.

– Por que todos insistem em comparar essa situação a um aborto? Isso é sobre Elle e o bebê que ela carrega. Ninguém falou em aborto. Gostaria que esses idiotas nos deixassem em paz.

– Obrigada. – Minha mãe apertou minha mão.

– Estou estacionado do outro lado da rua – expliquei.

Alguns repórteres andavam atrás de nós, tiravam fotografias e faziam perguntas. Ignorei todos eles no trajeto até o carro, desliguei o alarme para abrir a porta, deixei minha mãe no banco de passageiros, fechei a porta, dei a volta no carro e entrei.

Enquanto descíamos a Franklin Street, resolvi avisar minha mãe:

– Não quero que te machuquem. Mas não é porque a tirei de lá que concordo com seu ponto de vista.

– Eu sei. Para onde vamos?

– Para o hospital. Lá você pode encontrar alguém para levá-la de volta. Ou pode desistir do processo e acabamos logo com essa porcaria. Assim podemos voltar a nos concentrar no que realmente importa.

– Elle é importante. – Mamãe olhou através da janela.

– *Era* importante. Mas ela já se foi. – Minha voz falhou quando parei em um semáforo. Apertei o volante com força, como se isso pudesse aliviar minha dor.

Minha mãe apoiou a mão dela na minha.

– Eu sei. Mas, se você estivesse naquela cama de hospital, o que acha que Elle faria?

– Pergunta ridícula.

Buzinaram atrás de nós. O semáforo mudara para o verde e acelerei com violência para sair do cruzamento.

– Mas que droga! Você não pode inverter a situação dessa maneira. Não posso carregar um bebê no ventre. Se pudesse trocar de lugar com Elle, pode ter certeza que eu faria, mesmo que tivesse de deixá-la sozinha e esperando um filho. Se eu pudesse, morreria por ela.

– Você acredita que está sendo nobre, mas será que carregar o bebê no ventre não é exatamente o que está tentando fazer? Sentado lá, dia após dia? Será que não está tentando conseguir o impossível?

– Me dê a chance de descobrir se é impossível ou não.

Minha mãe cerrou os olhos.

– Jake pode ser muito experiente em manipular palavras. As minhas e as de outras testemunhas. Mas eu conheci Elle. Foi comigo que ela desabafou quando a mãe estava doente. Elle não gostaria de morrer dessa maneira.

28

Dia 10

Perto de Adam eu sempre me sentia como um anão. Fiquei satisfeito por ele aparentar desconforto com as longas pernas mal acomodadas no banco de testemunhas. Com certeza Klein achava que o depoimento de Adam seria importante, pois os dois ficaram quase uma hora imersos em um testemunho fastidioso.

– Ele alguma vez lhe disse que tinha um plano para deixar expressas as diretivas antecipadas? – indagou Klein.

– Sim.

– Seria possível fazer um relato sobre as circunstâncias em que isso ocorrera?

Eu descobrira que tribunais não eram lugares excitantes. As perguntas e as respostas seguiam o modelo de uma longa prova de matemática. Fator A. Fator B. Fazer a soma. Dividir pelo produto. Apesar do tédio, podia discernir modelos e entender fatos conceituais complicados. Medicina também precisava de lógica. Os médicos provavam fatos com pesquisa, e eu era muito perspicaz a respeito do que tornava um estudo válido ou não. No testemunho de Adam, faltavam duas variáveis fundamentais: um bebê e o amor de uma mãe.

Adam se remexeu mais uma vez na cadeira.

– Ele foi a especialista designada na missão de reparos do telescópio Hubble. Depois do desastre do *Columbia*, nem tínhamos certeza se o programa do ônibus espacial poderia continuar. Quando a Nasa deu sinal positivo, Ele decidiu deixar os papéis em ordem antes de viajar, pensando em um acidente. Consultou uma advogada e preparou um testamento. À noite voltou para casa com a diretiva

antecipada e comunicou que me nomeara seu representante legal para tomar decisões no caso de se tornar uma paciente terminal.

O testemunho arrastou-se, e Adam leu a declaração em voz alta. Assim como fizera no documento que estava com minha mãe, Elle insistira em certas especificações. Se não houvesse esperanças de uma recuperação significativa, a nutrição e a hidratação deveriam ser suspensas. Não queria um ventilador para respirar. Não desejava muita coisa, exceto uma morte pacífica. Adam terminou a leitura.

– Em resumo, Elle me pediu para desligar a tomada, caso fosse necessário, e ratificou que a forma como a mãe morreu foi moralmente repreensível.

– Doutor Cunningham, qual a data do documento?

– 19 de maio de 2003.

– Eles romperam mais ou menos um mês depois disso – cochichei ao ouvido de Jake.

Jake sorriu, matreiro.

Klein pegou o documento e o entregou ao juiz Wheeler.

– Eu gostaria de apresentar a Prova 2 como evidência.

– O réu tem alguma objeção? – indagou o juiz.

Jake levantou-se para falar enquanto eu tomava um gole grande de água. Sem perceber, apertei demais a garrafa, e o líquido subiu como um vulcão, caindo sobre os papéis de Jake.

Ele me fitou com severidade, tirou o lenço do bolso e entregou-me para que eu limpasse o estrago. Jake sempre estava preparado para eventualidades.

Enquanto ele falava, eu limpava a água com o lenço como se usasse um mata-borrão. Vislumbrei, na galeria, a repórter loira da manhã. *Bruxa*, pensei. Na certa se considerava uma feminista. Elle era feminista. Eu mesmo acreditava que as mulheres podiam fazer muito mais coisas do que os homens. Por exemplo, Elle fora para o espaço. E, muito mais importante que isso, carregava nosso filho no ventre. Nada disso eu poderia fazer.

– Meritíssimo – Jake começou. – Não há maneira de saber se essa fotocópia foi alterada ou se o original foi destruído. Ainda que Adam Cunningham e Elle estivessem unidos em maio de 2003, eles terminaram o relacionamento algumas semanas depois. Existe a

probabilidade de Elle ter destruído o original. Proponho a exclusão da prova.

Klein, que vinha me observando enxugar os papéis umedecidos, levantou-se.

– Meritíssimo, estou tentando entrar em contato com a advogada que preparou a declaração para ver se ela possui o original.

– Se o senhor puder me trazer o original, eu o apresentarei como prova. – O juiz trocou algumas palavras com o oficial de justiça antes de permitir a Klein que prosseguisse.

– Quando foi a última vez que falou com Elle? – Klein perguntou a Adam.

– Há poucos meses. Elle me telefonou por ocasião do falecimento de minha mãe. A pobrezinha tinha mal de Alzheimer e estava doente há bastante tempo, desde os tempos em que Elle e eu moramos juntos.

– Nessa ocasião, conversaram sobre a diretiva antecipada? – indagou Klein.

– Não especificamente, mas lamentamos a morte difícil de nossas mães. Elle me consolou, dizendo que minha mãe estava em paz agora. Conjecturamos qual seria a morte desejada por todos, e falamos sobre morrer com dignidade. Os pontos de vista dela não haviam mudado.

– O senhor viajou de Houston até aqui apenas para trazer esse documento, sendo que há bastante tempo não faz parte da vida de Elle Beaulieu?

Adam olhou para as próprias mãos, fingindo humildade, assim como os fariseus professavam agir em nome da justiça.

– Não queria me envolver nessa confusão, mas sempre respeitei Elle e quero ter certeza de que seus desejos serão cumpridos. Como não é o que Matt está fazendo, minha consciência me levou a intervir. Elle não gostaria de ser mantida viva à custa de um respirador. Ela odiaria uma situação como essa. Seu maior pavor era ter uma morte lenta, como ocorreu com a mãe.

Hank levantou os olhos do jornal que lia para a filha no momento em que entrei no quarto de Elle.

– Como foi o testemunho de Adam? – perguntou ele.

Eu me inclinei e beijei a testa de Elle, imaginando o quanto de verdade Hank conseguiria absorver sem ter de recorrer ao bar mais próximo. Fiz um resumo do que ocorrera no tribunal e procurei um ângulo que o deixasse tranquilo.

– Foi divertido observar Jake caçando Adam no interrogatório.

– Como assim?

– Jake levou Adam a admitir que ele era *irrelevante*.

– Não acredito!

– Jake e Adam falavam sobre os motivos que teriam levado Elle a fazer um testamento e uma diretiva antecipada antes da missão do *Atlantis*. Adam sugeriu que o desastre do *Columbia* havia acontecido há pouco tempo e que os astronautas costumam deixar os documentos organizados etc., etc., etc. Jake argumentou que Elle tinha consciência de que, em caso de acidente, não haveria sobreviventes, como acontecera com o *Columbia* e o *Challenger*. Por que então a necessidade de preparar uma diretiva antecipada? Elle provavelmente também não sobreviveria caso algo desse errado. Adam respondeu que Elle não pensava necessariamente que as diretivas antecipadas fossem relevantes na época. Ao que Jake acrescentou de imediato: “Então ela o designou para um trabalho irrelevante?”.

Hank gargalhou.

– Estou começando a gostar desse seu amigo dono da verdade.

– Jake tem algumas virtudes – admiti –, mas não o deixe saber que eu falei isso.

Depois que Hank partiu, recordei como Adam reagira ao interrogatório de Jake.

Adam dissera:

– Eu me expressei mal. Não quis dizer que Elle achava irrelevante em geral ter uma diretiva antecipada, mas sim que achava que poderia morrer rápido se algo acontecesse com a missão. Para Elle, dessa maneira seria mais fácil encarar o perigo, pois afastaria o

receio de morrer como a mãe, aliás, a maneira como está morrendo agora.

Olhei para Elle. Pelo que eu a estava fazendo passar?

29

Dia 11

Nos noticiários da CNN a cena dos insultos trocados entre mim e a repórter local foi repetida à exaustão, e isso não me agradou nem um pouco. Desliguei a TV quando Mike entrou no quarto de Elle trazendo uma sacola da mercearia repleta de envelopes. Ele a colocou na beirada da janela.

– Suponho que você já se viu nos noticiários.

– Uma dezena de vezes. Estava até pensando em tatuar *sem comentários* na testa. Se eu tivesse ficado de boca fechada, não haveria nada disso.

– Ela disse *estupro*. Como você iria ficar de boca fechada, Matt?

Fitei meu irmão e meneei a cabeça.

– Não quero falar sobre isso. – Comecei a vasculhar a sacola.

– Matt, você conhece Dave Hopper, não é?

Claro que eu conhecia. Era um dos amigos de Mike do secundário, que atualmente trabalhava na agência dos correios. Meu irmão não esperou a resposta. Aliás, ele nunca esperava uma quando começava a falar.

– Pois é, ele telefonou para avisar que sua caixa de correspondências estava lotada.

Uma vantagem em morar na mesma cidade pequena desde criança é que todos o conhecem e, quando um desastre o atinge, alguém avisa seu irmão mais velho, evitando assim que sua caixa de correio transborde.

– Obrigado – agradei e peguei a sacola.

– Tem mais... na sua casa.

– Mais?

– Mais cartas do que o Papai Noel recebe em dezembro. – Mike não segurou a ironia, nem conseguiu disfarçar as lágrimas ao fitar Elle. – Algumas delas são de conhecidos de Elle, de pessoas daqui da cidade, outras têm o logotipo da Nasa, do MIT, e algumas têm endereço de Houston. Não trouxe as que vieram de locais estranhos, como a África do Sul. Ah, também tem uma da Carol...

– Wentworth?

– Você conhece alguma outra Carol?

Dei de ombros. Nenhuma tão bem quanto Carol Wentworth. Antes de Elle e eu voltarmos, Carol e eu tivemos um relacionamento.

Mike e eu conversamos por alguns minutos a respeito dos filhos dele, que desejavam ficar com Hubble, meu cachorro. Falamos sobre o trabalho dele e sobre o que acontecera com mamãe no Lincoln Park, na véspera. Embora eu soubesse que Mike dava razão à mamãe, não entramos em atrito. Ele avisou que viria no dia seguinte e perguntou se eu queria ver o restante da correspondência.

Não por enquanto. Folheei as cartas e notei, em uma delas, a caligrafia de Carol.

Querido Matt,

Fiquei muito triste ao saber do acidente de Elle. Suponho que, em vista dos relatos, desejar melhoras seja um tanto banal.

No entanto, avise-me se houver qualquer coisa que eu possa fazer, como contatar algum conhecido, por exemplo. Você deve estar lembrado de que meu pai tem contatos importantes. Um telefonema dele, e você estará diante do procurador-geral.

Eu li que você contratou Jake. Dê meu telefone a ele, e eu o colocarei em contato com papai.

*Tudo de bom,
Carol*

Não conhecia o alcance da influência do pai de Carol. Deixei a sua mensagem de lado e peguei um lote de cartas de Elle do período em que Carol fazia parte de minha vida. Encontrei uma que ela escrevera depois de eu ter lhe contado que estava noivo.

Seis anos antes do acidente

Comecei a namorar Carol mesmo sabendo que ela era de um nível social muito superior ao meu. Quando estávamos juntos, eu me tornava incapaz de afirmar se chegara ao céu ou se aterrava em uma plataforma destinada a ruir. Passada a fase de dúvida, não me preocupei mais com isso. Os residentes, assoberbados de obrigações, não tinham tempo livre para procurar companhia em outro local. Apesar das diferenças, eu me dera bem. Mesmo os pais de Carol, que moravam na Park Avenue, não se importavam de vê-la de braços dados comigo. Carol era uma oradora talentosa e me suplantava em sagacidade, além de ser ótima na cama.

Não precisava de mais nada, não queria mais nada, mas ainda havia regalias. Carol crescera em meio à elite nova-iorquina e apresentava-me a pessoas e lugares dos quais eu não ousaria me aproximar. No entanto, depois de certo tempo, passei a desejar um relacionamento que tivesse mais conteúdo. Talvez fosse a solidão, a saudade, ou o simples desejo de amar alguém. Carol era bela e talentosa. Por que não amá-la?

O fato era que nós não combinávamos. Sempre que eu tentava convencê-la a ficar em meu modesto apartamento, Carol inventava desculpas para não aceitar o convite. Não. Não é a verdade. Ela sequer tentava fingir que, apesar dos meus esforços, eu não alcançava os padrões dela. Uma noite, eu acariciava seus longos cabelos negros, enquanto ela se vestia.

– Tenho uma cirurgia amanhã bem cedo e preciso de uma boa noite de sono. – Ela se voltou para mim. – Sentirei sua falta.

– Preferia que você não andasse pela cidade à noite.

– Você é bem provinciano com essa ética de garoto de cidade pequena – respondeu, sorridente.

– Não vá embora. Durma aqui.

– Não vim aqui para dormir. Vim por causa do seu corpo. – Carol acariciou a parte interna de minha coxa.

Dei risada.

– Eu me sinto um homem-objeto.

Carol pegou a sua bolsa caríssima e parou à porta, à espera de que eu a abrisse.

– Por mais que eu goste de você, este lugar... não é muito... Encontre um apartamento decente, e eu ficarei.

Gostaria de dizer que o comentário depreciativo não me incomodava, mas seria mentira. A brincadeira sexual acabava sempre atrelada à minha falta de recursos. Tentei equilibrar as coisas do jeito mais previsível, barato e fácil: a sedução. Não me custava nada. Passei a ponta do dedo em sua clavícula e tomei seu rosto entre as mãos. Carol gemeu suavemente e, por um segundo, cheguei a pensar que vencera.

O telefone tocou. Carol abocanhou minha língua por um instante e foi embora.

Droga. Olhei torto para o relógio e atendi ao telefone. Minha família não ligaria tão tarde.

– Alô.

– Eu te acordei? – Foi a pergunta de Elle.

Tranquei a porta e me encostei na parede.

– Não.

– Você vai para casa no Natal?

– Não vai dar. É meu plantão no hospital. – Imaginei minha família e a dela em volta da mesa de jantar na casa onde eu crescera. Minha mãe capricharia em receitas responsáveis pelo entupimento de artérias de toda a humanidade. Meus sobrinhos derramariam molho na toalha de herança da tia Beth, e todos tentariam salvar o acepipe. Nesse ano, mais uma vez eu estaria ausente. Sentia falta

daquela sensação de pertencer a um grupo familiar. Era estranho me sentir em casa falando com Elle, sendo que nenhum dos dois morava mais no antigo lar.

Ele se calou por alguns segundos, e pude imaginar seu sorriso quando voltou a falar.

– Tenho uma surpresa, mas terei de esperar até o Natal para revelar à família. Acho que não vou suportar quatro semanas. Estou louca de vontade de contar. Mas, se você não vai para casa... Escute, não consigo mais guardar segredo.

Ah, na certa Elle queria anunciar que se casaria com Adam. Que droga! Procurei esconder meu desprezo por aquele sujeito.

– Parabéns. – Foi um tanto sem emoção, mas consegui pronunciar a palavra.

– Você nem sabe do que se trata – Elle me lembrou.

– Posso imaginar. Adam é um camarada de sorte. E ele que se atreva a tratar você mal.

– O quê? Oh, não. Não vou me casar. – Elle soltou uma risadinha. Ainda bem que ela não parecia triste com o fato. – Você é engraçado.

Fiquei realmente aliviado.

– Não vai? Então, quais são as novidades?

– Algo muito maior – Elle afirmou com voz aguda. Nem tive tempo de supor do que se tratava. – Vou para o espaço. A fronteira final.

– Não acredito! Está falando sério?

– Soube esta manhã. A Nasa me designou para a missão *Atlantis*. Vão ser dois anos de preparativos para fazer melhorias no Hubble.

– O telescópio?

– Isso mesmo. Ah, Matt, e vou fazer um EVA.

– O que é...

– EVA. Uma atividade extraveicular. Um passeio espacial. Você acredita numa coisa dessas? – A voz de Elle borbulhava como champanhe.

Esfreguei a testa para ajudar a cabeça a absorver a notícia: o orgulho que senti, a alegria, e também certa preocupação com sua segurança. Dessa vez, quando a cumprimentei, foi com entusiasmo.

– Pip, estou muito feliz por você. Parabéns!

- Obrigada. Ainda não contei para ninguém.
- Exceto Adam?
- Nem para ele. Não vou dizer nada até o anúncio oficial na próxima semana. Mas queria falar para alguém, então, pensei em você.

Cinco anos antes do acidente

Em 1º de fevereiro de 2003, pouco mais de um ano depois da conversa com Elle, o ônibus espacial *Columbia*, viajando a quinze mil e duzentos quilômetros por hora, explodiu durante a reentrada na atmosfera terrestre. Enquanto Houston esperava a confirmação em silêncio, as estações televisivas transmitiam imagens mudas. Lamentei a morte de cada um dos tripulantes, mas fiquei feliz por Elle não estar entre eles. O *Atlantis* deveria ser lançado no ano seguinte.

A Nasa suspendeu o programa do ônibus espacial enquanto investigava a causa do desastre e concluiu que um bloco de espuma isolante do tamanho de uma maleta havia se desprendido do tanque externo de combustível e causado danos nas placas de isolamento térmico na asa esquerda do *Columbia*.

Como espectador, eu acompanhava as notícias, entrava no site da Nasa todos os dias e, secretamente, esperava que o programa do ônibus espacial fosse encerrado para sempre. Mas, depois que especialistas em segurança surgiram com um grande número de situações de salvamento, o programa prosseguiu.

Contudo, o voo programado de Elle até o Hubble estava com problemas. O resgate seria impossível da órbita do telescópio. Se o ônibus espacial sofresse danos durante a decolagem, não haveria combustível suficiente para chegar à Estação Espacial Internacional e esperar ajuda. Assim, a missão de Elle parecia condenada.

– Tão perto de se realizar – lamentou Elle. – Adam acha que serei designada para outra missão.

Que se dane o que Adam acha, pensei.

Meu relacionamento com Carol variava de acordo com a nossa agenda cirúrgica. Se alguém me perguntasse, naquele inverno, se eu tinha namorada, teria negado. Seria melhor classificar a situação de “amizade colorida”. No começo da primavera de 2003, Carol e eu passamos mais tempo juntos, pois os plantões estavam mais sincronizados. Eu me mudei para o apartamento dela, levando a escova de dente, o aparelho de barbear e uma gaveta com roupas. Não havia nada oficial, nem mesmo uma chave. Eu não permanecia lá na ausência dela, mas acabamos nos tornando um casal.

O dr. Shah me pediu para fechar o corte e tirou as luvas cirúrgicas. Afastou-se para analisar de novo a ressonância magnética, enquanto eu terminava as suturas.

– Leve-o para a sala de recuperação – disse. – Preencha o prontuário cirúrgico e o relato pós-operatório. Farei uma análise depois de falar com os pais dele.

– Farei como pediu, doutor, não se preocupe. – Não invejava a tarefa do dr. Shah de levar o péssimo prognóstico aos pais do menino.

Vi Carol pela janela, enquanto a enfermagem levava o paciente para fora do Centro Cirúrgico 7. Estávamos no quinto ano de residência, Carol na cirurgia pediátrica, e eu na neurocirurgia. Por isso, passávamos muitas horas nos centros cirúrgicos.

Dez minutos depois, estava sentado na sala de recuperação, preenchendo o prontuário do menino de oito anos. Não havia nada que pudesse ser feito. A biopsia determinaria o tratamento, mas o garoto não resistiria até o secundário.

Carol entrou e sorriu ao se sentar a meu lado, a máscara cirúrgica abaixada até o pescoço e os cabelos negros ocultos dentro da touca. Seu olhar disse mais do que o cumprimento murmurado.

– Não sei como consegue trabalhar com crianças. – Recostei-me na cadeira.

Carol examinou o título do registro.

– Mas que droga. Glioma de tronco cerebral. Pobre menino. – Ela lançou um olhar furtivo ao redor e segurou minha mão.

– Qual foi sua cirurgia? – Procurei disfarçar o embaraço.

– Ah, bem simples. Uma reparação de estenose hipertrófica de piloro. Algumas coisas são fáceis de reverter. O menino tem seis semanas e vomitava sem parar. Eu o reidratei, descobri a causa e, depois da cirurgia, ele terá uma vida normal. Final feliz. Nem todos são assim, mas tenho tido mais casos felizes do que tristes.

– Este garoto não terá o mesmo destino do seu. – Apontei para o prontuário do menino que o dr. Shah havia operado.

Carol beijou os nós dos meus dedos e soltou minha mão.

– Isso está fora do seu alcance. – Ela acariciou meu rosto. – Sabe o que mais amo em você? Essa preocupação genuína com os pacientes.

– Você também se preocupa. – O que mais ela amava em mim? Sim, éramos sexualmente íntimos, mas nunca, nem no calor do momento, havíamos pronunciado a palavra *amor*.

O gemido de um bebê ecoou pela sala de recuperação. Como um paciente tão pequeno era capaz de emitir um som tão alto? Carol deu um salto antes de a enfermeira chamar.

– Doutora Wentworth, preciso de uma prescrição de medicamentos para dor.

– Estou indo. – Carol virou-se para mim. – Vamos ficar em casa esta noite e amanhã cedo iremos para a praia.

– Está bem, ficaremos em *casa*. – A palavra oscilou como um pêndulo, para trás e para a frente, procurando o equilíbrio e parando no ponto central. Casa. E a palavra *amor*. Cada vez mais eu ficava em casa com Carol. E, curiosamente, quase dissera *eu te amo*. No entanto, mordera a língua. A única mulher a quem eu confessara meu amor fora Elle.

Eu a observei cruzar a sala, prescrever medicamentos, parar junto ao berço da criança que chorava e fazer carícias para acalmá-la. Eram atitudes que me agradavam. Pela primeira vez admiti que

poderia ser feliz se permitisse a ela uma aproximação, e se eu mesmo me abrisse para um novo amor.

No dia seguinte, viajamos para os Hamptons, onde ficava a casa de praia da família dela, com a intenção de passar o final de semana. Eu já estivera ali, mas quando paramos vi o local sob nova perspectiva. Apesar de minha vontade de voltar para casa após o término da residência em neurocirurgia, não deixei de avaliar o apelo do estilo de vida de uma cidade grande. Isto é, pelo menos de acordo com a versão socioeconômica de Carol. Um apartamento enorme com vista para o Central Park e uma segunda moradia na praia. Mesmo com as chuvas do final de abril, adorei estar perto do mar. Nada mal.

Naquela noite, Carol e eu ficamos enrodilhados diante da enorme lareira de pedra do chalé nem um pouco humilde dos Wentworth. Ela estava tão quieta que a imaginei adormecida. Os ruídos da arrebentação ao longe e da chuva que batia no telhado eram bons soníferos. Excelente. Possuía tudo o que desejava. Uma carreira promissora e uma linda namorada.

– Eu te amo – falei num fio de voz, talvez para experimentar como seria.

Para minha surpresa, Carol se mexeu e me fitou com um olhar tomado pela insegurança. Nunca imaginei que ela pudesse se sentir insegura.

– O que você disse?

Hesitei por alguns instantes, mas não iria me retratar, pois havia dito algo verdadeiro.

– Eu disse que te amo.

O rosto de Carol se iluminou. Nosso beijo foi muito além do desejo sexual. Era como se ela houvesse esperado muito por aquelas três palavras. O mais curioso era nunca ter me ocorrido que uma pessoa como Carol, tão equilibrada e tão perfeita, precisasse desse tipo de confirmação.

– Você me ama?

– Sim – respondi, quase rindo, liberto pela revelação que quase escapara no dia anterior, na sala de recuperação.

– Uau. Eu também amo você. – Carol segurou minha mão e me puxou do sofá. – Vamos.

– Para onde?

– Não sei. Correr na chuva... vamos... – Carol me abraçou. – Para qualquer lugar.

Beijei-lhe a testa, a boca, e passei a desabotoar os botões de sua blusa.

– Você é linda. Eu deveria ter dito antes o quanto te amo. E como gosto de correr na areia, mas não agora.

A notícia foi publicada no *Times* na segunda-feira. Foi como descobri que a Nasa havia dado o sinal verde para a missão de Elle.

– Mas isso é péssimo! – eu a repreendi por telefone. – Você pode morrer. É muito arriscado.

– Você não entende como o Hubble é importante para a exploração do espaço.

Seguiu-se um momento de silêncio, enquanto eu procurava um argumento convincente que a fizesse desistir daquele sonho. Não podia soar como se estivesse advogando uma causa.

– Elle, a tripulação do último ônibus está morta. Para a maioria das famílias, não sobrou nada para enterrarem.

– Na verdade, foram encontrados restos – declarou Elle, com voz solene. – Foi uma tragédia terrível, mas cada um que embarcou no *Columbia* sabia *exatamente* os riscos. Nós todos sabemos. E eu vou assim mesmo. Não tenho medo de morrer lá em cima.

Torci os lábios e olhei pela janela do *loft* de Carol. Elle e eu havíamos percorrido um longo caminho desde a infância no Maine, quando pensávamos que andar às margens do rio Harraseeket era uma aventura.

– Mas...

– Sei que está preocupado, mas prefiro que fique feliz por mim.

– Mas...

– Matt, não tem *mas* nem *meio mas*. Apenas seja meu amigo. Deseje-me sorte e reze por mim.

Após minha resposta nada entusiasmada ao anúncio da data do lançamento do *Atlantis*, os telefonemas semanais cessaram por um tempo.

Durante o final de semana do Memorial Day, Carol e eu tivemos uma folga e fomos para o Caribe. Vimos duas crianças, um menino e uma menina, de cinco ou seis anos, talvez gêmeos, que brincavam com máscaras e *snorkel*, observando os peixes. A certa altura, começamos a falar a respeito de “nossos” filhos, com quem eles se pareceriam e como os ensinaríamos a nadar. Voltamos para Nova York e compramos as alianças de noivado.

No começo de junho, minha mãe veio conhecer os Wentworth e usou o melhor vestido da Macy’s. A mãe de Carol usava um vestido de alta-costura. Mesmo assim, minha mãe estava com uma aparência ótima, melhor ainda do que antes de meu pai falecer. Ela passara a correr, fazer ioga e emagrecera; oriunda ou não de cidade pequena, manteve-se à altura de meus futuros sogros na cobertura deles, na Park Avenue.

Após o jantar, fomos para o terraço. Minha mãe olhava as luzes da cidade e mantinha um dedo pressionado nos lábios. Ela reprimiu a reação óbvia à vista do Central Park. Em vez disso, disse algo que deve ter soado completamente inadequado aos Wentworth:

– Matt, Elle teria odiado isto aqui, não é?

O céu irradiava um rosa metropolitano, sem estrelas. Entendi o significado daquela frase. Pensara naquilo um milhão de vezes ao ver o céu de Nova York.

– Elle? – indagou Elizabeth Wentworth.

– Ah, perdão! – mamãe se desculpou. – Sem dúvida, a vista é espetacular. Elle é minha afilhada, e gosto dela como se fosse minha filha. Atualmente está trabalhando na Nasa, em um programa para astronautas. Se morasse em Nova York, não poderia ver as estrelas, seu passatempo favorito. – Minha mãe analisou minha expressão.

Carol sabia que Elle e eu éramos amigos de infância e que ainda conversávamos com certa frequência. Carol também não ignorava que Elle e eu havíamos namorado no secundário. Mas ela

desconhecia tudo sobre Celina e sobre eu ter sufocado meus sentimentos por Elle durante um tempo. Carol sabia que havíamos sido vizinhos e que continuávamos amigos.

Não encontrara ainda o momento oportuno para contar a Elle sobre meu noivado com Carol, e minha mãe estava ciente de que eu mesmo deveria dar a notícia.

– Estou apavorada! – minha mãe desabafou para os pais de Carol.
– A Nasa escolheu Elle para a próxima missão do ônibus espacial. O lançamento será na primavera.

– Pensei que o programa houvesse sido cancelado.

– E foi – respondeu mamãe. – Mas o sinal verde foi dado há poucas semanas.

– Não fazia ideia. – Carol se voltou para mim. – Você sabia?

– Pensei que tivesse contado. – Sorri para minha futura esposa, que, maravilhosa, ofuscaria qualquer constelação. Ainda assim, não conseguia esquecer Elle.

Naquela noite, minha mãe e eu voltamos ao meu apartamento. Deitado no sofá, pensei qual seria a reação de Elle. Liguei para ela; Adam atendeu.

– Olá, é o Matt. Posso falar com Elle?

Ele grunhiu. Escutei a voz dela perguntando quem era. Ouvi o farfalhar de lençóis.

– Matt? – Ela pareceu aflita. – Aconteceu alguma coisa?

– Nada de ruim. Tenho novidades: vou me casar. – Falei tudo de uma só vez. Talvez fosse como engolir remédio amargo em um só gole, exceto que se tratava de Elle.

– Oh, Deus. – Ela pareceu mais surpresa que entusiasmada. – Espere um minuto. – Ouvi mais um farfalhar de tecido e uma porta sendo fechada.

– Elle, você ainda está aí?

– Sim. E com quem vai se casar? Com a Carol?

– É.

– Nossa. Eu não imaginava.

Também não imaginava. A impressão que tive foi de um acontecimento em que eu não era uma das partes interessadas. Na

verdade, em determinado momento, apenas me permitira ser feliz de novo, com Carol.

– Não pensei que fosse sério – Elle comentou. – Mas, por outro lado, estão namorando já há algum tempo, não é?

– Há dois anos. – Notei sua falta de entusiasmo, e se seguiu um silêncio antes de ela fazer uma nova pergunta.

– Como foi o pedido? Você se ajoelhou?

– Não. Nada de exageros.

Houve mais uma pausa, desta vez desconfortável.

– Ah! – disse Elle. – Exagero? Bem, tenho de dar os parabéns. Não sei mais o que dizer.

De repente me lembrei de que havia andado na praia de mãos dadas com Elle. Minhas palavras não foram as mesmas que eu dissera a Carol, mas, com Elle, o pedido fora feito de joelhos.

– E então... quando Adam vai oficializar a situação entre vocês, Pip?

Elle soltou um risinho.

– Você parece meu pai. Na verdade, Adam já me pediu em casamento, mas não acho que seja hora.

– Por quê? Ele não fez o pedido de joelhos? – Procurei levar na brincadeira.

Elle pigarreou.

– Não é por isso. Tenho... outras prioridades, a carreira. E...

– E o quê? – Creio que eu esperava que Elle dissesse que o odiava.

– Quero ter filhos... – sussurrou Elle – ...depois que me casar.

– Ele não quer?

Escutei um rangido e fiquei em dúvida se era a voz de Elle ou a estática do telefone.

– Para que casar, se não estamos prontos para ter filhos?

Elle não respondeu à minha pergunta, e não insisti. Preferi não imaginar Adam e Elle cuidando de um bebê.

– Você e Carol pretendem ter filhos? – ela devolveu a pergunta, e percebi certa tensão em sua voz.

– Creio que sim. – Pelo menos era esse o nosso plano. Casar. Ter de dois a cinco filhos. Nós os ensinaríamos a nadar com máscaras

em lugares exóticos. – É esquisito falar sobre esse assunto com você.

– Eu sei.

Engoli em seco antes de tomar coragem para continuar.

– Pip, ainda penso em nossa filha.

– Ah, Matt. – Elle suspirou, e eu a imaginei com a mão pressionando a boca.

– Elle, diga que está ocupada e volte para a cama – ouvi a voz de Adam do outro lado da linha.

– Oh, Deus – disse Elle suavemente para mim, e depois para Adam: – Já vou. Só mais um minuto. Ele vai se casar.

– Esta noite? Então venha logo, Elle. Não gosto de ficar sozinho – disse Adam.

Idiota.

– Ainda está aí? – perguntou Elle, preocupada.

Estava, mas agora tinha instintos homicidas.

– Vocês devem estar ocupados. Boa noite, Elle.

4 de junho de 2003

Querido Matt,

Você desencadeou um motim. Adam está quase tão furioso comigo como estou com ele. Claro que não foi diretamente culpa sua. Assim que falei de seu noivado, ele me pediu em casamento. De novo. Que droga.

Então, boneca, por que nós não nos casamos?

Estou cansada de "então, boneca". Não sou boneca e não quero me casar com ele. Por que ainda estou aqui? No começo, quando Adam me propôs casamento, falei que só aceitaria depois do programa espacial. Agora ele conseguiu uma resposta. Deveríamos ficar noivos e nos casar ao término da missão.

Certo.

Disse a ele que não teria tempo de planejar a cerimônia.

Adam disse que se encarregaria de tudo.

É disso que ele gosta: controle.

Retruquei que planejar um casamento era tarefa da noiva. Infeliz escolha de palavras. Adam supôs que eu houvesse aceitado, senão eu não teria dito "a noiva". E, para sacramentar a ocasião, me deu um anel.

Tive de recusar. Como dizer a alguém com quem se está há oito anos que jamais me passou pela cabeça que aquilo duraria para sempre? Creio que fiquei insensível. Desde o começo ele falou em casamento. Eu lhe disse que não estava preparada ainda, mas devia ter dito que jamais estaria. Ele só pensa na carreira e não quer filhos. Eu amo o que faço, mas também quero ser mãe.

No mês passado, tive um atraso de apenas dois dias, e Adam fez um escândalo. Claro que fiquei feliz, mas eu teria de ceder meu lugar na missão, e isso me mataria. Graças ao bom Deus, eu não estava grávida. Até agora não posso acreditar que ele fez uma vasectomia uma semana depois. Snif, snif.

Agora vamos falar sobre epifania e momentos iluminados.

Nas últimas semanas compreendi o pouco respeito que Adam tem por mim. Ele sequer anunciou que pretendia fazer o procedimento. O que você acha disso? Apenas saiu e voltou para casa convalescente, esperando que eu cuidasse dele.

Não comentei nada. O que teria para dizer? Que eu queria que ele fosse o pai dos meus filhos? De novo. Um breve vislumbre iluminado. Bobagem. Ele teria sido um péssimo pai. Adam não gosta de crianças, nem as da vizinhança. Não quero me casar com ele. Por isso, não abri a boca.

No começo, nós nos dávamos bem e combinávamos em muitas coisas. Não era suficiente? Talvez, se eu não almejasse uma família... Por que tudo é tão difícil? É como se uma parte de mim estivesse ponderando. Perdi tanto tempo ao lado de Adam.

Pretendo deixar Houston, ir para casa e lecionar em uma faculdade. Ainda posso escutar as palavras de repreensão de Adam quando lhe contei meu sonho.

"Lecionar? No Maine? Que desperdício, Elle."

Adam esbravejou, e eu me calei. Ele afirmou que meus planos eram muito egoístas, que qualquer pessoa pode ensinar física básica, mas a grande maioria não consegue entender o que são ondas magneto-hidrodinâmicas, nem sob ameaça de morte.

Está bem, mas é o que eu desejo. E daí? Tenho de viver em um plano bidimensional, focada em apenas um aspecto do Universo? Quero mais. Quero lecionar. Adoro perceber o prazer que o conhecimento e o entendimento despertam nas pessoas. Será que Adam está certo? Será que não quero fazer os sacrifícios que a real descoberta científica requer?

Tenho saudade do meu pai e do meu irmão. Da neve e do outono. De andar de caiaque em Casco Bay. Da minha vida de antes.

Não quero envelhecer sem ter filhos por causa da minha carreira. Embora nada me impeça de ir para o espaço.

A não ser um bebê em meus braços.

Sempre pensei em me casar algum dia e ter uma casa lotada de filhos.

O que não acontecerá com Adam. Não daria certo. Não me vejo com ele no futuro.

Deus me ajude, Matt, mas é você quem eu vejo. Enxergo um altar e um vestido branco. Sei que nossa chance se despedaçou há milhares de anos. Mas...Matt, você vai se casar com outra. Outra ficará a seu lado na igreja... e na vida. Carol. Ah, Deus. Queria estar feliz por você, mas sinto que estou deslizando para uma cova.

O que vou fazer com esse sentimento? Receio ter tomado a decisão há muito tempo. Não tenho nenhum direito de ainda amá-lo. Mas eu te amo.

32

Depois do acidente de Elle

Dia 11

Após o testemunho do dia anterior, Adam ainda teve a ousadia de voltar ao hospital para ver Elle. Enfurecido, não me fitou.

Constrangido, mantive-me em pé.

– O que está fazendo aqui?

Adam fingiu não me ouvir e curvou-se para beijar o rosto de Elle.

– Olá, boneca.

– Saia, Adam.

– Tenha um pouco de respeito. Aliás, esta palavra não lhe diz muita coisa, mas seria interessante se você resolvesse dar uma volta de uma ou duas horas. Assim eu poderia me despedir.

– Elle se despediu de você há cinco anos. E, por falar em respeito, Elle e eu somos casados. Acha mesmo que eu o deixaria aqui sozinho com ela?

Adam se endireitou, e o topo de sua cabeça quase alcançou o teto baixo.

– Não confia em mim? – ironizou.

– Não. O que diabos você está fazendo no Maine? O estado de Elle não tem nada a ver com você. Ela te largou há muito tempo.

Adam revirou os olhos.

– Você não escutou o que foi dito no tribunal? Elle me outorgou a autorização de decidir sobre os cuidados com a saúde dela.

– Pelo amor de Deus! Apesar de eu não concordar com ela, minha mãe faz parte da família e tem direito de opinar. Mas você? Você não vê Elle há anos. O que é isso? Controle? Poder? Aproveitar a fama de Elle e posar de bom moço? Apesar de sua altura, você é tão diminuto e miserável quanto Napoleão.

– Matt, você sempre foi um idiota arrogante. Expliquei tudo na audiência. Ficamos juntos por oito anos, e Elle era muito importante para mim. – Ele engoliu em seco com grande ruído. – Eu a amava, e até hoje não entendo o desgaste do nosso relacionamento. Deve ter sido influência sua.

– Jesus, você ainda a ama. – Eu me virei para a janela.

– Eu não a amo mais, mas ainda me importo com ela. Afinal – repetiu –, ficamos juntos por oito anos.

– Mas também estão separados há muito tempo.

– Uma ironia, em se tratando de você. Era patético vê-lo sempre por perto, esperando, telefonando, interferindo em nosso relacionamento.

– Nunca conversamos a seu respeito. Éramos amigos muito antes de Elle te conhecer.

– Você ainda a amava.

Anuí com um aceno de cabeça.

– Não entendo por que você veio. Vocês não eram sequer amigos. Essa bobagem de...

– Bobagem nenhuma. Nós conversávamos, embora não com muita frequência. Eu me preocupava com uma possível gravidez. No caso de Elle ser mãe, tudo estaria perdido. – Adam sacudiu a cabeça, olhou para Elle e murmurou: – Mas não imaginei que fosse acabar assim.

Olhei para Elle e me senti como da primeira vez que a vi na sala de emergência; fiquei com as pernas bambas e tive a impressão de que o mundo desabava sobre mim. Elle deitada, inerte, tão distante.

Adam continuou falando, justificando sua intromissão:

– Não liguei mais para Elle depois do último inverno, quando soube que ela estava grávida. Mas não era nenhum absurdo eu me preocupar com ela.

Adam saiu do quarto e senti-me compelido a segui-lo. Talvez houvesse algo que me tivesse escapado. Quem sabe Adam se preparasse para anunciar outra notícia bombástica. Não podia imaginar o que mais ele teria para fazer, além de revelar aquela declaração há muito engavetada. Era estranho, mas Adam parecia prestes a sucumbir.

Ele seguiu pela escada dos fundos, que dava para a entrada de emergência, onde havia um heliponto, a extensão larga de asfalto entre o hospital e o pátio de emergência. Estávamos sem capa, e a chuva nos encharcou. Adam só me viu quando apertou o botão do elevador.

– O que é agora? Vou embora. O que mais você quer?

– Não sei.

Ele soltou um suspiro profundo e deu de ombros.

– Você não sabe, mas deveria entender logo, para acabar com essa palhaçada. – Adam limpou a água do rosto. – Vamos sair daqui.

Não era a primeira vez que me sentava à mesa com Adam. Ao longo dos anos, passara por esse desprazer, mas agora estávamos ali mais uma vez, ensopados até os ossos, em um banco de vinil, com uma mesa nos separando, debruçados sobre cardápios laminados em uma cantina italiana local, na qual o espaguete era muito cozido e o azeite de oliva corria solto.

– Não é exatamente uma refeição vegana – argumentou Adam.

– Peça uma salada. Não estamos aqui pela cozinha *gourmet*. Pode falar. – Adam fechou o cardápio.

– Está bem, tenho uma hora antes de sair para o aeroporto, mas não pense que estou desistindo. Vou para Houston encontrar a advogada que redigiu a diretiva antecipada de Elle. Voltarei com a original antes da audiência marcada para daqui a dez dias.

Senti um calafrio, mas não por estar com as roupas úmidas e sentado em um ambiente com ar-condicionado.

Adam desfiou a história de como conhecera Elle, de como se encantara com sua juventude, e que sentira um pouco de inveja da

“princesa”, pois ele tivera de trabalhar em dois empregos e, aos vinte e nove anos, ainda terminava o doutorado.

– Também dei duro para me formar – falei –, mas a forma como você a conheceu não tem nada a ver com a situação atual. Ou melhor, não tem nada a ver com o que Elle desejaria.

– Haja paciência. – Adam revirou os olhos de novo. – Na minha opinião, todos faziam um juízo errado a respeito dela. Até eu fiz, no começo. Só comecei a falar com Elle por causa de nosso interesse comum em trabalhar na Nasa e, sempre que nos encontrávamos, eu era atencioso com ela. Mas logo compreendi que ela não era uma garota-prodígio mimada, pois ia para o Maine todos os finais de semana, para dar um pouco de atenção ao irmão.

– Eu sei. Alice a fez prometer que cuidaria dele. – Enxuguei a água que escorria do cabelo para a testa com o guardanapo de papel.

Adam cruzou as mãos atrás da cabeça e se recostou no espaldar da cadeira.

– E você, como os demais, não via nada de errado nisso, não é? Uma adolescente, um gênio promissor, que tinha de dar conta de uma família desestruturada.

– Não. Eu encorajei Elle a ir para o MIT. – Argumentei que meus pais haviam prometido cuidar de Christopher quando Hank não estivesse sóbrio, e ele parou de beber logo depois. Até me propus a trocar a Universidade de Columbia pela de Boston, para ficar mais perto de Chris. Mas não... a responsabilidade era dela. – Eu não era como os *demais*.

– Tentei ajudá-la – explicou Adam. – Não demorou muito para Elle se aproximar. Ela me hipnotizava com sua genialidade. Por outro lado, era ingênua e ignorava as políticas acadêmicas. Era preciso ser mais agressiva nas pesquisas, e Elle era muito terna e se preocupava muito com a família. Uma vez ela foi para o Maine no meio da semana, só para participar de um evento na escola de Christopher.

– A família sempre foi importante para Elle. Ela sofria com a separação, assim como também não interromperia uma vida nas atuais circunstâncias.

– Matt, você está forçando uma injustiça. Está impondo a ela uma tortura para cuidar de uma massa amorfa que nem mesmo é um

bebê.

– Não é essa a questão – argumentei.

– Escute o ponto de vista de outra pessoa. Eu a amparei, eu a ajudei a ficar em pé e a andar com as próprias pernas, a realizar os sonhos acadêmicos. Fui eu quem a incentivou a trabalhar para a Nasa, mesmo tão longe da família, que precisava dela. Elle sempre teve talento. Ela tinha desejos, mas teve de escolher as prioridades.

– Você está sendo arrogante.

– Na verdade, não. – A risada de Adam foi seca e sem graça. – Eu a ajudei a eliminar a estática para conseguir o que desejava. O espaço. As estrelas. O Hubble. Eu a amava, e Elle sonhava com a Nasa. Mas você era uma distração. A família era uma distração. Algumas vezes, até eu era. E, por mais que ela resistisse, ela precisava da minha ajuda.

A garçonete veio até nossa mesa, trouxe dois copos gelados e anotou nossos pedidos.

Eu me mexi, e a calça molhada fez barulho no assento de plástico. Desejava acabar logo com a conversa e voltar para o quarto de Elle.

– Elle nunca foi uma tola como você a descreveu, Adam. Ela sempre soube o que queria. Concordo que era inteligente, cheia de compaixão e que amava a família. Apesar de ela ser um gênio, Hank e Alice a criaram como uma criança normal, alguém que gostava de esportes, sem descuidar das tarefas. Isso não era distração. Fazer parte de alguma coisa maior é o que nos torna humanos.

– Fazê-la responsável pela vida dos outros a tornou um capacho.

– Diga isso para a tripulação do *Atlantis* ou para o Jabert. Talvez fosse melhor que ela o tivesse deixado morrer? Elle sempre foi capaz de gestos heroicos.

Adam passou os dedos pelos cabelos e se inclinou para a frente.

– Você é incapaz de entender o que estou dizendo? Elle merece alguém que se preocupe com ela primeiro. Alguém que a defenda. Elle deixou a Nasa por sua causa. Pense nisso, e faça a coisa certa pelo menos uma vez na vida. Por Elle.

Dei um soco na mesa.

– Elle *queria* deixar a Nasa, e você continua afirmando que eu não entendia os desejos dela? Você é que não entende. Você tinha

pouco respeito pela independência de Elle. Ela não precisava ser conduzida. Eu não a teria conduzido a lugar nenhum. Nós caminhávamos na mesma direção e queríamos as mesmas coisas. Elle queria filhos, muito mais do que eu. Ela não era nenhuma egocêntrica megalomaniaca. Ela fez sacrifícios, sim, mas porque quis.

A expressão de desprezo me fez pensar que Adam cuspiria em mim.

– Continue acreditando nisso. Mas Elle queria mais. Cuidei dela e cuidarei agora também. Se tivesse um pingote de decência, você a deixaria morrer com dignidade. Maldito seja por deixá-la morrer aos poucos. – Adam se levantou e partiu.

Keisha desenrolou a manta caribenha de mosaicos amarelos, azuis e rosa e cobriu Elle.

– Elle dizia que gostava desta. Eu planejava fazer uma manta para dar a ela no Natal. – O sulco entre as sobrancelhas aprofundou-se. – Ela não vai mais estar aqui, não é?

Algumas respostas vieram à minha cabeça. Esperava que Elle ainda estivesse em gestação no Natal, talvez até depois. Mas pouco importava se Keisha terminasse a manta ou não. Elle jamais saberia quanto amor e quantas horas dolorosas haviam sido necessários para Keisha terminar aquela obra-prima. Elle nunca mais saberia se sentia frio ou calor. Abracei Keisha, a mulher que apoiara Elle quando perdemos Dylan.

– Vamos ver o que acontece.

Keisha tentou esboçar um sorriso e se sentou na cadeira próxima à cama de Elle.

Conversamos sobre bobagens antes de eu contar a história da chegada de Adam, a visita, a chuva e a opinião dada por ele no restaurante.

– Odeio aquele sem-vergonha – declarei. – O que Elle dizia a respeito dele?

– Eu sabia que ela tinha vivido com outra pessoa, mas nem me lembro se o nome dele foi citado alguma vez. Era isso que você

queria me perguntar mesmo, ou tem alguma outra coisa?

Ele teria razão? Eu estaria depositando um fardo inumano sobre Elle ao querer que a gestação se prolongasse meses a fio? Não falei nada. Limitei-me a um dar de ombros.

Keisha segurou minha mão, num gesto de consolo.

– Bem, vou dizer o que lembro das palavras de Elle. Ele a fazia lembrar de você. Não fique tão horrorizado, Matthew. Ela contou que ele possuía algumas de suas qualidades. Adam era esperto o suficiente para não sufocá-la, e também tinham sido amigos primeiro. Mas ele não era você. Ainda que o relacionamento fosse sério, não tinha substância para durar. Mas não é isso o que você quer saber, não é mesmo? Você quer que eu diga que a verdade está do seu lado, e que ele está errado.

Abaixei os olhos.

– Nem sei mais, depois de falar com ele, de escutá-lo.

– Pois eu sei – afirmou Keisha. – Pode dizer que sou parcial. Admito. Quero que essa criança viva, mas não é por isso que vou ficar calada. Tenho uma teoria. Quer escutar a versão mais longa ou a mais breve?

Keisha adorava contar histórias, e algumas vezes se estendia demais nelas. Elle dizia que se tratava de uma postura arriscada na vida acadêmica. O corpo docente tinha audiência cativa nas salas de aulas, mas histórias muito longas cansavam os alunos.

– A média.

Keisha se empertigou no assento.

– Você sabia que Elle teve em seu curso honorífico superior no último outono uma garota de dezesseis anos?

– Sim. Julie qualquer coisa. Elle comentou que ela era talentosa.

– Isso mesmo. Ela era um pouco tímida, mas muito inteligente. Um dia, conversávamos na sala de Elle, e Julie entrou. As duas falaram sobre uma fórmula matemática incompreensível para mim, e Julie foi embora. Elle se recostou na cadeira e me contou como se sentia deslocada naquela idade. Assim como Julie, sua inteligência era muito superior à média dos adolescentes de sua idade, e até, às vezes, dos professores. Elle nunca se sentiu igual aos colegas, nem

no secundário nem na universidade. E nem com *Adam*, pelo menos durante um longo tempo.

Inclinei-me para a frente.

– A adaptação foi muito difícil quando ela era criança, mas...

– Exatamente. *Mas...* ela começou a crescer. Foi para Princeton e conheceu um homem bem mais velho. Foi o que a atraiu. Adam parecia não se importar com sua ingenuidade em relação à vida. Ele a aconselhava, e Elle o deixou controlar a situação.

– Por que está me dizendo isso?

– Por que Elle o superou. Ela amadureceu e se tornou uma mulher confiante que sabia o que queria e como conseguir suas metas. Elle é... – Keisha engoliu em seco – ... era uma pessoa completa. Era o exemplo perfeito dos cursos que eu dava sobre mulheres.

– Está bem. Mas como...

– Como isso dá a você toda a razão, e não a Adam?

Concordei com um gesto de cabeça.

– Ele continuou a ignorar as opiniões de Elle, que se aborrecia por isso. Elle me contou que, quando vocês eram crianças, você a respeitava. Comprovei isso várias vezes. Você não concordava com tudo, mas sempre a escutava. Você acredita mesmo que ela desejaria salvar o bebê?

– Sim, acredito.

– É assim que sei que você está tomando a decisão certa. Além disso, eu também a conheci. Elle jamais desistiria... mesmo nesse caso.

33

Dia 12

– A missa terminou. Podem ir em paz – disse padre Meehan.

– Graças a Deus – nós respondemos como um bando de camponeses doutrinados.

A memória de uma rotina é extraordinária. Podia acompanhar a missa sem pensar; recitar orações inteiras da minha infância; perder a concentração durante a homilia e a eucaristia, mas ficar em pé e ajoelhar sem perder o ritmo.

Deus. Se isso era dádiva divina, eu teria de agradecê-Lo.

Depois me senti esgotado e imaginei se o bom padre que apertava a mão dos devotos diante da igreja notara que eu cumprira minha parte no acordo, pelo menos naquele domingo.

Levantei-me, bati nas calças como se quisesse me livrar de raízes imaginárias que poderiam me prender ao banco desconfortável da igreja e fui ao altar acender uma vela. Um ato necessário. Doze dias. Foram precisos apenas doze dias para me tornar um hipócrita. Procurava pelo círio para acender a chama quando percebi que todas as velas estavam acesas e que eram elétricas. Que vergonha. Devia desligar uma e tornar a acendê-la? Que ridículo!

– Estou com dificuldade para encontrar coroinhas – disse padre Meehan enquanto caminhava pela nave central. – Fico satisfeito em vê-lo. – Ele assoprou as velas verdadeiras, as que iluminavam o altar. – Como está Elle?

– Do mesmo jeito. – Apontei para a coleção de velas de led. – O que devo fazer com elas?

– Parece uma lareira a gás, não acha?

– Ou elétrica. Mas criam uma ilusão. Tudo um golpe de fumaça e espelhos, não é? – *Será que eu falei a segunda parte em voz alta? Droga. Estou muito cansado.* Passara quase a noite toda pensando nos argumentos de Adam.

– É uma maneira de entender que não é necessário acender uma vela para rezar. É apenas um gesto simbólico – ponderou padre Meehan.

– Tem razão – respondi.

– Quanto à fumaça e aos espelhos, isso se chama fé.

– Desculpe. Estou tentando.

Ele guardou o vinho e o cálice.

– Vamos?

Eu o segui. Poderia dizer como... uma ovelha? A analogia era adequada. Ovelha. Pastor.

– Poderia desfiar uma lista de clichês diante de você – afirmou, como se pudesse ler pensamentos naquela casa de magia. – Peça auxílio a Deus e Ele lhe responderá. Eu lhe digo que a fé é uma dádiva e posso citar várias passagens da Bíblia. Em vez disso, direi apenas que tente abrir a mente. Tenha uma conversa com Ele. Ou pelo menos tente.

– Claro – concordei.

– Como vai o bebê?

– Trinta semanas seria o ideal, mas com dezesseis teremos uma chance.

– É assim, não é? Você é um homem de números. Quer parâmetros mensuráveis para a vida. Alguma vez acreditou em algo que não números?

– Em Elle; minha fé estava nela.

O padre suspirou.

– Bem, já é um começo. Você acredita em amor, e Deus é a manifestação mais pura do amor.

34

Do dia 14 ao 21

Desde criança, quando Elle ainda brincava de astronauta, ela jamais contava em sentido decrescente. Sempre crescente.

– É como ficar preso ao passado – dizia –, e não há tempo para isso. Cada momento é apenas o começo de algo novo.

Por mais que eu quisesse embarcar nesse otimismo, o declínio constante do corpo de Elle minava minhas tentativas. Sim, o bebê estava dezesseis dias mais velho, a gestação chegava a dez semanas e tudo indicava que ele, ou ela, poderia vingar. Seria possível? Elle não era uma gestante resplandecente; estava em contagem regressiva.

A realidade infiltrava-se em minhas fissuras emocionais. Precisava me manter ocupado. Phil me dissera para não me preocupar com cirurgias rotineiras. A equipe de d'Amato ainda cobria minhas ausências, embora eu recebesse chamadas quase todas as noites e atendesse na sala de emergência. Na UTI era mais simples. Apenas saía do quarto de Elle e visitava os pacientes.

Havia comprado uma poltrona reclinável, o que me permitiu um descanso mais confortável. Dormia em horas intercaladas.

– Por que não vai para casa esta noite? – Jillian Waters, enfermeira responsável pela UTI, perguntou. – Telefonaremos se houver algum problema.

Neguei com um gesto de cabeça.

– Não confia em nossos cuidados, doutor?

– Não é isso.

– Então o que é?

– Não sei – respondi, pois não sabia mesmo. Estava sem dormir há um bom tempo, e sofrendo. Se estivesse em meu juízo perfeito, obedeceria e iria para casa. Aquela paranoia me torturava. Ninguém desligaria os aparelhos em minha ausência. – Tenho atendido a algumas chamadas de pacientes para ajudar Phil. – Não senti a menor culpa pela mentira inofensiva.

– A parede já está manchada de tanto você encostar nela, e o plantão noturno informou que ninguém te vê dormindo. Das últimas dezesseis noites, catorze você ficou aqui. Precisa ir para casa.

Nossa casa jamais voltaria a ser um lar. Talvez fosse melhor vendê-la. Não podia me imaginar ali sem ela. Além disso, precisava de dinheiro.

Nosso plano de saúde se manifestara sobre a cobertura. Por que continuariam a pagar a diária hospitalar para uma mulher que já fora diagnosticada com morte cerebral? Dependendo dos cuidados que fossem necessários, um mês na UTI chegaria perto de um milhão de dólares. Claro que Phil não cobraria por seus serviços cirúrgicos. O hospital concederia algum tipo de cortesia por eu ser médico, mas não podia esperar que Clint e os outros profissionais especializados em terapia intensiva abrissem mão da própria remuneração. Em oito meses, a conta poderia facilmente exceder... Deus, nem queria pensar nisso, ainda mais se Elle apresentasse maiores complicações. Tínhamos algumas economias, mas nada que chegasse perto do que eu precisava. Mesmo contando com a ajuda de Hank, que talvez não tivesse tal quantia no banco. O único bem de valor significativo era a casa. Dois anos atrás, um construtor oferecera mais de três milhões pelas terras, mas nem Elle nem eu levamos a oferta em consideração. Que ironia. Elle odiaria que alguém derrubasse nossa casa e maculasse a propriedade com mansões ridículas.

Meros devaneios. Elle não sabia de nada.

Nas três noites seguintes, fiquei mais nos quartos de outros pacientes do que no de Elle. Três crianças tinham dado entrada com fratura na cabeça, e um paciente com Aids fora trazido para a sala

de emergência com um abscesso no seio maxilar e, por causa da posição, o otorrino pedira minha presença enquanto o drenava.

Nesse momento chegou um bebê prematuro, nascido havia quatro meses. Como consequência da prematuridade, o cérebro sofrera danos severos. Antes da alta da pediatria, Phil e eu tínhamos feito um *shunt* peritoneal para drenar o excesso de fluido da massa encefálica. O *shunt* passara a não funcionar normalmente, e o bebê precisou voltar ao centro cirúrgico.

A mãe chorou quando falei da necessidade de nova operação. Vi Elle nos olhos dela. Vi o sofrimento de uma mulher cuja sensação de perda era imensurável. O bebê me lembrou Celina, Dylan e outros dois prematuros que não chegaram a tomar forma. Imaginei a criança que se formava no ventre de Elle.

– Só um momento. – Fui para o posto de enfermagem, sob o pretexto de pegar o documento do consentimento para a cirurgia.

Se conseguíssemos manter Elle viva até o Natal, nosso filho teria a mesma oportunidade do menininho que seria operado por causa do *shunt* que não funcionava mais. Mas que besteira era aquela em que eu estava pensando? Teria de ser melhor do que isso. O bebê não nasceria antes de março. Março!

Chamei Phil pelo telefone. Não tinha condições de operar. Nem emocionais nem físicas. Não dormia o suficiente há tempos e estava estressado.

Tinha acabado de adormecer quando recebi um chamado da pediatria. Mark Nguyen. O garoto fora acometido por um ataque que não cedia com aplicação dos anticonvulsivantes usuais. Quando a convulsão abrandou, tivemos de levá-lo de volta à UTI para introduzir novos medicamentos. A ressonância magnética não nos indicou um motivo para a crise. Horas mais tarde, o menino acordou lúcido.

Mais uma longa noite. No entanto, pensei comigo, era melhor assim que vagar pelos corredores.

Durante o dia, não tinha o que fazer. Phil veio várias vezes, sempre com lanches mandados por Melanie.

Mike, Christopher, Hank. E, como em todo hospital, as visitas se sucediam. Almoço. Troca de turno. Na verdade, eu não sentia

vontade de falar com ninguém. Queria um tempo livre para ler as cartas de Elle.

Reproduzi uma dúzia de vezes seu último correio de voz, livrando-me das mensagens de amigos e familiares que haviam ligado ao menos uma vez naquele dia. Só me interessava escutar a voz de Elle:

– Olá, sou eu... O que acha de um programa para hoje à noite?

Segurei a mão de minha mulher.

– Quanto tempo quiser. Vamos conversar. Acorde e diga que tudo isso não passa do pesadelo mais maldito que eu poderia ter tido. Preciso de você.

Passara a evitar jornais e noticiários televisivos. Sempre havia algo sobre o estado de Elle. Todos se achavam no direito de opinar. Elle deveria ser forçada a permanecer viva por causa de uma gravidez? Seria santa ou mártir? Nessas circunstâncias, quais as chances do bebê? Elle estaria sendo obrigada a representar o papel de um vaso para o plantio de uma semente? Quem tem o direito da autodeterminação? Qualquer um, exceto uma mulher grávida? Feministas se manifestavam. Mães se manifestavam. Mães feministas. Embora nenhuma delas conhecesse Elle.

Quando Keisha ou Hank apareciam, em geral à noite, eu aproveitava para dar uma caminhada. Ou então dormia na sala de plantão. Os dois eram os únicos em quem eu confiava, os únicos que achavam que os aparelhos não deviam ser desligados, embora eu mesmo houvesse começado a duvidar disso depois da chegada do bebê com o *shunt* na sala de emergência.

Nos intervalos, entre as visitas e outras interrupções, aproveitava para ler. Como Elle uma vez me dissera, as primeiras anotações constituíam um lamento adolescente contra a falta de liberdade, a falta de compreensão dos seus pais ao não lhe permitirem participar de intercâmbios estudantis. Ela se sentia uma desajustada sem a minha presença, pois eu estava no País de Gales.

Depois descobriram que sua mãe estava com câncer; todas as reações sentimentais negativas fervilhavam naquelas páginas. Comecei a prestar atenção ao texto, lembrando-me de que

procurava algo que me desse certeza do que Ele desejaria naquelas circunstâncias.

Mais tarde, durante os meses de cuidados domiciliares de Alice, as cartas de Ele se tornaram lúgubres. Ela falava sobre a pele ressecada da mãe, o cheiro azedo de sua boca, as feridas no corpo que apareciam apesar de a enfermeira a virar com frequência.

O que mais me incomoda é o jeito de mamãe encolher os dedos, como se tivesse dor. Não suporto o sofrimento dela, nem o fato de permitirmos isso e muito menos de não podermos ajudá-la. Ela está em coma e, portanto, não deveria sentir nada. Mas ela sente. É cruel. Ela está em agonia, não pode falar, e nós nada fazemos para aliviar seu sofrimento.

O sol da tarde espreitava pela janela e tocava a pele translúcida de Ele. Ajeitei as cortinas para o sol não incomodar seus olhos. Não pude evitar, apesar de saber que ela não via nem escutava. Arrastei minha cadeira mais para perto da cama e descansei minha cabeça no travesseiro ao lado de Ele.

– Por favor, diga que não está sofrendo. Diga se estou fazendo o que você gostaria que eu fizesse.

Parada à porta, vestida para o trabalho, minha mãe pigarreou.

– Ele não desejaria ficar assim, mesmo que não estivesse sofrendo. E nós não podemos ter certeza do que ela sente.

– Oh, céus... – Levantei-me e enfiei as mãos nos bolsos.

Minha mãe se aproximou da beirada da cama, abaixou-se e beijou a face de Ele.

– Olá, querida. Você me parece melhor. O inchaço sumiu.

– Não quero discutir de novo – eu a preveni.

– Eu sei. Por favor, gostaria de ficar um pouco com ela. – Minha mãe se sentou na cadeira do canto e observou Ele. – Não conversamos desde o incidente no parque. Sua ajuda significou muito para mim.

Soltei um lamento. Não queria me lembrar daquele episódio. Minha própria mãe, eu a acudira com relutância. Não era algo que quisesse recordar, e ainda havia Adam...

– Você já viu Elle. Agora pode voltar ao trabalho.

– Matt, estou preocupada com você, passando tanto tempo aqui. Você não tem dormido.

– Sou bem crescido. Já me casei, até. Não precisa mais se preocupar comigo.

– Mães sempre se preocupam. Não há como evitar.

– Não sei, não. – Inspirei fundo. – Sou o pai da criança que está crescendo dentro de Elle e, mesmo não sendo mãe, não consigo não me preocupar. Quanta ironia. E sua avó quer desligar os aparelhos que a mantêm viva.

– Não é nada disso...

– Você foi atrás de Adam para ajudá-la.

– Não. Foi ele quem me telefonou.

– Pois deveria ter dito a ele para ficar em casa. Você também não deveria ter se envolvido nesse caso.

– Elle é como se fosse minha filha.

– Não venha de novo com essa conversa. Elle não é sua filha. E nunca foi, por mais que você sempre quisesse ter uma. Ela é *minha* esposa, e esta tragédia não tem nada a ver com você. Essas interferências estão fora de contexto. A sua, a de Adam, a dos seguidores do Pro-Life e a daquela repórter. Todos pensam que estão protegendo Elle. Protegendo de quem? De mim? Não foi fácil decidir mantê-la viva artificialmente. Pode acreditar, as consequências dessa decisão têm acabado comigo. Mas sei que Elle jamais recuaria diante da possibilidade de ter um filho, mesmo sabendo que poderia morrer. Quando ela teve aquela hemorragia, quase a perdi. Elle sabia dos riscos e, mesmo assim, quis tentar mais uma vez.

– Você deveria tê-la protegido; ela não podia ter ficado grávida de novo.

Enfim, a acusação. Era tudo culpa minha. Como se eu não soubesse.

– Pensei que ela estivesse usando o diafragma. – Era inacreditável ter de contar à minha mãe sobre nosso método contraceptivo.

– Está me dizendo que Ele o enganou?

– Não estou dizendo nada. Volte ao trabalho.

Minha mãe balançou a cabeça em negativa.

– Minha chefe me deu folga até o final do período. Sugeri que eu deveria me aposentar. – A risada que soltou não foi convincente.

Fitei minha mãe. Ela nunca pensara em aposentadoria.

– Isso mesmo. Outra paciente recusou meus cuidados. Na verdade, foi o marido que me dispensou.

– Engraçado como os pais querem proteger esposas e filhos de você. – Não me importei com a crueldade das palavras.

– Matthew!

– Vá embora.

Os olhos dela se encheram de lágrimas. Ela se virou e saiu.

Sentei-me de novo. Droga. Nunca mais recuperaríamos nosso bom relacionamento. Aquilo que tínhamos antes definhava a cada dia.

35

Dia 21

Setembro

Não esperava a versão McClure da guerra civil; no entanto, no tribunal, ecoaram os primeiros disparos de raiva e acusação. Talvez a alteração não houvesse me espantado se Hank sempre repreendesse Christopher por eventuais deslizes. Mas ninguém contrariava Christopher. Porém, naquele momento, Hank foi taxativo.

– Ele era *minha* filha antes de ser *sua* irmã.

Não escutei a resposta de Christopher. Ou, quem sabe, não houvesse nenhuma que valesse a pena pronunciar.

Ao perceber a avalanche de repórteres, agarrei meu sogro pelo cotovelo e o levei ao toailete masculino. Não era um local especialmente privativo; no entanto, era mais adequado do que o corredor.

– Por aqui, Chris – eu chamei, esperando que ele me seguisse.

Um repórter saiu de um dos boxes e nos olhou com curiosidade.

– Saia! – gritei.

– Jesus – murmurou o pretenso âncora da CNN.

Eu esquecera as recomendações de Jake para me comportar com polidez. Droga. *Mea culpa*. Não me faltava mais nada: minha imagem nos telejornais discutindo de novo.

– Desculpe. Não queria gritar. Por favor, apenas nos dê um minuto.

O repórter não deixou a expressão de raiva ao se virar para a torneira e lavar as mãos na pia baixa de porcelana. Sacudiu-as para tirar o excesso de água e se voltou para o suporte de papel toalha.

– Doutor, só estava fazendo meu trabalho e tive que atender a um chamado da natureza. Não precisa me matar por isso.

Às minhas costas, Hank andava de um lado para o outro, ofegante. Chris, de braços cruzados, encostou-se à parede de azulejos, que lembravam os do metrô.

– Eu sei – respondi ao repórter. – Desculpe. Estou muito nervoso. Minha mulher... – Minha voz falhou, algo que também não deveria ocorrer diante de um jornalista.

– Ah, vocês estão aqui. – Jake entrou no banheiro. – A sessão vai recomeçar.

O rapaz baixou os olhos, estreitou-os ao passar por Jake e saiu.

– O que houve? – Jake indagou.

– Isso é o que eu gostaria de saber. O que está pensando, Christopher? – Hank se alterou.

– Você não me escuta. – Meu cunhado fitou o pai com raiva. – Aliás, nunca escutou.

– Por que isso agora? – perguntei.

– Meu pai pensa que Elle vai acordar e que tudo voltará ao normal. Assim como achava que minha mãe, num piscar de olhos, se curaria de um câncer. Bem, não aconteceu com minha mãe, e também não vai acontecer com Elle. Ele acha que eu era muito novo para me lembrar, mas eu me lembro. Ele é que não se lembra de como foi. Pai, você vivia bêbado. Foi Elle quem cuidou de mim, não você. Portanto, ela não só é minha irmã, mas também uma segunda mãe. Não vou permitir que faça isso com ela. Elle não queria morrer dessa maneira. Sempre conversávamos sobre isso. – Christopher virou-se para mim. – E você, não acha que já causou sofrimento suficiente para ela?

Jake se interpôs entre mim e Chris. Era possível que Jake não confiasse em mim, ou então apenas quisesse desconstrair os ânimos. Deus sabe como eu me sentia incapaz de raciocinar naquele momento.

– Jamais faria Elle sofrer – retruquei.

– Você a engravidou de novo, depois de ela quase ter morrido no inverno passado. E sabe muito bem que ela tinha pavor de morrer como mamãe morreu. E o que vejo? Você ignorando a declaração

prévia de vontade dela. – Chris afastou Jake do caminho e se aproximou, ameaçador.

– Pode acreditar, Christopher. Eu me debati entre mantê-la ou não ligada aos aparelhos. Mas, em meio a tantas dúvidas, tenho uma certeza: Ele queria muito um filho.

– Ah, sim, mas isso não o incomodou quando minha mãe estava morrendo, não é? Para você não importava se Ele queria aquela criança. Nada disso. Você a convenceu a abortar.

As palavras dele me deixaram em pânico, e meu coração disparou. Olhei para meu sogro, que nunca soubera da gravidez precoce da filha. Eu não imaginava que Chris soubesse algo a respeito de Celina. Na verdade, ele não sabia mesmo, pois estava mal informado sobre os fatos.

– Ele nunca faria um aborto – afirmei.

– Sobre o que estão falando? – perguntou Hank. – Que aborto?

– Matt engravidou Elle quando mamãe estava agonizando – Chris falou, e um sorriso maldoso apareceu no seu rosto, como o de uma fofqueira satisfeita. – Quando ele soube, pediu para ela abortar. E, agora, o mais santo dos santos diz que só está fazendo o que Elle gostaria que fosse feito. Posso jurar que minha irmã não queria ficar esticada em uma cama de hospital, vivendo artificialmente.

– Não foi isso o que aconteceu. O aborto não foi proposital. Nem naquela época nem depois.

– Por isso Elle andava tão desesperada para ter um bebê nos últimos tempos. Ela sempre se sentiu culpada – insistiu Christopher.

– Que absurdo, Chris. Além do que, se ela houvesse se submetido a um aborto e se sentisse culpada por isso, meu problema seria mais simples. Nunca obriguei Elle a cometer aborto nenhum. Jamais faria isso.

– Você engravidou minha filha enquanto Alice estava morrendo? – Hank bateu em meu peito com o punho fechado. – Maldito. Naquela época, Ele não passava de uma criança.

– Ela não era uma criança, nem podia ser, por sua causa. *Você* era a criança da família, um raio de um bêbado nojento. Sim, Elle era jovem. Nós dois éramos, e cometemos um erro. Mas, *naquela época*, você não cuidava da sua família. Todos ficavam tão

abandonados à própria sorte que você nem notou a barriga de Elle. Foi muito triste. Mas é verdade; eu a engravidei...

Não tive chance de terminar minha explicação. Hank saiu correndo do banheiro.

– Você está enganado – disse a Christopher. – Elle jamais provocaria um aborto. Aquilo foi espontâneo e a deixou arrasada. Ela estava de cinco meses e se sentiu culpada, mas não pelo motivo que você afirma. Ela se achou responsável por não ter conseguido salvar nossa filha, e a culpa a perseguiu por todos os dias de sua vida. E isso tornou a acontecer... Por isso digo que Elle, se pudesse opinar, não abriria mão de salvar a criança.

Sentei-me no banco do bar, ao lado de Hank. Diante dele, vários copos vazios. Na mão, ele segurava um com bebida pela metade. Ao lado, havia um cheio.

– Como é que você me achou? – Hank quis saber.

Dei de ombros.

– Este é o décimo quarto bar em que entro. – Olhei o relógio. – Em três horas. Deve ter sido a persistência.

A garçonete ruiva, cabelos brilhantes de gel penteados para trás, uma espécie de *punk* ousada, parou na minha frente e sorriu como se esperasse uma gorjeta de cem dólares.

– O que deseja?

– Uma Corona e limão, se tiver. – Fiz o pedido e voltei minha atenção para Hank. – Pensei que só bebesse cerveja.

– Era a única coisa que Alice me permitia ter em casa. Ela achava que cerveja embebedava menos. Claro que não era muito versada nesse assunto. Ingênua até, melhor dizendo. Alice sempre foi inocente. – Hank bebeu o drinque de uma só vez e pediu outra dose.

A garçonete trouxe minha cerveja.

– Espere um pouco, eu te vi na TV. O senhor não é o marido da astronauta?

– Finja que não nos viu aqui, certo? – Pus uma nota de vinte no balcão.

A garota enfiou o dinheiro no bolso e se afastou.

– Você não parece embriagado – disse a Hank.

– Posso beber um balde antes de me embriagar. Além do mais, isso é soda.

Alcancei o copo que estava na frente dele com uísque e gelo.

– Os outros eram de Pepsi... A tentação está sempre rondando, real ou imaginária. Algumas vezes é mais fácil encarar o inimigo de frente. – Hank se voltou para mim como se me analisasse.

– Hank, em primeiro lugar, Elle nunca provocou nenhum aborto. Segundo, eu ia lhe contar sobre esse episódio de nossa adolescência. De verdade. Porque... bem, vou falar sobre isso no meu testemunho. A versão resumida é que éramos jovens, apaixonados e tolos. E Alice estava muito mal.

Hank concordou, pegou um misturador e empurrou o uísque.

– Leve este e traga outro. Com gelo. Odeio uísque diluído.

A moça fitou-me de esquelha e saiu.

– Nunca suspeitei que você e Elle fossem... íntimos. Meu Deus, ela era uma criança.

– Éramos dois adolescentes, tentando lidar com um universo de coisas ruins. Nós nos agarramos à única coisa boa que tínhamos: um ao outro. Elle não queria que ninguém soubesse, para não aumentar os problemas. Durante esse tempo, ela sofreu um aborto espontâneo. Chris entendeu tudo errado, na certa porque ainda era muito novo.

– Vocês iam ficar com a criança?

– Não sei. Levantamos a hipótese de entregar para adoção, mas, sinceramente, não sei.

Hank beliscou a face.

– Eu vivia tão bêbado que nem notava o que se passava em minha própria casa. Meu Deus. Elle tinha quinze anos. Você teve relações com minha filha quando ela estava com quinze anos. Você deveria ter pensado melhor; era mais velho que ela.

– Não tanto. Eu também era uma criança. Hoje, ficaria apavorado se soubesse que minha filha com essa idade mantém uma vida sexual, ainda mais depois do que aconteceu conosco. Mas, quando se é adolescente e se tem uma namorada, não se pensa em outra

coisa. A gente pensa em desejo, mas eu a amava, e ainda a amo. Cometemos um equívoco, Elle ficou grávida. E, de repente, não estava mais.

Hank fixou em mim um olhar duro.

– Pensei que Elle fosse uma boa menina. Ingênuia...

– E era.

– Alice sabia?

– Creio que não.

A garçonete pôs o drinque diante de Hank, sorriu para mim e tornou a se afastar.

Hank cheirou o copo e o deixou no balcão.

– Elle não podia conversar comigo; eu estava sempre bêbado. Você está certo. Fui um pai nojento.

– Não. – Bati no ombro de Hank. – Embora por um tempo você tenha sido um bêbado asqueroso. – Tomei um grande gole de minha cerveja. Embriagar-me seria uma estupidez, embora fosse uma ideia tentadora. Esquecer, ao menos por algumas horas. Porém, eu tinha muitos problemas com que me preocupar. Peguei minha carteira, tirei o suficiente para pagar nossa conta e uma boa gorjeta para comprar de vez o silêncio da ruiva, e deixei tudo no balcão.

– Vamos embora, Hank.

– Talvez Linney e Christopher estejam certos. Deveríamos deixar Elle ir em paz.

A morte vem como uma rendição, uma palavra que permite o escape de um último suspiro. Olhei para o piso escuro de carvalho como se fosse um abismo.

Poderia deixar Elle seguir o caminho natural de todos nós. Elle não queria viver daquela maneira. Eu também poderia me deitar e morrer. Com pílulas, com uma arma. Ou me jogar na frente de um trem. Nossas famílias nos enterrariam juntos. Mesmo que não houvesse céu nem inferno, não haveria a agonia de perdê-la. Como um Deus benevolente pudera permitir que uma tragédia dessas acontecesse com minha amada esposa?

Três semanas se passaram. Não sobreviveria a mais três meses, quanto mais três anos. Não podia ficar sem ela neste mundo. Não podia.

Havia um bebê em jogo. O filho de Elle. Parte dela ainda poderia viver, e o que ela dissera mesmo naquela tarde? Na vida, era preciso assumir riscos. E a criança ainda vivia.

– Não – respondi para Hank. – Não posso deixá-la partir.

– Você tem prestado atenção ao que está acontecendo com sua família? É sobre isso que venho refletindo. Não tem a ver com o fato de Elle ter perdido a virgindade tão cedo. Tampouco com você tirando proveito dela. Todos, de uma maneira ou de outra, intuíaam que vocês acabariam se casando. Eu, Alice, sua mãe e seu pai. Claro que isso não faz tudo parecer correto, mas sempre imaginávamos que, algum dia... Bem, isso é discutível a essa altura, mas... Matt, você está agindo como eu agi.

Encarei Hank.

– Nunca fui um bêbado.

– Suponho que eu mereça isso, mas não foi o que quis dizer. – Hank suspirou. – Talvez Chris tenha razão. Ele implorou para que eu o convença a desligar os aparelhos. Linney concorda com Christopher. Se eles estiverem certos, se de fato não houver nenhuma esperança, talvez seja melhor deixar Elle seguir seu caminho em paz.

– Apesar de meu sofrimento, não tenho como segurar Elle para sempre a meu lado. Mas não posso interromper a vida do feto. Não agora. Ele tem uma oportunidade de sobreviver. E essa é a única coisa que posso fazer por Elle. Devo isso a ela. Nada mais me importa. Nem você, nem Christopher, nem minha mãe. Nada. Se eu perder todo o resto e a criança viver... – Gostaria de ter dito que valeria a pena, mas terminei de outra forma. – Devo tudo a Elle e ao bebê. *Eles* são minha família. – Estranhamente, havia incluído a criança como parte de minha família, não apenas Elle. Sim, eu desejava que ela vivesse.

Em silêncio, Hank fitou os sapatos. Não sei que resposta ele poderia me dar. Despedi-me com um aceno de cabeça, virei-me e fui em direção à porta. Não importavam os desatinos que Hank cometera ao longo da vida; ainda assim, eu o respeitava. Talvez por ser um lutador. Ou por amar a esposa e os filhos, apesar da bebedeira. Depois de abandonar a bebida, ele me auxiliara nos

estudos de medicina e fizera questão de não me abandonar após a morte de meu pai.

Prestes a abrir a porta, notei que Hank estava a meu lado.

– Filho, você não está sozinho. Somos uma família. Eu também devo isso a Elle. Vamos voltar para o hospital.

Depois de nove horas afastado do quarto de hospital de Elle, a realidade de sua condição física me deixou chocado e com as pernas trêmulas.

– Sente-se, Matt. – Hank empurrou uma cadeira atrás de mim.

Eu obedeci. Como reverter a situação? Por mais que eu me empenhasse, a recuperação de Elle seria impossível. Também não era uma opção raptá-la e levá-la para um local seguro até a criança nascer.

– Parece muito com o que aconteceu com Alice – Hank falou atrás de mim.

Tive de concordar. Vinha tentando não fazer comparações com a imagem de Alice deitada na sala da casa dos McClure, mas eu não era um hipócrita.

– Agora você deve estar imaginando que não vai sobreviver a isso. Levantei a cabeça e encarei Hank.

– Era como eu me sentia quando minha mulher estava doente. É muito difícil. Eu amava Alice. – Ele fez uma pausa e engoliu em seco.

– Tanto quanto você ama minha filha. Tanto quanto eu amo minha filha. Demorou um pouco para eu perceber, mas ela ainda... – Ele bateu com a mão no lado esquerdo do peito. – Vá para casa e durma esta noite, Matt. Ficarei aqui ao lado da minha menininha.

– Não. Eu fiquei fora o dia todo por causa do julgamento.

– E também porque estava me procurando. Filho, você precisa descansar, ou não vai aguentar esse julgamento.

36

Dia 21

Dirigi por uma hora, ao redor da Back Bay, ao longo da Eastern Promenade, parando para observar Casco Bay e refrescar minha cabeça. Depois fui em sentido norte, para casa, onde Jake e eu havíamos combinado um encontro. Ao me aproximar da estrada, em geral deserta, vi mais de uma dezena de carros e minivans estacionados a um lado. Pessoas me olhavam através do para-brisa do meu carro. Algumas seguravam cruces; outras, cartazes de apoio. Uma equipe da afiliada local da NBC tinha as câmeras focadas em mim. E não é que a repórter loira também fazia parte do grupo? Cerrei os dentes e tentei não olhar para ela. *Não faça escândalo.* Entrei na estrada particular da propriedade e estacionei no celeiro.

Saí do carro e vi Jake descendo a encosta com uma sacola térmica pendurada em um dos ombros. Ao nos encontrarmos, ele estendeu a mão para mim e revirou os olhos.

– Imaginei que fosse uma boa ideia nos encontrarmos aqui, mas a mídia está por toda parte. Se for preciso, falarei com eles. Não dê nenhuma declaração.

– Claro que não. Não quero conversar com essa gente. Muito menos com aquela bruxa desvairada.

– Modere a língua. Quero que pareça um menino de coral, ainda mais depois da grosseria com o repórter no toalete masculino. Você está passando a imagem de um sujeito estourado.

– Eu deveria ter dito vadia.

– Não tem graça nenhuma. Estou falando sério. Não há nada pior que parecer misógino a essa altura dos acontecimentos.

Mesmo sem gostar de receber instruções de comportamento, abri a porta dos fundos e dei passagem a Jake.

– Pelo menos a propriedade é bem grande e da estrada não se vê a casa.

Jake me precedeu até a cozinha e depois até a sala, onde deixei a sacola com as cartas e diários de Elle sobre uma mesa de canto.

– O tamanho da propriedade é a única coisa boa em se viver no meio do nada – afirmou Jake, e abriu a sacola térmica. Tirou de dentro dois sanduíches enormes envoltos em papel-alumínio e uma salada Caesar. – Ninguém faz *paninos* como Yvette. Alcachofras da Turquia. – Ele ligou o fogão e deixou os sanduíches na grelha superior. – Relembrando. Você disse que seu sogro estava sóbrio quando me ligou para combinarmos essa reunião. E quanto à sua mãe, escutou mais alguma coisa além do ataque dos ativistas do Pro-Life?

– Sim, no hospital. – Conteí os detalhes. – Algumas pessoas não a querem mais como enfermeira. Nas atuais circunstâncias, nem podemos culpá-las.

– Tem razão, mas isso é péssimo. Sempre gostei de sua mãe, desde o tempo em que ela mandava ao colégio muito mais guloseimas do que você era capaz de comer. Ela ainda faz biscoitos amanteigados?

Dei de ombros.

– Agora, duvido que ela faria para você.

– Não pensei nisso. Bem, não importa. Yvette mandou tortinhas de amora. Espere só até experimentar. – Ele tirou da maleta pequenas tortas com glacê que pareciam saídas de uma revista *gourmet*. O aroma era tentador.

Todos queriam me alimentar, mas eu perdera o apetite depois do acidente de Elle. Infelizmente, as melhores comidas do mundo não mudariam a situação. Sentamos à mesa e me esforcei para comer um pouco.

Jake virou o pescoço de um lado para o outro, fazendo-o estalar como se estivesse nas mãos de um quiroprático.

– Quando falei que a situação poderia ficar ruim, não pensei que chegasse a esse ponto. Só espero que não piore. – Ele indicou a

sacola. – Agora vamos ao trabalho. Isso na verdade é bem simples. Você me entrega um maço de cartas ou um diário para ler. Nada de assistentes. Sou um de seus amigos mais antigos, tentando salvar seu filho. – Jake indicou os diários, e senti um grande mal-estar, como se alguém espiasse Elle pela janela do quarto.

– Tenho outra ideia. Eu leio. Se quiser, pode ver o vídeo.

– Vídeo?

– O DVD do nosso casamento. Você disse que gostaria de ver um vídeo de Elle, para descobrir se há algum comentário a respeito de família. O DVD do batizado da sobrinha deve estar com Christopher.

– Deixei na frente de Jake uma caixa com livros e cadernos de Elle.

– Estes são os que Keisha encontrou na sala. Ela fazia anotações nas margens. Talvez tenha escrito alguma coisa sobre aborto. Enquanto isso, vou ler as cartas.

– Pode confiar em mim. Respeitarei a privacidade de Elle. – Jake tirou os óculos e se sentou na cadeira de balanço.

– Não é uma questão de confiança, Jake. Elle escrevia as cartas para si mesma, não para serem lidas.

Jake encontrou nas anotações universitárias de Elle algumas informações que poderiam ser úteis. Enquanto ele via o vídeo de nosso casamento, saí da sala. Optei por ver as imagens mais tarde, sozinho.

Elle não gostava de demonstrações carinhosas em público, mas naquele dia tínhamos nos beijado ao fazer o brinde e derramáramos lágrimas durante os votos. Nada tão incomum, apenas a demonstração de que nos amávamos.

Sentei-me no balanço da varanda da frente e acendi a luz para avançar na leitura. Em um trecho, Elle escrevera sobre a Nasa e uma tecnologia nova contra micrometeoritos que vinham desenvolvendo. Depois de alguns parágrafos, algo me chamou a atenção.

Nossa... recomeçaram as tonturas.

A caligrafia de Elle tornou-se mais fina.

Agora estou melhor. Eu lhe contarei esta noite. Estou um pouco preocupada com sua reação. Você provavelmente vai exagerar nas preocupações médicas, mas tudo dará certo. Pelo menos, é o que espero. Não quero perder mais um filho. Isso já aconteceu várias vezes. Sinto-me como se eu fosse uma assassina, culpada por tudo isso. E sou, pelo menos do ponto de vista médico. Se eu conseguir trazer esta criança ao mundo, talvez possa perdoar a mim mesma por ter falhado com as outras.

A data era do dia em que Elle me contara que estava grávida de Dylan.

Saí da varanda e caminhei pela escuridão até o jardim que ela fizera após termos perdido Celina. Naquela primavera, percorremos vários viveiros de plantas para encontrar as que Elle pretendia cultivar no canteiro. Os lilases estavam enormes. As tulipas e o açafreão a floravam a cada primavera. Flores-de-lis. Peônias. Margaridas. Hibiscos. Equináceas. Vermiculárias. Crisântemos. Ali também havíamos enterrado as cinzas de Dylan. Elle sublimava o próprio sofrimento tratando o jardim com amor.

Eu me agachei e verti lágrimas pela família que poderíamos ter formado.

A porta de tela rangeu e foi aberta.

– Matt? – Jake chamou da varanda frontal.

No escuro, ele não podia me ver. Pigarreei para disfarçar a voz embargada.

– O que é?

– O que está fazendo aí fora? Não vá me dizer que está falando com algum repórter.

– Não. – Limpei o rosto com a ponta da camisa e voltei para o terraço.

Jake sentou-se no balanço de vime enquanto eu subia os degraus.

– Você está bem, Matt?

– Claro.

– O vídeo do casamento tem algo que podemos usar.

– O quê?

– Não é nada extraordinário, mas gostaria que o juiz a visse falar, como uma mulher viva, real, com sonhos e esperanças. – Jake hesitou. – Quando eu me casei, minha sogra encenou uma grande produção com pombas, uma carruagem puxada a cavalos e uma festa para aproximadamente mil pessoas.

– Eu me lembro. – Jake e Yvette se casaram assim que saíram do colégio, antes mesmo de ele iniciar o curso de Direito.

– Seu casamento foi muito simples – disse Jake em voz baixa –, mas havia alguma coisa que eu não saberia precisar. Talvez fosse uma atmosfera de intensa cumplicidade.

– Claro, nós nos amávamos de verdade. Tive outros relacionamentos, até bons, mas, mesmo separados, nosso relacionamento continuou, embora platônico. Ele sempre foi a única. Sei que isso parece piegas.

Jake ficou um minuto em silêncio.

– Nada disso. Eu e Vette estamos casados há quinze anos e temos uma filha. Essa é a melhor parte da minha vida.

– Vocês também eram muito jovens. – Tentei não deixar transparecer minha inveja dessa família saudável.

Ele sorriu.

– Obscenamente jovens. E mal preparados. Mas, quando Janey nasceu, resolvemos encarar com seriedade o casamento. – Jake bateu no braço do balanço. – E está bom até hoje.

– Quantos anos Janey tem?

– Vai fazer treze. – Jake tirou da carteira uma foto da filha para que eu a visse.

A garota estava em pé em uma barra de ginástica, a ponta do pé para a frente e as costas arqueadas, em uma pose de ginasta.

– É uma sorte ela se parecer com Yvette – caçoei.

Jake soltou uma gargalhada.

– Muita sorte, mesmo. Ela é uma boa menina – Jake falou quando lhe entreguei a foto. – E, na certa, a sua se parecerá com Elle.

As palavras de Jake me trouxeram de volta à realidade do momento.

– É, com Elle – repeti. Ou comigo. Isso não importava nem um pouco, contanto que o bebê fosse saudável. Quantas vezes as pessoas diziam essas palavras sem ter a noção de como a vida é precária? Esperava apenas que, algum dia, eu fosse um pai orgulhoso que pudesse mostrar a foto de nosso filho.

Jake deve ter entendido a implicação de suas palavras, pois ficou em silêncio por algum tempo. Eu voltei a ler o diário de Elle, deixando-me envolver pelas palavras dela.

– Quantos diários desses você tem? – Jake enfim perguntou.

Dei de ombros.

– Elle anotava tudo, mesmo durante o tempo da Nasa, até o dia fatal. Estou passando por cima da maioria dos assuntos que não nos interessam no momento.

– Já passou pela sua cabeça que ela fazia essas compilações para escrever um livro de memórias? *As aventuras de uma astronauta heroica?*

– Bobagem. Elle usava o diário porque era muito reservada. Não costumava compartilhar os pensamentos mais íntimos. Eu conhecia alguns deles, mas não todas as nuances. Sua mente andava em órbita ao redor de uma situação e... bem, estou passando por cima da maior parte – enfatizei.

– Deixe-me ajudá-lo.

– Veja isto. – Entreguei a Jake o trecho sobre como o nascimento de Dylan a teria libertado da culpa. – Servirá para o processo? Farei uma cópia desta página.

Jake leu rapidamente.

– Sim, é bom, mas quero mais. Vamos refinar sua procura. Por exemplo, quando ela passou pelas maiores dificuldades: a morte da mãe e as gestações anteriores.

– Já procurei. Nessas ocasiões, Elle não escreveu. Organizei os diários cronologicamente. Nada durante meses após a morte da mãe. Nada após a morte de Dylan. – Esfreguei os olhos com as mãos.

– E a primeira gravidez?

– Só no começo. Na época, ela escrevia cartas.

– Bem, talvez quando ela tenha ficado em dúvida sobre se abortava ou não.

– Você não vai querer ver aquelas cartas – conjecturei.

– Por quê? Ela pensou em abortar? – Jake pareceu horrorizado.

Espantei um mosquito.

– Sim. E é bizarro, pois, quando ela me contou que estava grávida, era realmente o que ela pensava, pois na última carta a respeito do assunto, ela estava inclinada a abortar.

– O que a fez mudar de opinião?

– Nada em particular.

– Péssimo. Esse seria um dado que poderíamos usar. – Ele esfregou o antebraço. – Vou entrar. Os mosquitos são terríveis por aqui. Você tem gim?

– Não. – Eu o segui. – Nós bebíamos pouco.

Gim. A palavra me fez pensar na Lei Seca. O avô de Elle contrabandeou uísque em Casco Bay durante o período da Lei Seca. Elle me contou que esse era o motivo de o sótão ser provido de alçapão – era onde ele armazenava o estoque. Aquele compartimento era um dos muitos espaços secretos que havíamos descoberto. Na última primavera, Elle descobrira outro na despensa do mordomo. Era possível que o restante das cartas estivesse escondido em algum lugar desconhecido. *Que droga.*

– Escute, Jake, já passa da meia-noite. Estou quebrado.

Ele espiou o relógio de pulso.

– É verdade. Já vou, então. Vamos nos encontrar no café da manhã, antes da audiência.

Assim que ele foi embora, voei para o sótão. Onde poderia haver outro esconderijo? Não precisava ser necessariamente ali, mas era um local lógico para começar.

Levantei tábuas do assoalho, tirei do lugar os baús e a casa de bonecas. Nada, exceto o que já havíamos descoberto. Num impulso, peguei os diários de Alice e os guardei em uma sacola.

Onde mais um contrabandista guardaria sua muamba? Debaixo da escada? Não. No final da noite, depois de vasculhar o sótão inteiro, o porão e o celeiro, concluí que Elle escondera as cartas para jamais serem encontradas. Derrotado, voltei para dentro de casa.

No alto da escada, parei diante do quarto de Dylan, onde nunca mais havíamos entrado. Simplesmente havíamos fechado a porta. Eu, pelo menos, o evitava. Entrei e acendi a luz. O berço ainda estava encostado à parede, distante da janela. Tive a impressão de ouvir a voz de Elle.

– Casas antigas têm muita corrente de ar. É melhor não deixar o berço perto da janela.

A luz da manhã penetrou pela viga. Outra noite sem dormir. Mais uma noite perdida. O telefone tocou e meu coração, embalado pela adrenalina, disparou de medo. Ninguém ligava àquela hora da manhã, a menos que houvesse um problema. O identificador de chamadas indicou Longfellow Memorial, o hospital.

– Doutor Beaulieu, é Evie, a enfermeira de sua esposa. O senhor pediu para eu ligar se houvesse mudanças.

– E...?

– Tivemos de aumentar o oxigênio. Os gases sanguíneos se deterioraram durante a noite. No momento estão fazendo um raio-X.

– Deus do céu. – O pânico congelou minhas entranhas. – Fale para protegerem a criança.

37

Dia 22

Cambaleei, tropeçando na cama de Elle.

Clint Everest, o médico de plantão, me observou atentamente. Tive de achar uma desculpa para minha falta de jeito.

– Há dias que durmo apenas uma ou duas horas. Quero ver o raio-X.

– Você foi para casa – interveio Hank. – Por que não dormiu?

– Falaremos sobre isso mais tarde. Por que não me chamou antes?

– Quando percebi que havia um problema, pedi à enfermeira que lhe telefonasse – explicou Hank. – Achei que teria perguntas, e que seria melhor ela responder direto a você.

– Certo. – Virei-me para Clint.

Ele levantou o raio-X contra a caixa de luz.

– Há uma infiltração no lobo inferior esquerdo. Está vendo? Pneumonia. Já iniciamos os antibióticos.

– E o bebê?

Clint deixou na minha frente os exames laboratoriais.

– Já chamei a obstetra de sua esposa. Ela vai fazer um ultrassom assim que terminar o trabalho de parto de trigêmeos prematuros. Matt, você está muito pálido. Vá tirar um cochilo na sala de plantão. Eu te chamo se algo acontecer.

Beijei a face de Elle, pus a palma da mão em sua barriga e orei em silêncio. *Por favor, meu Deus.* Eu, um pagão, rezando. Fumaça e espelhos. Ilusão. Qualquer coisa. *Por favor, meu Deus.*

– Vá dormir – disse Hank. – Ficarei mais um tempo por aqui.

Acordei duas horas mais tarde, com Hank batendo à porta.

– A doutora Clarke me pediu que te chamasse. Ela está fazendo o ultrassom.

Não me lembrei de ter passado pela UTI ao chegar ao quarto de Elle, e meu pressentimento me dizia que o pequeno coração poderia não estar batendo mais. Elle e eu já havíamos passado por isso antes, e receava que o fato se repetisse... pela vez derradeira.

Pela parede de vidro, vi Blythe espiando o monitor, os cabelos brancos amarrados com uma fita rosa. O sorriso conciliador me fez supor o que viria em seguida, mas ela me chamou com um gesto de mão.

Keisha estava perto, apertando a mão na boca, também observando o monitor. Devia ter chegado quando eu dormia, pois havíamos combinado que ela ficaria com Elle enquanto eu estivesse no tribunal.

Estudando a expressão das duas, tentei adivinhar o veredicto.

– Quer vê-lo? – perguntou Blythe com um sorriso.

Keisha puxou-me pelo braço para mais perto do aparelho.

– Venha vê-lo.

– *Ele?* – perguntei.

– Ainda é muito cedo para saber o sexo – afirmou Blythe. – Mas *ele* ou *ela* está acordado e, pelo jeito, tem inclinação para acrobacias. Veja os saltos-mortais.

– Esse é meu neto? – Hank aproximou-se.

Blythe anuiu.

Através da estática, meu filho se virava, solto dentro do útero, como acontecera com a mãe ao viajar em volta da Terra.

– Ele está vivo – sussurrei. Era como se Elle houvesse colocado minha mão em sua barriga para sentir os chutes do bebê. Fixei o olhar no rosto de Elle, esperando reconhecimento. Que não veio, é claro. Meu senso de responsabilidade fez que me concentrasse no bebê. No nosso bebê.

Hank apertou meu ombro.

– Bem pode ser uma menina. – Blythe pôs um CD na máquina e gravou. – O ultrassom ajudará o juiz a decidir. Ou a convencer Linney.

– Amo vocês! – disse isso bem alto para Elle, para o bebê e para Blythe, que me trouxera de novo a esperança.

– Acha que tomei a decisão certa? – perguntei a ela.

– Não sou eu quem deve responder. Você sabe disso, mas, diante da reação de Elle na noite em que vocês perderam o último filho, tenho certeza de que ela insistiria para que você salvasse a criança.

– Blythe desligou o aparelho. – O coração de Elle está batendo, mas ela teve morte cerebral. Desculpe, não queria ser tão dura.

– Eu sei – respondi. Deus ou o destino já haviam determinado que Elle não sobreviveria. Mas meu filho teria de viver. *Meu Deus, por favor.*

– Você já deve ter compreendido que manter Elle viva é difícil, por causa da pneumonia. – Blythe tirou o *pager* da cintura e o olhou. – Desculpem-me. Tenho de ir. É urgente. – Ela deixou o aparelho de ultrassom no lugar e saiu do quarto.

Hank largou-se em uma cadeira, pálido e silencioso. Keisha se aproximou de Elle e cochichou no ouvido da amiga algo a respeito de ser mãe.

Verifiquei o respirador. Depois que deixara Elle para tirar um cochilo, a necessidade de oxigênio dobrara. Continuar a mantê-la viva poderia se tornar um milagre. Ainda que eu houvesse parado de acreditar em milagres na noite em que Dylan nascera morto, senti uma vontade repentina de fazer uma oração. Não me importava mais com fumaça, espelhos ou velas elétricas.

Dezoito a seis meses antes do acidente de Elle

Muitas mulheres enfrentam gestações malsucedidas. Mas, em geral, depois que as batidas do coração do feto são ouvidas, a gravidez vai até o fim. Com Elle, entretanto, não aconteceu assim. Tínhamos ouvido o coração dos três bebês bater, e havíamos perdido os três. Elle estava arrasada. Precisava compreender o que estava ocorrendo. E Blythe descobriu que Elle tinha uma doença autoimune chamada síndrome antifosfolípídica, que causava coagulação anormal do sangue.

– Não entendo como não detectaram isso na Nasa – Elle falou, na voz um traço de crítica. – Quero dizer, eles examinam tudo. – Juntou as mãos no colo, um gesto que usava para controlar o medo.

– Pode ser uma doença nova ou até mesmo causada pela gravidez – afirmou Blythe Clarke. – Contudo, o tratamento é simples. Basta uma aspirina infantil ao dia. Vou encaminhá-la para um especialista em doenças autoimunes. Talvez ele queira usar um medicamento mais agressivo, mas não esqueça de dizer que você está tentando engravidar. Assim que conseguir, entraremos com a heparina.

– Trata-se de um anticoagulante, Pip. E, infelizmente, será uma injeção diária – eu a avisei, por saber que Elle detestava agulhas.

Elle estremeceu e soltou um suspiro profundo.

– Certo. Injeções.

A obstetra mordeu o lábio.

– Na verdade, serão duas vezes ao dia.

– Estava tentando dar a notícia devagar.

Ele arregalou os olhos.

– Duas? Por dia? Não acredito. Ah, o que posso fazer? Quero tanto um filho. Nós... – Ele me fitou. – Nós queremos que nosso filho viva, portanto farei qualquer coisa para isso. Mas... de que tamanho são as agulhas?

Separei as mãos a uma distância de trinta centímetros.

Ele agarrou minha mão e cerrou os olhos.

– Sem problemas, mas você está brincando, não está, Matt?

– Prometo que serão pequenas – eu a acalmei, quase sorrindo.

Havíamos acabado de passar pela experiência de perder um filho, e a pequena dose de heparina asseguraria ao novo feto o suplemento sanguíneo necessário. Havíamos obtido a tão esperada resposta. Pelo menos, era o que pensávamos.

Ele começou a tomar uma aspirina infantil por dia e, assim que a gravidez foi confirmada, a médica lhe prescreveu heparina.

– Não é nada tão trágico – ela afirmou, mas estremeceu ao sentir a injeção na coxa.

Passei a avaliar todos os hematomas que apareciam. Não apenas nos locais das picadas, mas também os que surgiram nos cotovelos e no quadril.

– É fundamental se certificar de que o tempo de coagulação não entre em desequilíbrio. Teremos de fazer outros testes para ter certeza de que o sangue não ficará liquefeito demais.

– Significa mais agulhadas, não é? – Elle perguntou, e logo acrescentou: – Não tem problema.

O mais importante era ela não ter hemorragia. Por isso, fiz tudo que um marido médico faria: não descuidei de Elle nem dos exames laboratoriais; levei-a aos melhores especialistas em perinatalidade e reumatologia da região. Assegurei-me de que ela não faria nada que pudesse ser considerado perigoso, sempre preocupado ao menor sinal de sangramento, em decorrência do uso do anticoagulante. Pedi a Mike, meu irmão, que era mecânico, para verificar os freios do carro de Elle toda santa semana.

– Está tudo em ordem, Matt – Mike afirmou ao sair debaixo do carro. – Relaxe, ou terá um ataque cardíaco antes dos quarenta, assim como papai.

– Não se preocupe, Mike. Estou bem. Eu corro e cuido da alimentação.

– Você está muito estressado.

Levantei a mão.

– Tenho uma saúde de ferro.

– O mais velho da família é quem tem de perder o controle. Você, o mais novo, tem que se segurar. O que está acontecendo?

Dei tapinhas nas costas dele e fomos tomar café na cozinha.

Cheguei em casa quando a neve começou a cair. Ele acabava de adicionar mais um pedaço de lenha no fogo. As chamas crepitavam. Ela cutucou a madeira com o atizador e fechou a portinhola do fogão de lenha.

– Venha sentir esse calor delicioso. – Ele estendeu a mão, onde havia um novo hematoma.

– Por Deus, Pip, o que houve?

– Nada, apenas uma batida. Nem está doendo. Esqueça. Venha cá, sinte o bebê. – Ela agarrou minha mão. – Ele está pulando sem parar.

Pus a palma da mão em seu abdome.

– Em nove dias nós nos veremos, meu rapaz – disse a meu filho. – Sua mãe quer te chamar de Vlad, por todo o sangue que tiveram de retirar dela por sua causa.

– Psiu, não diga isso – protestou Elle. – Nós o chamaremos de Dylan, em homenagem ao poeta galês. Seu papai conheceu a casa dele e morou um tempo em Swansea.

– Sente-se. – Tentei levá-la ao sofá, mas ela parou no meio da sala e apertou minha mão com tanta força que o hematoma clareou. – O que foi?

– Desde manhã, minhas costas estão me matando. Acho que dormi de mau jeito.

– Mas agora há pouco você estava bem. As dores vão e voltam? – Pensei em parto prematuro, mas tentei conter o pânico. Todos me avisavam para não me preocupar em excesso, mas ainda assim estava à beira de um ataque.

– Não, apenas quando faço certo tipo de movimento. Deve ser uma dor muscular; estou muito gorda. Tudo está fora de

alinhamento.

– Você está grávida de oito meses, não gorda. – Sorri para ela. Não gostava de vê-la sofrer, mas ficava feliz de termos chegado tão longe daquela vez. – Venha cá. Farei massagem em suas costas. Deite-se.

Fomos até o sofá próximo à janela. Elle adorava ler naquele lugar confortável, e imaginei que gostaria de ver a neve cair. Ajudei-a a deitar de lado, encostei-me na parede a seu lado e massageei a parte inferior da espinha dorsal, até ela adormecer. Levantei-me e a cobri com uma manta oriental.

O vento aumentara. Os flocos de neve haviam se transformado em grânulos que batiam nas vidraças. Abasteci o fogão e considerei o quanto de neve havia caído. Alguns centímetros, não mais que isso.

Fui até o celeiro para pegar o removedor de neve. Levei-o para fora, mas a máquina não deu partida. Em vez de pedir a Mike para resolver meus problemas mecânicos, seria melhor ter aprendido a consertar as máquinas. Verifiquei as velas e a partida. Ainda nada, apesar do tanque cheio de combustível. Meu relógio marcava 10h43. Com dificuldade, limpei a escada e joguei sal no passeio. Meu pai sofrera o primeiro ataque cardíaco em uma noite de nevasca como aquela. Por isso eu comprara esse equipamento. Pelo jeito, logo de manhã, teria de limpar o caminho à moda antiga.

Entrei. Estava na hora da injeção de Elle. Não a vi na sala e presumi que ela houvesse subido para se deitar.

– Matt! – ouvi um grito angustiado.

Corri e a encontrei deitada no chão da cozinha, enrolada na manta xadrez. Encolhida e muito pálida.

– Você caiu? – perguntei, ajoelhando a seu lado.

– A bolsa de água rompeu há instantes. – Elle ofegava.

Afastei a manta. Vestida com uma camisola, o líquido amniótico e o sangue escorriam pelas pernas.

O bebê era prematuro e poderia ter problemas, mas minha preocupação era bem maior. Precisávamos suspender o anticoagulante alguns dias antes do parto, que teria data predeterminada. Ela poderia morrer se desse à luz naquela noite.

Disquei para a emergência.

– Respire, Pip. Vai dar tudo certo.
Mas não deu. Milagres nem sempre acontecem.

Depois do acidente de Elle

Dia 22

Seria preciso um milagre para que Elle sobrevivesse àquela pneumonia. Jake me informou que se desculpara com o juiz pela minha ausência, minimizando, no entanto, o estado de Elle. Contudo, naquele dia, Phil, meu parceiro, daria seu testemunho, e, provavelmente, o juiz saberia que Elle estava morrendo – isto é, que seu corpo se desfazia, pois ela mesma já se fora.

Em seu útero, porém, o bebê continuava a se movimentar. Eu me agarrava repetidamente a essa promessa de vida, enquanto a enfermeira fazia a higiene da fenda traqueal de Elle.

Escutei um ruído e levantei a cabeça. Elle tossiu. Dei um salto.

– O que houve, doutor? – A enfermeira me olhou espantada.

– Elle não pode tossir; ela perdeu os reflexos.

A enfermeira ajustou o oxigênio em um nível mais alto.

– O edema cerebral diminuiu, e ela também tem um pouco de respiração espontânea, embora não o suficiente para sustentá-la – disse. – Se conseguirmos controlar a pneumonia, talvez possamos retirar o ventilador.

Meu Senhor. Apalpei minha roupa e não encontrei o que procurava.

– Você tem uma lanterna de bolso? – perguntei.

– Claro. – Ela tirou a peça do bolso do avental e me entregou.

Iluminei os olhos de Elle. Nada. As pupilas permaneciam fixas e dilatadas. Observei os reflexos córneos e os mais profundos, dos tendões. Ela não respondeu aos estímulos dolorosos. Meu Deus. A

tosse fora um traço mínimo de esperança, mas eu voltara à estaca zero. Precisava falar com Phil. Teria de discutir com Blythe os riscos de fazer ressonância magnética em uma mulher grávida. Mas, em termos cognitivos, tinha ciência de que o cérebro de Elle sofrera danos irreversíveis e globais.

Elle estaria ali em algum lugar? Queria que ela vivesse o suficiente para o bebê nascer. Chegara a desejar que ela acordasse. Mas que inferno. Mesmo que isso acontecesse, ela estaria totalmente incapacitada. E não suportaria viver em um estado vegetativo durante anos depois do nascimento do bebê.

Alheio a tudo isso, nosso bebê continuava a se mexer.

Eu me lembrava de Elle na entrada da casa dela, afirmando que preferiria morrer a estar nas mesmas condições que a mãe.

– Vou tentar tirar um cochilo na sala de plantão. – Peguei minha sacola com os diários e saí do quarto de Elle, atormentado pelo que fazia com ela. Mas... havia o bebê.

A sala de plantão era menor que o dormitório de um calouro. Dentro, duas camas-beliche e uma escrivaninha com computador. Deitei-me em uma das camas de baixo e fixei meu olhar nas molas do leito superior. Meu coração não batia normalmente. Podia ouvir, a cada batida, seu pedido cadenciado para que eu me acalmasse. Sem conseguir dormir, abri a sacola com os escritos de Elle e acabei pegando um dos diários de Alice. Folheei-o, sem me deter no que estava escrito. A caligrafia era semelhante à de Elle, mas Elle havia escrito cartas e usado cadernos pautados. Fechei o volume e o deixei por cima da pilha. Na capa posterior, vi que Elle escrevera três palavras dentro de um coração: *Elle ama Matt*.

Peguei de novo a brochura. A primeira data inscrita era 25 de dezembro de 1988.

Querido Matt,

Mamãe, temendo perder as forças, antecipou as compras de Natal. Você nem vai acreditar. Ela descobriu que eu escrevia

cartas e comprou para mim este diário rosa-pálido, como se eu fosse uma garotinha. Não sou uma garotinha. Acho que nunca fui e, com certeza, muito menos agora.

Levei uma pancada de papai a noite passada. Mas foi um acidente. Ele nem percebeu que eu estava lá. Quando você viu o machucado, quis tirar satisfações com ele. Felizmente seu pai o impediu de agredi-lo. No final, Dennis me abraçou, notou minha cintura mais larga e deduziu o porquê. É Natal, mas não sou Maria e você não é José. E seu pai descobriu que estou grávida.

Feliz Natal. Creio que este Natal será um pouco atrapalhado.

Pip

20 de janeiro de 1989

Celina

21 de janeiro

Celina

22 de janeiro

Celina

Durante semanas após a perda do bebê, Elle escrevera apenas o nome de Celina. Era possível perceber a pressão da ponta da caneta no final da letra a, como se ela parasse para considerar uma continuação. O nome me pareceu solitário, e me ocorreu que nunca o vira escrito. Podia muito bem ter o s como inicial, mas também o havia imaginado com c.

Depois, Elle recomeçou a falar de Alice.

16 de fevereiro de 1989

Querido Matt,

Falei com Linney a respeito de minha dor de cabeça. Ela me disse para pegar Tylenol no armarinho dos remédios. Havia mais coisas ali. Encontrei um resto de Percocet da época em que você havia quebrado a perna e pensei em dar um deles para minha mãe. Mas nisso Linney entrou e tirou o medicamento de minha mão.

Implorei para ela me devolver, mas foi em vão. Ela explicou que os comprimidos eram apenas para a pessoa a quem tinham sido prescritos.

17 de fevereiro de 1989

Querido Matt,

Não suporto mais essa situação. Está cada vez pior. Christopher e eu seremos mandados para lares adotivos e separados. Linney disse que tentará conseguir uma custódia para nós e esta noite obteve a guarda temporária. Ela jurou que tentará ficar pelo menos com Christopher. Quanto a mim, é mais complicado por sua causa. Acho que ela tem razão. Estou apavorada e também quero ficar com você. Mas não podemos arriscar. E se eu ficar grávida de novo? Queria muito ter ficado com Celina. Eu a amava.

E também há o problema da minha mãe. Se eu for para um lar adotivo, terei de deixá-la. Tenho de ficar aqui. Ninguém mais vai lutar por ela.

Pedi a Linney que ajude minha mãe.

Pip

18 de fevereiro de 1989

Mamãe morreu.

Digo alto estas palavras, mas elas não fazem sentido.

Ela está morta.

Depois de muitos meses, ela se foi.

Eu não queria que ela morresse, nem vê-la sem vida. Mas foi o melhor. Ela não está mais em sofrimento. Ah, Deus, como ela padecia.

Achei que deveríamos tê-la ajudado, pelo menos a diminuir a angústia. Pedi às enfermeiras. Supliquei a papai. Implorei para darem a ela mais remédios para dor. Ninguém fez isso.

Ontem à noite, depois que voltamos do serviço social, Linney me trouxe para cá. Ela não queria que eu dormisse em sua casa, por medo de que eu e você fizéssemos amor de novo. Talvez isso acontecesse. Eu gostaria que você me abraçasse agora. Preciso de você. Mas Linney me trouxe para casa. Mamãe gemeu muito. Esta noite ela piorou, e Linney testemunhou esse fato. A enfermeira teve de se ausentar por causa do marido, e Linney disse que ficaria para tomar conta de mamãe. Linney deu a ela mais remédios para dor; os seus, Matt. Ela me ensinou a triturar a pílula, caso eu precisasse administrar nova dose. Talvez seja errado, mas agradeço que você tenha quebrado a perna no último verão. Horrível, não é mesmo?

A enfermeira voltou, e Linney foi embora. Fiquei com mamãe a noite toda. Ela parou de gemer e, pela primeira vez, pareceu mais tranquila. Adormeci com a cabeça no travesseiro dela. Quando acordei, tinha parado de respirar. Naquele exato momento. E a culpa foi minha.

Não sei se é certo. Ela não está mais sofrendo. Mas está morta. E eu nunca mais a verei. Sinto muito a falta de minha mãe. Muito. Preciso dela. Christopher precisa dela. Papai também. Oh,

Deus. Será que a dose excessiva de analgésicos matou minha mãe? Será que eu a matei?

Pip

Santo Deus. Nada mais fora escrito. Havia apenas mais páginas e páginas amareladas, sem nenhuma palavra.

Precisava pensar naquele desabafo. Elle não matara a mãe. Alice vinha morrendo havia meses. Longos meses de agonia. Mesmo que uma dose extra de analgésicos houvesse apressado sua morte, Elle era mais anjo que assassina. Se tivesse me lembrado do remédio que eu tomara para dor quando quebrei a perna, eu mesmo o teria administrado a Alice. O que me perturbava era o que minha mãe fizera. Deixara que Elle, sozinha, assumisse a culpa.

Peguei o diário e voltei para o quarto do hospital.

A enfermeira fazia sucção na traqueia de Elle.

– Ela está melhor. Ainda há secreção, mas ela está bem.

Elle tornou a tossir.

– Pedirei um eletroencefalograma. – Fui até a mesa, verifiquei o gráfico de Elle e escrevi o pedido. Voltei a olhar o quarto e, depois de alguns minutos de dormência mental, percebi que carregava o diário na mão esquerda.

Pela manhã, eu o trancaria no meu cofre alugado no banco. Poderia contar à minha mãe o que eu descobrira e dizer que estava desesperado o suficiente para chantageá-la. *Deus do céu*. Levantei-me e fui ao estacionamento. Minha mãe teria participado de um assassinato misericordioso?

Sim, fora um ato de misericórdia.

Fui até meu carro, abri o porta-malas e vi as flores que eu comprara um dia antes do acidente, em uma loja de plantas de Yarmouth, a preferida de Elle. Estavam secas. Pretendia surpreendê-la. Elle fora a meu encontro no carro com a ideia maluca de me seduzir, pensando em engravidar, sem saber, no entanto, que já estava grávida.

Começamos a discutir. Elle queria um filho, e eu temia perdê-la. Nisso Phil me pediu ajuda em uma cirurgia de emergência. Então, parti. Não, *fugi*. Seria a última noite de nossa vida, e corri para o hospital. Voltei para casa depois da meia-noite. Só então observamos a chuva de meteoros Perseidas, esquecidos de tudo, até das flores que estavam no carro. Agora, as flores haviam sucumbido... assim como todas as minhas boas intenções.

Deixei o diário no porta-malas, abri a porta do carro e me sentei. Planejava chantagear minha própria mãe. Tentava manter Elle viva, sendo que essa era a única coisa que a apavorava. No que eu me transformara? Talvez em um pai, ou assim esperava.

Dali a pouco, voltei para o quarto de Elle. A enfermeira acertara. Ela respirava espontaneamente, duas ou três vezes por minuto, mas não o suficiente para ser mantida fora do ventilador. Repeti os exames neurológicos. Nada mudara. Nenhum milagre acontecera.

Ou talvez houvesse um. O milagre que dava cambalhotas.

Acomodei-me ao lado da cama de Elle e observei o ventilador fazer o peito dela subir e descer. Elle respirou. Depois três vezes o ventilador, depois Elle.

Phil entrou no quarto e se sentou a meu lado.

– Como foi no tribunal? – perguntei.

Phil deu de ombros.

– Afirmi que Elle não está sofrendo e que desejava filhos.

– Ela está respirando algumas vezes. – Encarei meu colega.

– Já percebi. Não ocorreu herniação cerebral, mas já falei sobre o aspecto do cérebro. Ela nunca terá qualidade significativa de vida.

– Ela não está sentindo dor, está?

– Não, Matt. Nenhuma dor.

Fechei os olhos. Ficamos sentados em silêncio por alguns minutos. Phil fez novos exames neurológicos, semelhantes aos que eu já fizera.

– No tribunal, limitei-me a dizer que Elle acreditava que a qualidade de vida era muito mais importante do que a longevidade.

– Está certo. – Não tinha energia para discutir de novo meu ponto de vista. Se estava certo ou não. Poderia não ser ético sacrificar uma vida por outra, mas a moralidade que fosse para o inferno. Meu

coração estava literalmente dilacerado, o que se comprovava pela angústia em meu peito.

– Você está enganado – disse – se pensa que sou indiferente ao que está acontecendo com Elle e sua dignidade como ser humano.

– Não acho isso, Matt. Só achei que você tinha o direito de saber o que ocorreu no tribunal. Além do mais, tinha de voltar ao hospital de qualquer maneira. Vou ter de operar de novo o garoto Nguyen. Ele está desenvolvendo hidrocefalia por causa do acidente.

– Que tristeza.

– É, mas nisso posso dar um jeito. Gostaria de poder dizer o mesmo a respeito de Elle.

40

Dia 24

Dois dias depois, eu analisava os exames laboratoriais enquanto Clint me aguardava encostado à parede. O funcionamento dos rins de Elle estava comprometido. Havia duas possibilidades. A síndrome antifosfolipídica poderia ser a causa de um coágulo, que teria se alojado em uma das artérias renais, ou o antibiótico usado para combater a pneumonia atacara os rins. O que quer que fosse, o estado de Elle inspirava cuidados ainda maiores.

– Deve ser o antibiótico – supôs Clint. – Já troquei por outro. Pelo menos por enquanto não será preciso diálise.

A palavra *diálise* teve o efeito de um soco no estômago. Mesmo que Elle ficasse melhor, salvar o bebê iria se tornar uma incógnita.

– A boa notícia é que o antibiótico está fazendo efeito e a pneumonia começou a ceder – Clint falou.

O tratamento medicamentoso substituíra uma forma de execução por outra, refleti, mas não consegui pronunciar nenhuma palavra.

– Eu te mantereii informado – disse Clint, e saiu.

Apesar de meus esforços para permanecer alerta, acabei adormecendo algumas vezes, a cabeça encostada na parede ou na janela, e acordei com o pescoço dolorido. Em meu sono mais profundo, mergulhei na escuridão e sonhei com pilhas de caixas de papelão caindo sobre um berço vazio, as cinzas de Elle em uma urna e, na minha boca, uma espingarda.

Parei em uma vaga de estacionamento em Back Bay, perto do carro de minha mãe. Ela abriu a porta, fechou-a com força e sentou no

banco do passageiro do meu Taurus.

– Querido, fiquei tão feliz ao ouvir sua voz – ela disse.

Telefonara há pouco sugerindo um encontro, mas ainda não me ocorrera como faria para chantageá-la.

– Matt, o que houve?

Fitei minhas mãos.

– Precisava sair do hospital. – Talvez eu preferisse falar longe de testemunhas.

– Pedi uma licença. Pensei em substituí-lo, para você descansar.

Meu coração palpitava.

– Não confio em você perto de Elle.

– Eu jamais faria mal a ela. – Mamãe desviou o olhar.

– Talvez por não ter tido oportunidade.

– Matt, tenho uma responsabilidade com ela. – Minha mãe apertou a bolsa junto ao peito. – Lutar contra você para que entenda essa dura realidade está acabando comigo. Ser sua mãe torna a situação ainda pior.

– Por que não me dá a oportunidade de descobrir o certo por mim mesmo?

– Ah, Matt, sob qualquer outra circunstância... – Ela fixou o olhar em um ponto à frente e piscou. – Você tem de ser realista.

– Blythe disse...

– Ela está errada. A doutora Blythe é maravilhosa, muito boa, mas sem um miligrama de pessimismo na cabeça. Independente de sua opinião a respeito da vontade de Elle em um momento como este, sua esposa tinha pavor de acabar como Alice.

– As situações são diversas. Elle não está sofrendo.

– Pode ser, mas ela não ia desejar algo assim. Eu a amo como se fosse minha filha, do mesmo modo como amo você. Duvido que se lembre, mas Alice passou várias semanas no hospital quando Elle ainda era um bebê...

– Sei que você sempre gostou muito de Elle e que cuidou dela ainda muito pequena. Nada disso é relevante. Elle é *minha* esposa. Aquele é *meu* filho. – Considerarei de novo a ideia de chantagear minha mãe, algo que jamais fizera. – Tenho um diário de Elle, e nele consta o que ela escreveu no dia da morte de Alice.

Minha mãe se remexeu no banco e baixou o olhar.

– Lamento que tenha lido o que foi escrito em uma época tão triste.

– Você matou Alice.

Minha mãe empalideceu.

– Você usou o Percocet que tinha sido receitado para mim quando quebrei a perna no verão anterior. Você pôs o medicamento no tubo de alimentação de Alice. Isso não me choca tanto, mas sejamos honestos. Você matou Alice e deixou Elle sozinha enquanto a mãe morria.

Minha mãe balançou a cabeça em negativa.

– Você não entende.

– Entendo muito bem. Se não retirar o processo contra a manutenção dos aparelhos que mantêm Elle viva, levarei o diário dela às autoridades.

– Você não faria isso. Eu não matei Alice. Eu...

– Você a livrou do sofrimento? Está bem, pode ser. Mas essa certamente não será a opinião da polícia.

Minha mãe gaguejou antes de falar o que pretendia:

– Não fiz isso, mas talvez devesse ter feito. Talvez não. Era o que eu *deveria* ter feito. Mas tudo que fiz foi amassar um comprimido e pôr no tubo de alimentação. Um só. Mostrei a Elle como fazer. Eram oito comprimidos. Eu disse a Elle que poderia dar um a cada seis horas, se fosse necessário, caso a enfermeira saísse para o banheiro ou para fumar.

– Está insinuando que Elle deu remédios em demasia para Alice?

– Não sei. Talvez a hora de Alice chegara. Elle afirmou que a mãe morrera por sua própria culpa. Sempre receei imaginar o que aconteceu com os outros sete comprimidos.

– Não acredito que Elle tenha feito isso. E no diário ela diz que *você* lhe deu o Percocet.

Mamãe fitou as mãos entrelaçadas.

– Não sei. Alice parou de respirar à noite. Pode ter sido uma coincidência. Ou talvez tenha sido por causa de apenas um comprimido. Ou estava na hora dela. Deus é quem sabe se resolveu ter piedade dela.

Esfreguei as têmporas. Não podia acreditar que Elle ou minha mãe tirara a vida de Alice intencionalmente. O propósito delas era aliviar o sofrimento da pobre mulher. A rotina das enfermeiras em aliviar o sofrimento da paciente fora seguida.

– Matt, você tem de aceitar que Elle não queria sofrer como a mãe.

– Não queria, e *não* está sofrendo. Ela não sente dor, não sente nada. E, mesmo que sentisse, Elle faria muito mais que isso para ter um filho. E eu farei qualquer coisa por essa criança.

Minha mãe meneou a cabeça.

– A gestação está no início. É quase impossível que Elle sobreviva até dar à luz uma criança sadia. Não com seu histórico de gestações malsucedidas. Até o parto de Dylan foi prematuro. Ela deu a mim e a Adam uma procuração com plenos poderes para decidir a respeito de sua saúde. Elle nunca te consultou, não é mesmo?

Foi a minha vez de negar com um gesto de cabeça.

Minha mãe segurou minha mão.

– Sei o que eu disse no tribunal, mas Elle tinha certeza que você jamais mandaria desligar os aparelhos. Matthew, se a ama, e tenho certeza disso, deve deixá-la partir.

Talvez minha mãe estivesse certa em um aspecto: eu jamais desistiria de Elle.

Cinco anos antes do acidente de Elle

Tive certeza de que valera a pena dirigir durante nove horas quando minha mãe me serviu a broa de milho ainda quente. Ela se sentou à mesa.

– Como vai Carol? Estou surpresa de ela não ter vindo.

– Ela está trabalhando neste final de semana. – Carol enfrentava um plantão de três dias seguidos. Passei manteiga na broa de milho, dei uma mordida e falei com a boca cheia: – Nossos compromissos não nos deixam passar mais tempo juntos.

Minha mãe apertou os lábios e esperei um comentário sarcástico a respeito da *garota da cidade*, como chamava Carol. Mas ela mudou de assunto.

– Elle veio de Houston, mas já foi embora.

Levantei a cabeça.

– Não a vejo há séculos. – Embora houvesse tentado, não falava com Elle desde que anunciara o noivado com Carol. Desde aquela época, apenas alguns e-mails e poucos recados de voz. – Elle tem estado distante nos últimos tempos, ocupada com os preparativos da missão Hubble.

Minha mãe fez uma careta enquanto mexia o chocolate.

– Tenho muito orgulho dela, mas, depois do desastre do *Columbia*, sinto pavor só de pensar que ela vai pôr os pés em uma nave. – Ela me deu um sorriso forçado. – Elle vai para Acádia esta noite. Uma pena não tê-la encontrado.

Dei de ombros como se não me incomodasse, ao mesmo tempo que calculava as chances de encontrar Elle caso eu dirigisse por três horas até o parque nacional. Na última vez em que estivera lá, não havia sinal nem para telefone celular. Concluí que o encontro seria improvável.

– Elle tem saudade de casa – comentou minha mãe. – Ela está planejando se mudar para cá daqui a algum tempo.

– Verdade? – Elle não me dissera isso, e suspeitei que essa história de retorno fosse uma interpretação errônea de minha mãe. Ela provavelmente perguntara se Elle não pretendia voltar, e ela devia ter respondido que era um desejo seu.

Mas todos desejávamos coisas que não podíamos ter.

– Infelizmente, Adam tem adoração pela Nasa – lamentou mamãe.

Isso mesmo. Adam. Um pontapé no traseiro, como de costume.

– Ah, se eu pudesse convencer Carol a se mudar para o Maine...

Minha mãe pareceu procurar as palavras certas.

– Seria muito bom ter vocês dois para almoçar aos domingos. – Seria uma cena e tanto, Carol e minha mãe na mesma cidade, trocando receitas.

Precisava mudar de assunto.

– Quer ouvir um caso engraçado? Phil Grey termina este mês o programa em neurocirurgia. Ele é do Brooklyn e tem aquele estilo presunçoso dos nova-iorquinos. – Era impensável que eu, um aficionado dos Red Sox, pudesse ser amigo de um torcedor dos Yankees. – É um médico brilhante e um cirurgião fantástico.

– Você já me falou dele.

– Pois é. Phil escutou minhas histórias a respeito do Maine e resolveu conhecer a região com a esposa nas férias do ano passado. Em três horas decidiram se estabelecer aqui. Ele recebeu uma oferta da Welsh e Sanders, o grupo de neurocirurgia. Não é irônico? Phil se mudará para o Maine, e eu passarei o resto da vida na Big Apple.

– Ele vai assumir o posto de Sanders?

– Não, creio que entrará no lugar de Welsh, que está para se aposentar. Sanders deve ter uns cinquenta. Falei com ele antes de iniciar minha residência em neurocirurgia.

– Sim, mas Sanders está com câncer. Ouvi nos bastidores que o prognóstico é ruim. Seu amigo pode precisar de um novo sócio se Welsh quiser mesmo se aposentar. Você se daria bem ao lado de Phil. Poderiam abrir seu próprio consultório.

Cocei a cabeça. Era uma pena a história de Sanders. Eu o acompanhara por um tempo, enquanto ainda estudava na escola de medicina. Um bom homem.

Permiti-me uma pequena fantasia onde eu convencia Carol a viver em Portland. Não havia essa possibilidade. Ela já comprara um belo apartamento no Upper East Side e até chegara a reservar a pré-escola para nossos futuros filhos.

A casa em estilo vitoriano da quinta, desbotada e antiga, as ripas descascadas, refletia a luz do Sol. A solidez do local me dava uma sensação de bem-estar. O jardim fora recentemente cuidado. Sempre que Elle voltava para casa, o jardim era o primeiro a ser tratado. Se ela demorava a vir do Texas, os canteiros ficavam cobertos de capim e dentes-de-leão. Minha mãe costumava arrancar o mato. Às vezes, eu também passava uma ou duas horas fazendo a limpeza dos canteiros. Aquele era o lugar de Elle. O lugar de Celina.

A maioria das plantas era perene. Desta vez, Elle devia ter passado horas plantando as anuais. Marias-sem-vergonha cor-de-rosa da Nova Guiné e petúnias-brancas caíam pelas beiradas. O jardim parecia um maço volumoso de algodão-doce.

Escutei um rangido da portinhola que se abria.

– Posso ajudar em alguma coisa? – A voz de Elle parecia hesitante.

Eu me virei depressa e acenei, o cata-vento em minha mão girando ao absorver a brisa de verão.

Elle vestia um cardigã verde-musgo, que combinava com a cor de seus olhos. Ela hesitou e em seguida a voz se ergueu com alegria.

– Matt?! Matt, o que está fazendo aqui?

Ela correu em minha direção e nos abraçamos como verdadeiros amigos.

– Minha mãe disse que você tinha ido para Bar Harbor – afirmei.

– Eu planejava ir, mas, bem, não diga nada a ela. Pretendia passar a última noite olhando as estrelas... sozinha.

O rosto de Elle tinha um brilho dourado de sol. Ela protegeu os olhos com uma das mãos em concha, vedando os raios solares que penetravam por entre os ramos das árvores.

– Não sabia que você vinha para casa, Matt.

– Eu não vinha, mas não aguentei a vontade de ver o mar. Carol sugeriu Long Island, mas eu preferi o Maine.

– Ela está aqui? – Elle olhou para meu carro estacionado no caminho. – Adoraria conhecê-la.

– Carol está de plantão neste final de semana, e eu tenho de voltar amanhã.

– Que pena. – Elle puxou minha manga. – Vamos entrar. Farei um café.

Celina, a quem eu segurara por apenas alguns minutos, passara a fazer parte da minha vida para sempre. Hesitei, fixei o olhar no pedaço de musgo cercado de pedras e espetei o cata-vento no lugar reservado para nossa filha. Elle me observou em silêncio. Emudeci, e não comentamos nada a respeito de minha lembrança.

Não superara a ideia de que dar um nome à menina seria a única coisa que poderíamos fazer por ela. Antes do funeral, senti-me compelido a colocar debaixo da urna o que eu tinha no bolso: um pacote de chicletes Bazooka. Sabia que era uma tolice juvenil. Mas eu era um garoto. Elle e eu éramos adolescentes. Desde então, eu deixava ali ora uma bugiganga, ora uma bola de gude, ou um sino que tocava ao vento, ou uma fita. Qualquer coisa. Quase quinze anos haviam se passado, e tive de reconhecer que a única coisa real que havíamos dado a ela era o nome e o que ficara em nossa lembrança.

Elle se abaixou, soprou o cata-vento e o fez girar. E, por um momento, pôs a palma da mão sobre o pedaço de musgo.

– O jardim está rosa demais – comentei, fazendo um esforço para sorrir.

Elle inclinou a cabeça de lado.

– O que há de errado com um jardim rosa?

– Nada, suponho.

Ele sacudiu a cabeça.

– Você não vai acreditar. Christopher e a namorada vieram aqui. Pensando em me fazer um favor, ele desenterrou tudo, exceto a moita de lilases, e levou as plantas para perto da casa. Disse que seria mais fácil para cuidar. Tive de replantar uma a uma.

– Não diga! Ele encontrou a urna? – perguntei.

– Não. O musgo estava intacto. Graças a Deus. Depois de tanto tempo, teria sido muito difícil explicar.

Sob a luz do Sol, entendi sua linguagem corporal. Não fora a timidez nem a vergonha que a haviam impedido de contar à família. Ele ainda se sentia culpada pela morte de Celina. Eu gostaria de ter dito a ela novamente que não deveria sentir culpa nenhuma. Mas não disse nada.

– Você contou para Adam sobre Celina?

– Não. Ele não entenderia. Celina não faz parte da história dele. – Ele baixou o olhar. – Vamos falar sobre outro assunto. Diga-me, quais são seus planos para hoje?

Após me aproximar dela de novo, entramos. Pouca coisa mudara dentro da cozinha. A Frigidaire de cantos arredondados dos anos cinquenta ainda estava ali, tão indestrutível quanto a geração que a forjara.

– Você está ótima – elogiei.

Ela ajeitou os cabelos, afastando algumas mechas do rosto.

– Se eu soubesse que iria encontrar alguém, teria tentado me arrumar mais um pouco.

– Você está ótima – repeti.

Ele encostou-se no aparador antigo e me avaliou.

– Você também.

Ela foi até a secretária eletrônica, levantou o receptor e escutou a mensagem.

– Algo errado? – indaguei.

– Há dias que não consigo falar com Adam.

– Falei com ele quinta-feira à noite – eu disse.

– É mesmo?

– Liguei para falar com você...

– Ele estava bem?

– Distraído, como sempre. Ele não me contou que você estava no Maine. O que houve?

Ele deu de ombros.

– Tive uma oportunidade inesperada de tirar alguns dias de licença. Deixei um bilhete para avisar que viria para casa. A última oportunidade antes da missão. De qualquer forma, acho que ele se irritou, não sei. Nos últimos tempos, ele anda mergulhado em questões de segurança da nave espacial e mal nos encontramos. Moramos juntos, mas nos vemos apenas à noite.

A afirmação dava margem a interpretações ambíguas. Por mais que me incomodasse o que acontecia na intimidade de Elle, tinha de aceitar que os dois moravam juntos. Por isso, nada comentei. Eu a considerava minha melhor amiga. Com frequência, dizia-lhe coisas que não diria para Carol. Por exemplo, minhas dúvidas quanto à residência em neurocirurgia; se talvez não houvesse sido melhor escolher cirurgia geral; o quanto sentia falta de casa. Entretanto, os respectivos relacionamentos amorosos eram tópicos proibidos.

Levamos o café para o gazebo, sentamos nos balanços de vime e contemplamos a maré cheia do rio. Falamos sobre o pai e o irmão de Elle, sobre Nova York e Houston. Rimos, como sempre, e, a seu lado, eu me senti muito bem, o que não acontecia há tempos. Não havia fingimento, apenas aceitação.

– Você não é mais a menina-prodígio – falei. – Agora não passa de uma convencida – caçoei, sorrindo. – Está apreensiva com a ideia de fazer trinta anos no próximo mês?

Ele deu risada.

– Exatamente o oposto. Enfim eu me sinto normal, adequada à idade.

Meu estômago roncou, e Elle ouviu.

– Está com fome? – perguntou ela.

– É hora do almoço.

Entramos no meu carro, pensando em comer sanduíche de lagosta. Dei a partida e ouvimos o ruído esquisito do motor.

– Precisa de um ajuste – Elle avisou.

Olhei para o cinto de segurança.

– Não isso. Aquilo que fica embaixo do capô. Como pôde ter sido criado ao lado de Mike e não ter aprendido o básico sobre motores?

De certa forma, Ele tinha razão. Meu irmão amava carros tanto quanto eu os evitava.

– Eu passava o tempo todo com você – desculpei-me, e fomos para a rodovia.

– Não vem com essa. Eu observava Mike sempre que ele consertava os carros. Sei o básico de mecânica.

– Você sabe mecânica quântica.

– Não é a mesma coisa. – Ele sorriu.

– Sim, Einstein, eu sei. – Não queria deixar transparecer que, de carros, eu só sabia como abastecê-los. – Eu conserto cérebros.

– Sim, sim, ó grande cirurgião de miolos. Isso talvez ajude a entender como se troca um pneu. Sempre prestei atenção, e está sendo muito útil. Quando uma parte do ônibus espacial se solta, você tem de saber o que fazer. Aqueles benditos isolantes térmicos feitos de aerogel...

– Você conheceu os astronautas do *Columbia*?

– Sim. – Ele olhava para fora da janela do passageiro.

– Você está recebendo treinamento para consertar as tais pastilhas, se elas se soltarem de novo?

Ele se virou para mim.

– Somos treinados para resolver *qualquer* contingência. Creio que *contingência* é a palavra favorita deles. Não se preocupe. Às vezes, Matt, você me lembra uma mulher ranzinza. Pelo menos, quando se morre em uma missão, a morte é rápida.

– Grande consolo. – Não pude esconder o sarcasmo.

– Escute, hoje não quero falar sobre o que vai acontecer lá em cima. Vou fazer isso nos próximos dez meses. Pensarei em como executar cada manobra. Mas hoje, não.

– Você nunca me contou como foi a experiência com a aeronave de gravidade reduzida, o Vomit Comet, é isso? – procurei quebrar a tensão.

Ele riu.

– Você teria vomitado até o café do dia anterior.

– Por que diz isso?

– Lembra da montanha-russa de Funtown? Quando descemos, você estava mais verde que o Hulk.

– De maneira nenhuma – neguei, para tentar salvar o orgulho masculino.

– Estava, sim, verde como um lagarto.

– Não, senhora – neguei, para salvar as aparências.

– Como um gramado de golfe.

– Que nada – neguei, porque Elle estava certa.

– Então, que tal irmos a Funtown para andar na montanha-russa e você se redimir?

Eu não queria, mas fui obrigado a concordar. Funtown tinha um conjunto de montanhas-russas de madeira, para quem apreciava os modelos antigos.

Quarenta minutos mais tarde e depois de pagar o ingresso, Elle esfregava as mãos como um vilão do cinema mudo.

– Faça uma escolha inteligente, minha vítima. Pode ser sua última.

Apontei para o Excalibur, uma das maiores montanhas-russas. Segundo Elle, eu precisava me redimir.

De costas para o brinquedo, ela foi avançando, atraindo-me com acenos de mão e um sorriso escancarado. O clangor dos carros nos trilhos podia enervar até o Rambo, mas Elle só se manifestou quando chegou nossa vez.

– Matt, se quiser desistir... não precisa provar nada para mim.

– Ou será que você quer dar pra trás e fazer que eu pareça um covarde?

– Ah! – Elle cruzou os braços.

– Está certo. – Levei a mão a seu pescoço, em um toque gentil. – Se quiser se render e admitir que não tenho medo de montanha-russa, não a obrigarei a entrar no brinquedo. – Fingi-me de corajoso, na esperança de que ela deixasse meu ego intacto.

– Sim, sim, e quer que eu acredite nisso?

Depois de uma fila de dez minutos, subimos no primeiro carro. Comecei a suar, mas não porque estivesse nervoso, e sim por sentir um calafrio estranho, como uma reação paradoxal ao sol escaldante.

– Matt, é sério. – Elle considerou, o olhar luminoso. – Se quiser, podemos ir embora. Você está... verde.

– Não seja ridícula.

A corrente rangeu e começou a nos puxar ladeira acima. Seria capaz de morrer para manter meu orgulho intacto. Elle, sentada a meu lado, segurou minha mão. Alcançamos o alto, e ela soltou a voz.

– Uaaau!

Eu a imitei e gritei também. Torci para que não houvesse notado o tom amedrontado, como o de um adolescente. Se eu suportara ser girado em um artefato de aço da vez anterior, não deveria ser tão ruim assim. Mas, quando demos a volta e subimos e descemos ao longo da estrutura que rangia – posso jurar ter visto madeira podre em cada balaustrada –, tive de fazer um grande esforço para segurar em meu peito um grito gutural de morte.

A máquina parou, o funcionário abriu a portinhola do nosso carro e Elle soltou minha mão. Com graça, pronta para descer, sorriu por sobre o ombro.

– Queira aceitar meu sincero pedido de desculpas. Você nem está verde.

– Então, por que minhas pernas estão moles?

Elle me deu um sorriso encantador.

– Ora, doutor Beaulieu, o senhor deve ter sofrido uma lesão medular. Conheço um talentoso jovem cirurgião. Quer o telefone dele?

– Engraçadinha. – Fiz um esforço para me equilibrar nas pernas bambas, que mais pareciam pernas de pau trôpegas.

Caminhamos, as calças arregaçadas e os pés descalços, pela bainha rasa de espuma das ondas ao longo de Pine Point, uma praia extensa com fina areia branca e água gelada. Rimos, brincamos um com o outro e lamentamos que nossa vida profissional complicasse tanto a pessoal.

Depois de andarmos quase dois quilômetros na areia, Elle se sentou.

– Não venho aqui há séculos... desde aquele dia.

– Que dia?

– Quando descobrimos que eu estava grávida – Ele lembrou com tristeza.

Sentei-me a seu lado, observando a praia e recordando.

Ele pegou um punhado de areia, que lhe escorreu pelos dedos.

– Tenho muita saudade de casa.

– Minha mãe me contou, mas achei que ela estivesse sendo parcial.

– Não estava. É mesmo saudade de vir para o Maine. Saber que a casa de meu avô ainda está me esperando é tentador, ainda mais vivendo em um local que pode atingir quarenta graus de temperatura e cem por cento de umidade como é Houston. – Ele pegou mais um punhado de areia e voltou a deixá-la escorrer pelos dedos fechados. – Posso mudar de assunto e ser mórbida por um minuto?

– Claro.

– Fiz um testamento, caso algo dê errado na missão.

– Que bobagem, Ele, você *não* vai morrer.

– Provavelmente não. Mas os riscos são grandes, embora os aceitemos como parte do trabalho que escolhemos. Não pretendia voltar ao assunto, mas houve um fato que deixei de declarar no documento, para o caso de ele cair nas mãos do meu pai. Papai nunca soube a respeito de Celina. Se alguma coisa acontecer, você poderia providenciar para que as cinzas dela sejam enterradas junto com o que sobrar, ou o que for encontrado, das minhas?

Fiquei boquiaberto e, enquanto tentava recobrar a serenidade, Ele continuou com as instruções.

– A casa ficará para Christopher. Se, por acaso, ele ou meu pai encontrarem a urna, não vão saber do que se trata.

– Meus Deus, Ele – murmurei com um nó no estômago.

– Não diga nada a Carol. Você e sua mãe podem cuidar disso em segredo.

– Por que minha mãe?

– Eu a nomeei como executora.

– E Adam?

Ele esperou um minuto antes de responder.

– Conclui que precisava de alguém que ao menos tivesse conhecido a criança, e não preciso deixar nenhuma surpresa póstuma. Sei que é um pouco neurótico e até piegas, mas quero que minha filha seja enterrada comigo.

– Pare de falar como se você fosse morrer. – Levantei-me e me aproximei da água salgada. Em minha mente repercutiam as gravações do vídeo da explosão do *Challenger*, o desvio da rota e a queda no mar.

Instantes depois, Ele se aproximou e segurou minha mão.

– Apenas me prometa que cuidará dela.

Ele agia como se aquele fosse um acordo de custódia partilhada. Nesses anos todos, mal havíamos falado de Celina e, de repente, aquele pedido.

– Quero uma coisa em troca – pedi.

– Qualquer coisa – concordou Ele.

– Não morra.

Ele passou o braço no meu.

– Se eu estiver viva ao final da missão, você não vai ter de cumprir sua promessa. E sabe de uma coisa? Não me incomodarei nem um pouco por isso.

– Ele, estou falando sério. Não vá.

– Tenho de ir, e quero ir. Estou tão feliz que mal posso acreditar no que está acontecendo. E pretendo voltar viva. Mas, nunca se sabe...

– Por um instante fugaz, Ele encostou a testa em meu peito. – Para mim, Celina existiu realmente; não quero deixá-la aqui em uma sepultura não identificada. Pedi a sua mãe, mas ela não fez muito caso, como se falar de Celina tantos anos depois fosse uma indulgência emocional. Talvez seja, mas para mim é algo imprescindível. Vai fazer isso por mim?

Engoli o nó da garganta.

– Pode contar comigo.

– Que bom! Obrigada! Agora podemos deixar a morbidez de lado. Estou preparada e, se você também estiver, os maus espíritos não vão ousar incomodá-lo. – Ele soltou meu braço. – Vamos apostar corrida até o carro.

Ela saiu na frente e, por alguns segundos, esperei que minha alma alcançasse a dela. Sentia-me enfraquecido pela conversa para acompanhá-la. No entanto, o mínimo que podia fazer era tentar seguir seu otimismo.

– Ei, Pip, assim não é justo!

Não deveríamos ter nos despedido com um beijo. A magia do primeiro amor é inegável. Assim como o fascínio de amar uma mulher inesquecível. E como negar a atração de céus noturnos, estrelas cadentes, e a maneira como Elle se iluminava sempre que olhava para elas?

Será que tudo começou com um beijo leve no rosto, inocente, desavisado, suave? Talvez. Não sei se Elle me beijou ou se fui eu quem a beijei, mas isso aconteceu às margens do rio, sob a luz das estrelas de milhões de éons passados. Antes que eu tomasse consciência do que fazia, fui dominado pelo desejo. Tive vontade de tocar a pele macia e de levar Elle ao terraço onde havíamos feito amor pela primeira vez.

Desejava que os horríveis quinze anos de solidão desaparecessem como chuva na areia da praia. Queria recomeçar do princípio. Nós dois juntos.

– Matt – disse Elle, com a voz rouca.

Eu a beijei no pescoço e abaixei a camiseta de seu ombro, tentando tornar nosso contato mais íntimo.

– Espere, Matt. – Elle recuou alguns centímetros, o que teve o efeito de uma bofetada sobre mim, fazendo-me cair na realidade. Estava noivo de Carol, e Elle vivia com Adam.

– Mas que droga! – resmunguei.

– Uma droga mesmo – murmurou Elle. – O que estamos fazendo?

Nossos sentimentos um pelo outro, aparentemente, ainda eram fortes.

– Dê-me um minuto para eu encontrar uma boa resposta e banir todos os motivos pelos quais não deveríamos fazer isso – respondi.

– Por favor, uma resposta boa de verdade, que acalme minha consciência pesada – respondeu Elle. – Deus do céu, você está

noivo, Matt! E eu moro com Adam!

– Ah, ele é um paspalho! Sim, tem a Carol... – Ela não merecia isso.

– Pensei que você gostasse de Adam – Elle falou.

– Tanto quanto de Hitler. Está falando sério? Eu detesto o cara.

Comecei a andar de um lado para outro, o que se tornava complicado em um declive de terreno desigual. Não consegui manter o ritmo. Precisava de um minuto, e talvez de outro depois. Carol ficara em Nova York e na certa passara parte da noite anterior e do dia atual cuidando de crianças doentes. E eu estava ali, tentando levar Elle para a cama e procurando justificar meus atos. Elle me pedia um bom motivo? E que tal se eu ainda a amasse? Deus, era verdade. Eu ainda a amava.

– E durante todo esse tempo pensei que era apenas Adam que te odiava...

– Ele me odeia?

– Sim, senhor, odeia, com certeza.

– Porque ele não quer que você tenha amigos. – Nem sei por que disse “amigos”. Adam era ciumento, sem graça, bobo e, ainda por cima, desejava controlar Elle. E eu fora o primeiro amor da vida dela.

Elle soltou uma risada.

– Nada disso. Nós temos amigos – Elle suspirou. – Ele apenas é superprotetor.

– Superprotetor por quê? Eu jamais lhe faria mal.

Elle meneou a cabeça.

– Não faria... mas fez, quando partiu meu coração. Eu já esqueci, mas Adam não esqueceu.

Meu fôlego pareceu ter se dissipado. Senti-me atingido pela culpa e pela compreensão de que Elle nunca me perdoaria inteiramente. Fiquei confuso. No momento em que nos beijamos, acreditara que poderíamos abrir caminho em meio aos destroços do naufrágio que nos separavam.

– Você não esqueceu.

– Eu, sim – retrucou Elle. – Adam sabe que tivemos um relacionamento e que eu me tornei amarga durante um longo

tempo. E ele culpa você por minha incapacidade de assumir um compromisso.

– E ele está certo?

– Não sei. – Elle umedeceu os lábios. – Matt... ele não entende a nossa simbiose, o jeito que você me faz rir. – Elle fechou os olhos e baixou o tom de voz. Tive de me inclinar para escutar. Senti que ela, pela primeira vez, ousava pronunciar aquelas palavras. – Ele não percebe que não sou mais uma menina, que não preciso de proteção e que sei muito bem o que quero.

– O que você quer? – Tive esperança de que ela me quisesse. Esperança de que me perdoasse, mesmo que eu a tivesse feito sofrer. Há tanto tempo. Gostaria de beijá-la de novo, para convencê-la a aceitar que pertencíamos um ao outro, mas Elle recuou.

– Não podemos – disse. – Isso não passa de... desejo. Além da amizade, existe entre nós um desejo poderoso. Oh, Senhor. Creio que é melhor você ir embora, Matt, por causa das circunstâncias. Não é que não goste da sua presença, mas também não odeio Adam. E você não odeia Carol. Estaríamos cometendo um erro.

– Elle...

– É só desejo, Matt – Elle repetiu. – Eu te conheço. Você não a pediria em casamento se não a amasse.

Fiquei sem fala. Eu amava Carol. Mesmo assim, queria explicar que o amor que sentia por Carol era diferente. O amor que tinha por Elle me consumia. Queria explicar que não pedira formalmente Carol em casamento, embora tivesse havido um pedido. Ou, melhor, fora ela quem me pedira. Ou havíamos decidido juntos. Mas não pude dizer nada, porque Elle tinha razão.

– Vá para casa – ela pediu. – Não podemos fazer isso. Não quero enganar Adam. A traição é uma maneira terrível de terminar um relacionamento. Quando você me... Eu não queria trazer esse assunto à tona de novo.

– Pip, foi tudo muito confuso. Estava fora de mim e agi daquela maneira sem nenhuma intenção de machucá-la. Nunca pretendi fazer você sofrer nem terminar nosso relacionamento, como aconteceu. Eu te amava e ainda a amo. Você é minha melhor amiga.

Jamais pensei em terminar a relação que tínhamos antes. Foi um erro.

– Sei que você não pretendia, mas o que íamos fazer agora também é errado. Não devemos cometer mais erros. Por favor, vá embora. Antes que diga ou faça algo de que possa se arrepender. Mesmo agora, se raciocinar direito, o que quase fizemos e ainda queremos fazer seria uma traição a Carol. Vá pra casa. Não porque eu queira, mas porque você é um homem bom.

Não importava o que Elle pudesse pensar, não foi meu caráter que me fez ir embora. Foi a necessidade de conquistar seu respeito, sua fé e sua confiança.

No mês seguinte, só ouvi a voz de Elle na mensagem da secretária eletrônica, embora os e-mails continuassem. A tripulação do *Atlantis* dedicava-se a treinamentos rigorosos e passava muito tempo no simulador de flutuação neutra, trabalhando em uma réplica em tamanho natural do Hubble. Continuei tentando falar com ela. Deixei mais uma mensagem no celular e liguei para sua casa, esperando ouvir a secretária eletrônica: Deixe sua mensagem após o bipe.

– Elle não está aqui. – Adam atendeu, a voz diferente. Parecia aborrecido. Refleti que talvez Elle houvesse lhe contado o que por pouco não acontecera.

– Por favor, diga a ela para me ligar.

– Diga você mesmo. Ela tem um smartphone. – Ele desligou.

A maneira como Adam falou me fez temer pela integridade de Elle. Tentei novamente o celular.

– McClure – ela respondeu desta vez.

– Oi! Ainda bem que está viva. Já estava começando a duvidar. Como você está? Ainda no trabalho?

– Não, estou em casa.

– Então por que Adam não te chamou quando liguei?

Seguiu-se uma longa pausa.

– Você falou com ele? Escute, tenho um novo número de telefone. Quer anotar?

– Está me dizendo que vocês têm linhas separadas?

– Bem separadas. Pode esperar um minuto?

– Sim. – Percorri o local onde estava com o olhar, sem pensar no que acontecia do outro lado da linha. Mesmo assim escutei Elle falando com uma pessoa e depois o ruído de uma porta se fechando.

– Desculpe. – disse Elle. – Estou em um apartamento novo numa região que tem um comitê de boas-vindas bem ativo. As pessoas não param de bater aqui. Ia ligar para você e dar meu novo endereço.

Será que Elle o deixara? Eles haviam se separado? Depois de nós quase... O que Elle dissera? A traição era uma maneira terrível de terminar um relacionamento.

– O que houve?

– Terminei com Adam. Claro que ainda nos esbarramos no trabalho. Ele acha que eu deveria consultar um psiquiatra, e eu acho que ele merece alguém que o ame do jeito que ele é. Para encurtar a história, eu me mudei.

– Elle... – Passei a mão pelos cabelos.

– Por favor, Matt, nem pense em falar com ele. Você não tem nada a ver com isso. Ponto final.

Como ela havia adivinhado minha intenção?

– Tem certeza?

Elle soltou um suspiro profundo e, quando voltou a falar, a voz era suave, como de quem pretende consolar alguém.

– Já sabia que as coisas não iam bem entre mim e Adam. Só foi difícil aceitar. Então, você e eu nos beijamos. A casa do meu avô, você e eu, memórias ternas do passado. Mesmo que não tivéssemos nos beijado, ainda assim eu o teria deixado... enfim. – Elle tentou rir, mas não foi convincente. – De qualquer maneira, não foi culpa sua.

Levantei o olhar ao ouvir o barulho da chave de Carol na porta.

– Culpa? Não acha que deixá-lo foi um erro?

– Não – retrucou Elle. – Estava na hora.

A porta do *loft* foi aberta, e Carol me chamou antes de ver que eu estava com o telefone no ouvido.

– Carol está em casa? – Elle perguntou.

– Acabou de chegar.

Carol sorriu e me abraçou pela cintura. Como sempre, usava um perfume delicioso. Quanto a mim, nunca me sentira tão constrangido.

– Com quem está falando? – ela sussurrou.

– Elle – respondi.

– O quê? – perguntou Elle.

– Ah, quero falar com ela. – Carol pegou o telefone de minha mão.

– Olá, Elle, é a Carol. – Ela fez uma pausa. – Escute, estava pensando se você poderia me fazer um pequeno favor. – Nova pausa. – Não, tenho uma paciente de dez anos que deseja ser astronauta. A garota passou a maior parte da vida entrando e saindo de hospitais. Teria como me mandar uma cópia autografada de alguma coisa que tenha a ver com a Nasa? – Pausa. – Seria ótimo. O nome dela é Camilla Rodriguez. – Carol soletrou o nome, despediu-se e entregou o telefone para mim.

O ar no recinto estava tão escasso quanto água no deserto.

– Oi – falei.

– Tenho de desligar. Mandarei a foto da tripulação.

– Pip...

– Fazemos isso o tempo todo. É uma das funções do setor de Relações Públicas da Nasa. Como estão os preparativos para o casamento?

– Ah, Carol está cuidando de quase tudo.

Alguns instantes de silêncio.

– Quero que você seja feliz – afirmou Elle.

– Você está bem?

– Claro, mas preciso desligar. Não consigo dar a impressão de ser tão forte agora.

– O que quer dizer com isso?

Novamente um silêncio se seguiu.

– Tenho tarefas domésticas à minha espera. O apartamento é novo e ainda está sem cortinas, não que isso seja importante, pois fico pouco em casa. É que a vida parece um pouco sem graça, sabe? Claro que a missão tem me entusiasmado, mas ainda assim me sinto meio vazia. E... suponho que deve ser normal ficar emotiva depois de renunciar a alguém que se ama. Falaremos mais em outra hora.

Depois do acidente de Elle

Dia 25

Ao me despedir do padre Meehan, pedi a ele que rezasse pelo bebê. Seria um progresso de fé ou puro desespero? Se não havia ateus nas trincheiras, tampouco nos quartos de hospital onde estavam doentes em estado crítico. O mais curioso era que eu nunca me rotulara como ateu. Talvez fosse católico relapso, ou então agnóstico. Considerava-me um homem de ciência e de pouca fé, mas um homem que amava a esposa e que se comportava de acordo com esse sentimento.

– Claro, Matt – respondeu o padre. – Estou rezando por Elle e pela criança. E por você também.

Apertei sua mão e fui embora. Havia estacionado em uma rua lateral, para facilitar um escape rápido depois da missa. Freeport sempre fora o que havia de mais refinado em New England, ao lado das quintas e casas vitorianas, até as lojas sofisticadas chegarem à cidade onde havia apenas um comércio real, a L. L. Bean. Agora havia se tornado uma cidade pequena com oportunidade de comércio para todos. A três quadras da rua principal, entrei no carro e fui para casa, a seis quilômetros e meio de distância, onde a América rural ainda se mantinha às antigas.

Estacionei no celeiro, pois não pretendia demorar. Precisava de um pouco de ar fresco, um pouco de tempo, como dissera o padre Meehan, para escutar e conversar com Deus. O curioso era que Deus devia ser um sujeito poderoso mas silencioso, pois não me dizia muita coisa. Bem, para ser sincero, Ele não havia me dito nada.

Soltei um risinho abafado diante de meu próprio humor negro.

Seu silêncio também poderia ser um tipo de resposta, embora não fosse a que eu procurava.

O canteiro de Celina estava lotado de flores mortas. Cenário adequado para o meu sofrimento.

Teria de retirar as urnas e enterrá-las com a de Elle. O pedido fora feito há cinco anos, e nunca mais o assunto viera à tona. Mas sabia que Elle também não mudara de opinião quanto a ele.

Não fora à quinta para refletir sobre o enterro de Elle, mas era o que teria de fazer. A função renal chegara ao mínimo e seria agravada pela gestação. O estado de Elle se complicava. Sentei-me no gramado e contemplei o jardim. Não a deixaria ali. Elle seria enterrada perto da mãe, no pequeno cemitério da família, que ficava sob as copas de pinheiros da floresta que ela tanto amava, e nossos filhos ficariam com ela.

Posso mudar de assunto e ser mórbida por um minuto?, Elle perguntara naquele dia na praia. Ela se preparava para ir ao espaço, uma espécie de paraíso para seus olhos.

Nunca havíamos conversado sobre o seu local desejado para o repouso eterno, apenas que Celina teria de ficar com ela. E, claro, Dylan também.

Atravessei a campina e fui para a mata. Dez minutos depois cheguei ao cemitério da família, na cumeeira. Não estivera ali durante o ano todo, por conta de um verão chuvoso. Encontrei o local malcuidado e solitário. Alice fora enterrada lá. A avó de Elle morrera em um acidente de carro quando Alice ainda era criança. O avô falecera no verão em que Elle e eu havíamos nos apaixonado. As demais lápides traziam nomes que para mim nada significavam. Já Elle os sabia de cor desde que era pequena.

Ainda podia vê-la ajoelhada naquele cemitério, afastando dos olhos os cabelos loiros muito claros, preparada para limpar o túmulo da avó. Aos nove anos, Elle era uma garotinha intelectualmente precoce.

– É tão trágico – ela dissera. – Tudo o que minha avó deixou foi um epitáfio. Minha mãe nem se lembra dela. Algumas palavras em uma lápide não representam muita coisa.

Era uma reflexão estranha para uma menina daquela idade, e não esqueci aquelas palavras. Elle era intrigante, embora na época eu não entendesse isso. Afinal, ela era apenas minha vizinha e boa companheira de brincadeiras. No entanto, tratava-se de uma garota, e eu ainda não havia parado de odiar garotas, pelo menos publicamente.

Em silêncio, Elle cruzou o gramado sem pisar nos túmulos demarcados, como se temesse irritar um fantasma. Depois observou as palavras escritas nas pedras dos ancestrais, uma a uma.

– Todas as mulheres de nossa família morreram antes dos quarenta anos. Veja esta. É uma das mais velhas.

Alguns anos depois, a mãe de Elle morreu de câncer, com quase quarenta anos.

E agora Elle, a quem eu perdera tão cedo.

No silêncio da manhã, fiquei parado naquele local deprimente. Um cemitério familiar com pedras cobertas de líquens que ornamentavam a morte. Existências femininas ceifadas, todas mortas muito jovens.

Eu não era mais o garoto fascinado pela menina de cabelos platinados chamada Elle. Era seu marido e, por mais desolador que fosse, teria de enterrá-la ao lado da mãe e das avós. A história se repetia. As mulheres daquela família morriam no auge da existência. E eu estava determinado a não deixar que um epitáfio fosse o único legado de Elle.

As árvores não permitiam a entrada de muito sol, e ali cresciam plantas que apreciavam a sombra. As dicentras formosas floriam na primavera e as hostas, no fim do verão. Seria um jardim em homenagem a Elle, que adorava flores. Nos fundos, o sol penetrava próximo à cerca. Mesmo que tivesse de derrubar uma ou duas árvores para permitir a entrada de luminosidade, eu o faria.

– Por favor, meu Deus. Quando o pior acontecer, tome conta de Elle. – Andei pelo chão coberto por uma manta de carumas. Deitei-me no solo úmido onde Elle descansaria e me permiti chorar à vontade. Não havia consolo na promessa do paraíso ou da graça eterna. Não havia naquele momento, e talvez nunca houvesse.

– O que o Senhor quer de mim? Quer que o agradeça por isto? Tirar de mim a única pessoa em quem eu acreditava vai fazer com que eu me aproxime da fé?

Minha fé era em Ele. Fé no nosso amor, que deveria ser duradouro como a luz de uma estrela distante que cruzava os espaços vazios do tempo.

O tempo que não tínhamos.

– O tempo que nos foi roubado! – gritei.

Estava furioso com Deus, se é que Ele existia. E, pela primeira vez, talvez em toda a minha vida, tive certeza de que sim, Ele existia. Coisas que eu não conseguia explicar fervilhavam em minha cabeça. Os planos de Deus. A crença Nele. Os milagres. Lázaro. Deus amava o mundo. Ressurreição. Cristo.

Mas eu precisava dela. E o bebê precisava de mim.

– Por favor, Deus – sussurrei. – Por favor.

43

Dia 26

Clint Everest mexeu-se no banco de testemunhas.

– O sangue da mãe coagula, impede a circulação para a placenta, e o bebê não sobrevive. Durante a gravidez, essa é uma patologia básica, e é assim que a síndrome antifosfolipídica prejudica a gestação.

– Provavelmente foi o que aconteceu com Elle Beaulieu da última vez? – perguntou Jake.

– Nesse caso não houve a síndrome. Nós a tratávamos com heparina, um medicamento anticoagulante. A síndrome, quando diagnosticada e tratada, não leva à perda do bebê.

Nas palavras de Clint estava implícito que Elle, com graves ferimentos cerebrais, poderia perder a criança. Santo Deus, Elle sequer conseguia piscar. Antes de sair do hospital, vi a enfermeira passar pomada nos olhos dela para prevenir o ressecamento.

Clint e Jake explicavam as questões básicas que podiam complicar a gestação de Elle. A APS era perigosa para ela ou apenas para o bebê? Sim. Talvez. Ainda não. A APS poderia paralisar qualquer órgão. Claro que os danos cerebrais poderiam fazer o mesmo, o que seria o mais provável.

Odiei toda essa dança de palavras no tribunal. Queria me levantar e fazer o juiz entender que meu filho, ou filha, tinha o direito de lutar pela vida sem Jake, sem Clint, sem intervenção de ninguém.

Prestei atenção nas nuances do testemunho, nas reações do juiz e nas palavras-chave. Havia duas formas de doença, a básica e a catastrófica. Elle tinha APS, básica, mas *catastrófica* era um termo com grande apelo. Em catástrofes como terremotos, enchentes e

tornados, não deixamos o sobrevivente retirado milagrosamente dos escombros em observação até uma semana após o ocorrido? Pois bem, eu revirava os escombros da vida de Elle, tentando salvar nosso filho. O filho dela. Meu filho.

– Mesmo que Elle desenvolvesse a forma catastrófica, haveria tratamento? – Jake perguntou.

Elle já vinha sendo tratada preventivamente.

– Qual a probabilidade de a forma catastrófica causar a morte de Elle antes de o bebê estar em condições de nascer?

– Não temos dados concretos sobre o percentual de morte por APS na gravidez – explicou Clint. – Com isso, há um grande risco de ocorrer a pré-eclâmpsia, ocasionando um nascimento prematuro. Os coágulos podem se formar nas pernas ou nos pulmões.

– Isso constitui um fator de risco?

– Sem dúvida – Clint afirmou.

– Obrigado. É tudo. – Jake sentou-se para cochichar comigo. – Vou conseguir reverter qualquer argumento do advogado de sua mãe.

Se ao menos houvesse como reverter também o estado de Elle...

– Senhor Klein, alguma pergunta ao doutor Everest? – perguntou o juiz.

– Sim, Meritíssimo. – O advogado de minha mãe levantou-se e deixou dois lápis em cima dos papéis como se fossem baquetas. – Doutor, durante a última gravidez de Elle, que terminou em dois de fevereiro deste ano, houve complicações decorrentes da APS, certo?

Clint olhou para as mãos.

– Elle deu entrada na UTI, onde ficou dois dias por ter perdido muito sangue, mas não creio que tenha sido consequência direta da APS. Ela vinha tomando agentes anticoagulantes. Inesperadamente, entrou em trabalho de parto prematuro e deu à luz em casa. E teve hemorragia devido aos anticoagulantes.

– Na verdade, Elle quase morreu por causa da hemorragia, não foi?

Inspirei fundo, lembrando. Naquela noite, no chão da cozinha, vi mais sangue do que em toda minha vida profissional.

– Você está bem? – perguntou Jake, e pôs a mão em meu ombro.

Fiz um gesto afirmativo de cabeça e procurei prestar atenção ao que se passava no tribunal. Virei-me para o lado e vi minha mãe com o olhar fixo em mim. Ao contrário de Jake, não parecia preocupada, mas me acusava em silêncio.

– Sim, a hemorragia poderia ter sido fatal.

Fui com Jake até um dos arranha-céus de Old Port. O exterior de aparência contemporânea contrastava com a decoração dos escritórios internos, semelhante à de um clube de cavalheiros. Livros de direito encadernados em couro preenchiam as prateleiras.

– O interrogatório não produziu resultado satisfatório, não é? – perguntei.

Jake ainda não estabelecera as avarias causadas pelo interrogatório de Klein e, inquieto, não pude ficar parado enquanto revisávamos as duas horas passadas. Andei de um lado a outro no amplo espaço entre a escrivaninha de Jake e a mesa de reunião do outro lado da sala.

– Poderia ter sido pior – ele contemporizou. – Se Elle não tivesse desenvolvido pneumonia ou problemas renais poderia ter sido melhor.

– Klein fez parecer como se Elle... Que droga, tudo o que ele fez Clint dizer é pura verdade. Foram vinte e seis dias terríveis em que Elle teve pneumonia e problemas renais. Precisamos de mais catorze semanas, no mínimo. Vinte semanas seria melhor. A APS pode matá-la, ou o bebê...

– Chega. Entendo que você esteja preocupado com as mudanças no estado de Elle. Mas o aspecto legal mais importante é o que Elle desejaria que fosse feito. Não temos grandes evidências que nos beneficiem quanto a isso. Precisamos de algo documentado mais substancial que confirme sua alegação. Encontrou alguma coisa nos diários?

– Nada além do que você já sabe. Decidi lutar por meu filho, baseado em conversas que tivemos ao longo dos anos.

Jake fitou as mãos.

– Precisamos de mais indícios. Estamos perdendo tempo. Você tem de deixar que eu te ajude com os diários.

Não pretendia contar a Jake que Elle ou minha mãe haviam seguido os preceitos do Anjo da Morte. Ele poderia considerar aquilo uma confissão de matricídio.

– Não sei o que aconteceu com os primeiros.

– Matt...

– São assuntos particulares. – Fitei Jake, o semblante sombrio. – Além disso, não creio que haja nada de interessante neles.

– Sua vida já está nas principais páginas dos jornais em todo o mundo. Neste caso, sugiro que esqueça a Primeira Emenda, que lhe garante o direito à privacidade, e me deixe ver os escritos de Elle. – Jake deu um sorriso sugestivo, deixando no ar que a menção à Primeira Emenda fora mera brincadeira.

Sacudi a cabeça, negando.

O telefone fixo tocou, e Jake levantou o receptor.

– Sim, falarei com ela... Doutora Clarke, esperamos que testemunhe em trinta... – Uma pausa. – Entendo. – Jake deu a Blythe o número de telefone do tribunal e pediu a ela que ligasse assim que estivesse livre.

– O que houve? – indaguei.

– Ela está retida atendendo a uma gestação complicada. Uma paciente deu entrada no hospital em trabalho de parto prematuro, ou algo assim.

– Ela não vai poder ir ao tribunal?

– Não. E eu queria que a doutora Clarke testemunhasse antes de você. Precisamos dessa artimanha... O juiz vê o ultrassom do bebê. Depois nós o bombardearemos com o tamanho de seu amor por Elle e o quanto os dois queriam um filho – Jake me explicou enquanto colocava em ordem o seu arquivo. – O que dará ensejo para o assunto da responsabilidade legal sobre o feto. A escolha do momento é importante; de outro modo, pode parecer um ato de desespero. Temos de jogar uma cartada certa.

– Como assim?

– Depois que eu te interrogar, chamarei o padre Meehan. A Igreja Católica professa que a vida se inicia na concepção. Você e Elle são

católicos. Portanto, a luta por esse bebê torna-se parte de seu direito constitucional de praticar sua religião. Em seguida, pedirei ao juiz que lhe garanta a guarda do nascituro, a proteção de uma vida. Ao mesmo tempo, será uma ação em benefício de Elle, que teria desejado proteger o filho, exercendo o poder da prática religiosa. Ele pode até afirmar que tudo é meio obscuro, porém é constitucional. No mínimo, dará oportunidade para um apelo. Podemos também basear o apelo na diretiva prévia de vontade do Texas. Não há outra forma de o juiz considerar isso. No Texas, a lei proíbe a remoção dos aparelhos que mantêm viva a gestante. Se o apelo falhar, podemos pedir uma revisão judicial. E isso é tudo que precisamos. Se o caso for apresentado na Suprema Corte, teremos o tempo necessário para que o bebê vingue.

– E se a Suprema Corte negar o pedido de revisão?

Jake sorriu e meneou a cabeça.

– Nunca disseram que você se preocupa demais? Confie em mim. Eu já não falei que venceremos? Vamos voltar para o Tribunal e ver o que podemos fazer em relação à ausência da doutora Clarke.

– Mais uma coisa. Esqueci de contar que recebi uma carta de Carol Wentworth. Lembra dela? – perguntei.

– Claro que sim.

Entreguei a carta para Jake por cima da mesa.

Ele a examinou.

– O procurador-geral dos Estados Unidos?

Cinco anos antes do acidente

Tirei Carol de minha vida sem querer e sem acreditar em minha própria atitude. Para ser sincero, achei que ela e eu pudéssemos ter um relacionamento baseado em respeito mútuo. Nós nos dávamos bem. No entanto, disse à minha noiva que havia encontrado Elle no Maine e que aquelas poucas horas com minha amiga de muitos anos tinham lançado dúvidas sobre a decisão de me casar. Carol não precisava saber do restante. Se confessasse que havia beijado Elle, aliviaria minha consciência, mas iria magoá-la.

Era evidente que eu poderia citar uma dezena de razões para me casar com Carol. Emocionalmente, minha ligação com Elle acabaria com esses motivos um a um. Tratei de convencer a mim mesmo que essa conexão não passava de uma lembrança da infância e de desejo, como Elle afirmara.

Não deu certo. Eu a amava.

Nos meses seguintes, Elle se distanciou, demonstrando desapego. Se conversávamos ao telefone, ela evitava falar de si. Na verdade, ela nem mesmo perguntava sobre a minha vida pessoal. Comentávamos sobre nosso trabalho. Se eu mencionava Carol, Elle encontrava motivos para se despedir. Disse a mim mesmo que estávamos nos afastando em virtude de meu casamento. Todavia, odiava pensar que o matrimônio significasse cortar relações com Elle. Ou pior, talvez fosse ela quem se afastasse por causa dele.

Em dezembro, Phil Grey me ligou no trabalho e perguntou se poderíamos marcar um encontro enquanto estivesse em Manhattan.

Eu me encontrava de plantão no final de semana e no primeiro horário da segunda-feira ele veio ao meu encontro no hospital. Cumprimentamo-nos com entusiasmo.

– Você não me contou que no Maine o inverno começava em primeiro de novembro.

– Pode acreditar – respondi. – Você não verá inverno de verdade até fevereiro ou março.

– Em março é primavera.

– No Maine, primavera é em maio.

– Então, você não está mesmo interessado em trabalhar comigo? – Phil apontou a porta. – Vamos tomar um café e conversar. Eu pago.

Em um restaurante próximo ao hospital, Phil desfiou uma lista de razões pelas quais desejava que eu me associasse a ele assim que terminasse a residência. Uma delas era o membro mais novo da sociedade ter morrido três meses após o ingresso de Phil no grupo. A outra era o médico que o substituíra ter sido diagnosticado com um precoce mal de Parkinson, o que o impedia de operar há quatro meses. Phil fizera todas as cirurgias desde que se mudara para o norte. Em resumo, era o único cirurgião. Ele podia aguentar mais um pouco, mas não para sempre. Apesar da brincadeira sobre o tempo, Phil e a esposa adoravam a região. Ela estava grávida, e era no Maine que pretendiam constituir uma família.

Disse a ele que Carol teimava em não sair de Nova York. Phil sugeriu que conversasse de novo com ela. Eu era sua primeira opção, e Phil me concedeu uma semana para decidir.

Sete horas depois, Carol entrou no quarto e acendeu a luz.

– Você não pretende dormir o dia inteiro, não é? – perguntou.

Eu a segurei pela cintura e a puxei para a cama. Beije-a com sinceridade e grande dose de desejo.

– Passei boa parte do dia pensando sobre nós. Phil Grey veio falar comigo pela manhã.

– Phil? Como ele está? Espere, já sei. Ele enjoou daquela cidade pequena e entediante, e está em Nova York à procura de trabalho. – Carol se desvencilhou e foi até o *closet*. – Pegue. – Ela jogou em minha direção uma camisa passada. – Vamos jantar com meus pais esta noite, está lembrado?

Imóvel, observei-a tirar a roupa.

– Vamos brincar um pouco na cama – convidei.

Carol sorriu e me analisou.

– É tentador – disse ela –, mas não podemos demorar. O prefeito vai estar lá.

Esfreguei os olhos e bocejei. Nós já havíamos encontrado o prefeito antes. Na primeira vez, me sentira lisonjeado por conhecer uma pessoa tão ilustre. Na segunda, discordara dele várias vezes, o que não deixara nada satisfeitos nem Carol nem o pai. O prefeito era visitante assíduo dos Wentworth e, ainda que tivesse poder e *status*, não era mais interessante que alguns dos meus pacientes e suas famílias. Eu me aborrecia com o fato de Carol ter necessidade de cortejar os poderosos.

Levantei-me e peguei uma calça de moletom.

– Não quero ir lá hoje. Precisamos conversar.

– É muito importante? Aceitamos o convite.

– Quantos convidados vão estar presentes? Dez? Vinte? Nem notarão nossa ausência. – Aproximei-me por trás para lhe beijar a nuca, um dos lugares mais sensíveis de Carol. – Escute, Phil me ofereceu um cargo em Portland, e a perspectiva me agrada. Fiz um levantamento e há poucos cirurgias pediátricas na região. Você poderia...

– Matt, já conversamos sobre isso. Não vou me mudar para o Maine.

– Sem discussão? Você não quer nem considerar a possibilidade de irmos para Portland? É uma cidade pequena, mas muito bonita. Tem um museu de arte...

– Você não pode estar falando sério. Sou nova-iorquina. Claro que o Maine é uma região bonita. Mas para um final de semana, como turista. Não quero morar lá. Visitas, férias, tudo bem. Mas não vou me mudar para lá para exercer a medicina.

– Eu gostaria que, desta vez, você considerasse a questão um pouco mais. Tudo o que você consegue em Nova York pode conseguir lá também.

– Entendo que está falando sério, mas eu também estou. Amo a energia de Nova York, seu povo, sua diversidade. Tudo ao lado da

sua porta. Não quero viver em uma cidade pequena. Não posso. As pessoas que vivem em cidades pequenas têm mentalidade muito estreita.

– *Eu* cresci em uma cidade pequena e *minha família* mora em uma cidade pequena.

Carol soltou um suspiro profundo e se sentou na beirada da cama.

– Não pretendia generalizar, nem me referi à *sua* família. E muito menos pensei em você. Além disso, você está fora de lá há muito tempo. Você é brilhante, além de ser um colírio para os olhos.

Carol era elitista e insultara pessoas e lugares que me agradavam. Ela me beijou, mas eu me afastei.

– Por favor, vista-se – disse Carol, com o queixo erguido. – Não quero me atrasar para a festa dos meus pais. Depois, se quiser, eu faço você se lembrar de como sou indispensável na sua vida.

A palavra *indispensável* ecoou em minha cabeça. Quem era indispensável para mim? Minha família. Carol. Elle. Não necessariamente nessa ordem. Com certeza não os pais de Carol e seus jantares com amigos endinheirados da alta sociedade. Os pais de Carol eram educados e gentis, mas nunca expressaram um afeto verdadeiro por mim. Talvez por Carol, pois se orgulhavam dela. Carol era um reflexo deles, e eu seria apenas um marido aceitável para a filha por ser formado em uma escola da Yvy League, um neurocirurgião. Mas eu não tinha nenhuma intimidade com eles.

– Esta noite eu não vou. Diga a eles que estou exausto ou que ficarei de plantão. O que achar melhor. Se você não pensa sequer em considerar a mudança para o Maine comigo, também não quero fazer sua vontade. – Vesti uma camisa e um moletom com capuz e saí do *loft* de Carol.

Carol e eu não conversamos por alguns dias. Ela não falava comigo porque eu a enfrentara. Por outro lado, comecei a pensar no que eu desejava mais: Carol ou o cargo no Maine.

Telefonei para Elle, e a secretária eletrônica me atendeu. Liguei para Mike. Meu irmão me aconselhou a não tomar decisões precipitadas. Telefonei então para Phil e pedi mais tempo.

Ele estendeu o prazo até primeiro de janeiro.

Carol e eu havíamos programado passar o Natal no Maine. Na verdade, eu ia para casa, e ela me acompanharia para esqui. Entendi que seria sempre assim: para Carol, o Maine era um destino de lazer, e não de afeição. Em Nova York, viveríamos no estilo de vida dela, e eu acho que acabaria me acostumando. Para ser honesto, morar em Nova York, para mim, não seria o fim do mundo.

Mas, se eu quisesse mudar alguma coisa, teria de agir logo. Por isso, assim que chegamos no Maine, deixei Carol com minha mãe para as duas visitarem as lojas locais. Fui ao consultório de Phil, conheci Welsh, de quem gostei de imediato, e aceitei a oferta deles.

Não contei nada a Carol. Decidi esperar até chegarmos em Nova York. Ela teria seis meses para se acostumar com a ideia. Caso contrário, um de nós teria de ceder. Eu ficaria em Nova York, ou ela iria para o Maine, ou desmancharíamos o noivado.

Depois de muitas discussões e poucos meses antes da cerimônia, diante de uma pilha de convites de casamento, meneei a cabeça em negativa.

– Carol, se nem ao menos quer fazer uma tentativa, acho melhor não enviar esses convites.

Carol torcia as mãos.

– Você prefere um trabalho no meio do nada a mim?

Pigarreei.

– Pois está claro que você já decidiu. Prefere Nova York a mim.

Carol se virou e cruzou os braços.

– O que você espera que eu diga pra todo mundo?

Não saberia precisar se ela estava enfurecida ou apenas um pouco abalada. Embora não quisesse fazê-la sofrer, precisávamos romper os laços antes que a situação se tornasse desastrosa.

– Diferenças irreconciliáveis – concluí. – Não queremos o mesmo tipo de vida.

Quatro anos antes do acidente

O restaurante Galveston era decorado com cabanas e motivos polinésios, inclusive réplicas dos famosos *tiki*, as grandes esculturas em madeira de rústicas formas humanas masculinas. Hank, responsável pela extravagância, reservara o pátio para a reunião dos clãs Beaulieu e McClure. Os filhos de meus irmãos corriam para todos os lados e bebiam água de coco, ou melhor, esguichavam água de coco nos demais, causando uma desordem generalizada e inconveniente para um espaço público. Enquanto isso, os adultos se reuniam em volta de uma mesa com a extensão de uma piscina olímpica, de onde podia se observar a bela praia.

No período que antecederia o voo espacial de Elle, minha família decidira assistir ao lançamento. Qualquer desculpa para alguns dias de folga na Flórida parecia uma maravilha no final do inverno no Maine.

Ele nos informara que deveria ficar em isolamento na semana anterior ao voo, no Johnson Space Center. Até mesmo um simples resfriado era uma péssima notícia para um astronauta em órbita.

– Eu pretendo acenar da rampa de lançamento, mas a última vez que poderei ver vocês pessoalmente será antes de eu entrar em isolamento – disse Elle.

Após essa conversa, Hank sugeriu que o evento de comemoração fosse realizado no Texas. Algumas pessoas acharam que Houston não seria tão divertido quanto a Flórida. Hank sugeriu, enfim, uma praia no Golfo do México.

– Praia é sempre praia – argumentou. – E, no final de abril, teremos um pouco de sol.

Então, poucas semanas depois de ter rompido com Carol, eu observava o Golfo. Ainda não contara a novidade para ninguém. Não estava com pressa. Ele deveria ser o centro de todas as atenções, e eu também não pretendia ser importunado com perguntas piedosas e outras nem tanto.

As plataformas petrolíferas assomavam no horizonte. O ar quente e sereno era um convite a um cochilo, mas eu estava ansioso para ver Elle.

Mike sentou-se na cadeira vizinha à minha e me deu um tapa nas costas que quase me mandou para o chão.

– Então seu casamento será em quatro meses, hein? Quer uma *stripper* para a despedida de solteiro? Como seu padrinho, tenho de planejar tudo. Espero contar com um tempo extra, pois a festa será em Nova York.

Engasguei. Entendi de repente que eu teria de dar a notícia na manhã seguinte, para ninguém fazer planos nem, pelo amor de Deus, comprar presentes de casamento.

– Não... não se preocupe com a festa – gaguejei. Aquela era a noite de Elle e, como Carol jamais planejara comparecer à reunião, pareceu-me razoável deixar o assunto para mais tarde.

Naquele instante, meu sobrinho de quatro anos interveio a meu favor e agarrou a camisa de Mike.

– Papai, venha ver um pássaro.

As crianças estavam fascinadas com um pelicano parado próximo ao deque.

– Creio que tenho de bancar o pai agora. Vamos? – convidou Mike.

– Claro – aceitei.

Mike pôs o filho sobre os ombros e fomos até a amurada para ter uma visão melhor. Quinze minutos depois, Elle chegou, usando um vestido de verão azul e branco sem mangas. A animação a fazia brilhar com extrema graça. Era a realização de um sonho de muitos anos. Sorrindo, cumprimentou a todos com o olhar.

– Vocês sabem que vou apenas fazer uma viagem a trabalho, certo? Nada de mais...

Eu a cumprimentei de longe, e Ele fixou o olhar no meu, como se partilhássemos de um segredo só nosso. Sempre fora assim. Nós dois isolados do mundo, embora rodeados pela família.

Em sua homenagem, cada convidado fez um brinde ruidoso, até chegar a vez do irmão, que viera com a namorada. Christopher levantou-se e ergueu a taça.

– À minha querida irmã, que sempre me apoiou. Queria perguntar se você me faria um grande favor.

– Grande, é? – Ele olhou para os lados. – Bem, talvez fosse melhor saber do que se trata. Da última vez que me pediu um grande favor, acabei fazendo um trabalho acadêmico em seu lugar.

Risadas espocaram. Christopher era inteligente, mas não se comparava à destreza acadêmica da irmã. Ele fitou a namorada como quem se desculpa.

– Este é um dos meus momentos de maior orgulho. Arianne e eu esperamos que você aceite ser nossa madrinha de casamento. Vamos nos casar.

Ele espantou-se, mas, em seguida, deu um pulo de alegria e correu para abraçar os noivos.

– Oh, meu Deus, é verdade?

Talvez fosse dor de cotovelo de minha parte, mas pensei como a cena era típica de Christopher. Ele esperara a vida toda por aquele momento. Deixara a escola de lado para cuidar do irmão quando ela mesma não passava de uma criança, e, mais uma vez, Christopher, de maneira egoísta, roubava o foco das atenções.

– Espere um pouco. Você disse “madrinha”, mas o normal não seria você arranjar um “padrinho”? – Ele estreitou os olhos. – Sei que não posso usar vestido com a gravidade zero, mas estou usando um traje feminino esta noite, e gostaria de ir com algo assim ao casamento! Eu mereço, não?

– Quero apenas que esteja ao meu lado; você vai ser minha *madrinha* – disse Christopher.

– Também não posso fazer isso em um local com gravidade zero.

Ele fingiu que a estrangulava.

– Você pode usar um vestido ou até uma fantasia de macaco, desde que prometa ir ao casamento. – Christopher soltou seu

pescoço e lhe deu um beijo no rosto. – Por favor.

Ele o abraçou.

– Claro que sim, irmãozinho. Não perderia a ocasião por nada.

Talvez Christopher pretendesse apenas fazê-la jurar que voltaria à Terra, e eu queria que Ele mantivesse a promessa. Mas, depois do anúncio, ninguém mais falou da proeza dela. Os vivas foram para ele. As conversas continuaram por um bom tempo, entusiasmadas.

Fui um dos últimos a me despedir e aproveitei para um abraço rápido.

– Da próxima vez em que nos encontrarmos, você vai estar nos anais da história, Pip.

– A Nasa só publica esse tipo de coisa quando acontecem acidentes. Conte-se apenas em me desejar boa sorte.

– Boa sorte – murmurei, mas na verdade era mais uma prece.

– Não quer me fazer companhia e andar comigo na praia? Tenho de ficar acordada até tarde. Estamos tentando mudar nossos ciclos de sono por causa do voo.

– Claro que sim – aceitei sem pestanejar.

Atravessamos a rua e descemos os degraus até a praia. Ele tirou as sandálias e as pegou pelas tiras.

– Que festa! Nem acredito que sua família veio em peso.

Eu a imitei. Tirei meu mocassim e senti a areia grossa sob os pés.

– Você é uma astronauta de verdade. Todos queriam te cumprimentar. Estou surpreso por Adam não ter vindo.

Ele parou por alguns segundos e retomou a caminhada.

– Só encontro com ele no trabalho. Acho que ele está com outra, o que facilita as coisas. – A expressão pensativa me fez imaginar se ela sofria, o que ressuscitou meu monstro interior.

– Está saindo com alguém? – A ideia de outra pessoa a seu lado não me agradava nem um pouco.

Ele passou a língua no lábio inferior.

– Tenho estado muito ocupada.

– Mas também não é preciso se afastar tanto – retruquei. – Estou esperando você responder ao meu recado telefônico há... *duas*

semanas.

Ele me empurrou.

– Preciso me concentrar em minhas tarefas, mas fico satisfeita de ver que está tudo bem com você.

– Não tem outro jeito. – Sem pensar, abracei-a pelo ombro e a beijei na testa.

Ele se encolheu e cruzou os braços como se eu tivesse passado dos limites.

– Você vai se casar. Pare com isso. Preciso voltar.

– Elle... – Foi apenas um segundo de indecisão antes de eu lhe contar tudo. – Não vou me casar. Carol e eu desmanchamos há duas semanas. Aceitei o cargo no Maine, e ela não quis se mudar para lá de jeito nenhum. Como também havia outros problemas, acabamos com tudo.

Ele me olhou, piscando. Percebi um leve sorriso em seu rosto.

– Por que não me disse antes?

Desviei o olhar.

– Não contei nem para minha mãe. Não quis roubar o brilho de sua homenagem, como seu irmão fez.

– Ah, Chris nem pensou nisso. – Elle tocou meu cotovelo. – Você está bem?

– Sim, claro. – Segurei a mão dela, acariciei-a e recomeçamos a andar.

Ali estávamos nós, sem raiva nem amantes entre nós, e eu não queria de maneira alguma falar sobre Carol.

Uma hora mais tarde, diante do seu quarto de hotel, ainda conversávamos. Ele se encostou no batente da porta que abria, e eu me senti constrangido. No quarto dela, percebi o usual. Cama, mesa de café, armário, sofá e frigobar.

– Vamos jogar cartas? – ela convidou.

– Só se você não trapacear.

– Eu não faço isso!

– Você marca as cartas, e poderia ser expulsa de Las Vegas por isso.

Ele estreitou os olhos.

– É uma estratégia, seu bobo. Tenho boa memória. Se quiser, pode me processar. Não vamos jogar vinte e um.

– Está bem. Que tal *strip* pôquer? – Arqueei as sobrancelhas e passei por Elle. Não falava a sério, mas me pareceu uma boa abordagem de recomeço.

Ela soltou uma risada.

– Esta noite não tenho disposição para algo tão arriscado.

Bem, talvez eu estivesse bastante mal-intencionado.

– Apenas porque você não está tão certa de que pode vencer.

Ele meneou a cabeça.

– Então jogaremos *rummy* – sugeriu.

Sentamos à mesa. Fui o primeiro a distribuir as cartas. Depois de doze rodadas, tinha somado dez pontos a mais que ela. Na certa Elle me deixava ganhar para provar que *nunca trapaceava*. Já era tarde, mas eu não sentia vontade de ir embora. Recostei-me na cadeira e a observei avaliar a jogada. Ele adicionou uma rainha de copas e descartou um ás. Depois se levantou e pegou duas sodas.

– Saúde.

– À sua missão. Nove dias e... quantas horas? – indaguei.

Ela consultou o relógio.

– Duzentas e dezenove horas e doze minutos. Mas quem está contando?

Ele subiria amarrada a um bastão de dinamite. Na minha opinião, o ônibus espacial poderia ser comparado a uma bomba nuclear, com seu meio milhão de galões de combustível para foguetes pronto para detonar. Fiquei em pé e a abracei. Quis tentar mais uma vez convencê-la a desistir. Precisava dizer a ela que eu não sobreviveria se o *Atlantis* explodisse na decolagem, como o *Challenger*, ou se desintegrasse, como o *Columbia* no retorno à Terra.

– Sempre soube que você conseguiria – disse, e era a mais pura verdade.

Ele sorriu, e pequenas rugas se formaram ao redor de seus olhos. Desde quando ela se tornara adulta para ter aquelas marcas sutis?

Como sempre fazia quando a elogiavam, mudou de assunto:

– Quem diria que meu irmãozinho vai se casar?! Arianne é um amor, mas ele é tão jovem.

Passei o dedo no tecido que cobria o ombro de Elle.

– Não quero falar sobre Christopher.

– Ainda bem que eles me contaram. Já imaginou se a missão fracassar?

– Não vai acontecer nada – disse, mais para mim mesmo do que para ela. – Você está com medo?

– Um pouco, mas não conte pra ninguém. – Elle entrelaçou os seus dedos com os meus e encostou o ouvido em meu peito, como se quisesse escutar meu coração. – Ficarei bem. Mas... estou planejando uma transição radical. De um ônibus espacial para uma cadeira de balanço. Depois desse voo, pretendo lecionar perto de casa. Espero conseguir dar aulas em Bowdoin. Quero ficar velha observando o entardecer da varanda da casa do meu avô, e, como você vai estar por perto, vou acabar ganhando no jogo de *rummy*.

– *Strip* pôquer – sussurrei para o topo de sua cabeça.

– Está tentando me seduzir de novo? Depois de receber um convite para madrinha, que deveria na verdade ser um *padrinho*, suponho que eu devesse agradecer.

– Não se preocupe. Você é muito sexy; jamais poderia ser confundida com um padrinho. – Deslizei a mão pelo vestido e senti as curvas através dele.

– Se você acha que isso é sexy, precisava me ver no uniforme espacial. – Ela se afastou e piscou. – É um traje que esquenta e incomoda.

– Imagino. – Peguei o baralho da mesa e o abri, como um crupiê de Las Vegas. – Com certeza, eu a prefiro nua. Vamos, uma rodada de pôquer. Quem perder tira tudo. – Eu me permiti uma rápida avaliação do corpo de Elle.

Ela enrubesceu. – O que está fazendo? Esse é um daqueles jogos de verdade ou desafio? Alguma piada?

Considerarei com cuidado as palavras da resposta que daria.

– Não é uma piada nem um jogo; bem, talvez seja um pouco. Na verdade, eu só queria deixá-la à vontade e fazê-la rir um pouco. Mas você também deve saber que eu nunca a levaria para a cama sem que houvesse outro significado. No verão passado você fez pouco caso do que houve entre nós, disse que tudo não passava de desejo.

Claro que era. Mas não só. Eu te amo, Elle. E não é só como amigo. Eu te amo muito mais do que você pode imaginar. – Pensei em ir embora. Não era a ocasião certa para avaliar nosso relacionamento. Por isso, dei-lhe um beijo no rosto. – Volte para mim em segurança. – Virei-me e me encaminhei para a porta.

– Espere. Você não pode ir embora depois de dizer uma coisa dessas. – Elle me segurou pelo cotovelo. – Diga o que está querendo.

– Muito bem. Aí está o desafio. – Inspirei fundo e expirei. Por que não dizer a ela? Fitei aqueles olhos verdes e cálidos. – Eu quero você. Quero outra chance. Sempre te desejei. Depois de tampar o sol com a peneira durante cinco anos, enfim tomei uma decisão. Vou aceitar as migalhas que você me der em forma de amizade. Posso lidar com isso, desde que você faça parte da minha vida. Agora é minha vez de perguntar: nossa amizade é suficiente para você? Preciso saber se existe alguma chance de você ainda me amar.

Elle ficou diante de mim completamente imobilizada, em silêncio, analisando meu rosto.

– Sim – confessou. – Ainda te amo. Oh, Deus. Eu te amava mesmo quando você deixou meu coração em frangalhos. Mesmo assim. Por favor, não saia por aquela porta. Não se case com outra pessoa. Por favor. Fique comigo, por favor.

– Ficarei, Elle. Eu quero ficar. Teria me casado com você quando eu tinha dezessete anos.

– Éramos muito jovens. – Elle se aninhou em meus braços.

– Agora não somos mais jovens – respondi, acariciando-lhe a cabeça.

– De maneira nenhuma. – Ela sorriu.

Ergui seu queixo e a beijei.

– Desta vez vai dar certo.

Não havia planejado assistir ao lançamento, mas agora teria de ir. Antes de voltar para Nova York na tarde seguinte, eu já telefonava em busca de favores. Precisava de tempo livre e, pela primeira vez, tudo parecia dar certo. Ou quase tudo. Antes do lançamento, os

astronautas encontravam-se com os cônjuges para uma última visita na casa de praia da Nasa, em uma faixa de quarenta quilômetros de oceano. Elle contou-me que se tratava de um local muito bonito, e queria que eu fosse. Mas a Nasa não permitiu. Alegaram que trabalhar em hospital me expunha a muitos agentes patogênicos que poderiam contaminá-la. Dessa maneira, só vi Elle a distância quando ela seguiu o comandante da missão até o ônibus que levaria a tripulação à plataforma de lançamento. Independente das brincadeiras de astronautas a respeito de fetiches, o traje de voo laranja não era tão sexy quanto o vestido de verão que eu tirara de Elle havia nove dias. Sorridente, ela procurava por mim na multidão. Quando nossos olhares se encontraram, bateu no peito com o punho fechado. Deus, como eu a amava.

A noite tranquila e estrelada era uma promessa de que o voo corresponderia às expectativas de Elle. Pensei na pequena Celina, o nome que significava deusa da Lua. Embora eu não acreditasse em deuses ou deusas, achei adequado que a lua cheia parecesse um holofote sobre a plataforma de lançamento.

Imaginei que, dentro da cabine espacial, Elle acompanhava a contagem regressiva. Os motores foram acionados e, no zero, o *Atlantis* começou a subir. Sentia o coração pulsar mais forte nos ouvidos que os próprios malditos foguetes de reforço. Não confiava neles. Eram eles que explodiam.

Mas não esses. O *Atlantis* ribombou para cima com graça espetacular. Esperamos nas arquibancadas até o ônibus espacial desaparecer no céu noturno.

Dez dias depois, enterrado na biblioteca de medicina o dia todo, só soube da novidade quando um amigo chamou no pager.

– Como você está, Matt? Tudo bem? – Uma pausa. – Acho que você não escutou. Houve um acidente terrível com o *Atlantis*. Está em todos os noticiários. Durante a caminhada espacial de Elle McClure, alguma coisa aconteceu. Eles conseguiram levar para dentro o outro astronauta, embora em estado grave, mas...

Sem ouvir mais nada, voei porta afora e deslizei pelo corredor do hospital em busca de uma TV e novas notícias e gravações. A realidade.

Tremia ao tirar o celular do bolso enquanto corria precipitadamente em um andar cirúrgico, e acabei por tropeçar no dr. Shah, meu supervisor.

– Calma, Matt. Está tudo bem?

– Tenho de descobrir o que aconteceu com o *Atlantis*.

A expressão de piedade atingiu-me em cheio.

– É verdade; você foi ao lançamento e conhece um dos astronautas.

Entrei no quarto de um paciente, um senhor idoso com uma máscara de oxigênio.

– O senhor se incomoda se eu ligar a TV? – perguntei, mas não esperei pela resposta.

– Nada de novo, exceto o astronauta que morreu – disse um homem depois de afastar a máscara do rosto. – Eles vão aterrissar em algum lugar da Suécia. Nem vão esperar para chegar no bom e velho solo americano. Parece que o outro astronauta não está bem.

Troquei os canais até achar a CNN. Vi a imagem dos astronautas no uniforme laranja cruzando a tela. O sorriso de Elle de relance.

– A doutora McClure era a especialista da missão – narrava o jornalista. – Jabert e McClure estavam há seis horas e meia em atividade extraveicular, quando um micrometeorito furou o traje espacial de Jabert. McClure percebeu o vazamento do gás e imediatamente tentou voltar à espaçonave com o colega. Não sabemos as condições da doutora McClure. Dizem que Jabert está em situação crítica. Eles devem aterrissar em vinte minutos. Prezado telespectador, se está ligando agora sua TV, saiba que o ônibus espacial *Atlantis* está se preparando para fazer um pouso de emergência em Arlanda, Suécia, depois de um micrometeorito ter perfurado o traje de um dos astronautas durante o trabalho de atualização do Hubble. Para melhores explicações, temos aqui Darlene Kruger, ex-engenheira da Nasa.

A mulher, com os cabelos puxados para trás em um coque sem graça, parecia a diretora de uma escola vitoriana para meninas ao

lado do âncora da CNN.

– Essa sempre foi uma das preocupações da Nasa, por isso minimizamos o tempo que os astronautas passam fora dos veículos – informou ela. – Ainda que o espaço seja um vácuo virtual, não é vazio. Partículas tão pequenas como fragmentos de pó viajam a velocidades superiores a sessenta quilômetros por segundo, passando por qualquer coisa que esteja no caminho. Para diminuir o risco, as roupas dos astronautas são revestidas com Kevlar e eles procuram trabalhar protegidos pela nave, mas, nesse caso, a cobertura do Hubble não foi suficiente.

– Adam Cunningham, representante da Nasa – o âncora anunciou –, fará um breve pronunciamento.

Adam subiu ao pódio. Eu não o via havia uns dois anos. O contorno do couro cabeludo recuara um pouco e ele parecia extenuado.

– Obrigado. Lerei um breve pronunciamento e elucidarei algumas questões. Às treze e vinte e três, a especialista da missão, doutora Elle McClure, astrofísica, e o doutor André Jabert, engenheiro aeroespacial, estavam em uma atividade extraveicular. Depois de completar os reparos no Telescópio Hubble, preparavam-se para o desengate. Acreditamos que um, ou talvez dois micrometeoritos tenham penetrado no uniforme espacial de André Jabert, deixando-o inconsciente. Ele usava um *jet pack*. Elle McClure, que estava amarrada, reconheceu a gravidade da situação, desamarrou-se e conseguiu levá-lo para a antecâmara antes que seu traje sofresse despressurização completa. A mídia relatou que Elle McClure foi deixada do lado de fora do ônibus e ficou flutuando no espaço. Não é verdade; não sabemos como ocorreu esse erro de comunicação. A astronauta está segura, dentro do *Atlantis*. Para sermos exatos, a portinhola externa *nunca* é fechada enquanto um membro da tripulação está do lado de fora, pois, em caso de falha no mecanismo, não haveria condições de recolher o astronauta.

Adam organizou as folhas que estavam diante dele e prosseguiu:

– Jabert está em situação crítica, com um grave ferimento no peito. O cirurgião de bordo está tentando mantê-lo em situação estável, enquanto o *Atlantis* se prepara para uma aterrissagem de

emergência. Médicos estão de prontidão em terra. A aterrissagem está marcada para as dezoito e quarenta.

Eu me deixei cair em uma cadeira vazia.

– Matt, está tudo bem com você? – perguntou o dr. Shah, preocupado.

– Elle está bem. Ah, sim, estou ótimo.

Dois dias mais tarde, via satélite, Elle parecia trêmula ao se aproximar de um pódio na Suécia. Ela usava uma camisa polo da Nasa e calça cáqui. Antes de se pronunciar, pigarreou.

– Sou a doutora Elle McClure, especialista da missão. Vocês conhecem a citação de Mark Twain, não é? As notícias foram tão exageradas a ponto de me darem como morta. Vocês também devem ter percebido que estou um pouco cambaleante. Ainda estou me reajustando à gravidade. Nada de extraordinário. Agora vamos ao que interessa de fato. Jabert está acordado e falando. Já brincou dizendo que a aterrissagem foi tão suave que ele mal se lembra dela. No entanto, posso assegurar que o restante da população jamais a esquecerá. Ocorreu o que a Nasa considera como um dos maiores fatores de risco para caminhadas celestes. A exploração espacial é um empreendimento com riscos inerentes, mas nós, que estamos envolvidos no programa, achamos que, apesar dos riscos, vale a pena. Somos apaixonados pelo trabalho e acreditamos na necessidade dele. Quando deixamos a atmosfera terrestre, cada um de nós leva consigo o amor pelo espaço. Embora alguns digam que arriscamos a vida, vejo isso mais como a missão do *Apollo 13*. Superamos os obstáculos e salvamos nossa tripulação. Fomos treinados para qualquer emergência e fomos capazes de completar nossa missão. Quando Andrew foi ferido, todos entraram em ação imediatamente, e o Hubble foi deixado em boas condições.

– Doutora McClure, você foi aclamada como heroína – disse um repórter com sotaque britânico. – A senhora se importa de comentar o assunto?

Elle deu uma risada, mas não pôde esconder o constrangimento.

– Heroína? Não. Fiz o que deveria ser feito, o que todos nós aprendemos a fazer. Toda a tripulação do *Atlantis* nos auxiliou. Nosso comandante fez um trabalho fantástico na coordenação do

resgate. O Hubble está funcionando e não me canso de repetir: estamos vivos. – Elle deu um sorriso largo e depois ficou séria. – Peço desculpas à minha família pela preocupação desnecessária.

– Falando nisso, a senhora já entrou em contato com seus familiares?

– Apenas com meu pai. Prometo que tentarei falar com os outros assim que puder. Matt, se estiver me escutando, em breve conversaremos.

– Matt é seu marido?

Elle sorriu.

– Ainda não.

Depois do acidente de Elle

Dia 27

A dra. Blythe Clarke informou que Paul Klein a entrevistara por quase três horas, atendo-se às minúcias do histórico médico de Elle. Mesmo acreditando que o advogado não obteria nenhuma revelação surpreendente de Blythe, eu temia o testemunho dela naquele dia.

Jake começou com as questões usuais, para estabelecer as excelentes qualificações de Blythe. Depois de revisar as gestações malsucedidas de Elle e o diagnóstico de sua doença autoimune, passou para a situação atual: o estado físico de Elle, a probabilidade de ela dar à luz um bebê... com vida.

Ele pôs em evidência – com alguns protestos anulados de Klein – o ultrassom do feto dando cambalhotas. Tive uma breve sensação de paz ao observar o vídeo de dois minutos de duração. Até minha mãe pareceu comovida. Ela procurou meu olhar, mas eu evitei o seu.

Jake sorveu um grande gole de água e se aproximou do banco de testemunhas.

– Doutora Clarke, a senhora poderia me contar a respeito da chamada telefônica que recebeu do doutor Beaulieu em dois de fevereiro deste ano?

– Sim – respondeu Blythe. – Como eu já revelei, por causa de meu relacionamento profissional com Linney e Matt, dei a eles o telefone de minha casa, o que raramente faço. Sabia que Matt estava muito preocupado com Elle e que não me telefonaria à toa. Na noite do dia dois de fevereiro, ele me ligou para dizer que Elle estava com problemas. Ela entrou em trabalho de parto prematuro, pois a bolsa

rompeu. A recomendação no caso de gestantes com APS é medicação com anticoagulantes durante a gravidez para prevenir coágulos sanguíneos anormais. Marcamos um parto antecipado, em geral na trigésima sexta semana, para evitar o grande número de complicações que ocorrem no final. Em princípio internamos a mãe no hospital e suspendemos os anticoagulantes, porque assim o sangue retoma a capacidade de coagular normalmente durante o parto. Em seguida, induzimos os trabalhos de maneira segura. Ele, no entanto, entrou em trabalho de parto enquanto tomava anticoagulantes e teve hemorragia.

Blythe fez uma pausa, e Jake pediu que continuasse.

– Matt me avisou que chamou uma ambulância e que o operador do número de emergência tentou lhe dar instruções a respeito de um parto normal, mas houve o prolapso do cordão umbilical, o que foi terrível.

– Doutora Clarke, essa é a evidência cinquenta e um. A senhora poderia identificá-la? – indagou Jake.

– É um diagrama obstétrico da procidência de um cordão umbilical.
– Blythe levantou-se e se aproximou de uma imagem de um corte transversal que fora colocado em um cavalete. – O cordão umbilical supre o bebê com oxigênio. Se o cordão sai antes do bebê, trata-se de uma emergência obstétrica, porque o bebê pode perder aquilo que o sustenta. No hospital, levaríamos Elle direto para o centro cirúrgico. Nós a teríamos anestesiado em cinco minutos e feito uma cesariana imediata. E, mesmo assim, haveria risco para o bebê. Matt tem alguma experiência em obstetrícia e verificou que o bebê estava em posição invertida. Outro problema. A apresentação pélvica tem maiores riscos por vários motivos que não vêm ao caso. Por fim, a hemorragia de Elle era muito intensa. Matt queria que eu lhe dissesse como proceder.

– E o que a senhora aconselhou?

– Ele deixou o telefone no viva-voz e pude orientá-lo. De imediato, soubemos que o bebê estava bem, pois o cordão umbilical tinha forte pulsação. Se pudéssemos levar Elle ao hospital antes do suprimento de sangue do cordão terminar, poderíamos salvar o bebê. Orientei Matt a evitar a saída da criança e empurrar

manualmente o cordão para cima do feto. Uma manobra um tanto rudimentar, mas ele tentou. Infelizmente, quando Elle teve nova contração, o bebê entrou no canal de nascimento e cortou o próprio suprimento de oxigênio. A gestante em trabalho de parto prematuro tem contrações muito rápidas e fortes, e não há tempo para aliviar a dor, sempre intensa. O cordão não tinha mais batimento, mas Matt é um médico preparado. Não precisei dizer a ele que perdíamos o bebê. Ele me pediu instruções, mas precisávamos de um milagre.

– O que a senhora lhe disse?

– O que ele já sabia... Que, se estivessem no hospital, já teriam feito a cesariana. Mas em casa... – Blythe sacudiu a cabeça. – Eu recomendei que tirasse a criança o mais depressa possível.

– A senhora podia ouvir o que se passava na casa dos Beaulieu?

– Sim – confirmou Blythe. – Elle chorava e pedia a Matt que a operasse.

– Em *casa*?

– Elle implorava a ele para salvar o filho. Matt afirmou que não poderia fazê-lo, pois não era obstetra. Também não poderia operar sem anestesia. Matt disse a ela que a hemorragia poderia levá-la à morte.

– E o que ela respondeu?

– Que havia facas afiadas na cozinha e que bastava ele tirar a criança, mesmo que fosse à custa da própria vida.

Ouviu-se um burburinho uniforme proveniente da galeria do tribunal. Jake arregalou os olhos e, para ser sincero, se eu ignorasse que ele já ouvira essa história, teria acreditado verdadeiramente em sua expressão de surpresa.

– Claro que ele se recusou a atender ao pedido da esposa, mas Elle insistia na urgência e na prioridade em salvar a vida do filho.

– O que a senhora disse?

– Eu o chamava do outro lado da linha, mas ele parecia não me escutar, pois estava tentando acalmar Elle.

– E ele... não a operou?

– Claro que não. Matt disse a Elle para fazer força. E ela o obedeceu. Levou quase dez minutos para o bebê sair por completo. Além de a criança ter morrido, Elle perdeu muito sangue.

– Elle estava consciente?

– Protesto! – Klein levantou-se num impulso. – Meritíssimo, a testemunha nem ao menos estava presente. Isso não passa de especulação.

– A senhora podia escutar perfeitamente o que se passava? – perguntou o juiz a Blythe.

– Sim, Meritíssimo, eu estava no viva-voz – retrucou Blythe.

– Indeferido. Pode continuar com as perguntas – o juiz falou e acenou para Jake.

Minha mãe chorava, enxugava as lágrimas das faces e afastava os cabelos do rosto.

– Ela estava consciente? – repetiu Jake.

– Elle apagava e voltava. Matt pedia de maneira incessante para que ela tentasse não adormecer. – Blythe meneou a cabeça. – O bebê estava sem pulsação, e Matt tentou a reanimação cardiopulmonar. A ambulância chegou dois minutos depois disso. – Blythe fitou Klein. – Pude escutar tudo.

– A senhora também escutou a reação de Elle enquanto Matt tentava ressuscitar a criança?

– Elle rezava e chorava ao mesmo tempo, parecia muito fraca. – Blythe tomou um gole de água. – Matt disse a Elle para ficar deitada, pois, aparentemente, ela estava tentando se levantar para ajudá-lo a salvar o bebê. Foi quando ela desmaiou, segundo o paramédico.

– Protesto! – Klein tornou a interferir.

– Se quiser, senhor Klein, poderemos chamar o paramédico para testemunhar – ofereceu Jake com cavalheirismo.

– Retiro o protesto – disse Klein, parecendo derrotado.

– Pode continuar – Wheeler dirigiu-se de novo a Jake.

– Elle tentou ajudar o marido a salvar a criança, mesmo perdendo sangue?

– Correto – respondeu Blythe.

Escondi o rosto entre as mãos. A memória terrível voltava em ondas. Era como se eu prendesse a respiração de novo enquanto segurava o peito pequenino de Dylan, comprimia seu esterno com meus polegares, injetando baforadas de ar em seus pulmões. O

cenário não podia ser mais aterrador. Ele jazia em uma lagoa de sangue e empalidecia mais a cada segundo.

Jake pôs a mão em meu ombro.

– Você não está com bom aspecto. Quer um recesso?

– Estou bem – menti, só para não admitir que as emoções empurravam o ar para fora da sala, e mal conseguia respirar.

– Doutora Clarke, a senhora estava no hospital quando a ambulância trouxe Elle, Matt e a criança para o centro cirúrgico? – Jake indagou.

– Sim, eu fui até lá. Naquela noite nevava e as estradas estavam ruins. Cheguei uns trinta minutos antes da ambulância.

– Quais eram as condições de Elle e do filho quando a ambulância estacionou no hospital?

– Dylan, o bebê... – Blythe Clarke me olhou para dizer que ela se lembrava do nome que havíamos dado a ele. – Dylan estava sem vida. Ele perdera muito sangue. No caminho, ela tomou medicamentos endovenosos, mas o estado de consciência não se mantinha estável.

– Dylan Beaulieu nasceu em que altura da gestação?

– Trinta e quatro semanas. Por definição, uma gravidez normal vai de trinta e sete a quarenta semanas, mas, como eu disse, antecipamos o nascimento de crianças quando as mães são portadoras de APS, por achar que os riscos de complicações são maiores no final. O parto de Elle seria induzido dali a nove dias, antes da trigésima sexta semana.

– Doutora, o que a senhora quer dizer com “induzido”?

– Elle teria sido internada, os medicamentos anticoagulantes seriam retirados e daríamos a ela pitocina, que estimula as contrações no trabalho de parto.

– Quer dizer que estava quase na hora de Elle dar à luz?

– Sim, e a criança provavelmente estaria bem, se o cordão não houvesse saído antes.

– Além do trabalho de parto prematuro e da APS, que a senhora vinha tratando, Elle teve alguma outra complicação durante a gravidez?

– Não. Ela se queixou de um pouco de tontura no começo e de enjoos matinais, além de algumas manchas roxas por causa da heparina. De resto, foi uma gestante gloriosa.

– Mais uma pergunta, doutora. A senhora viu Elle assinar a internação do hospital afirmando que não tinha nenhuma declaração prévia de vontade?

– Não.

Jake mostrou a Blythe um formulário.

– Esta é a evidência de número cinquenta e quatro. A senhora pode identificá-la?

– É o histórico de Elle Beaulieu preenchido em minha clínica.

– Onde Elle deveria ter dito que tinha uma diretiva antecipada de vontade?

– Aqui, mas ela deixou a resposta em branco.

– Então, ao ser questionada, ela não afirmou ter tal declaração?

– Se a pergunta foi deixada em branco, para mim significa que não havia nenhuma declaração prévia de vontade.

– Depois de Elle perder a criança, a senhora a viu novamente?

– Sim, para os cuidados posteriores ao parto. Elle afirmou que pretendia engravidar o quanto antes. Eu disse a ela que seria viável uma nova tentativa, desde que se fizesse uma pausa de seis meses e que agíssemos com muito cuidado.

– E depois dessa consulta, a senhora tornou a ver Elle?

– Não, mas a recepcionista me disse que Elle havia telefonado na manhã do dia do acidente para marcar um exame pré-natal. O fato está anotado na agenda.

Elle sabia que estava grávida?

– Nada mais. – Jake sentou-se a meu lado e sussurrou: – Você está com um aspecto péssimo. Pedirei um recesso.

Balancei a cabeça em negativa e enchi um copo com água.

– Alguma pergunta para a testemunha, senhor Klein? – indagou o juiz Wheeler.

Paul Klein bateu o lápis na mesa e tirou os óculos.

– Sim, Meritíssimo.

Durante quase uma hora, Klein fez indagações a respeito do que poderia dar errado com a atual gravidez. Na verdade, havia muitos

empecilhos para um final feliz, e Klein fez questão de não esquecer de nenhuma complicação eventual.

– Doutora Clarke – Klein rolou um lápis sem ponta entre a palma das mãos –, a senhora disse que Elle Beaulieu estava em choque quando deu entrada no hospital no dia dois de fevereiro. Isso é verdade?

– Sim. Choque hipovolêmico causado pela perda de sangue – explicou Blythe.

Klein mostrou a ela um documento já marcado como evidência.

– A senhora reconhece este documento? – ele perguntou.

Ela o examinou por um instante.

– Trata-se de um consentimento para uma histerectomia. Elle se esvaía em sangue, e achei que talvez fosse preciso retirar o útero para salvar a vida dela. Mas consegui reverter a hemorragia sem ter de recorrer à cirurgia.

– Quem assinou o consentimento?

– Seu marido, o doutor Beaulieu. A permissão, em caso de emergência, é dada pelo parente mais próximo.

– Entendi. Por que a senhora não pediu a Elle?

– Conforme eu disse, ela estava em choque, perdendo a consciência a todo instante, e não tinha condições de me dar informações.

– Para entender melhor, nas condições em que Elle se encontrava, ela não seria capaz de entender a implicação do que estava escrito na autorização?

– Provavelmente não.

– Mas Elle assinou o formulário de internação no hospital onde se questiona se há ou não uma declaração antecipada de vontade em nome do paciente para cuidados médicos, não assinou?

– Eu não a presenciei assinar nada.

– Mas, como médica, a senhora não lhe permitiria assinar um consentimento para a própria cirurgia. Está correto?

– Sim – respondeu Blythe, rispidamente.

– Não tenho mais perguntas, Meritíssimo – afirmou Klein.

Estudei a reação de Jake. Ele estava de olhos fechados e lábios cerrados. Depois se inclinou para meu lado.

– Ainda acredito que poderemos apelar na Suprema Corte, se todas as outras opções falharem, mas será uma jornada dura e longa.

No recesso, quando cheguei ao corredor, minha mãe segurou meu braço.

– Tenho de falar com você.

– Não posso. De novo, não. Agora não. – Eu me desvencilhei dela no instante em que o *flash* de uma câmera espocou diante de meu rosto. Eu, que já sentia certa tontura, fiquei ainda mais zozzo. Abri caminho pelo corredor abarrotado de gente.

– Doutor Beaulieu, o senhor será o próximo a testemunhar – alguém gritou, empunhando um microfone. – Como o senhor pode afirmar em sua consciência que sua esposa gostaria de ser mantida viva artificialmente, sendo que ela deixou uma diretiva antecipada?

Jake ainda estava dentro da sala de audiências. Mesmo sabendo que ele me recomendaria usar as duas palavras ubíquas “sem comentários”, virei-me para a repórter. Era a mesma, a que gostava de me provocar.

– Minha esposa, a mulher que amo e por quem estou sofrendo tanto quanto você jamais entenderia, essa mulher que conheço mais do que qualquer outra pessoa do mundo, confiava em mim. E eu jamais faria isso se não acreditasse que nosso filho poderia nascer com vida. Meu filho. Tenho de lutar por ele, não importam as opiniões alheias.

– Mesmo que Ele não desejasse viver como um vegetal? O senhor a mantém em um inferno para salvar...

– Ele gostaria que eu fizesse qualquer coisa para salvar nosso filho. – Empurrei a repórter.

– Matt, por favor... – pediu minha mãe.

Antes de eu entrar no toalete masculino, vi a repórter encurralar minha mãe e levar o microfone diante de seu rosto.

Minha mãe sacudiu o dedo em frente do nariz da jovem.

– Não ouse sequer insinuar que ele não a amava.

Depois do recesso, Jake me levou até o banco de testemunhas, fez as perguntas preliminares e entregou o DVD do casamento como evidência.

– Meritíssimo, eu gostaria de mostrar para o tribunal um pequeno trecho do DVD das núpcias de Matt e Elle e depois fazer algumas perguntas ao doutor Beaulieu em relação a isso.

– Pode prosseguir, doutor.

Um assistente de Jake de rosto jovial entrou com uma tela plana em um carrinho e projetou um trecho da recepção do casamento, que fora realizada em um salão de um hotel local.

Voltei no tempo quando vi a covinha de Elle. Era apenas uma, do lado direito, e ficava mais marcada quando ela maquinava alguma peraltice. Ela se curvou para sussurrar em meu ouvido.

– Lembre-se, eu te amo.

Elegante como uma princesa vestida de branco, Elle ergueu a taça de champanhe e iniciou o brinde:

– Eu era a menina do vizinho que andava atrás do garoto de ouro. Claro que todos os garotos da família Beaulieu eram excelentes, mas eu adorava o Matt. – Ela me lançou uma piscadela. – Muitos anos se passaram e, há quatro meses, quando decidimos nos casar, vocês acreditam que cada um dos rapazes Beaulieu veio me dizer que eu estava cometendo um erro?

Neste momento, Elle mostrou os dentes perfeitos em um sorriso contagiante.

– Sabem o que eu disse a eles? Que havia feito uma aposta com uma líder de torcida do secundário, com quem ele se encontrava, de que eu o levaria ao altar. Apostei com ela um frasco de gel para cabelo. Bem... – Elle passou a mão pelo cabelo loiro cuidadosamente arrumado para o dia do casamento. – Não uso gel para cabelos desde os tempos da cabeleira armada dos meus dezoito anos. Então, essa não é a verdadeira razão por que estou me casando com Matt. – Elle me fitou. – Estou me casando com Matt por admirar sua inteligência e seu bom coração. Porque ele já faz parte de mim e é uma pessoa que conhece meu coração. Tenho certeza de que ele saberá o que fazer por mim se eu não puder decidir. Eu o aceitei

como marido porque ele me ama e eu o amo. Eu preciso dele. – Ela se abaixou e me beijou, sendo muito aplaudida em seguida.

Eu a puxei para meu colo, segurei seu rosto entre as mãos e desejei que aquele momento nunca terminasse.

Jake parou o filme, mas o último enquadramento permaneceu na tela. Elle, vestida de noiva, sentada em meu colo, e eu vestindo um *smoking*. A dor em meus braços me deixou atordoado. Primeiro foi o braço esquerdo. Depois, o queixo. Finalmente, o peito.

Jake deu alguns passos na direção do juiz, obstruindo minha visão da tela por alguns instantes.

– Matt, esse discurso de Elle foi ensaiado?

Eu não me sentia bem. Tinha vontade de vomitar, mas era preciso prosseguir e convencer o juiz.

– Imagino que Elle planejou o que diria, mas até aquele momento eu desconhecia a fala.

– Há quanto tempo vocês se conheciam?

Pigarreei e inspirei fundo para ver se melhorava.

– A vida toda. Com exceção dos anos em que ficamos rompidos, fomos grandes amigos. Mesmo enquanto ela morava com Adam, nós mantínhamos contato e conversávamos quase toda semana. Algumas vezes com mais frequência, outras com menos. E, durante o tempo em que estive comprometido com outra mulher, nós também conversávamos. Elle confiava em mim e eu confiava nela. – Fixei meu olhar na tela, no rosto de Elle, para esquecer minha dor.

Não entendia o que ocorria comigo. Minha vertigem era semelhante à dor do sofrimento, que parecia não cessar nunca. Nesse momento, senti um peso esmagador no peito. Foi quando o entendimento elementar me chegou. Estava tendo um infarto do miocárdio. Abri e fechei a mão esquerda e olhei minha aliança. Veio à minha mente a imagem do meu pai. Não muito mais velho do que eu no momento. Eu o vi deitado no caixão. Morto. Também por um infarto agudo do miocárdio. De repente, tive medo. Eu precisava de Elle. Precisava ter certeza de que a veria de novo. Eu me remexi no lugar para ver seu rosto... pela última vez. Deus, por favor. Creio que Ele não me ouviu. Desmoronei e só vi a escuridão.

47

Dia 27

A queimação me invadiu, e um abalo fez meu sangue ferver. Tive a impressão de que meu corpo era submetido a uma força desconhecida e espasmei. Deitado na escuridão, a única ligação com o mundo real era aquela dor terrível em meu peito. Depois, o nada.

Quietude.

Luz equimótica.

Queda.

E o som voltou. Bipe, bipe, bipe, bipe, terminando em uma nota longa e reverberante. O pânico tomou conta de mim como se eu estivesse submerso em um tanque com água. Precisava desesperadamente de ar.

Ele estava a meu lado, vestindo um uniforme de técnico em emergências médicas, os cabelos loiros caindo sobre os ombros como um halo.

– Matt, você tem de ficar com a máscara de oxigênio. Acalme-se. – A voz sedosa se tornara baixa e intensa. Talvez a traqueostomia houvesse danificado suas cordas vocais. Diante de minha visão borrada, um rapaz gordo tomou seu lugar.

Senti o gosto amargo da aspirina.

– Elle?

– Acalme-se, Matt. Ele está bem e no hospital – afirmou uma voz feminina, mas não era a de Elle. Era de Blythe.

– Ele estava aqui. Eu a vi – respondi. De novo o pânico invadiu minhas veias como um ciclone. Tinha de encontrar Elle, mas a dor em meu peito era tão grande que eu mal podia me mover.

– Tudo bem, Matt. Foi um sonho.

– Tenho muita dor. – Eu me contorci sob o peso que me esmagava. Deus, como meu peito doía. O que acontecera? Estava em uma maca na parte de trás de uma ambulância, o que explicava a sensação de ser jogado para todos os lados. Rodávamos por uma rua de Portland. Sentia a agulha endovenosa espetada em meu braço e os eletrodos de um eletrocardiógrafo colados em meu peito. Tentei me erguer. Precisava de ar.

– Acalme-se – pediu Blythe. – Tenho a impressão de que você teve um infarto. Talvez eu tenha de lhe cobrar uma visita domiciliar. Ou melhor, uma visita domiciliar judicial. – Seu riso pareceu artificial, forçado para me tranquilizar.

O tribunal. Testemunhas. O rosto de Elle na tela. Céus. Elle. Ela caíra, e eu tivera um infarto agudo do miocárdio. Meu pai. Meu pai morto. Papai. De novo tive medo. Queria minha esposa, mesmo sabendo que ela se encontrava no hospital, definhando e com graves danos cerebrais. Mesmo assim perguntei, mesmo sabendo de tudo isso:

– Onde está Elle? – Pisquei para Blythe e o rapaz. Elle estivera ali. Eu a vira.

A ambulância parou no exato momento em que um elefante pôs a pata sobre meu peito. Não podia respirar. Não podia...

Fiquei deitado em uma maca na emergência, ou na UTI cardíaca, durante alguns minutos, ou algumas horas. Não compreendia direito os fatos. Os narcóticos aliviavam a dor no peito, mas deixavam a visão borrada. A opressão no peito era meu elo com a vida. E, de repente, não mais. Rodaram um carrinho de emergência para perto de mim e escutei o meio-tom frenético de uma voz familiar.

– Vamos entubá-lo.

O ambiente a meu redor ficou enevoado. Precisava dizer a alguém que Elle ainda queria que o bebê nascesse. Era preciso que a criança vivesse, mesmo que nós dois morrêssemos.

Jamais ficara em uma cama de hospital, exceto quando quebrei a perna, aos dezessete anos. Como não foi fratura exposta, permaneci no hospital por apenas algumas horas. Durante minha vida

profissional, no entanto, passara noites vagando pelos corredores hospitalares, examinando pessoas doentes, ajudando tantas outras. Como espectador, observara minha esposa definhando em uma cama de hospital por momentos que pareciam uma eternidade.

Essa visão, porém, era diferente... confusa. Fora de foco e estreita em sua extensão.

– Tenha calma, Matt. Vou remover o tubo de sua garganta. No três, quero que você tussa – um homem de uniforme branco falou. – Um... dois... três. – Ele arrancou o tubo enquanto eu engasgava, e, à minha agonia, seguiu-se uma ardência horrível na garganta, que rivalizou com a dor contínua no peito pelo topo da lista dos sintomas mais desagradáveis.

Cuspi e tive ânsia.

– O que houve? – perguntei.

O camarada introduziu uma cânula em meu nariz.

– Creio que ainda não fomos apresentados. Sou Randall Zane, cirurgião cardiotorácico. Resumirei o quadro. Você teve um colapso e foi submetido a fibrilação ventricular. Tudo indica que você teve um infarto antes. Por isso estamos ministrando todos os medicamentos usuais: lidocaína, fentanil, nitroglicerina, os mais eficazes. Você fica um pouco fora da realidade, provavelmente por causa do fentanil, e tivemos de contê-lo. – Ele tirou as amarras dos meus pulsos. – Com seu histórico familiar, você deveria ficar mais atento ao colesterol. Está nas alturas.

– O infarto foi grave? – minha voz soou fraca, tensa e rouca, como se estivesse com laringite.

– Foi intenso, mas de pequena extensão. O cateterismo mostrou que você está com noventa e cinco por cento de obstrução na artéria coronária direita e vai precisar de uma revascularização do miocárdio. Isso é feito com as veias safenas...

– Eu sei, eu sei... Também frequentei a escola de medicina. Ah, estou completamente grogue. O que está pondo neste soro?

– De novo? Fentanil. Você tem estado um pouco fora da realidade.

– Ele riu. – Prometo que não direi a seus colegas que você esqueceu o básico. – De repente, ele ficou sério. – Nós o levaremos para o

centro cirúrgico daqui a algumas horas, e eu o deixarei novo em folha.

– Onde está Elle? Ela sabe que estou aqui?

O silêncio do médico foi de quem sabia algo que o paciente ignorava.

– O que houve? – Estava apavorado. – Onde está Elle?

Uma longa pausa precedeu a resposta.

– Não conheço as condições de sua esposa, e você está na UTI cardiológica.

Então, a verdade me atingiu. Elle não viria. Senhor, ela estava na UTI, em outra ala do hospital. A parte de Elle que importava – a amiga, a que me fazia sentir inteiro, humano e viril – não existia mais, e minha solidão ameaçou me devorar. Precisava dela mais do que nunca, e ela se fora.

– Preciso dela – disse em voz alta. E chorei, como um garoto que soluçava por algo que nunca teria, esquecido de todas as inibições.

Do canto do quarto, escutei a voz de minha mãe.

– Ah, Matt, querido. – Percebi a sua aproximação e ela logo acariciou o meu braço que recebia os medicamentos. – Sei que você quer Elle, mas é preciso descansar.

– Ah, isso é ruim – disse. – Elle... não posso. Talvez estejamos destinados a morrer juntos. Talvez...

– Não ouse se levantar – minha mãe disse com firmeza, embora estivesse trêmula.

Ela não me pareceu mais real do que Elle quando eu a vira na ambulância. Era como se também pudesse desaparecer, pelo menos diante de minha visão. Quanto mais fraco eu me sentia, mais tinha a impressão de que todos os meus conhecidos também desapareceriam.

– Preciso ver Elle – pedi.

– Verificarei como ela está.

– Não, não chegue perto dela. – Minha voz falhou quando tentei sair da cama. A criança. Minha mãe não podia falar a sós com Elle.

– Matt, querido, escute. Entendo o quanto você a ama. E ela estaria aqui, se pudesse.

– Alice, o diário sobre Alice. – Minha respiração falhou. Eu precisava de ar.

Minha mãe segurou meu queixo para eu fechar a boca e engolir o oxigênio que vinha pelo nariz.

– Respire, querido, profundamente. Tudo bem. Eu sei. Ninguém vai desligar os aparelhos de Elle. Ninguém. Era o que eu queria lhe comunicar no tribunal, depois do testemunho de Blythe. Acho que compreendi o que você vinha tentando me dizer. Como Elle se comportou com Dylan. Mas, agora, respire apenas pela cânula; você tem de melhorar. Depois conversaremos. Entenderemos o que Elle desejaria que fosse feito e resolveremos juntos.

Afastei a mão de minha mãe. A falta de ar piorava.

– Senhora Beaulieu – interveio Zane –, é melhor esperar no corredor. Não quero que ele fique agitado.

– Não... – Tentei dizer para ela não ir, mas, por causa do tubo, o único som que saiu foi um grasnido patético. Sentia-me um garoto apavorado com o coração dolorido batendo inutilmente. Acovardava-me pelo que minha poderosa mãe poderia fazer. E chorava por querer que ela segurasse minha mão enquanto eu morria.

– Ajude-me, Elle. Por Deus, Elle.

– Calma, Matt – disse Zane. – Tomaremos conta de você e mandaremos ver como está sua esposa. Pedirei a alguém da UTI para nos dar notícias. – Ele olhou para uma enfermeira. – Ponha nele uma máscara não-reinalante.

A enfermeira tirou a cânula e pôs uma máscara de oxigênio em meu rosto.

Mamãe, volte, pensei. Inalei o oxigênio e parei de me debater enquanto minha mãe saía na ponta dos pés. No posto de enfermagem, voltou-se para mim. Ergui a máscara.

– Doutora Blythe Clarke. Preciso falar com a médica de Elle.

– Conheço Blythe. Ela é uma ótima médica – afirmou Zane. – Tenho certeza de que ela cuidará muito bem de sua esposa. – Ele se inclinou e falou em tom conspiratório. – Ouvi dizer que você tem uma mente obsessiva e é muito concentrado no que faz. Então, quero que você se concentre apenas em relaxar. Deixe-me dar um

jeito no seu coração. Agora ponha a máscara ou terei de entubá-lo novamente.

Tirei a máscara.

– Não posso me submeter a uma cirurgia agora. Preciso ver minha esposa. Ela está grávida.

Zane recolocou a máscara.

– Isso não pode esperar. Nós nos veremos no centro cirúrgico.

– Espere. Me dê apenas um segundo. – Sacudi a cabeça para tentar romper a névoa das drogas. – Não quero nenhuma cirurgia.

A expressão de Zane dizia claramente que ele me achava um idiota.

– Devido à sua reação aos medicamentos, você não será capaz de dar ou não consentimento. Pedirei à sua mãe que o faça por você.

– Não, ela não. Quero falar com meu advogado, Jake Sutter.

– Advogado? – Zane espantou-se. Os médicos tinham horror a advogados, pois eram eles que faziam as acusações de negligência. Mesmo em meio àquele coquetel medicamentoso, eu não me esquecera disso.

– Quero fazer uma diretiva antecipada e é imprescindível que não seja modificada. E *preciso* ver minha esposa. Leve-me até a UTI. Pode me tratar lá mesmo. Mas tenho de vê-la. – Precisava me certificar de que Elle ainda vivia. Porque, se ela e nosso filho estivessem mortos, eu não teria mais razões para viver.

Zane cerrou os lábios em sinal de desaprovação.

– Se não me levar até a UTI, e sei que pode fazer isso, eu mesmo irei lá verificar.

– Isso é uma estupidez. E você não chegaria nem na porta.

– Então, faça minha vontade. – Ah, como era difícil articular as palavras em uma sentença coerente. – Posso estar morrendo... mas preciso vê-la antes... de você abrir meu peito.

Eu oscilava entre a inconsciência e o despertar; o sentido do tempo se perdia em função dos remédios que haviam me ministrado para a dor no peito. Uma mão sacudiu meu braço.

– Matt? Sou eu, Blythe. Seu médico disse que você queria saber de Elle antes da cirurgia.

Tinha a impressão de olhar através de um bloco de gelo, mas assim mesmo percebi a fita rosa que segurava os cabelos brancos de Blythe.

– Como ela está? – perguntei.

– Do mesmo jeito. Estável.

– Os rins?

– Você tem de parar de se preocupar com ela.

– Elle está pior, Blythe?

– Pior não. Se conseguirmos que Elle atravessasse essa fase, aquela criança precisará de *você*.

Inalei o oxigênio do tubo colocado em meu nariz.

– Você salvou minha vida, Blythe.

– Há anos não faço reanimação cardiopulmonar. Você tem sorte por eu manter em dia meu treinamento em suporte avançado de vida. E também teve sorte por haver um desfibrilador no tribunal. Tivemos de dar vários choques em você.

– Só tenho que te agradecer, Blythe. Escute, não importa o que aconteça comigo, por favor, salve a criança. – A criança que se virava e dava chutes no ventre de Elle, que já não sentia mais nada.

– Escute você. Será sua responsabilidade tomar conta de seu filho.

Depois que Blythe saiu, sonhei com Elle na varanda da casa de seu avô, olhando as estrelas. Eu a abraçava. Voltáramos a ser crianças e nadávamos no rio que margeava a propriedade. Tive um pesadelo em que ela havia me deixado para sempre depois que eu a traíra.

– Volte, por favor – eu pedia sem cessar.

Ao ver a palidez de Jake Sutter, por pouco não saí da cama para lhe ceder meu lugar. Ele, que nunca entrara para visitar Elle, estava ali, em meu leito hospitalar.

– E... e... como vai essa dor no peito? – Jake limpou o suor da testa.

Os medicamentos aliviavam a dor. Dei um suspiro profundo através da cânula nasal.

– Tolerável. Minha mãe disse qualquer coisa a respeito de resolver o assunto de Elle. Só não sei se ela está dizendo isso porque...

– Porque você praticamente caiu morto no tribunal.

– Bem, não morri.

Jake inclinou a cabeça para o lado.

– Para mim, chegou perto demais. Até esta sua... crise não terminar, não tomaremos nenhuma decisão, mas você está certo. Sua mãe pode suspender o litígio.

– Você não tem certeza?

Jake pressionou os lábios finos.

– Não. Mas ela é sua mãe, e não quer que você morra.

– Preciso ter certeza de que ela não terá nenhum direito legal sobre os cuidados com minha saúde.

– Não acho que você deva se preocupar. Ela não vai desligar esses seus aparelhos.

Meneei a cabeça.

– Não, mas ela pode querer me declarar incompetente ou algo assim. Nas atuais circunstâncias, ela é minha parente mais próxima.

– Um caso desses demandaria um juiz, mas, para sua paz de espírito, você daria preferência a um de seus irmãos?

– Nunca se sabe o que pode ocorrer em um centro cirúrgico, ainda mais em se tratando de uma cirurgia extensa. Provavelmente terei alta em alguns dias, mas, se isso não ocorrer, meus irmãos não vão confrontá-la. Preciso deixar pronta uma diretiva antecipada e quero que seja meu procurador.

– Eu? Você quer que *eu* tome decisões *médicas* em seu lugar? – Jake esfregou as têmporas. – Em um hospital?

– Isso mesmo.

– Tem certeza de que não prefere alguém de sua família? – Jake tremia como um homem prestes a ser executado.

– Você pode impedir minha mãe de desligar os aparelhos de Elle.

– Designar a mim como advogado para tomar decisões médicas a seu respeito não me dará o poder de impedir o direito que sua mãe tem de agir de acordo com a vontade de Elle. Ou em relação ao testamento vital que Adam Cunningham arranjou. Santo Deus. – Ele murmurou alguma coisa que não entendi. – Legalmente, é um

assunto bem diverso de uma diretiva antecipada. – Ele arregalou os olhos. – Por que você não dá ao pai de Elle o poder de decidir? Então, Deus nos livre, se alguma coisa acontecer... Hank é pai de Elle, e poderá lutar para manter a filha com vida até a criança nascer.

Um filho que eu poderia nem vir a conhecer. Um filho que Elle jamais veria.

– Só até o bebê nascer. Depois, você tem de se certificar que Hank deixará Elle ir em paz.

A missa terminou. Vão em paz. As frases flutuavam em minha mente como um canto coral.

Jake baixou os olhos e anuiu.

– Você poderia fazer um novo testamento, nomear um executor de sua vontade e um tutor para o bebê, e estabelecer um fideicomisso para o caso de algo dar errado. Eu o ajudarei da maneira que achar melhor e em quaisquer circunstâncias. Mas, Matt, torno a dizer: *não morra.*

– Meu pai também faleceu por causa de um infarto. – Meu pai, morto e frio no caixão aberto. Eu poderia estar morto e frio, sem deixar quatro filhos crescidos, mas sim um nascituro. Não posso deixar meu filho sozinho.

– Isso não quer dizer que o mesmo acontecerá com você.

Mas poderia acontecer. Tinha de assegurar que alguém tomaria conta do bebê e que lutaria por ele.

– Se eu morrer... meu irmão Mike e a esposa tomarão conta do meu filho. Já deixei um testamento nesse sentido. E nomearemos Hank como executor, pois ele sabe lidar com dinheiro. Meu sogro pode ter minha autorização de poder duradouro e decisório ou o que mais se fizer necessário. Sei que Hank cuidará do bebê.

– Farei uma minuta de tudo isso. – Jake desviou o olhar e, a menos que os medicamentos distorcessem minha visão, ele chorava. Devia ser alucinação.

Uma enfermeira entrou no quarto.

– Doutor Matt, o monitor está registrando trigeminismos recorrentes. Seu cardiologista quer que o senhor repouse.

– O que é trigeminismo? – perguntou Jake.

– Uma arritmia – respondi. – Batimentos cardíacos irregulares. – E isso não era bom. Droga, eu estava numa grande enrascada.

Nem cheguei a protestar. A enfermeira injetou um medicamento no soro intravenoso.

– É um sedativo, doutor – ela afirmou.

– Preciso terminar... – O fluxo da droga no meu sistema vascular me desligou da realidade. Sonhei com Elle descansando a cabeça na curva de meu braço, e seus cabelos sedosos roçando minha face. Faminto por ela, eu a atraí para mais perto de mim. Estávamos juntos em uma cama de hospital, uma cama que lembrava uma pintura de Salvador Dalí, enorme e retorcida. Em minha mente confusa pelo remédio, fazia sentido não só estarmos juntos, como também a ideia de uma cura rápida dessa maneira.

Tentei me situar melhor. O local era a UTI comum ou cardiológica? Nem uma nem outra. Estávamos em nossa casa, no sótão, as portas que davam para o terraço abertas. A atmosfera outonal nos cercava, madura como a corrente violenta do rio.

– Não tente encontrar sentido nisso – sussurrou Elle. – Este é o nosso tempo. Para todo o sempre.

– Eu morri? – Estranho, não senti medo. Estava com ela...

– Não – respondeu Elle. – Você está sedado. Na certa, sua mãe tem parte nisso. Para evitar que você fale com Jake... Ah, não se importe. Você está aqui comigo. Senti muito sua falta.

Afastei-lhe os cabelos do rosto, relembando seus traços. Elle estava viva e, durante semanas, eu só a vira ficar cada vez mais imóvel.

– Você é um fantasma?

– Você não acredita em aparições, nem em fantasmas, nem em nada que não possa ver.

– Acredito em você – disse.

– Você está tendo um sonho doce e lindo. Nós estamos juntos. Mas... – Elle se sentou de repente e o lençol escorregou até a cintura. Estava nua e grávida. – Você escutou?

Fiquei atento. Eram ruídos de hospital.

– Afastar – alguém falou.

– Estão usando o desfibrilador em alguém – comentou Elle.

– Será em mim? – Meu receio foi menor por Elle estar comigo e me amparando.

Elle me fitou.

– Não. Você está bem. Tem alguns furos por terem lhe ministrado medicamentos. Seu senso de autopreservação deve ter despencado. Engraçado. Você sempre afirmou que eu era imprudente.

– Não no sentido literal da palavra. Você não valorizava sua segurança tanto quanto eu.

– Hum... Nunca achei nada muito arriscado.

– Você não devia ter subido naquela escada, sabendo que estava grávida.

– Tem razão, mas também há certa ironia patética nesse fato. Eu caminhei no espaço muito bem. Na Terra, caí de uma escada. Não sou tão especial assim. – Elle beijou-me a testa, a ponta do nariz e a boca.

Acariciei-lhe o corpo, os seios maiores, o abdome. Sua barriga estava bem maior do que pouco tempo atrás.

– Quero que esse bebê sobreviva – afirmei.

– Ela já tem nome.

– Ela? Como é que você sabe?

– Sei de muitas coisas. – Elle sorriu. – É uma menina.

– É? Celina?

– Não. Este bebê é nossa esperança, um milagre, um motivo para você continuar vivendo. Ponha sua mão aqui. Ela está chutando. Eles não podem sentir, mas você pode. Você a viu dando cambalhotas no ultrassom. Ela está vivíssima. E ninguém lutará por ela se você morrer.

– Pip... você está me deixando sentir os chutes.

– Claro. É nossa filha.

– Sim, nossa filha. Por que não me contou sobre a diretiva antecipada? Por que não me nomeou seu executor?

Elle deu de ombros.

– Você estava fora de cogitação. – Elle levou minha mão à sua barriga, que já crescera até o ponto do nascimento do bebê. Senti outro chute. Era inquestionável e real.

– Matt, ela é a única parte de mim que está viva. Ela é *tudo* o que importa.

Apertei os olhos com força. Para mim, Elle era muito importante. E eu não podia perdê-la de vista. De novo, não. Nem mesmo quando piscasse. Quando abri os olhos, Elle segurava uma criança recém-nascida, enrolada em uma manta rosa.

– Não quer saber o nome dela?

A menina tinha os cabelos platinados e o queixo pronunciado da mãe.

– O nome dela é Hope, que significa esperança – falei.

– Quer segurar sua filha? – O sorriso de Elle não poderia ser mais amplo.

– Claro que sim. Meu Deus. – Estendi as mãos para pegar a criança.

– Então você tem de viver. – No mesmo instante, as duas desapareceram.

Dias 32 a 35

Se fosse preciso, não conseguiria testemunhar os acontecimentos dos cinco dias seguintes, mesmo depois de ter visto o prontuário médico. Em resumo, quase morri. Tiveram de me amarrar de novo antes de me levar ao centro cirúrgico. Durante a operação, tive hemorragia. E a equipe teve dificuldades para fazer meu coração funcionar depois de colocada a ponte de safena.

Se eu vi uma adorável luz branca? Não. Vi Elle, um sonho, uma alucinação, ou talvez fossem as endorfinas inundando meu cérebro. Não importa. Nunca acreditara nesse tipo de tolice, mas já não tinha mais tanta certeza.

Algumas vezes é uma questão do que se escolhe crer. O padre Meehan chamava isso de fé, e minha fé sempre fora em Elle. Não via motivos para mudar. Queria acreditar nela e na esperança de que teríamos uma despedida.

O padre Meehan veio me visitar e, quando lhe contei que vira Elle, ele me indagou por que eu presumia que não fosse real.

Porque... essas coisas não aconteciam.

O padre me lembrou que meu nome de crisma era Tomé, o cético, e que fora uma boa escolha.

– Matt, você não deve se esquecer de que, no final, Tomé acreditou. Foi ele quem primeiro proclamou Jesus como meu Senhor e meu Deus.

Sempre pensara com grande dose de ceticismo, mas talvez, apenas talvez, houvesse algo de verdadeiro na fumaça e nos espelhos.

O dr. Zane me pediu que o chamasse de Randall enquanto retirava as ataduras de minha cicatriz em formato de zíper sobre o esterno.

– Você está novo para os próximos quarenta anos, ou centenas de milhares de quilômetros, o que vencer primeiro.

– Só isso? Em três ou quatro anos farei esse percurso.

Randall abafou uma risada.

– Nesse caso, é melhor verificar o tipo de óleo que usa nessa sua máquina. Insaturado e sem gordura trans.

– Que ótimo, um comediante com um bisturi na mão.

– Isso mesmo. Mande todos gargalharem, enquanto massageava seu coração. Gargalhadas, entendeu?

– Entendi. – Dei risada, segurando a incisão. – Agora está doendo.

– Beaulieu, a equipe toda tem o mérito de ter salvado sua vida.

– Agradeço imensamente – disse com sinceridade.

Meu infarto e a subsequente quase morte foram para as manchetes dos jornais, fato a que eu já deveria estar acostumado. Mas não estava. Algumas pessoas me condenavam, e outras me pintavam com um herói de uma tragédia, como se houvesse deliberadamente aderido àquele drama. Embora nenhum de nós tivesse atentado contra a própria vida, passei a ser o Romeu da Julieta-Elle. E, quando retomei a consciência, fiquei sabendo que Elle acordara.

Não era verdade, claro, mas era o que diziam os jornais. Era o que os ativistas do Pro-Life argumentavam. Até Hank acreditou de início.

– Eu disse, minha menina, que você sairia dessa.

Não foi bem assim. Elle passara a respirar sozinha de novo, mas o reflexo faríngeo era nulo. Ela também não tinha reflexo corneano nem respondia a estímulos dolorosos. Encontrava-se em um estado diferente de vida vegetativa, parecido com aquele relacionado ao sorriso de Terri Schiavo, que a imprensa garantia ter visto.

Elle não sorriu nem uma só vez. Não saberia precisar se sentia dor, mas era angustiante observá-la nessas condições de aparente consciência. O homem, não o neurocirurgião, ainda esperava que ela respondesse à vida.

– Mas... – disse Hank.

Ainda na cama do hospital, meneei a cabeça.

– Elle já se foi e não está em sofrimento. A criança agora está em melhores condições, o que é bom.

– Linney – Hank perguntou à minha mãe –, você não acha possível que Elle continue a melhorar? Você até já mudou de ideia.

Minha mãe evitou olhá-la e também balançou a cabeça em negativa.

– Hank, sei que Elle é sua filha, mas não existe essa possibilidade. Temos de aceitar que ela se foi, mas vamos tentar salvar seu neto.

– É seu neto também, mãe – lembrei-lhe.

– Está certo. Nosso bebê.

Durante dois dias as enfermeiras permitiram que eu visse Elle por uma webcam, ideia de Jake. Que Deus o abençoasse. Ele fora solidário nos dias em que estive internado, assinando consentimentos em meu nome, tomando decisões a respeito de minha saúde e de outros assuntos que ultrapassavam os deveres que tinha como advogado.

Quando deixei a UTI e fui para a unidade de telemetria, onde monitoravam constantemente meu ritmo cardíaco, trouxeram Elle para o mesmo quarto. Ela estava bem a ponto de não precisar ficar na UTI.

Superprotetora como de hábito, minha mãe insistiu em que seria desgastante ficar no mesmo recinto com Elle. Não foi. Eu a olhava a todo momento, e tinha certeza de que ela e o bebê estavam seguros devido à minha proximidade. Enfim, pude dormir.

Keisha sacudiu a manta xadrez verde e marrom e a deixou cair, ondulante, sobre mim.

– Pronto – falou.

Não sabia como agradecer ao gesto. Há quase um mês Keisha trouxera outra manta para Elle também. Era uma maneira de fazer algo pela amiga, quando nada mais podia ser feito.

– Obrigado.

Ela assentiu e desviou o olhar. Senti que alguma coisa a aborrecia, mas tomara a medicação há três horas e meia e acabara de caminhar por duas vezes pela extensão do corredor. A dor era

escaldante, e só podia tomar outra dose do remédio em meia hora. Cerrei os olhos, esperando cochilar. Afinal, Keisha viera visitar Elle, e não a mim. Ela permaneceu em silêncio.

– Agora o bebê está fora de perigo? – perguntou de repente. Ou a pergunta soara repentina porque eu cochilara.

– Não sei. – Esfreguei os olhos.

– Preciso de um final feliz. Desculpe, mas é que...

– O que houve? – Ergui a cabeça.

– Nada. – Ela deu um sorriso que não chegou aos olhos antes de continuar: – Guy não quer fazer mais nenhuma tentativa. Diz que já fizemos o suficiente. E também não quer nem ouvir falar em adoção.

Nós quatro, Elle, eu, Keisha e Guy, havíamos forjado algo semelhante a uma união de corações desolados aspirantes a pais, embora na maioria das vezes Elle e Keisha se lastimavam enquanto Guy e eu falávamos sobre esportes diante da TV. Mas ele sempre havia dito que queria ter filhos, e me surpreendi que houvesse desistido.

– Sinto muito. – Pisquei algumas vezes, tentando reunir palavras para Keisha se sentir melhor, como Elle costumava fazer.

– Elle me disse que você insistia em adotar uma criança – ela comentou.

– Sim, depois do nascimento de Dylan. – Fitei minha esposa. – Não queria perdê-la. Talvez seja o que Guy esteja pensando. Na certa ele não quer que você se intoxique com os tratamentos de fertilização nem que fique desapontada todo mês. Em nosso caso, isso acontecia sempre que Elle tinha os abortos. Guy não precisa que você gere um filho; ele precisa apenas de você. Pelo menos, é o que imagino. Eu queria esquecer as sucessivas perdas. Mas se resolvêssemos adotar...

– O que é?

– Existe a espera. Pode demorar anos. Mães grávidas mudam de ideia quando os filhos nascem... com muita frequência, dizem. E eu queria ser feliz de novo.

– Você disse isso a ela? – indagou Keisha.

Lembrei-me de Elle no dia anterior à queda, no gramado de nossa casa. Ela achava que deveríamos ter um filho. *Queria que não*

tivéssemos discutido.

– Tentei, mas não sei se o que eu disse foi o certo. Não sei se ela entendeu direito. Da próxima vez que falar com Guy, escute primeiro, para ter certeza do que ele pretende. Ele também vai escutá-la. Vocês podem resolver isso. Ele e eu também poderíamos ter resolvido.

Jake entrou em meu quarto um pouco mais corado.

– Você receberá alta amanhã.

– Eu sei. Agora que estou quase vivo de novo, os médicos já me dão as notícias pessoalmente. Quero agradecer tudo o que fez por mim.

– Não se preocupe, eu vou lhe dar a conta. – Jake soltou um riso abafado. – Ah, Matt, não fiz nada como seu advogado; fiz tudo como amigo.

Éramos amigos?

– Você acha que eu passaria a maior parte da semana percorrendo corredores de hospital para um cliente? Só por um amigo, ou pela família – acrescentou.

Talvez eu houvesse sofrido danos cerebrais isquêmicos como consequência das múltiplas paradas cardíacas, pois podia jurar que Jake lera minha mente.

Mexi as pernas doloridas para um lado da cama. – Está certo, *amigo*.

Jake revirou os olhos.

– Estive pensando que, ao receber alta, você não deveria ficar sozinho. Sua casa é muito isolada.

– Não duvido de que precisarei de ajuda por algumas semanas. Mike me ofereceu a casa dele para repousar, mas eles têm três quartos e quatro filhos. Minha mãe quer que eu fique com ela, mas ainda estou ressentido. Não tanto depois que ela me deu essa folga no caso.

– Você pode ficar conosco. Na verdade, Yvette insistiu para eu oferecer nossa casa. Temos um quarto de hóspedes no térreo e

estamos a dois minutos do hospital. Não aceitamos recusas. Está resolvido.

– Está falando sério? – Um quarto de hóspedes na mansão georgiana do século XIX de Jake seria muito mais confortável do que o beliche dos meus sobrinhos, mesmo que fosse um pouco constrangedor conviver com Yvette. – Nossa, muito obrigado.

– É evidente que vou cobrar o aluguel. – Jake me deu uma piscadela. – Está disposto a falar do caso?

Ergui a cabeça.

– Minha mãe não desistiu da disputa?

Jake fez uma careta.

– Desistiu, claro. No entanto, tenho más notícias. Adam Cunningham trouxe a diretiva antecipada original. E Christopher continua insistindo para que os aparelhos sejam desligados.

– Mais essa agora!

– Pois é, a batalha continua. Cunningham prestou queixa, e não sei quem vai representá-lo.

– Não é Klein?

– Não. Seria conflitante, pois ele foi advogado de sua mãe, que agora está do seu lado. – Jake passou a sussurrar: – Mas, como Elle está respirando, é mais difícil retirar a fonte de vida artificial. Morte por desidratação é lenta e desumana.

A tensão invadiu meus músculos, fazendo arder ainda mais o corte não cicatrizado. O fato de Elle ter passado a respirar sozinha tornava mais provável a sobrevivência de nosso filho, mas isso também significava que ela poderia viver indefinidamente em estado vegetativo... contra sua vontade. E, se a criança vivesse, ou, que Deus não permitisse, se ela morresse, Elle também poderia viver por muito mais tempo.

– Você está bem? – Era evidente que Jake se preocupava diante da minha expressão. – Quer que chame um médico?

– Não precisa. Você achou os diários de Elle?

– Ninguém os viu.

– Droga. Juro que os deixei no quarto dela. Quando é a próxima audiência?

Jake consultou o Rolex.

- Em uma hora.
 - O quê? – Eu não poderia receber alta e estar no tribunal em uma hora.
 - Wheeler não quer vê-lo mais no tribunal. Bem, não para sempre, mas pelo menos até sua recuperação completa. Quando você desabou no chão, ele ficou paralisado. A imprensa citou algo sobre a fraqueza de Wheeler no tribunal. O que é um absurdo. Isso nada tem a ver com a competência dele como juiz. Ele só ficou momentaneamente em coque.
 - Conte como foi.
 - Foi tudo muito rápido. Tentei ligar para a emergência, enquanto Blythe e sua mãe esmurravam seu peito. – Jake me olhou como se eu houvesse ressuscitado da morte, o que, de certa maneira, era verdade. – Tenho de ir para o tribunal.
 - Quero ir com você.
 - Só se for em sonhos. Relato tudo na volta. Vou levar o padre Meehan para depor. Você sabe o que ele vai dizer. Depois, farei uma petição para tutela do feto. Tenho esperança de que o juiz dê à causa a devida consideração, e que não a rejeite de imediato. Mas, se o pior acontecer, apelaremos em termos constitucionais. Precisamos ganhar tempo para a criança se desenvolver. Serão apenas três meses, e não consigo imaginar a ideia de alguém pretender retirar os aparelhos com um bebê a bordo.
 - Três meses não serão suficientes. – A criança precisava de mais tempo, ou acabaria correndo risco de ter graves problemas de saúde: cegueira, doenças pulmonares e danos cerebrais.
 - Ele estará com vinte e cinco semanas de gestação.
 - É muito pouco.
 - Por isso o juiz vai esperar. É nossa esperança.
- Esperança...* Agarrei-me à minha com ainda mais determinação.

Após a saída de Jake, a enfermeira do turno da noite, Ava, avaliou meus sinais vitais, auscultou os pulmões e verificou o curativo da ferida. A visível.

Ava era um poço de energia de pouco mais de um metro e meio de altura. Ainda que meus pacientes em geral não ficassem no pavimento da telemetria, de tempos em tempos eu visitava alguns deles que ocupavam leitos por ali. Ava e eu havíamos nos conhecido em situações completamente diferentes das atuais. Ela era excepcional e, em alguns sentidos, lembrava-me Elle, embora não fisicamente. Ava, como Elle, transpirava confiança, além de ser muito cordial.

– Acha que vou continuar vivo? – perguntei, um tanto sério, outro tanto sarcástico, com um traço de desafio na voz.

– Parece que sim. A questão é se você vai ou não dormir. Os rumores por aí são de que ficou nesse estado por falta de sono enquanto estive na UTI com sua esposa.

– Nada disso, foi o colesterol alto. Hereditário.

Ava fitou Elle.

– Isso sem contar esse pequeno estresse. – Ela deu alguns passos para examinar Elle. Verificou os sinais vitais e trocou o curativo da traqueostomia. – Elle está dormindo como um anjo. O que faremos com você esta noite?

Elle não estava exatamente dormindo. Embora parecesse estar descansando, o que poderia dar margem a outras interpretações, como o descanso eterno. Pelo menos ela não estava sofrendo.

– Você tem prescrição de medicamento para dormir, se for preciso. Ou posso lhe dar um Percocet.

– Prefiro o comprimido para dor. Na verdade, não me incomodaria de tomar o Percocet agora.

– Tenho uma ideia. E se, apenas por esta noite, eu deixar os leitos próximos? Aposto que você estava acostumado a dormir com ela. Não seria melhor assim?

Tiver vontade de abraçar a moça.

– Ah, sim, bem melhor. Obrigado.

Ava destravou as rodinhas da cama de Elle e a empurrou até ficar bem próxima da minha. Segurei a mão de Elle.

– Pip, estou do seu lado. – Encostei a palma da minha mão em sua barriga. – Papai está aqui, garotinha.

No hospital, havia um intervalo após o horário de visitas, até o turno da noite chegar. Apesar de tudo calmo, não existia silêncio total. Ouvia-se o som ocasional de uma campainha, passos para cima e para baixo nos corredores, uma calma relativa que significava que a morte não estava no comando.

Nessas condições, adormeci, embalado pela proximidade de Elle e pelo entorpecimento dos analgésicos. Ignorei os sons clínicos distantes e longínquos. Não escutei Christopher entrar no quarto e arrastar com alarido a cadeira para perto da cama da irmã. Quando efetivamente acordei, ele me disse que estava ali havia um tempo e que viera bem depois do horário de visitas, para que pudéssemos conversar. Mas eu dormira por muito tempo com a proximidade de Elle, e ele não quis atrapalhar o meu descanso, pelo que agradei.

Ao contrário de Elle, Christopher era muito afinado. Naquele momento, entoava para Elle uma canção de ninar que a mãe costumava cantar para os dois. Ele tinha uma voz quente e melodiosa.

Abri os olhos e esquadrinhei a escuridão. Havia apenas uma fresta de luz que vinha do banheiro.

– Olá, Matt, como está se sentindo?

Resmunguei e tentei alcançar o copo de água que estava no móvel próximo a mim. A atmosfera de um hospital parecia ser importada diretamente do Saara.

Christopher deu a volta na cama e curvou o canudo, para facilitar minha tarefa.

O que estava acontecendo com ele?

– Obrigado. O que você está fazendo aqui?

– Vim visitar Elle. E você.

– Estava tentando dormir.

– E eu te deixei à vontade. Pensei em deixar um recado, mas, como você acordou, vou dizer pessoalmente que estou feliz por sua recuperação.

Não respondi nada. Não tinha nada a dizer.

– Matt, gostaria de conversar um pouco com você.

– Pode conversar com meu advogado. Não estou em condições de discutir nada.

– Não pretendo discutir, nem precisamos de advogados. Você quase morreu e, mesmo estando em lados opostos, desejo que se recupere. Você é meu cunhado. Linney me contou que você vai para casa amanhã.

– Sim, vão me dar alta.

– Vim também para avisar que hoje levei o carro de Elle de volta para sua casa. Não queria que se assustasse ao vê-lo. Poderia parecer estranho. Na hora, passou pela minha cabeça ligar para ela e avisá-la, aí me lembrei que não podia mais fazer isso. Dói muito. Não quero aborrecê-lo mais do que já aborreci. O carro está na sua casa. Só isso.

– Claro, tudo bem. Mas eu não vou voltar para a quinta. Ficarei um tempo na casa de Jake.

– Vai ser melhor para você, eu acho. Ah, ouvi dizer que você está procurando a sacola que estava no quarto de Elle.

Apertei o botão na grade da cama para recliná-la.

– Sabe onde ela está?

– Está na minha casa. Quando você teve o ataque, uma das enfermeiras de Elle me disse que era sua. Levei-a comigo para que não se perdesse.

– Você olhou o que tinha dentro? – indaguei.

– Sim, são os diários de Elle.

– Você os leu?

Christopher deu de ombros, depois suspirou.

– Pensei em ler, mas não consegui. Sabe, quando éramos crianças, Elle costumava guardar esses escritos embaixo da cama, em uma caixa trancada. Por isso, nunca os li. Mas você andou lendo alguns, não foi?

– Sim. Porque preciso de respostas. E também porque sinto falta dela. Muita falta. – Estendi o braço e toquei a mão de Elle.

– Eu também – disse Christopher. Ele se encostou na beirada da janela, olhou para a irmã através da penumbra e depois de novo para mim. – Sabe, quando você desabou lá no tribunal, só consegui pensar: *Oh, Deus, ele também não.* Você sempre foi como um irmão mais velho para mim. – Chris soltou um profundo suspiro. – Matt, você está errado a respeito de Elle, mas não quero que nada de mal

lhe aconteça. – Ele coçou a nuca. – Isso é tudo o que vim dizer. Melhoras. Eu vou deixar você dormir mais um pouco.

Ele deu a volta na cama de Elle, abaixou-se, beijou-lhe a testa e caminhou em direção à porta.

– Vou devolver a sacola.

– Chris? – chamei.

Ele se deteve e virou-se para mim.

– O que posso fazer para convencê-lo?

Christopher meneou a cabeça.

– Nada.

49

Dia 36

Estava sentado na beirada da cama hospitalar, e Jake puxou a cortina para isolar os raios de sol que atrapalhavam minha visão.

– Adam Cunningham é um idiota arrogante e presunçoso. Imagine que está representando a si próprio. Ao mesmo tempo, também é muito esperto. Apesar de não ter grandes conhecimentos sobre lei, tem facilidade para o raciocínio dedutivo.

– O que houve? – perguntei, ansioso.

– Farei um resumo – começou Jake. – Depois do testemunho do padre Meehan, submeti à apreciação do juiz Wheeler a petição para a tutela fetal. Wheeler levou nós dois para sua sala. Citei a liberdade religiosa, e Wheeler, com pena da inexperiência de Adam em leis, alegou que não havia estatuto para a guarda de alguém que ainda não existia. Lembrei a lei de 2004 a favor dos nascituros vítimas de violência. Mencionei a Primeira Emenda. Enumerei os estados onde é proibido desligar os aparelhos de uma mulher grávida em estado terminal. Wheeler afirmou que fará uma análise mais criteriosa do caso. Isso não vai dar em nada. Podemos apelar e, se necessário, como venho dizendo, temos motivos para pedir uma revisão judicial. O que pode ser bem interessante.

– Não quero saber se é interessante – retruquei enquanto me curvava para amarrar meu tênis, o que resultou em várias pontadas de dor. Meu irmão trouxera roupas confortáveis para eu sair do hospital, mas deveria ter pedido um mocassim. – Tudo o que me importa é...

– Sim, já sei. Seu filho. Diga-me, quando há um problema médico intrincado e você tem de descobrir como resolvê-lo, isso não é *mais*

interessante do que, sei lá, uma apendicectomia?

– Não opero apendicectomias. No entanto, se operasse, não diria a meu paciente com um teratoma crescendo no cerebelo que o caso dele é mais *interessante* do que uma operação rotineira de apendicite. Você já ouviu falar no ditado chinês “que você viva tempos interessantes”? Como essa expressão é sempre usada ironicamente, referindo-se a tempos, na verdade, bastante complicados, acho que não quero nada interessante no momento.

Jake, constrangido, encostou-se no parapeito da janela.

– Embora eu não saiba o que é tera... isso aí que você disse, um a zero para você.

– Falou com Carol a respeito do procurador-geral?

– Sim. Ela mandou dizer para você se cuidar.

– E...?

– O procurador e eu tivemos uma ótima conversa de dez minutos. Não deveria ser surpresa para nós que a tragédia de Elle fosse um assunto discutido em Washington D.C., tanto nos círculos conservadores como nos liberais. No entanto, não há nada que se possa fazer nas altas esferas enquanto não tivermos esgotado as opções legais aqui. E também em nível de apelo local. Talvez nem mesmo depois.

– Acha que Wheeler tentará a tutela fetal ou que a Suprema Corte tomará parte na pendência? – perguntei.

– Difícil dizer. Espero que sim. Pelo menos, é o que eu acho.

– Quando vou terminar meu testemunho?

– Não sei se te levarei novamente ao banco de testemunhas. Se você morrer, quem é que vai me pagar? – Jake soltou uma risada, depois ficou sério. – Não quero que você se emocione tanto outra vez.

– Preciso contar ao juiz sobre as cartas de Elle.

– Entendo, mas você teve um colapso em pleno tribunal. Convoquei Keisha para comparecer em seu lugar. Ela vai depor esta tarde, e é muito convincente.

– Quero uma chance para explicar minha versão.

– Que tal primeiro se recuperar um pouco?

Jake empurrou a cadeira de rodas até a porta de entrada do hospital e, depois, em dez minutos de carro, chegamos à casa dele. Para subir os três degraus da entrada, ele me amparou como se eu fosse um inválido. Não deixei de pensar na ironia de dar meus primeiros passos rumo ao futuro guiado pelo meu antigo colega de escola. Fui obrigado a admitir que ele melhorara muito o seu estilo de vida.

– Quer parar de olhar para mim como se eu fosse morrer? – eu disse assim que entramos no saguão de dois andares e piso de mármore.

– Só se você não desabar no chão de novo, seu idiota.

– Jake, isso é maneira de falar? – Yvette repreendeu o marido.

– Não se preocupe, Vette. Ele me conhece.

Yvette o fitou, chocada, depois se voltou para mim.

– Não dê confiança a ele, Matt. Aceita alguma coisa para beber?

– Agora não. Obrigado por me receber em sua casa.

– Nem fale isso, por favor... – disse ela, e saiu da sala.

Jake a seguiu com o olhar.

– Ela não tem irmãos, só uma irmã. Na família dela não se discutem nem se ouvem provocações. Venha. Sente no sofá para conversarmos. – Jake deixou sua pasta na mesa de canto estilo Luís XIV.

Em vez do sofá, escolhi uma poltrona com braços. Não conseguiria me levantar impune do assento baixo do sofá.

– Os médicos de Elle querem mandá-la para uma casa de repouso – disse Jake.

– Eu sei, e isso não me agrada. Gostaria de poder levá-la para casa.

– Você agora não tem a menor condição de cuidar nem de si mesmo, imagine de Elle. Tem em mente algum outro lugar?

A ideia de uma casa de saúde me deixava muito preocupado. O cenário que me vinha à mente era triste, malcheiroso e frio.

– Vou pensar nisso.

– Matt, volto a insistir. Você se sente bem mesmo? Já imaginou morrer na minha casa? Ela vai perder todo o valor de mercado – Jake ironizou.

– Estou bem. Obrigado pela preocupação. Se sentir dor no peito, vou me esforçar e ir para a rua.

50

Dia 37

Minha mãe chegou à casa de Jake com uma mala lotada de roupas e folhetos de três casas de repouso. Hank a seguia, resmungando. Muitas pessoas supunham que Hank e minha mãe se casariam após a morte de meu pai. O que era um absurdo. Papai e Hank eram muito amigos. Alice e mamãe também. A ligação entre mamãe e Hank, no entanto, era circunstancial.

– Como você entrou na minha casa, mãe? – perguntei, tentando pegar a mala.

– Ah, não! Nem pense em erguer a mala, Matt. Está muito pesada.

– Minha mãe se afastou e inspecionou o andar térreo até encontrar o quarto ao lado da cozinha, que fora da empregada e, agora, por minha causa, passara a quarto de hóspedes.

Ela deixou a mala no chão e espalhou os folhetos ilustrados das casas de repouso sobre a cama. Em seguida, abriu as gavetas e as encheu com roupas íntimas, meias e camisas. Eu andava de um lado para o outro, arrastando os pés.

– Mãe, você ainda não me disse como entrou em casa.

– Tenho uma chave.

– Mas você já tinha me entregado.

– Eu tinha outra. – Mamãe deu uma piscadela.

– Eu nunca tinha me dado conta de como você é intrometida.

– Ter a chave da sua casa não significa que eu entraria nela para xeretar ou dar palpites. Nem me lembro como consegui aquela chave, mas foi bom. Alguém tem de cuidar da casa, e também pude pegar roupas limpas.

– Chega de discussão por causa de uma chave – Hank falou. – Vamos decidir qual das casas de repouso é melhor para Elle.

– Vai depender de onde houver vaga – afirmou minha mãe.

– Não necessariamente – Hank contestou.

Sentei-me em uma cadeira e gemi. A dor queimava desde a incisão do peito até os músculos da perna. Deslizei suavemente a mão pelos pontos e senti a fragilidade da sutura.

– Como assim? – perguntei.

– Venho pensando no assunto desde que os médicos autorizaram a retirada do respirador de Elle e levantaram a hipótese de ela deixar o hospital. Há escassez de leitos em casas de repouso, não é verdade?

– Sim, por isso mesmo não podemos ser exigentes – minha mãe ponderou.

– Podemos sim – disse Hank. – Há um déficit de leitos nas casas de repouso de Portland. Sou um homem de negócios. Se eu administrasse uma dessas, trataria logo de expandi-la.

– Não estou entendendo. Não temos tempo de construir uma nova casa de repouso – argumentei.

– Não, não. Não se trata de uma nova. Vou oferecer um empréstimo para ampliação. – Hank agitava a mão como se empunhasse uma varinha mágica.

– E em que isso nos ajudaria? – perguntei.

– Se o dono for esperto, ele nos oferecerá o que quisermos em troca.

– O quê? – quis saber minha mãe.

– O acordo nos dará não apenas um leito, mas um quarto para Elle por tempo indeterminado. Seria horrível ter de andar na ponta dos pés por causa de uma companheira de quarto. Além disso, Matt, depois do ataque cardíaco, não pode passar dia e noite dormindo em uma poltrona. E eu, na minha idade, também não aguentaria isso durante meses. Por isso, estipularei que Elle terá um quarto privativo pelo tempo que for necessário. Mais tarde, poderão transformá-lo em enfermaria. Com certeza isso vai levar Elle ao primeiro lugar na lista de espera. E também vamos querer um

segundo quarto contíguo ao dela. Os dois recintos em troca de uma ala nova.

Mamãe e eu nos entreolhamos. Não sabia a opinião dela, mas eu achei que Hank perdera o juízo.

– Se for preciso, comprarei a clínica – ele enfatizou.

Minha mãe o fitou, o queixo caído.

– É um plano muito generoso – afirmei –, mas você tem ideia de quanto isso custaria, sem falar nos regulamentos envolvidos?

– Claro que sim. Vendi uma porção de propriedades. A corretagem de imóveis é o que mais tenho feito atualmente. Cheguei a vender algumas casas de repouso. Vamos ao que interessa? Qual dessas instituições tem melhor reputação?

Minha mãe estudou os panfletos em cima da cama.

– Hank, sei que você é bem-sucedido, mas...

– Linney, ela é minha filha. Acredite, posso me permitir tomar conta dela. – Hank endireitou as costas para demonstrar que era homem suficiente para cumprir sua promessa.

– Mas... – minha mãe tentou argumentar.

– Lin, isso não vai me arruinar financeiramente, fique tranquila.

Minha mãe assentiu, comovida. Estávamos todos com grande sobrecarga emocional. Até o menor senso de alívio poderia nos conduzir a uma catarse regada a lágrimas. Haja vista minha mãe, sempre pragmática, que agora mal podia conter a emoção. Ela apontou para um dos livretos.

– Essa fica mais perto do hospital.

– E tem condições muito boas de reabilitação – completei. Ele nunca se recuperaria, mas um bom fisioterapeuta ajudaria a prevenir complicações causadas pela imobilidade, e Ele com certeza não precisava de nenhuma outra complicação.

– Provavelmente ninguém ali entende de obstetrícia – minha mãe acrescentou.

– Eis aí seu papel. – Hank recostou-se na cadeira. – Você se encarregará de espalhar a notícia de que precisaremos de enfermeiras especializadas em obstetrícia por alguns meses. Pagaremos o dobro do que elas ganham para servirem apenas a Ele. Minha filha terá cuidados durante vinte e quatro horas.

– Uma ótima ideia – concordei. – Mas o seguro não pagará...

– Matt, para um neurocirurgião, às vezes você é um pouco lento. Acha mesmo que não investi no *boom* imobiliário? Tenho dinheiro. Confie em mim. Esse é o menor dos nossos problemas.

Hank e eu nos entreolhamos. Não podia acreditar naquilo, embora não ignorasse que ele tinha meios para levar o plano adiante.

– De quanto tempo você precisa? – perguntei a meu sogro. – Os médicos pretendem dar alta a Elle em poucos dias.

– Em algumas horas, eu lhe trarei uma resposta. – Hank levantou-se para sair. – Deixe-me fazer meu trabalho, e vamos torcer para que seja tão simples como imaginei. Agora, trate de descansar. Quero você fortalecido para as mamadeiras da noite em poucos meses. – Ele me deu um tapa nas costas, esquecido de que eu acabara de ter o peito aberto e costurado.

Meus olhos lacrimejaram de dor e de gratidão por aquele otimismo.

– Obrigado, Hank.

Embora não houvesse esquecido de que ainda teríamos de enfrentar Adam e Christopher, fiz nova prece para que Elle não abortasse.

51

Dia 38

Abri o zíper da sacola.

– Juro que não tirei nenhum dos diários, ao contrário do que você deve estar imaginando. – Christopher brincava com as persianas hindus do escritório da casa de Jake. – Rapaz, se Jake algum dia vender este escritório, quero ser avisado antes. Adorei os detalhes arquitetônicos. Veja a sanca. Deve ter mais ou menos quarenta e cinco centímetros de largura. Por falar nisso, onde ele está?

– Em Boston. A filha tem um campeonato de ginástica neste final de semana – expliquei, olhando a foto de Janey sobre a mesa de Jake. Aliás, fotografias familiares espalhavam-se pela casa. Praia, festa de Halloween e bolos de aniversário eram o pano de fundo para uma família que, em geral, aparecia rindo com naturalidade nas imagens. Bem diferente de poses de felicidade forçadas para convencer as câmeras.

– Ele te deixou sozinho? – perguntou Chris.

Aos trinta e sete anos, em geral não esperamos duas coisas: a necessidade de uma *baby-sitter* e uma cirurgia de coração.

– Minha mãe dormiu aqui a noite passada, mas hoje ela foi trabalhar. Mike me levou ao hospital para ver Elle. E Jake volta esta noite.

– Você precisa de mais alguma coisa?

– De um motorista. Não posso dirigir por algumas semanas. Mas isso vai ter de esperar.

– E aonde você quer ir?

– Para casa. Tenho que pegar algumas coisas.

– Posso te levar.

O céu nublado cobria o rio Harraseeket como um manto. As nuvens, embora baixas, não formavam um nevoeiro denso. Chris parou seu utilitário esportivo à entrada de minha casa. O carro de Elle estava estacionado onde ela sempre o deixava, perto da porta dos fundos. Chris estava certo. Eu teria estranhado se ele não houvesse me avisado.

– Você tem condições de subir a escada? – Christopher encarou os degraus da varanda como se fossem um desafio a ser vencido.

Sete degraus. Muito fácil.

– Não estou inválido. Afinal, meu músculo cardíaco não sofreu grandes danos.

– Só por isso você não morreu. – Ele me olhava como se eu fosse cair a qualquer momento.

– É verdade, mas o que é estar à beira da morte? – Sorri, embora o poder que eu exercesse sobre ele houvesse mudado. Chris passara a ser o mais forte, além de um jogador mais poderoso.

– Ainda bem que você não perdeu seu senso de humor.

– Estou bem, ou mais ou menos. – *O menos significa a operação e tudo que ela envolve.*

Chris estreitou os olhos, desconfiado.

– Vamos pegar o que você precisa e depois eu te levo de volta.

Entramos na residência pela porta dos fundos.

O ar estava bolorento, como se a casa soubesse que Elle e eu já não precisávamos respirá-lo. No balcão, a sacola de lona de Elle do jeito como ela a deixara ao chegar. Um bilhete de Chris encontrava-se ao lado.

– É o cartão do estacionamento – explicou. – Não quis deixá-lo dentro do carro.

Costumava caçoar de Elle dizendo que ela carregava meio mundo naquela sacola. Ela enfiava nela uma toalha e ia à praia. Às vezes, preparava um almoço, punha dentro e passava em meu consultório para fazermos um piquenique. A sacola também servia de abrigo para o laptop e documentos da faculdade. Agora tudo fora deixado ao lado do bilhete de estacionamento, dos óculos de sol, de um pacote de goma de mascar sem açúcar e das chaves do carro. Deus, como sentia saudades de vê-la entrar pela porta e deixar as chaves

de um lado e os sapatos jogados do outro. Ele era tão brilhante que podia se permitir ser um pouco desmazelada, esquecendo os pequenos detalhes do cotidiano. Por que aquela sacola me incomodava?

– Onde você deixou o restante das cartas? – Chris perguntou.

– Sobre a mesa da cozinha.

– Poderia ter pegado isso sem você – comentou Chris, passando pela despensa.

– Eu sei. – Porém, depois quase de ter morrido, queria ver se o mundo mudara, se fora transubstanciado ou se havia desenvolvido profundidade e cor. Olhei pela janela e vi a relva transformada em matagal, mas o mundo não estava com nuances mais marcantes. Ao contrário, talvez um pouco mais pálidas e vazias. A realidade do acidente de Elle havia se instalado. Estávamos no outono. Tudo morria. Uma onda de pessimismo me invadiu, e percorri com o olhar a cozinha vazia. Então me lembrei de que uma nova vida chegaria na primavera. Meu filho, ou filha. Andei pela sala.

– Pegue o que for preciso e vamos embora – disse Chris ao voltar.

– Só mais um minuto.

Sobre o consolo da lareira havia uma foto de nós dois que alguém emoldurara e dera como presente de casamento. Eu deveria ter oito anos e Elle, cinco ou seis. Nossas famílias haviam acampado juntas. Alice, que adorava fotos em preto e branco, havia nos fotografado em imagem granulada. Ao fundo, uma fogueira de acampamento nos iluminava, e, sentados de frente um para o outro, parecíamos apenas silhuetas. Exceto por nossos olhos, que refletiam luminosidade. Era a centelha que havia entre nós, desde aquela época.

– Carrie se parece com Elle – Christopher comentou atrás de mim. A filha dele de quatro meses tinha feições semelhantes às da tia.

– Conte a ela quando tiver idade suficiente para entender.

– Claro que contarei – respondeu Chris com a voz embargada.

Eu me virei para ele.

– O nosso bebê também poderá se parecer com a mãe.

– Isso é golpe baixo, Matt.

– O que está querendo dizer?

– Que você está manipulando os fatos.

– Não vejo como. – Sentei-me no braço do sofá. – É a verdade. Elle está grávida. É uma parte dela que pode sobreviver. A criança não será Elle, mas você sabe o quanto ela queria um filho. Pense apenas na natureza de sua irmã. Elle cuidou de você, um menino assustado e órfão de mãe. Ela adiou os sonhos por sua causa, Chris. Arriscou-se fora de uma nave a vinte e sete milhões de quilômetros horários e a mais de quinhentos e cinquenta quilômetros acima da Terra para não deixar um astronauta morrer. Ela faria qualquer coisa para salvar a vida de quem amava. – Minha voz falhou. – Nem que isso representasse vegetar em uma cama para dar à luz um filho.

– Não sei. – Chris esfregou os olhos com a palma da mão. – Não sei. Uma de minhas lembranças mais marcantes é Elle chorando. Mamãe estava doente, e Elle estava sentada a seu lado. De repente, levantou e foi à cozinha. E repetiu sem parar que estava tudo errado, que estávamos torturando nossa mãe e que não havia motivos para isso.

– Há uma grande diferença, Chris. Sua mãe morreria de qualquer maneira, e o único resultado de mantê-la viva seria prolongar seu sofrimento. Elle está grávida, e faz sentido mantê-la viva até o bebê nascer. Será que a vida de uma criança não importa? Elle não está sofrendo, nem sabe o que está acontecendo com seu corpo. E, depois... – procurei encontrar uma maneira de atar minha língua às palavras que teria de dizer – ... farei que Elle encontre paz. Vou entrar com um recurso no tribunal, se for preciso, para desligar os aparelhos. – *Ou, isso eu não disse, passarei algo em seu tubo de alimentação para que ela nunca mais volte a sofrer.* Baixei a cabeça e a enterrei entre as mãos.

– Não quero discutir sobre isso – disse Chris em voz baixa. – Vamos embora. Você está bem?

Assenti; não estava com dor no peito. No entanto, precisava de mais um momento ali.

– Faça-me um favor, Chris. Vá até o andar superior e verifique se as janelas estão fechadas. Não aguentaria subir.

– Claro. – Chris subiu a escada de dois em dois degraus.

– Exibido – murmurei enquanto cambaleava de volta para a cozinha. Peguei as chaves do carro de Elle e saí, pensando em guardar o carro dela no celeiro, achando que conseguiria.

Arrastei-me para sentar no banco do motorista. Parecia um velho, mas odiava depender de alguém para dirigir para mim. Fechei os olhos à espera de que os músculos parassem de doer. Ao sentir algum alívio, pus a chave na ignição e, com o canto dos olhos, notei uma coisa púrpura no banco do passageiro. Não, era azul-anil, desbotado pelo sol até ficar arroxeadada.

– Meu Deus! – exclamei. Era um álbum de bebê. Uma caneta esferográfica estava dentro, como se fosse um marcador de páginas.

Li o conteúdo. Era exatamente o que eu procurava.

– Matt? – Chris chamou.

Abaixei o vidro.

– Estou aqui. Venha ler isto.

Dia 40

Adam aproximou-se da bancada como se fosse um touro em uma investida furiosa. O oficial de justiça interpôs-se entre ele e o juiz.

– Ordem no recinto! – disse Wheeler em tom impositivo. – Doutor Cunningham, não chegue perto de minha mesa sem que eu lhe dê permissão. Fui claro? Mesmo tendo prescindido da presença de um advogado, o senhor terá de obedecer às regras. Não quero ter de fazê-lo objeto de descrédito neste recinto. É meu último aviso.

– Sim, Meritíssimo, mas por que nunca ouvimos falar desse álbum de bebê antes? Como é que o senhor ficou sabendo disso? – Adam dirigiu-se a Jake.

– Doutor Cunningham, queira se dirigir à corte – insistiu Wheeler. – O senhor não deve falar diretamente com o doutor Sutter. Pergunte a mim, se necessário. Estamos tratando de um assunto sério; este não é um tribunal para resolver pendências irrelevantes. Como eu lhe disse antes, um advogado na corte é de importância fundamental.

– Está certo, Meritíssimo. Peço perdão.

Jake voltou-se devagar para Adam, um sorriso condescendente no rosto.

– Meritíssimo, não sabíamos da existência desse álbum de bebê até o último final de semana. Ele estava no carro de Elle, que se encontrava na entrada da casa do irmão desde o dia do acidente. Meu cliente estava abatido com a tragédia da esposa e, mais recentemente, preocupado com a própria saúde. Por isso, nem pensou em procurar o carro dela.

– Será que os senhores não estavam escondendo evidências? – perguntou Adam.

– A mim – insistiu Wheeler. – Dirija a mim seus comentários.

Jake franziu os lábios em uma repreensão paternal.

– Como eu estava dizendo, Meritíssimo, o irmão de Elle levou o carro dela até a casa do doutor Beaulieu na última quinta-feira. O doutor Beaulieu ainda se encontrava no hospital. No sábado, meu cliente foi até sua casa para guardar o carro na garagem e descobriu o livro. Não estávamos escondendo nada.

– Podemos dar seguimento ao interrogatório – disse Wheeler. – Doutor Sutter, queira continuar.

Adam sentou-se e me encarou com um olhar furioso.

– Obrigado, Meritíssimo. – Jake retornou ao banco de testemunhas e entregou-me o livro em questão. – O senhor reconhece a letra de Elle no álbum?

– Sim, a letra é de minha esposa.

– O senhor poderia fazer o favor de ler o que ela escreveu?

Eu me lembrei da mensagem que descobrira alguns dias após o acidente de Elle, das palavras rabiscadas no vapor do espelho do banheiro. Era o que ela queria dizer.

– Está datado de treze de agosto – eu falei e passei a ler o que Elle escrevera:

Você é a coisa mais doce, The Sweetest Thing... um pequeno milagre. Vou chamá-lo de Docinho até que tenha um nome de verdade.

Li, escutando a voz de Elle, e não a minha.

Há cerca de uma hora descobri que você está dentro de mim. A primeira coisa que tenho para te dizer é que sua mãe te ama. Seu pai também te amará, assim que eu contar sobre você hoje à

noite. Nós sempre quisemos ter filhos. E esperávamos ansiosamente por você.

Dei um suspiro profundo e imaginei como teria reagido naquela noite se Elle não houvesse caído da escada e tivéssemos dado aquele longo passeio pela praia, como ela sugerira no correio de voz. Teria ficado com receio por ela e pelo bebê. Teria me preocupado durante todos os meses. Gostaria de ter tido todos esses problemas em vez de estar sentado em um tribunal, implorando pela vida de nosso filho.

– Matt. – Jake me chamou. – Por favor, continue.

Nós não planejávamos esperar tanto, mas às vezes acontecem coisas que as mães e os pais não esperam.

Espiei o juiz de esquelha, e aumentei o tom de voz.

Agora nada disso tem importância. Você chegará a esse mundo maravilhoso. Ah, tenho tantas coisas para compartilhar com você. Há tantas coisas para você ver e conhecer. O mundo é um lugar imenso. Tive o privilégio de vê-lo da maneira que poucos viram antes de mim. Mas, para um bebê, tudo o que você deve conhecer é o sentido da palavra amor. Você tem de se sentir seguro e aconchegado, e seu mundo crescerá dia a dia. Você precisa apenas de uma chance.

E tempo. E amor.

Nós lhe daremos tudo isso. Prometo.

Também prometi isso à criança que ainda não nascera. Eu a amaria por Elle, e por mim.

Você nascerá forte e saudável. Comerei bem e, se for necessário, ficarei de cama pelos próximos nove meses. Gemerei ao tomar as injeções, claro. Mais tarde eu lhe contarei como mamãe tem medo de agulhas... Mas não deixarei de tomar as injeções. Farei qualquer coisa por você. Qualquer coisa.

Ah, meu bebê! Menino? Menina? Acho que é uma menina. Por que imagino isso? Talvez você seja um menino. Um menino será tão maravilhoso quanto uma menina. E receberá todo nosso amor.

Eu poderia ficar aqui o dia inteiro falando com você, mas preciso ir até a casa de seu tio e ficar lá um pouco. Amanhã iremos consultar a obstetra e aí começarão as terríveis picadas. Em mim, não em você. Não se preocupe se eu soltar alguns gemidos. Na verdade, nem é tão ruim.

Tudo dará certo. Eu lhe prometo. Farei tudo o que estiver ao meu alcance para termos um final feliz.

Com amor, mamãe

Eu teria lido inúmeras vezes aquelas anotações. Não eram as derradeiras palavras de Elle, mas eram as últimas que importavam.

O álbum do bebê teria de ser suficiente. Observei a fisionomia do juiz. Era difícil decifrar o que havia ali; ainda assim, tive a impressão de perceber um pouco de ternura em seu semblante.

Olhei ao redor. Minha mãe, sentada atrás de Jake, fungava. Ao lado dela, Chris esfregava os olhos. No sábado, depois de ler aquela mensagem, ele acabara por concordar comigo que Elle faria qualquer coisa pelo filho. Até mesmo permanecer em estado vegetativo.

Jake olhava para o juiz com assombro.

– Não tenho mais perguntas – meu advogado e amigo declarou.

O juiz tocou o punho da camisa que aparecia sob a manga do manto.

– Doutor Cunningham, tem perguntas a fazer ao doutor Beaulieu?

Até mesmo Adam parecia um pouco emocionado.

– Meritíssimo, eu poderia ter algum tempo para pensar?

– Recomeçaremos em dez minutos – estipulou o juiz.

Nós nos levantamos quando o juiz deixou o recinto.

Havia até me esquecido dos repórteres. Nem fechei a carranca diante da intensa curiosidade. Treze dias após um infarto, uma parada cardíaca e uma cirurgia no coração, desci do banco de testemunhas. Phil saiu da galeria, aproximou-se e agarrou meu punho para sentir a pulsação.

– Alguma dor no peito?

– Estou apenas um pouco cansado.

Ele resmungou. Como medida de prevenção por minha volta ao tribunal, convocara alguns paramédicos para ficarem de plantão do lado de fora do recinto.

– Você não me respondeu. Está ou não com dor no peito?

– Não, doutor. Pode mandar seus amigos embora. Prometo que não vou morrer, mas lhes transmita meu agradecimento por terem perdido a hora do almoço.

– É muito cedo para você se submeter de novo a tanta pressão.

– Você já me falou isso. Se eu conseguir convencer o juiz, meu nível de estresse diminuirá consideravelmente.

– Está bem. – Phil estalou a língua. – Sente-se aqui e me deixe tirar sua pressão.

Cerrei os dentes e enrolei a manga para cima.

– Não vejo necessidade de tanta frescura.

– Matt, está sentindo alguma dor? – foi a vez de Jake perguntar.

– Estou ótimo. Por favor, parem de se preocupar. Não sou nenhuma criança.

– Sua pressão está normal. – Phil bateu em meu ombro. – A propósito, reconheço que estava errado. A leitura do que Elle escreveu foi bastante convincente.

– Obrigado. – Eu o fitei. – No entanto, é o juiz quem precisa ser convencido.

Minha mãe me deu uma garrafa com água, e sorvi um grande gole.

– Obrigado.

Pouco depois o oficial de justiça se manifestou.

– Todos em pé.

E nós nos comportamos como um bando de dançarinos bem ensaiados. Para cima e depois para baixo.

O juiz Wheeler me fitou pela primeira vez, baixando o olhar ao se sentar.

– Doutor Beaulieu, está pronto para prosseguir?

Fui até meu lugar, esperando que Adam não acabasse com meu testemunho.

Com semblante desconfiado, ele se aproximou do banco de testemunhas.

– Elle lhe deu autorização de poder decisório sobre os cuidados com sua saúde?

Cocei o queixo.

– Bem, assinei um consentimento médico em seu nome, quando ela deu entrada no hospital em fevereiro. Ela precisava de uma transfusão de sangue e foi levada para a emergência por causa da hemorragia.

– Mas ela nunca lhe deu uma autorização para decidir a respeito de sua saúde, não é?

– Não que eu me lembre.

– Quando Elle fez a declaração prévia de vontade, ela o nomeou executor dos cuidados médicos decisórios?

– Não.

– Ela não confiava em você, não é, Matt?

– Na verdade, acredito que ela confiava sim. Na administração de nosso dinheiro e de nossos corações. Éramos o melhor amigo um do outro. Mesmo quando ela morava com você, fui o melhor amigo dela, e ela foi minha melhor amiga. – Dei de ombros. – Mas ela não queria que o fato se tornasse público.

– Essa foi boa.

– Doutor Cunningham, doutor Beaulieu, por favor, evitem comentários pessoais. – Wheeler sacudiu a cabeça.

– Sim, Meritíssimo. – Adam virou-se para mim. – Não poderia ser porque Elle duvidava de que sua vontade seria atendida?

– Não. Eu nem pensava em elaborar uma declaração prévia de vontade. Resisti a isso. Sempre posterguei a ideia. Elle sabia que eu me preocupava muito com a saúde dela, principalmente depois que descobrimos que era portadora da síndrome antifosfolípídica, embora houvesse possibilidade de termos um filho com riscos mínimos. Mas, como médico, eu vira muitos insucessos graves. Elle sabia que eu não podia sequer imaginar perdê-la. Não queria encarar nem mesmo minha própria mortalidade. As últimas semanas têm sido muito tensas para mim.

Percebi sorrisos sombrios assomando na galeria.

– Não chego sequer à sombra de Elle no quesito coragem. Jamais teria pretensões de me tornar um astronauta. Nunca entraria em uma nave como aquela.

– Muito bem, obrigado.

– Meritíssimo, por favor, deixe-me terminar.

– Doutor Beaulieu, temos normas a seguir – retrucou Wheeler. – O advogado, ou melhor, o lado oposto faz as perguntas, e o senhor as responde.

– Eu só queria dizer que Elle era uma pessoa altruísta, embora tivesse seus sonhos, mas...

– Meritíssimo, ele não obedeceu à sua ordem de se calar – interveio Adam.

– Protesto aceito – disse o juiz.

– É preciso ser um homem corajoso para tomar decisões de peso, não é? – Adam considerou.

– Não é aonde eu pretendia chegar – respondi.

– Elle sabia que o marido era incapaz de tomar uma decisão difícil, não é verdade?

– Tomo decisões difíceis diariamente.

– Mas foi incapaz de deixar Elle morrer em paz, não?

Jake se levantou.

– Contesto, Meritíssimo. A testemunha...

– Por favor, eu gostaria de responder à pergunta – interrompi Jake.

– Fale, doutor. – Wheeler estreitou os olhos.

– Elle sabia que eu era capaz de tomar decisões de vida ou morte. Sou um neurocirurgião, e jamais a teria prendido artificialmente à

vida se ela não estivesse grávida. Eu me ative apenas ao que ela gostaria que eu fizesse. Vamos ver se consigo explicar. Ele era doadora de órgãos; ela os doaria para salvar um estranho. Se era altruísta a esse ponto, na certa permitiria que o próprio filho os usasse por alguns meses. Ele já se foi. Ela não está sofrendo, tampouco tem consciência do que está acontecendo. A dor e a ideia de se sentir presa e limitada a apavoravam. Ela foi testemunha do sofrimento da própria mãe. Todos nós fomos. – Tive de controlar minha voz. *Aguente aí*, pensei. – O senhor ouviu o que Ele escreveu. Ela teria feito qualquer coisa por esse bebê. Ficaria na cama, tomaria injeções. Entendo que não é a mesma coisa que ficar dependente de um respirador artificial, mas, conhecendo Ele, sei que ela não titubearia em ficar conectada aos aparelhos para salvar seu filho. Ela era uma mulher inteligente e maravilhosa, e, para um tribunal de justiça, o que importa é determinar qual seria sua vontade. E eu a conheço. Creio que ela sacrificaria a si mesma por esse bebê a quem chamou de Docinho.

Adam não me dirigiu a palavra depois de meu discurso, que foi, para minha surpresa, muito eloquente. Limitou-se a ficar sentado, o terno impecável, olhando para a frente, com semblante também sofredor. Mais tarde, concedeu uma entrevista a Barbara Walters e descreveu Ele como heroína. Foi um tributo razoável e bem fundamentado. Apesar de ter uma opinião distorcida, citou algumas coisas pelas quais Ele sempre seria lembrada.

Recebi vários convites de entrevistas. De Katie Couric a Oprah. Não aceitei nenhum. Para mim, o assunto era pessoal. Ele nunca fora uma pessoa pública. Jamais tocara em temas pessoais, nem mesmo depois do acidente com o ônibus espacial em que aparecera na capa do *Time* e do *Newsweek*. Ela teria detestado saber que sua vida se tornara objeto de discussão pública.

Quando o juiz Wheeler voltou para comunicar a sentença, pensei que meu coração fosse parar, algo não improvável nos últimos tempos.

O manto ondulou quando ele se sentou. Tudo me pareceu exagerado. Desde a maneira como o sol brilhava através das vigas, até meu próprio odor de suor e a secura na boca.

– Diante deste tribunal, nego a petição para a guarda legal do feto. O estado do Maine não tem legislação para a tutela de um nascituro. Não há jurisprudência para tanto. Não se pode designar um tutor para um feto. E também não há referências anteriores para aplicar, em uma situação como esta, o direito da liberdade religiosa da Primeira Emenda.

Tentei continuar respirando enquanto rabiscava no bloco de Jake.
Poderemos apelar?

Jake anuiu, sem desgrudar os olhos do juiz.

– Em relação à declaração prévia de vontade – continuou Wheeler –, em que o doutor Adam Cunningham foi nomeado como executor dos cuidados médicos a que Elle McClure poderia ser submetida, tenho de ignorar a lei do Texas. No Maine, não se anula uma declaração prévia de vontade durante a gravidez, a menos que esteja estipulada especificamente. Ademais, questiono se Elle McClure não revogou a declaração prévia antes de fevereiro deste ano, porque sua assinatura e iniciais no documento de admissão ao hospital no dia dois de fevereiro fazem supor que ela não tivesse nenhuma declaração prévia de vontade. – O juiz se recostou na poltrona e fez suspense antes de continuar. – Existe também a possibilidade de ela ter estado em choque nesse dia e ter assinado o documento sem noção de seu significado. Elle Beaulieu há muito terminara o relacionamento com o doutor Adam Cunningham e não mantivera com ele nenhum relacionamento significativo. E, agora, Linney Beaulieu está em concordância com seu filho.

Retive a respiração.

– Este tribunal de justiça não faz julgamentos morais. Estamos aqui para determinar o que Elle Beaulieu teria decidido, se estivesse em condições de fazê-lo. Pelas anotações que Elle fez no álbum do bebê na manhã do acidente, acredito que a continuação da gravidez expressaria sua vontade.

Jake pôs a mão em meu ombro.

– Contudo – acrescentou Wheeler –, ela também deixou bem claro, de acordo com as testemunhas, que não desejaria viver se não houvesse esperança de cura significativa. Instruo, pois, a seus cuidadores para que os equipamentos de suporte vital fiquem ligados até que a gravidez termine.

– Obrigado, Senhor – sussurrei.

– Doutor Beaulieu – o juiz dirigiu-se a mim. – Eu admirava sua esposa. E sinto muito por sua perda. Espero que essa gestação lhe traga uma criança saudável. Desejo tudo de bom para sua família, que já sofreu o bastante. Quando Elle Beaulieu der à luz ou tiver um aborto, será convocada uma audiência para determinar os termos da cessação das condições que a mantêm viva. A sessão do tribunal está encerrada.

Abracei Jake. E Hank. E as pessoas que se aproximaram de mim. Adam ficou sentado, sozinho, olhando através da janela.

53

Dia 160

Durante a doença da mãe de Elle, lembro-me de ter pensado que a agonia da morte se prolongava demais. Toda vez que Alice gemia ou apresentava dificuldade para respirar era uma tortura para Elle e, como entendi depois, a doença da mãe também fazia Christopher e Hank sofrerem. Observar a impotência de Elle era um verdadeiro tormento, mas eu procurava pensar que um dia a mais de sua vida artificial significava uma chance maior para a criança.

O ultrassom do final de outubro indicava que o bebê era uma menina, o que foi confirmado pelas imagens feitas no dia de Ação de Graças. Ainda havia incerteza na esperança, mas, embora ligados a um fio tênue, lutávamos com todas as forças para afastar o medo, o sofrimento e a morte. Por isso dei à minha pequena filha o nome de Hope.

A menina ainda não estava fora de perigo. A pressão de Elle apresentava grandes oscilações, e Blythe fazia ultrassonografias diárias para determinar se Hope continuava tolerando a deterioração do corpo da mãe. Eu procurava estar sempre presente, mas nesse dia me atrasei. Um de meus pacientes sofrera uma pequena complicação com a anestesia naquela manhã, o que atrapalhou minha programação. Atravessei o estacionamento coberto de neve da casa de repouso e corri pelo *hall* lotado de pessoas frágeis, de cabelos brancos, presas a cadeiras de rodas, mais mulheres do que homens, e que haviam vivido o suficiente para acabar os dias em um lugar daqueles.

Nossa família tomara conta de dois quartos no final da ala norte da Casa de Repouso Seashore. Era onde eu passava a maioria das

noites. Durante o dia, Hank lia alto para a filha. Apesar de ela não o ouvir, nunca o desencorajei da tarefa.

Sentia muita falta de Elle, e a única maneira de lidar com a perda era escrever minhas próprias cartas. *Querida Pip*. Talvez algum dia Hope pedisse para ouvir a história de vida de seus pais. Por ora, as cartas eram uma maneira de não perder o juízo.

Entrei no quarto de Elle e vi Blythe limpando os acessórios do ultrassom.

– Está na hora de tirar os enfeites de Natal – ela comentou. – Amanhã é o último dia de janeiro.

– Elle amava o Natal. – Não comentei que aquele seria seu último Natal. – Como vai o bebê?

Blythe se afastou de mim.

– Na verdade, nada mal, chupando o polegar. Elle, contudo... Matt, ela está se desligando da vida. A circulação sanguínea piorou. Quero levá-la de volta ao hospital hoje. Os rins estão parando, e a pressão subiu muito. Embora eu tenha diminuído a dose de heparina ontem, os exames laboratoriais da manhã mostraram que o tempo de coagulação está muito baixo. Ela pode desenvolver uma hemorragia. Poderíamos continuar com a gravidez, mas você já sabe. Não é uma boa ideia. – A fita rosa caiu de seus cabelos, e Blythe se abaixou para pegar. – Você notou as petéquias?

– Não. Onde?

Blythe apontou os pequenos pontos hemorrágicos, outra indicação de sangramento anormal, nos braços, no abdome e na testa, junto à raiz do cabelo.

– Ainda é cedo para tirar o bebê – comentei.

– As chances são muito boas com trinta e uma semanas. E, nessas circunstâncias, as possibilidades são melhores para o bebê do lado de fora. Bem, tentaremos mais vinte e quatro horas. Quero ministrar no soro de Elle mais uma rodada de esteroides para os pulmões da menina – Blythe afirmou.

Puxei uma cadeira, sentei-me ao lado da cama de Elle e segurei sua mão na minha.

– Quando pretende levá-la?

– A ambulância que pedi deve chegar em uma hora. – Blythe me entregou o resultado dos últimos exames de sangue.

Os níveis estavam piores do que eu imaginava.

– Minha filha está bem, Blythe?

– Ela está se desenvolvendo, mas não tanto como eu gostaria. Não podemos esperar. O pior pode acontecer a qualquer momento. – Blythe saiu e fechou a porta.

– Eu te amo, Pip. – Acariciei aquela mão tão querida. – Deus, então é isso?

Às vezes, o silêncio pode ser ensurdecedor. Ela já se fora há muito tempo.

– Sinto muito sua falta.

Curvei-me e beijei sua barriga.

– Está tudo bem, Hope. Papai está aqui, e mamãe escreveu muitas cartas. Pode ter certeza de que lhe contarei todas as histórias.

Em determinadas ocasiões, minhas lembranças são flashes, e não eventos sucessivos. As portas duplas da sala de parto se abriram e passamos pela mesa de internação. Um homem, sentado, segurava a mão cerrada da esposa. O sorriso dele era consolador, e havia preocupação em seus olhos. Eu não saberia dizer por que eu via apenas a expressão dele, mas não a dela. Era como se ela fosse um fantasma.

Em geral, as pessoas esperam a chegada de uma nova vida no piso de emergência. Eu também esperava uma perda. Estava aflito. Tinha receio pela criança, por Elle, pelo momento em que o corpo morreria. O tempo corria contra nós. Nem queria pensar em minha vida sem nenhuma parte de Elle neste mundo.

Seguiram-se os procedimentos de rotina. A transferência de Elle da maca para uma cama hospitalar, a instalação do monitor fetal e do soro intravenoso na mão de Elle. Ela, que tinha horror a agulhas, não exibiu o menor estremecimento.

Depois, os fatos menos rotineiros. A chegada de minha mãe no quarto. Nós dois choramos quando expliquei a ela que o corpo de Elle definhava de maneira contínua e irreversível.

Eu caminhava de um lado a outro. Minha mãe me abraçou e me segurou, mantendo-me imóvel. A imobilidade me pareceu desconfortável. Lembrava a morte. Lembrava-me Elle.

– Vamos dar uma volta, meu querido – ela convidou.

Neguei com um gesto de cabeça.

Ela apertou meu braço, como costumava fazer quando eu era criança e queria que eu prestasse atenção sem ter de erguer a voz. Não era um pedido; era uma ordem.

– Filho, você tem de tomar conta de si mesmo. Sua filha precisa de você, e preocupar-se com Elle em nada ajudará essa criança. Nem pense em outro infarto nessas circunstâncias. Não vai acontecer nada nas próximas horas. Vamos comer alguma coisa.

Segui minha mãe para fora do quarto, não sem antes me voltar para trás. Sempre voltaria ao passado.

Minha mãe pareceu ler meus pensamentos.

– Você tem de fazer um esforço para pensar em sua filha, e não em Elle. É preciso olhar para a frente.

Ela estava certa. Não deveria me lembrar de Elle nessas condições, mas sim como a vira naquela manhã antes do acidente. O céu azul como pano de fundo, e a luz do Sol que se refletia nas águas do rio. Precisava me recordar de Elle forte e saudável. Queria tê-la de volta daquela maneira. Ele estava dando a vida por nossa filha. E eu queria passar a Hope as memórias da mãe em seus anos de vida, e não a visão de Elle morrendo em uma cama de hospital.

Fomos até a cafeteria, não exatamente o lugar ideal para uma refeição saudável. O cheiro de bacon era tentador, mas pedi sopa de legumes. Há meses estava sem apetite e perdera peso. Se comia agora, era só para tranquilizar minha mãe. Nós dois demos alguns telefonemas. Deixei recados para Keisha e Jake. Phil dissera que me substituiria no hospital.

O celular de minha mãe tocou. Depois de alguns monossílabos murmurados, ela desligou.

– Christopher pediu para avisá-lo quando levarem a irmã para a sala de cirurgia. Ele vai ficar na sala de espera.

Comecei a bater cadenciadamente um dos pés no chão. Lembrei a mim mesmo que Elle ainda estava ali, e ela me faria aceitar a

presença de Christopher, alegando que ele se comportaria da melhor maneira possível. Ele era apenas uma criança quando Alice ficara doente e, na certa, a situação também o apavorava.

– Hank virá em seguida. Ele está em uma reunião – explicou minha mãe.

Voltamos ao quarto de Elle. O som amplificado das batidas cardíacas de Hope me deixou mais tranquilo e não notei que eram vagarosas. A confusão deve ter me distraído. Uma terapeuta respiratória usava uma bolsa autoinflável para oxigenar os pulmões de Elle. Ela, que respirava sozinha desde que eu acordara da cirurgia, há pouco parara de respirar.

– O que está acontecendo? – perguntei, assustado.

Uma das enfermeiras pendurava uma bolsa de sangue e outra procurava mais uma via intravenosa.

– A pressão sanguínea caiu. Vamos levá-la ao centro cirúrgico para a cesariana.

– A quanto foi? – perguntei.

– Sessenta por vinte e sete. – Elle estava em choque. A enfermeira, cujo nome eu esquecera, falou com minha mãe. – A doutora Blythe está se preparando.

Passsei por todos, cheguei perto de Elle e lhe beijei a testa. O pequeno hematoma aumentara de tamanho nos quarenta minutos que se passaram.

– Pip, por favor, aguarde só mais um pouquinho.

Minha mãe puxou a tira do monitor fetal e a examinou.

– Como está o bebê? – perguntei.

Ela empalideceu.

– Vamos, Matt! Saia do caminho! Deixe que levem Elle para o centro cirúrgico! – Ela me puxou pelo braço em direção ao corredor.

– A criança, o que há de errado?

– Bradicardia. A frequência cardíaca está em sessenta.

Foi só então que percebi que eu não estava escutando o batimento cardíaco rápido do bebê. O de Hope estava mais lento do que o

meu. E, se o batimento cardíaco de um bebê está baixo, é necessário fazer uma reanimação cardiorrespiratória.

– Vou vestir a bata hospitalar – anunciei, antes de sair voando pelo corredor.

– Matt, eles não te deixarão entrar no centro cirúrgico.

– Ah, vão deixar *sim*.

– Não dessa maneira. – Os olhos de minha mãe brilhavam pelas lágrimas. – Ele morrerá em poucas horas, ou até mais cedo, no centro cirúrgico.

– Eu sei. Por isso tenho de estar lá. Por Elle e por Hope – disse, antes de entrar no vestiário dos homens.

Mesmo não podendo salvar Elle, jamais a abandonaria. Menos de um minuto depois, saí com a bata azul, a tempo de ver as enfermeiras empurrando a maca de Elle pela porta dupla em direção à sala de cirurgia. Eu as segui voando, e só parei do lado de fora da outra porta para colocar a máscara cirúrgica, o gorro e as sapatilhas. Uniformizado, recuei enquanto Elle era colocada sobre a mesa de operações.

O anestesista tirou a camisola hospitalar de Elle e pôs fios condutores no peito desnudo, antes de ela ser coberta por uma porção de panos esterilizados. Em seguida, introduziu um tubo pela garganta para sugar o conteúdo estomacal. O que subiu pelo cateter de sucção não foi a fórmula alimentar de cor castanha. Primeiro foi uma substância escura e, depois, para espanto do anestesista, um vermelho vivo. Elle estava com hemorragia.

O monitor cardíaco de Elle deu o alarme.

– Elle está apresentando muitas contrações ventriculares prematuras e movimentos cardíacos anormais. Além disso, está com hemorragia gastrointestinal – explicou o anestesista. – Blythe, é melhor você tirar logo o bebê.

– Lidocaína para a arritmia – disse Blythe.

Minha mãe estava próxima.

– Linney, você tem certeza de que pretende ficar aqui? – alguém perguntou.

Ela pegou minha mão e se encostou em mim.

– Tenho – respondeu em um fio de voz.

A equipe de terapia intensiva neonatal entrou. Um neonatologista, uma enfermeira e um especialista respiratório. Os três verificaram o equipamento de ressuscitação para o recém-nascido.

– Como está a frequência cardíaca do bebê? – perguntou um dos médicos.

– Nós a perdemos há um minuto.

Senti tontura, e um banco foi posto atrás de mim para que me sentasse.

– Eu deveria tirá-lo daqui – minha mãe sentenciou.

– Não. – Pus a cabeça entre os joelhos. – Não.

O residente em obstetrícia passou um antisséptico marrom-alaranjado no abdome de Elle e, sem dar tempo para o desinfetante matar nem uma bactéria que fosse, Blythe cortou a barriga dela com um golpe certo do bisturi.

– Sucção. Preciso de mais sucção – ordenou Blythe.

O sangue jorrava como se Blythe houvesse atingido uma artéria. O que não acontecera. Era uma combinação desastrosa dos efeitos da heparina e de uma possível pré-eclâmpsia.

– Peça um marca-passos – alguém da equipe neonatal pediu, sem me reconhecer. – As condições estão piorando. Comecem a administrar medicamentos. Quero uma solução salina pronta e... – prosseguiu.

Um residente o cutucou.

– Quietos, aquele é o pai.

– E o que ele está fazendo aqui?

Blythe trabalhava com agilidade. Outro médico segurava o afastador de tecidos com tanta força que por pouco não fez Elle deslizar da mesa de operações. Mais sangue jorrou e se espalhou no chão.

Blythe, com energia e carinho, e praticamente com o braço até o cotovelo dentro de Elle, puxou minha filha, azul e mole. Vi Dylan novamente.

A equipe neonatal pôs a menina na incubadora e os três a rodearam.

Por favor, meu Deus, salve Hope.

Eu me levantei e fui à cabeceira da mesa. Eu e o anestesista nos conhecíamos, e ele desviou o olhar. Eu não deveria estar ali naquele

momento, mas era como se todos houvessem ficado cegos.

Blythe operava em um frenesi, cauterizando sangramentos. Como se isso importasse, como se minha Elle pudesse ser salva.

Ajoelhei-me ao lado da mesa e entrelacei meus dedos com os de Elle.

Por favor, Elle, não esqueça do quanto eu te amo.

– Ela está com fibrilação ventricular – anunciou o anestesista para Blythe.

– Matt, o que quer que eu faça? – ela indagou. – Quer que ressuscite?

Hesitei apenas por um instante. Prometera respeitar Elle.

– Não, Blythe. Pode deixá-la descansar em paz.

Aquilo podia ser tudo, menos paz.

Todos haviam dito que era impossível, mas eu insistira para salvarem a criança de qualquer maneira. Eu lhes dissera para tentar. Queria minha filha a qualquer custo. Mas não imaginara que seria daquela maneira, praticamente rasgando Elle ao meio. E com um bebê morto. A equipe neonatal tentava ressuscitar Hope. Mas ela era a imagem de Dylan, pálida e mole.

– Qual é a pontuação do índice de Apgar? – Blythe perguntou.

– Seis em um minuto. Menos de cinco minutos para o segundo.

Apgar de seis?

– Frequência cardíaca sessenta – anunciou uma voz feminina.

– Vamos, respire – implorou o neonatologista. – É isso aí. Está melhor. Ela está voltando.

Levantei-me de um salto.

– Ela está ficando rosada – o médico me avisou, olhando para mim de esquelha.

E, de repente, minha filha pequenina gritou. Um grito sonoro de um bebê.

– Você voltou! – a enfermeira falou.

– Matt, ela é linda! – Minha mãe abriu caminho até a equipe que cuidava de Hope.

Respirei fundo, talvez a respiração mais tranquila que tive depois de tantos meses.

– Preciso vê-la.

O fisioterapeuta respiratório se afastou e vi minha menina suja de sangue, rosada e berrando.

Virei-me quando o anestesista desligou o monitor cardíaco de Elle.
– Hora da morte, uma e treze – Blythe disse em voz baixa.

Epílogo

Quatro meses depois

*Volte para mim em sonho; para que eu possa
Pulsar e respirar com você:
Fale baixo e se incline,
Como há muito tempo, meu amor, há quanto tempo.
Christina Rossetti*

Durante o ano que passou, cheguei a pensar no sofrimento que senti como um maremoto que se elevou inesperadamente da profundidade de meu ser, carregando destroços ao longo do caminho. Algumas vezes, eu acordava com raiva de Ele, perguntando por que não fora cuidadosa o suficiente. Em muitas manhãs, estendia o braço, procurando-a a meu lado, não conseguindo aceitar que ela se fora para sempre. Então prometia a Deus qualquer coisa para que Ele fizesse desaparecer o terrível pesadelo. Chorei muito, e, por fim, aceitei o amor e o apoio da família, e também dos amigos.

Experimentei, ainda, alegria pelo crescimento de minha filha. Espreitei o quarto de Hope.

Desde o dia em que eu a trouxera para casa, Hubble, nosso labrador, se automeuou anjo da guarda da menina. Agora, para confirmar que não se afastava de seu posto, o cão ergueu a cabeça.

Hope dormia no berço, os braços estendidos e os dedos rechonchudos esticados. Eu me espantava com o quanto ela crescera. Ao nascer, pesava menos de um quilo e meio e, atualmente, seu peso mais que triplicara. Hope tinha os cabelos platinados e o queixo proeminente da mãe. Mas também herdara um pouco das minhas feições. Seus olhos eram castanhos como os meus, e escureciam a cada dia. Uma criança que se parecia com nós dois.

Hope dormia profundamente, sem imaginar que seu batismo seria no dia seguinte.

Todos viriam. Mamãe, Hank, meus irmãos e as respectivas famílias, Chris, a esposa e a filha, Phil e Melanie, Blythe e até o juiz Wheeler. Como o papel de Jake fora fundamental ao dar vida a Hope, o padre Meehan permitira a meu melhor amigo, que não era católico, ser o padrinho dela. Oficialmente, apenas um dos padrinhos deveria ser católico, e Keisha era.

Keisha estava muito feliz nos últimos dias, e não apenas por ter sido escolhida como madrinha de Hope. Ela e o marido tinham decidido tentar a adoção de um menino mais velho, processo que se desenrolava com rapidez. Na noite passada, ela me telefonara para avisar que eles haviam sido aprovados pelo relatório social. Dessa forma, a espera não seria tão longa. Fiquei muito feliz por eles.

– Durma mais um pouco, minha pequena – sussurrei para Hope antes de sair. – Amanhã será um grande dia.

No caminho para a escada, passei pelo quarto de Hank. Ele se mudara para nossa casa... “por enquanto”, dissera. Hank tomava conta de Hope durante minhas horas de trabalho diurnas e à noite, quando eu atendia às chamadas de emergência no hospital.

Mamãe também ajudava, à sua maneira. Ela insistia para eu pintar de rosa o quarto de Hope. Argumentei que era feminino demais.

– E que outra cor poderia ser? – ela retrucou.

Mamãe afirmava que eu não tinha noção de como educar uma menina. Com o que fui obrigado a concordar, embora sem ceder em relação à pintura rosa. Ela lotou o *closet* de Hope com vestidos de babados... itens que Elle detestaria. Avó orgulhosa, ficava com Hope duas vezes por semana, o que Elle adoraria. Todos colaboravam. O

pai e praticamente uma *comunidade inteira* tomavam conta de uma bebezinha de quase cinco quilos.

Antes do batismo, eu tinha uma tarefa.

Fora rápida a decisão da família de dar a Elle o repouso eterno na quinta. Mas a ideia esbarrara num fator burocrático importante. Havia um decreto que permitia enterros apenas em cemitérios tradicionais, e a prefeitura não deu autorização para enterrar o caixão em uma área familiar. A única solução seria cremá-la. Nesse caso, eu poderia enterrar as cinzas onde quisesse, o que não configurava nenhuma infração às normas.

Minha família não era favorável à cremação, mas, por ocasião da morte de Celina, Elle me convencera que era a melhor maneira de se enterrar alguém. O que foi feito quando Dylan se foi.

– Eles eram poeira estelar – ela dissera.

E nenhuma estrela cadente fora mais brilhante que Elle. O solo não estava mais congelado, e eu poderia cumprir a promessa que fizera há tanto tempo. As cinzas de Celina e de Dylan repousariam com as da mãe. No entanto, havia outro fato a considerar. Quanto aos outros dois abortos, em que não fora possível identificar forma e gênero, Elle desejara homenagear nossos “filhos”. Assim, comprara dois pequenos fragmentos de meteoritos, e nós os enterramos no jardim, dentro de uma pequena caixa de olmo.

– Poeira estelar – repetira ela.

Nessa manhã, desenterrei as urnas de Celina e de Dylan, e os fragmentos de meteoritos. E foi ali, enterrado no jardim, que encontrei os álbuns de bebês em uma caixa de vidro lacrada. Elle não se dirigia a mim, mas a eles. Celina era *Anjo querido*. O segundo, *Meu pequenino querido*; e o terceiro, *Minha estrela pequenina*. Quanto a Dylan... *Meu pequeno amor*. Eu pretendia ler os textos e tornar a enterrá-los. Supus que se tratasse dos epitáfios dos bebês.

Forrei o chão da cozinha com jornal. Trouxe as três urnas para dentro e as deixei no chão. Senti-me tão inseguro quanto no dia em que fizera a primeira incisão. Fiquei de joelhos, abri a urna de Elle e estremei.

– Poeira estelar. – Procurei me consolar e falei para mim mesmo: – Pip, você não tem ideia de quanto sinto sua falta. – Abri a de Dylan e transferei as cinzas para a urna de Elle. – Eu te amo, garoto. Descanse com sua mãe. – Acrescentei os dois fragmentos de meteoritos e segurei a urna de Celina. – Celina, você já estaria uma moça. Nós também te amamos. – Olhei dentro da caixa e vi algo estranho.

Primeiro pensei que as cinzas haviam se aglomerado depois de tanto tempo. Mas em seguida percebi que se tratava de uma embalagem de plástico que continha um envelope enrolado. Respirei fundo, passei as cinzas de Celina para a urna de Elle e peguei o envelope endereçado a mim.

Ao doutor Matthew Beaulieu

Rasguei o envelope.

Querido Matt,

Esta é um carta de contingência, como dizemos na Nasa. Em geral, durante a quarentena, os astronautas escrevem mensagens de adeus aos que mais amam na vida. Ainda estou na quinta e meu coração só enxerga você. Passamos o dia de hoje passeando na praia e andando na montanha-russa. Saiba que todos os momentos foram como tesouros que serão guardados em minha alma. Na verdade, foram horas de despedida, mas quero deixar as palavras para trás. Nesse caso. Sei o que você disse na praia. Você não queria ouvir que eu poderia morrer. Mas eu posso. E, se estiver lendo esta carta, claro que já terei morrido.

Não quero que fique constrangido diante de sua noiva. Sei que a ama e não pretendo deixar uma carta que possa suscitar

questões ou complicar sua vida. Por isso, guardarei esta missiva no lugar onde um dia você poderá encontrá-la sem que ninguém saiba. Você me fez uma promessa e sei que vai cumpri-la. E sei que a honrou, pois é como achou esta carta. No entanto, se quiser contar a ela, não me oponho. Pelo contrário, eu lhe dou meu apoio.

Conheço os riscos de minha missão. Passeios no espaço são perigosos, mas algumas coisas valem o sacrifício. Esta é uma delas. Estou feliz, até exultante, de ter a oportunidade... de ver as estrelas mais de perto... de tocar num pequeno pedaço de céu. Poucas pessoas partilham dessa experiência fascinante. Sou abençoada por poder realizar meu sonho.

Matthew, eu te amo. Não me lembro de nenhuma ocasião em que não o houvesse amado. Você sempre foi meu amigo mais querido. Meu primeiro amor. E pai da única filha que terei para sempre. Eu a amei muito, mesmo sem estar preparada para a maternidade. Éramos muito jovens. Eu lhe agradeço por ter sido tão bom para mim na ocasião e por enterrá-la junto comigo.

É provável que eu não devesse lhe dizer nada disso. Afinal, você vai se casar. Mas também sei que você entende meus sentimentos e compartilha deles. Essas emoções não estão erradas. Temos uma história em comum que precedeu a qualquer outra. Você não a estará traindo se sentir pesar por minha morte.

Levarei comigo, na missão, tudo o que você fez por mim. Você me tornou mais forte, bondosa e confiante. Ao enriquecer minha vida, fez que eu compartilhasse meu coração com você.

Estarei presente em suas memórias. Algum dia você contará a seus filhos a história da garota que amava muito as estrelas e por isso voou em um ônibus espacial só para consertar um telescópio avariado.

Você é um homem terno e bondoso. Será um marido maravilhoso e, algum dia, um pai excepcional. Desejo que tenha uma vida plena. Quero mais uma promessa sua. Prometa que será feliz.

*Com todo meu amor,
Pip*

Promessa de ser feliz? Meu Deus. Tornei a ler a carta. Com certeza Ele a escrevera antes de partir para a missão, quando eu ainda era noivo da Carol. Como fizera com tudo, como fizera com aquela maldita diretiva antecipada, Ele resolvera os assuntos importantes e deixou o resto para trás.

Demorei um pouco para me levantar. Li a carta mais uma vez. Ah, como eu gostaria de dizer a Ele que não me casaria com Carol. Que Celina não era a única filha que ela teria. Desejava que Ele subisse a escada e se maravilhasse com a doçura de nossa filha. Mesmo àquela altura dos acontecimentos, eu tentava manter minha sanidade fingindo aceitar que ela se fora.

Meneei a cabeça. Ele não estava mais conosco. Li a carta novamente. E foi a última linha que me manteve preso. Ele me forçava a mais uma promessa. Ser feliz.

Hubble desceu a escada e ganiu. Hope deveria estar se mexendo, mas ela ainda não havia chorado. Afastei o cachorro e passei o restante das cinzas da urna de Celina para a de Ele.

– Cinzas com cinzas, poeira estelar com poeira estelar.

Lá em cima, Hope começava a esbravejar. Lavei as mãos e subi.

– Olá, minha menina. – Eu a ergui do berço. Hope parou de chorar imediatamente. Esperta, ela sabia que me manteria cativo sempre que quisesse minha atenção. Hope sorriu. E brilhou. Ela era luz e felicidade. – Está bem, Ele. Eu prometo.

Depois de uma troca de fraldas e uma mamadeira morna, Hope se acomodou em meus braços rumo à varanda dos fundos. Naquela manhã radiante de primavera, o perfume dos lilases permeava o ar. O rio brilhava em seu nível mais alto. A primavera traz consigo uma nova vida. Uma nova vida.

Encostei Hope no meu ombro para que ela arrotasse e descii os degraus. Observei a paisagem, o jardim, o gramado e a floresta. Talvez fosse um truque de luz, mas por um segundo vi uma imagem transitória entre as árvores. Ele contra a luz, sorridente. Depois,

sumiu. Mas estava viva em minhas lembranças. Em meu coração. E uma parte de Elle permanecia em nossa filha.

– Hope, há muito tempo, uma garota que amava muito as estrelas voou em um ônibus espacial...

Nota da autora

A coragem e a dedicação de todos os exploradores espaciais sempre me causaram a maior admiração, e foi com grande tristeza que acompanhei o desastre do *Columbia*.

Contudo, para efeito de minha história, situei a missão fictícia de Elle no *Atlantis*, em maio de 2004, catorze meses antes da atual retomada do programa do ônibus espacial. Na verdade, a tripulação do ônibus espacial *Discovery* fez a intrépida jornada de retorno ao espaço em 26 de julho de 2005. Apesar de a Nasa ter usado o *Atlantis* para reparos e melhorias no Hubble, o fato só se deu em 2009 e, felizmente, a missão transcorreu com tranquilidade.

Também é verdade que os micrometeoritos representam um risco para os astronautas durante as caminhadas espaciais, mas os acontecimentos da missão de Elle e demais fatos da história não passam de ficção.

Quanto aos assuntos legais apresentados no romance, as leis que determinam as diretivas antecipadas e a gravidez variam de estado para estado. Alguns proíbem a remoção da terapia que sustenta a vida de uma mulher grávida. Outros baseiam as leis na viabilidade da gravidez. E há os que se omitem sobre o assunto. Por que você não tenta descobrir quais são as leis em seu país?

Agradecimentos

Jamais poderia ter escrito este romance sem o amor e o apoio de minha família. Meu marido e meus filhos me encorajaram quando eu estava a ponto de desistir. Eles me deram tempo para correr atrás de meus sonhos. Eles celebraram minhas vitórias e me abraçaram nos momentos mais delicados. Tim, sou uma mulher verdadeiramente abençoada por tê-lo como marido. Robert, Cole e Ethan, vocês são minha fonte de alegria. Amo todos vocês.

Minhas irmãs, Sheron Small e Lou Symington, ajudaram com pequenos detalhes na construção deste livro. Eu lhes agradeço pela amizade e energia.

Tenho uma grande dívida com minha agente literária, Laney Katz Becker. Sua inteligência, visão e fé fizeram que eu alcançasse um limite nunca imaginado. Eu lhe agradeço muito por sua orientação no decorrer do processo.

Desejo ainda expressar minha gratidão a Linda Retstatt, Carol McPhee, Judi Romaine, Verna LaBounty, Deborah Nemeth e Kathleen Lutter, que me deram muitas dicas sobre como escrever. Agradeço a Amy Nathan e Catherine DiCairano pela leitura antecipada, por me encorajarem e pelos comentários sinceros. A Maria Imbalzano, meu reconhecimento por sua competência legal e sua mente lógica de escritora. Os tropeços foram meus, e não seus. Obrigada, Mary Otis, por esclarecer minhas dúvidas a respeito de UTIs. Desejo agradecer também ao doutor Leroy Chiau, por sanar minhas dúvidas a respeito dos astronautas.

Também me sinto em dívida com o fabuloso Backspace Writer's Fórum. Obrigada a Karen Dionne e Chris Graham, por criarem aquela comunidade. Foi um paraíso para mim.

Enfim, desejo agradecer à minha maravilhosa editora, Emily Krump, pelo entendimento perspicaz de meus personagens e do universo deles. Minha gratidão a Julia Meltzer, Martin Karlow, Juliette

Shapland e a todo o pessoal da William Morrow pelo apoio e entusiasmo.

Sobre o autor

Desde pequena, PRISCILLE SIBLEY queria ser enfermeira. E, mais tarde, motivada pelo prazer de narrar histórias, escritora. Nascida e criada no Maine, nos Estados Unidos, Priscille remou rios selvagens, fez escalada em rocha e saltou de paraquedas. Atualmente, vive em Nova Jersey, onde trabalha como enfermeira de terapia intensiva neonatal – o que lhe rendeu sensibilidade e conhecimento para criar a história de Elle e Matt. Partilha a vida com o marido, os três filhos adolescentes e um terrier wheaten. Um pedido às estrelas é seu primeiro romance.

Copyright © 2013, Priscille Marcille Sibley.
Título original: The promise of stardust
Publicado mediante acordo com HarperCollins Publishers

Gerente editorial: Rogério Eduardo Alves
Editora: Débora Guterman
Editores-assistentes: Johannes C. Bergmann, Luiza Del Monaco e Paula Carvalho
Assistente de direitos autorais: Renato Abramovicius
Edição de arte: Carlos Renato
Serviços editoriais: Luciana Oliveira
Estagiária: Lara Moreira Félix

Preparação: Alessandra Miranda de Sá
Revisão: Mônica Reis e Augusto Iriarte
Diagramação: Antônio Kehl
Adaptação da capa original de Mumtaz Mustafa
Imagem da capa: © plainpicture/Gilles Rigoulet
Versão Digital: Cristina Figueira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
S566e

Sibley, Priscille

Escrito nas estrelas [recurso eletrônico] / Priscille Sibley ; tradução Sulamita Pen.
- 1. ed. - São Paulo : Benvirá, 2013.

344 p., recurso digital

Tradução de: The promise of stardust

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8240-059-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Pen, Sulamita. II. Título.

13-02774 CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

05/07/2013 08/07/2013

1a edição, 2013

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva S/A Editores Livreiros. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei no 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Todos os direitos desta edição reservados à
Benvirá, um selo da Editora Saraiva